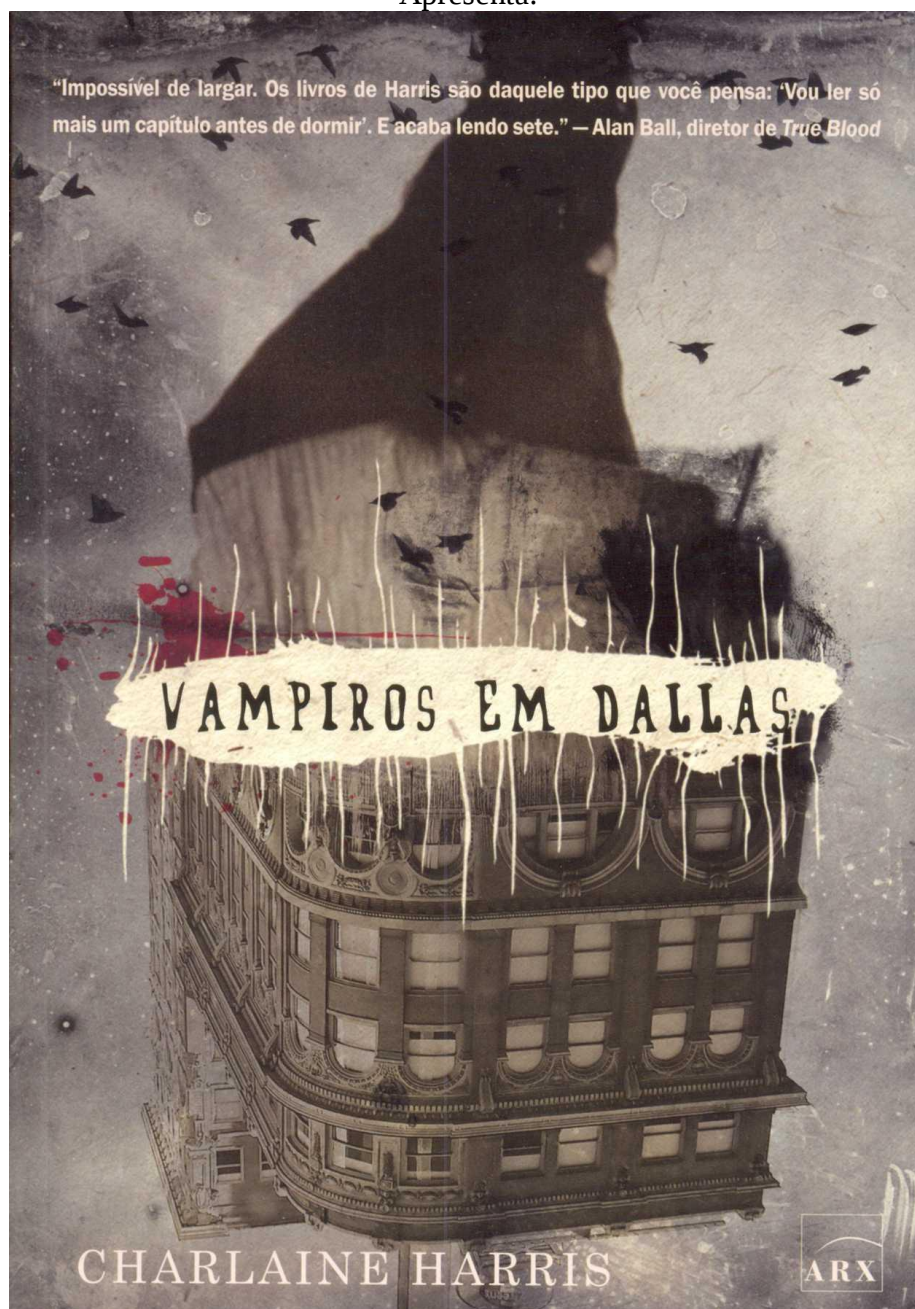




Apresenta:





**A coleção que inspirou *True Blood*,
bem-sucedida série da HBO, dirigida por Alan Ball
(*A Sete Palmas* e *Beleza Americana*) e protagonizada
por Anna Paquim (vencedora do Oscar por *O Piano*,
e mundialmente conhecida por *X-Men* e vencedora
do Globo de Ouro 2009 por sua atuação em *True Blood*).**

Após o lançamento de um “sangue falso”, vendido
em bares e supermercados, os vampiros não precisam mais
morder os humanos e podem finalmente viver em sociedade.

Será que a convivência com esses habitantes noturnos
pode ser amistosa? Todos os vampiros agora são bonzinhos?

A garçonne Sookie Stackhouse, namorada de um vampiro
e dona de um humor irônico e sutil que só aqueles que ouvem
pensamentos alheios podem ter, é a protagonista
desta apaixonante e misteriosa coleção.

Sucesso em mais de 20 países

Número 1 na amazon.com



Esqueça todas as histórias de vampiros aterrorizantes em que mocinhas indefesas precisam ser salvas. Esqueça também aquela figura caricata vestindo capa preta, dormindo em caixões e vivendo em um castelo na Transilvânia. Definitivamente, os vampiros saíram do armário, e o maior desafio deles agora é ganhar espaço na sociedade.

Após o lançamento do sangue sintético inventado pelos japoneses, os seres noturnos podem ter uma vida quase normal e circular entre os humanos. Porém, ainda estão longe de viver tranquilamente, pois ataques violentos a eles acontecem em todo o mundo. O motivo é a descoberta de que sangue de vampiro é o elixir da juventude e, quando consumido a dois, pode provocar sensações bem interessantes...

Na saga de Charlaine Harris, campeã de vendas e adaptada na série televisiva de sucesso *True Blood*, temos uma combinação afinada entre humor e suspense arrematada com personagens simpáticos – vampiros e humanos –, diálogos afiados, referências inteligentes à cultura pop e uma protagonista que já virou cult. Sookie Stackhouse não é só uma garçonne bonita da pacata cidade de Bon Temps; é uma telepata que sempre se achou esquisita e solitária, mas

que encontrou o amor em Bill, um vampiro que está bem além dos clichês. Além disso, Sookie agora pode usar seu dom para uma tarefa muito especial: investigar crimes contra vampiros.

Sua primeira missão oficial é em Dallas, onde deve solucionar o misterioso desaparecimento de um dos vampiros mais influentes da comunidade local. Depois disso, de volta a Bon Temps, ela se empenha em desvendar o assassinato de um grande amigo, o cozinheiro Lafayette, e descobre que, por trás das aparências comuns, os moradores da cidade escondem segredos muito mais bizarros do que ser vampiro.

Tudo parece esquisito no universo de Charlaine Harris... Existe qualidade melhor para um livro impossível de largar?

Charlaine Harris é atualmente uma das mais bem-sucedidas escritoras de livros de mistério dos Estados Unidos. Suas coleções, dentre elas a protagonizada por Sookie Stackhouse, estão constantemente entre os livros mais vendidos de vários países.



VAMPIROS EM DALLAS

CHARLAINE HARRIS

VAMPIROS EM DALLAS

Tradução:
Índigo





Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP: 05413-010
Pinheiros – Tel.: PABX (0XX11) 3613-3000
Fax: (0XX11) 3611-3308 — Televidas: (0XX11) 3613-3344
Fax Vendas: (0XX11) 3268-3268 — São Paulo - SP
Site: <http://www.editorasaraiva.com.br>

Filiais:

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE
Rua Costa Azevedo, 56 — Centro
Fone/Fax: (0XX92) 3633-4227 / 3633-4782 — Manaus

BAHIA/SERGIPE
Rua Agripino Dória, 23 — Brotas
Fone: (0XX71) 3381-5854 / 3381-5895 / 3381-0959 — Salvador

BAURUR/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Monsenhor Claro, 2-55 / 2-57 — Centro
Fone: (0XX14) 3234-5643 / 3234-7401 — Bauru

CAMPINAS/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Camargo Pimentel, 660 — Jd. Guanabara
Fone: (0XX19) 3243-8004 / 3243-8259 — Campinas

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO
Av. Filomeno Gomes, 670 — Jacarecanga
Fone: (0XX85) 3238-2323 / 3238-1331 — Fortaleza

DISTRITO FEDERAL
SIG Sul Qd. 3 — Bl. B — Loja 97 — Setor Industrial Gráfico
Fone: (0XX61) 3344-2920 / 3344-2951 / 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS
Av. Independência, 5330 — Setor Aeroporto
Fone: (0XX62) 3225-2882 / 3212-2806 / 3224-3016 — Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO
Rua 14 de Julho, 3148 — Centro
Fone: (0XX67) 3382-3682 / 3382-0112 — Campo Grande

MINAS GERAIS
Rua Além Paraíba, 449 — Lagoinha
Fone: (0XX31) 3429-8300 — Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ
Travessa Apinagés, 186 — Batista Campos
Fone: (0XX91) 3222-9034 / 3224-9038 / 3241-0499 — Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA
Rua Conselheiro Laurindo, 2895 — Prado Velho
Fone: (0XX41) 3332-4894 — Curitiba

PERNAMBUCO/ALAGOAS/PARAÍBA/R. G. DO NORTE
Rua Corredor do Bispo, 185 — Boa Vista
Fone: (0XX81) 3421-4246 / 3421-4510 — Recife

RIBEIRÃO PRETO/SÃO PAULO
Av. Francisco Junqueira, 1255 — Centro
Fone: (0XX16) 3610-5843 / 3610-8284 — Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO
Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 — Vila Isabel
Fone: (0XX21) 2577-9494 / 2577-8867 / 2577-9565 — Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL
Av. A. J. Renner, 231 — Farrapos
Fone/Fax: (0XX51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567
Porto Alegre

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Av. Brig. Faria Lima, 6363 — Rio Preto Shopping Center — V. São José
Fone: (0XX17) 227-3819 / 227-0982 / 227-5249 — São José do Rio Preto

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SÃO PAULO
(sala dos professores)
Rua Santa Luzia, 106 — Jd. Santa Madalena
Fone: (0XX12) 3921-0732 — São José dos Campos

SÃO PAULO
Av. Marquês de São Vicente, 1697 — Barra Funda
Fone: PABX (0XX11) 3613-3000 — Fax: (0XX11) 3611-3308 — São Paulo

ISBN 978-85-02-08353-0

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H26v

Harris, Charlaïne, 1951-
Vampiros em Dallas / Charlaïne Harris ; tradução Índigo. — São Paulo : Arx, Saraiva, 2009.

Tradução de: Living dead in Dallas
ISBN 978-85-02-08353-0

1. Ficção americana. I. Índigo, 1971-. II. Título.

09-2813

CDD-813

CDU-821.111(73)-3

10.06.09 17.06.09

013185

Copyright © 2002 by Charlaïne Harris
Título original: *Living dead in Dallas*
Todos os direitos reservados.

Diretora editorial: Flávia Helena Dante Alves Bravin

Gerente editorial: Carla Fortino

Editora: Fabiana Medina

Assistente editorial: Carlos Renato Silva

Diagramação: Linea Editora Ltda.

Capa: André Mesquita

Finalização: Eduardo Amaral – Duligraf

Revisão: Ana Lucia S. dos Santos

2009

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editora Arx



Dedico este livro a todas as pessoas que gostaram de *Morto até o anoitecer*. Obrigada pelo incentivo.



Agradeço a Patsy Asher da livraria Remember the Álíbi, em San Antonio, Texas; a Chloe Green, de Dallas; e aos amigos virtuais tão prestativos que conheci através de Dorothy L., que responderam todas as minhas perguntas com prontidão e entusiasmo. Tenho o melhor trabalho do mundo.



Andy Bellefleur estava caindo de bêbado. Ele não era disso, posso garantir: conheço todos os bêbados de Bon Temps — trabalho no bar de Sam Merlotte há anos e já fui apresentada a todos eles. Mas Andy Bellefleur, nativo de Bon Temps e detetive da sua pequena força policial, nunca se embebedou no Merlotte's antes. Eu estava bem curiosa para descobrir por que aquela noite tinha sido uma exceção.

Estou longe de ser amiga do Andy, então não dava para simplesmente perguntar a ele. Mas eu tinha outros meios e decidi usá-los. Embora eu evite usar minha deficiência — ou dom, ou seja lá o nome que você dê a isso — para descobrir coisas que possam me afetar, às vezes a curiosidade fala mais alto.

Baixei minha guarda mental e li os pensamentos de Andy. Me arrependi rapidinho.

Naquela manhã Andy teve de prender um homem acusado de sequestro. Ele havia levado sua vizinha de dez anos de idade para a floresta e a estuprou. A menina estava no hospital, e o homem, preso, mas o estrago era irreparável. Tive vontade de chorar. O crime era colado demais no meu próprio passado. Senti um pouco mais de empatia por Andy devido à sua depressão.

— Andy Bellefleur, me dê as chaves do seu carro — disse.

Ele virou seu rosto largo para mim. Parecia não ter entendido. Depois de uma longa pausa, enquanto eu filtrava os pensamentos do seu cérebro confuso, Andy procurou nos bolsos da calça e me entregou seu pesado molho de chaves. Coloquei outro copo de uísque com Coca-Cola no balcão à sua frente.

— Esse é cortesia minha — disse, e fui até o telefone na ponta do balcão para ligar para Portia, irmã de Andy.

Os irmãos Bellefleur moram num enorme sobrado branco caindo aos pedaços, de antes da Guerra Civil. Antigamente era uma casa e tanto, na rua mais bonita e na melhor área de Bon Temps. Na rua Magnolia Creek todas as casas dão de frente para o trecho do parque onde corre o rio, cortado aqui e ali por pontes decorativas só para pedestres. Uma rua margeia os dois lados do parque. Existem mais algumas casas antigas na rua Magnolia Creek, mas todas elas estão em melhor estado que Belle Rive, a dos Bellefleur. Portia, advogada, e Andy, policial, não dão conta de manter Belle Rive, pois o dinheiro para manter uma casa como aquela, e seus jardins, se foi há tempo. Mas a avó deles, Caroline, muito teimosa, se recusa a vendê-la.

Portia atendeu no segundo toque.

— Portia, aqui é a Sookie Stackhouse — disse, tendo de falar alto por causa do barulho de fundo do bar.

— Você deve estar ligando do trabalho.



– Sim. Andy está aqui, e trançando as pernas. Peguei as chaves do carro dele. Você pode vir buscá-lo?

– Andy bebeu além da conta? Isso não é normal. Claro, estarei aí em dez minutos – prometeu ela, e desligou.

– Você é uma boa moça, Sookie. – Andy pronunciou, inesperadamente.

Ele tinha terminado o drinque que eu lhe servi. Tirei o copo da sua frente e torci para que não pedisse outro.

– Obrigada, Andy – disse. – Você também é gente boa.

– Onde... Está seu namorado?

– Bem aqui – disse uma voz suave, e Bill Compton surgiu bem atrás de Andy. Sorri para ele por cima da cabeça caída de Andy. Bill tem quase um metro e oitenta de altura, com olhos e cabelos castanhos escuros. Tem ombros largos e braços musculosos típicos de alguém que fez trabalho braçal durante anos. Bill trabalhou na fazenda do seu pai, e depois na sua própria, antes de ir para a guerra. Refiro-me à Guerra Civil.

– Ei, V. B. – gritou Micah, o marido da Charlsie Tooten. Bill ergueu a mão, descontraído, para retribuir o cumprimento, e meu irmão, Jason, disse: "Noite, Vampiro Bill", num tom extremamente polido. Jason, que inicialmente não aceitou muito bem a entrada de Bill no nosso círculo familiar, agora tinha mudado da água para o vinho. Eu meio que só estava esperando para ver, me certificar de que essa sua nova postura era para valer.

– Ei Bill, para um chupador de sangue você até que é legal – disse Andy, cheio de dedos, girando no banco para ficar de frente para Bill.

Cheguei a reconsiderar minha opinião acerca da bebedeira de Andy, pois até então ele jamais tinha demonstrado muito entusiasmo em relação à integração de vampiros à sociedade americana.

– Obrigado – disse Bill, seco. – Para um Bellefleur você até que não é mau.

Ele se inclinou sobre o balcão para me beijar. Seus lábios eram tão frios quanto sua voz. Foi preciso me acostumar a isso. Como quando eu apoiava minha cabeça no seu peito e não ouvia o coração batendo lá dentro.

– Boa noite, querida – ele disse com sua voz sussurrada.

Passei-lhe um copo do B negativo sintético desenvolvido pelos japoneses. Ele virou o copo e lambeu os lábios. Ficou mais rosado quase que imediatamente.

– Como foi sua reunião, amor? – perguntei. Bill havia estado em Shreveport durante boa parte da noite.

– Depois te conto.

Torci para que sua história de trabalho fosse menos estressante que a de Andy.

– Certo. Você poderia, por favor, ajudar Portia a levar Andy até o carro? Ela acaba de chegar – disse, acenando para a porta.

Pelo menos uma vez na vida Portia não estava usando um modelo de saia, camisa, terninho, meia-calça e sapatos sociais de saltinho baixo que compunha seu uniforme de trabalho. Ela estava usando calças jeans e uma blusa de moletom surrada da Sophie Newcomb, a faculdade que cursou. Portia tinha um corpo compacto como o irmão, mas seus cabelos eram longos, volumosos e castanhos. Um indicador de que Portia ainda não tinha entregado os pontos é que eles eram bem cuidados. Ela abriu caminho, resoluta, entre a multidão barulhenta.



– Bem, ele está chapado, sem dúvida – disse ela, observando o estado do irmão. Portia tentava ignorar Bill, sua presença a incomodava.

– Isso é raro, mas quando ele resolve encher a cara, ele se esmera.

– Portia, Bill pode levá-lo até o seu carro – eu disse. Andy era mais alto que Portia e grandão, obviamente pesado demais para ela.

– Acho que consigo levá-lo – disse ela, com firmeza, ainda evitando olhar na direção de Bill, que ergueu uma sobrancelha para mim.

Assim, deixei que ela passasse o braço em volta dele e tentasse erguê-lo do banquinho. Andy continuou ali, empoleirado. Portia olhou à sua volta, procurando por Sam Merlotte, o dono do bar, que era franzino e magro na aparência, mas na verdade bem forte.

– Sam está trabalhando numa festa de aniversário no clube de campo – disse. – Acho melhor você deixar Bill te ajudar.

– Tudo bem – disse a advogada, num tom frio, mantendo o olhar na madeira lustrosa do balcão do bar. – Obrigada.

Em segundos, Bill ergueu Andy e conseguiu fazer com que ele andasse até a porta, apesar de suas pernas estarem moles como geleia. Micah Tooten se levantou para abrir a porta, de modo que Bill pôde carregar Andy direto até o estacionamento.

– Obrigada, Sookie – disse Portia. – Ele já pagou a conta? - Assenti com a cabeça.

– Ok – disse ela, dando um tapinha no balcão para indicar que já estava indo. Teve de ouvir uma ladainha de conselhos bem-intencionados enquanto seguiu Bill pela porta da frente do bar.

Foi assim que o velho *Buick* do detetive Andy Bellefleur acabou passando a noite no estacionamento do Merlotte's, ficando ali até o dia seguinte. Mais tarde Andy juraria que o *Buick* com certeza estava vazio quando entrou no bar. Ele também diria, no seu depoimento, que estava tão atordoado que se esqueceu de trancar o carro.

Em algum ponto entre as oito horas da noite, quando Andy chegou ao Merlotte's, e dez da manhã seguinte, quando cheguei para abrir o bar, um novo passageiro surgiu no carro de Andy.

Um passageiro que causaria um constrangimento considerável para um policial.

Esse passageiro estava morto.

Nem era para eu estar ali. Na noite anterior eu tinha trabalhado no turno da madrugada, e naquela noite o combinado era que de novo eu pegasse o turno da madrugada. Mas Bill pediu que eu trocasse com uma das minhas colegas, pois ele precisava que eu o acompanhasse a Shreveport, e Sam não se opôs. Perguntei à minha amiga, Arlene, se ela podia pegar meu horário. Era seu dia de folga, mas como ela sempre ambicionou as gorjetas mais generosas, que rolam durante a noite, concordou em entrar às cinco naquela tarde.

O certo seria Andy ter ido buscar o carro de manhã, mas sua ressaca o impediu de convencer Portia a lhe dar uma carona até o Merlotte's, que não era caminho para a delegacia. Ela disse que o pegaria no trabalho na hora do almoço, e eles almoçariam no bar. Daí ele pegaria seu carro.

Foi assim que o *Buick*, com seu passageiro silencioso, ficou esperando por muito mais tempo até que alguém o descobrisse.

Na noite anterior eu havia dormido umas seis horas, por isso estava me sentindo super bem. Se você é uma pessoa totalmente diurna, como é meu caso, namorar um vampiro pode te deixar meio zureta. Eu tinha ajudado a fechar o bar e fui embora com Bill, à uma hora. Entramos no ofurô da casa dele, e fizemos outras coisas, mas um pouco depois das duas fui dormir, e não levantei até um pouco antes das nove. Há essa hora Bill já estava abaixo da terra faz tempo.

No café da manhã bebi bastante água, suco de laranja e um suplemento de multivitaminas e ferro. Essa passou a ser minha dieta desde que Bill entrou na minha vida e trouxe (além do amor, da aventura e da adrenalina) o risco constante de anemia. O tempo estava esfriando, graças a Deus, e eu fiquei sentada na varanda do Bill, vestida com uma malha e as calças pretas do uniforme do Merlotte's, que uso quando está frio demais para shorts. Minha camiseta polo branca tinha MERLOTTE'S BAR bordado no lado esquerdo do peito.

Enquanto folheava o jornal, parte da minha atenção registrava que a grama não estava crescendo tão rápido. Algumas folhas começavam a mudar de cor. Talvez, na próxima sexta-feira à noite, o estádio de futebol do colégio estaria suportável.

Em Louisiana o verão nunca quer partir, até no norte do estado. O outono começa muito sem vontade, como se pudesse desistir a qualquer instante e retornar ao calor obstinado de julho. Mas eu prestava atenção, e pude detectar sinais do outono naquela manhã. Outono e inverno significavam noites mais longas, mais tempo com Bill, mais horas de sono.

Assim, eu estava bem animada quando cheguei ao trabalho. Quando vi o *Buick* estacionado, sozinho, em frente ao bar, me lembrei da bebedeira inesperada de Andy na noite anterior. Confesso que sorri ao imaginar como ele estaria se sentindo. Justo quando eu estava prestes a dirigir o carro até os fundos e estacioná-lo na área reservada para os funcionários, notei que a porta de trás, do lado do passageiro, do carro de Andy estava um pouco aberta. Isso faria com que a luz interna do carro ficasse acesa, certo? E descarregaria a bateria. E ele ficaria furioso, e teria de entrar no bar para chamar o guincho, ou pedir que alguém o rebocasse... Então parei o carro e desci, deixando o motor ligado. Doce ilusão.

Empurrei a porta, mas ela só cedeu um centímetro. Então pressionei com o corpo, achando que assim ela fecharia e eu poderia sair fora. Mais uma vez, a porta não fechou. Eu a abri e descobri o motivo. Uma rajada do fedor atingiu o estacionamento, um cheiro asqueroso. Senti um aperto na garganta, e assombro, pois o cheiro não era desconhecido para mim. Olhei o banco de trás do carro, cobrindo a boca com a mão, embora isso pouco ajudasse em relação ao fedor.

— Ai, cara... — sussurrei. — Ai, que merda.

O corpo de Lafayette, o cozinheiro de um dos turnos no Merlotte's, havia sido depositado no banco de trás. Estava nu. Foi o pé magro e moreno de Lafayette, com as unhas pintadas de carmim, que me impediu de fechar a porta. E era o cadáver de Lafayette que fedia tanto.

De repente eu me afastei, entrei no meu carro e dei a volta até os fundos do bar, buzinando. Sam veio correndo pela porta de entrada dos funcionários, avental amarrado na cintura. Desliguei o carro e saí tão rápido que mal me dei conta do que estava fazendo, e me lancei para os braços de Sam como uma meia com estática.

— O que foi? — ouvi Sam perguntar na minha orelha. Afastei-me para olhar para ele, sem precisar levantar muito para olhar, pois Sam é baixinho. Seus cabelos ruivos brilhavam ao sol da manhã. Seus olhos são totalmente azuis e estavam arregalados, apreensivos.

— É o Lafayette — disse, e comecei a chorar. Isso foi ridículo, bobo e não ajudou em nada, mas não pude evitar. — Ele está morto, no carro do Andy Bellefleur.

Sam apertou os braços contra minhas costas e me aproximou um pouco mais do seu corpo.

— Sookie, lamento que você tenha visto — disse. — Vamos chamar a polícia. Pobre Lafayette.

Ser cozinheiro no Merlotte's não exige nenhuma habilidade excepcional em culinária, já que Sam serve apenas alguns sanduíches e batatas fritas. Assim, a rotatividade é grande. Mas Lafayette havia durado mais que a maioria, para minha surpresa.

Lafayette era gay, escandalosamente gay do tipo maquiado e com unhas compridas. No norte da Louisiana as pessoas são menos tolerantes que em New Orleans. Imagino que Lafayette, um homem negro, sofreu bastante em relação a isso. Apesar — claro — das suas dificuldades, ele era alegre, gozador, sagaz, e na verdade um bom cozinheiro. Tinha um molho especial no qual mergulhava os hambúrgueres, e as pessoas pediam o "Lafayette Burger" com frequência.

— Ele tinha família aqui? — perguntei para Sam. Nós nos soltamos com constrangimento e entramos. Fomos para o escritório dele.

— Tinha uma prima — disse Sam, e discou o número de emergência. — Por favor, venham ao Merlotte's, na rua Hummingbird — disse ele ao atendente. — Tem um homem morto num carro aqui. Sim, no estacionamento, bem na frente. Ah, e avise Andy Bellefleur. É no carro dele.

De onde eu estava parada, pude ouvir o grito, no outro lado da linha.

Danielle Gray e Holly Cleary, as duas garçonetes do turno da manhã, entraram rindo pela porta dos fundos. Ambas divorciadas, com vinte e tantos anos. Danielle e Holly eram amigas de longa data e pareciam estar bem contentes com o emprego, contanto que estivessem juntas. Holly tinha um filho de cinco anos de idade que estava no jardim da infância; Danielle, uma filha de sete anos e um menino que ainda não estava em idade escolar. Ele ficava com a mãe da Danielle enquanto ela trabalhava no Merlotte's. Eu nunca seria íntima das duas — que, afinal, tinham mais ou menos a minha idade, pois elas faziam questão de ficarem voltadas para si mesmas.

— Qual o problema? — perguntou Danielle ao vir meu rosto. O seu, estreito e sardento, imediatamente ficou preocupado.

— Por que o carro do Andy está parado aí na frente? — perguntou Holly.

Ela havia namorado Andy Bellefleur um tempo, lembrei então. Holly tinha cabelos loiros e curtos, que contornavam seu rosto como pétalas de margaridas, e a pele mais bonita que já vi.

— Ele passou a noite no carro?

— Não — disse, mas outra pessoa passou.

— Quem?

— Lafayette está lá dentro.



– Andy permitiu que uma bicha negra dormisse no carro dele? – Essa era Holly, franca e direta.

– O que aconteceu com ele? – Essa era Danielle, a mais inteligente das duas.

– Não sabemos – disse Sam. – A polícia está a caminho.

– Você está dizendo – disse Danielle, lenta e cautelosa. – que ele está morto?

– Sim – disse. – É exatamente o que queremos dizer.

– Bem, temos de abrir o bar dentro de uma hora. – Holly colocou as mãos no quadril. – O que vamos fazer? Se a polícia permitir que a gente abra, quem é que vai cozinhar? As pessoas vão chegar e vão querer almoçar.

– E melhor a gente deixar tudo arrumado, em todo caso – disse Sam. – Se bem que acho que só vamos abrir à tarde.

Ele voltou ao escritório para ligar para cozinheiros substitutos.

Era estranho tratar da logística de abertura como se Lafayette fosse entrar com seu andar rebolado a qualquer minuto, contando de alguma festa a que tenha ido, exatamente como tinha feito alguns dias antes. Os gritos das sirenes chegaram pela estrada municipal que passava bem na frente do Merlotte's. Viaturas cruzaram o estacionamento coberto de cascalho. Depois que viramos as cadeiras, arrumamos as mesas, embrulhamos os talheres nos guardanapos e deixamos alguns prontos para substituição rápida, a polícia entrou.

O Merlotte's fica fora da cidade, então a coisa estaria sob a responsabilidade do xerife do município, Bud Dearborn. Ele tinha sido muito amigo do meu pai e agora estava grisalho. Seu rosto era amassado, como um pequinês humano, e seus olhos eram castanhos opacos. Quando ele se aproximou da porta da frente do bar notei que estava de coturnos e com seu boné do Saints, o time de futebol local. Quando ligaram para ele de certo ainda estava na sua fazenda. Bud estava acompanhado de Alcee Beck, o único detetive negro da polícia do município. Alcee era tão negro que sua camisa branca reluzia com o contraste. O nó da sua gravata era perfeito, e seu terno, impecável. Seus sapatos encerados brilhavam.

Bud e Alcee, os dois juntos, mandavam no município, pelo menos no que diz respeito aos elementos mais importantes que mantêm tudo funcionando. Mike Spencer, diretor da casa funerária e médico-legista, também é influente nos assuntos locais, e muito amigo do Bud. Aposto que Mike já estava no estacionamento, confirmando a morte do pobre Lafayette.

Bud Dearborn perguntou:

– Quem encontrou o corpo?

– Eu. – Bud e Alcee fizeram uma leve mudança de percurso e se aproximaram de mim.

– Sam, podemos usar seu escritório? – perguntou Bud. Sem esperar pela resposta de Sam, fez um sinal de cabeça indicando que era para eu entrar.

– Claro, entrem – disse meu chefe, ríspido. – Sookie, tudo bem com você?

– Tranquilo, Sam.

Não sei se isso era bem verdade, mas não tinha nada que Sam pudesse fazer a respeito sem arranjar encrenca para o seu lado, fora que não ia fazer diferença alguma. Embora Bud tivesse gesticulado para eu sentar, balancei a cabeça enquanto ele e Alcee se acomodaram nas cadeiras do escritório. Bud, claro, pegou a cadeira



maior, do Sam. Alcee teve de se contentar com a melhor entre as outras cadeiras, a que ainda tinha um resto de estofamento.

– Conte-nos sobre a última vez em que você viu Lafayette vivo
– disse Bud.

Pensei em quando foi.

– Ontem à noite ele não estava trabalhando – disse. – Anthony estava trabalhando, Anthony Bolivar.

– Quem é esse? – Alcee enrugou a testa, que era bastante larga.

– Não reconheço esse nome.

– Ele é amigo do Bill. Estava de passagem e precisava de emprego. Tinha experiência. Trabalhou numa lanchonete durante a Grande Depressão.

– Você está me dizendo que o cozinheiro do Merlotte's é um *vampiro*?

– E daí? – perguntei.

Podia sentir minha boca ficando rígida, e minhas sobrancelhas franzindo, e sabia que estava ficando com cara de furiosa. Eu estava me esforçando para não ler os pensamentos deles, para me manter totalmente fora disso, mas não era fácil. Bud Dearborn era mediano, mas Alcee projetava seus pensamentos como um farol que emite um sinal. Nesse momento ele estava emitindo nojo e medo.

Meses antes de eu conhecer Bill, e perceber que ele estimava essa minha deficiência, – meu dom, segundo ele – fiz de tudo para fingir para mim e para todo mundo que eu não conseguia realmente "ler" pensamentos. Mas desde que Bill me libertou da pequena prisão que eu havia construído para mim, comecei a treinar e a fazer experiências, com apoio do Bill. Graças a ele consegui verbalizar coisas que eu vinha sentindo há anos. Algumas pessoas enviam uma mensagem clara e forte, como Alcee. A maioria tem um funcionamento mais irregular, como Bud Dearborn.

Depende muito da força das suas emoções, da inteligência de cada um e até do clima, vai saber. Algumas pessoas são sombrias de dar medo, e é quase impossível dizer o que estão pensando. Consigo ler seus humores, talvez, mas é basicamente isso.

Tinha descoberto que se eu tocasse as pessoas enquanto tentava ler seus pensamentos, a imagem ficava mais nítida – como ver a imagem de tevê a cabo depois de estar acostumada a antenna. E descobri que se eu "enviasse" imagens relaxantes para uma pessoa, conseguia me infiltrar em seu cérebro feito água.

A última coisa que eu queria era me infiltrar no cérebro de Alcee Beck. Mas totalmente sem querer eu estava recebendo uma imagem perfeita da reação supersticiosa de Alcee ao descobrir que havia um vampiro trabalhando no Merlotte, de sua repulsa ao se dar conta de que eu era a mulher que ele ouviu dizer que namorava um vampiro e da sua convicção arraigada de que o gay assumido do Lafayette tinha sido uma vergonha para a comunidade negra. Alcee chegou à conclusão de que alguém só podia estar querendo ferrar com Andy Bellefleur ao colocar a carcaça de um negro, gay, no carro dele. Alcee se perguntava se Lafayette tinha AIDS, se o vírus poderia de algum modo ter vazado para o banco do carro de Andy e sobrevivido ali. Se fosse ele, venderia o carro.

Se eu tocasse em Alcee descobriria seu telefone e quão grandes são os seios da sua mulher.

Bud Dearborn olhava para mim de um jeito estranho.

– Você disse alguma coisa? – perguntei.



– Sim. Gostaria de saber se você viu Lafayette durante a noite. Ele veio aqui, tomar alguma coisa?

– Não o vi aqui.

Pensando bem, nunca vi Lafayette bebendo. Pela primeira vez me liguei de que, embora na hora do almoço haja uma mistura de pessoas, os clientes da noite são quase que exclusivamente brancos.

– Como era a vida social dele?

– Não faço ideia. – As histórias que Lafayette contava eram sempre com nomes trocados para proteger os inocentes. Na verdade, os culpados.

– Quando foi a última vez que você o viu?

– Morto, no carro.

Bud balançou a cabeça, irritado.

– Vivo, Sookie.

– Ah... Acho que... Há três dias. Ele ainda estava aqui quando cheguei para o meu turno, e nos cumprimentamos. Ah, ele me contou sobre uma festa a que ele foi.

– Tentei lembrar as palavras exatas. – Ele disse que tinha ido a uma casa onde rolavam joguinhos sexuais de todo tipo.

Os dois homens ficaram de queixo caído.

– Bem, foi o que ele disse! Não sei se era verdade.

Vi a cara do Lafayette ao me contar isso, o jeitinho pudico dele encostar o dedo na boca avisando que não daria nomes nem endereço.

– Você não achou que deveria informar isso para alguém? – Bud Dearborn estava chocado.

– Era uma festa particular. Por que eu deveria contar?

Mas no município deles não deveria rolar esse tipo de festa. Os dois me encararam. Com os lábios enrugados, Bud perguntou:

– Lafayette comentou alguma coisa sobre uso de drogas nessa reunião?

– Não, não me lembro de nada do tipo.

– Essa festa foi na casa de alguém branco ou alguém negro?

– Branco – disse, e então desejei ter fingido não saber.

Mas Lafayette tinha ficado realmente impressionado com a casa, não por ela ser grande e chique. Por que ele ficou tão impressionado? Não sei muito bem o que impressionaria Lafayette, que foi pobre quando criança e assim permaneceu, mas tinha certeza de que ele estava falando da casa de um branco, pois disse: "Todos aqueles quadros nas paredes, todos eles brancos como lírios e sorrindo como crocodilos". Não forneci esse comentário para a polícia, e eles não perguntaram mais nada.

Depois que deixei o escritório do Sam, após ter explicado por que o carro do Andy estava no estacionamento para começo de conversa, voltei para trás do balcão. Não quis ver a movimentação no estacionamento, e não havia fregueses para servir, pois a polícia tinha bloqueado o acesso à área.

Sam arrumava as garrafas atrás do bar, tirando o pó conforme o fazia, e Holly e Danielle se acomodaram numa mesa na área de fumantes para que Danielle pudesse fumar.

– Como foi? – perguntou Sam.



– Nada de mais. Eles não gostaram de saber que Anthony trabalha aqui, e também não gostaram do que falei sobre a festa que Lafayette ficou comentando outro dia. Você ouviu quando ele estava me contando? Sobre a orgia e tudo o mais?

– Sim, ele também comentou alguma coisa comigo. Deve ter sido uma noite e tanto para ele, se é que foi verdade.

– Você acha que Lafayette inventou tudo aquilo?

– Não acho que haja muitas festas birraciais e bissexuais em Bon Temps – disse ele.

– Você diz isso porque nunca foi convidado – disse, de propósito. Será que eu realmente sabia o que acontecia na nossa cidadezinha?

De todas as pessoas de Bon Temps, eu deveria ser a mais por dentro de tudo, já que toda informação está mais ou menos disponível para mim, basta eu querer.

– Bem, é o que eu imagino que aconteça...

– É o que acontece – disse Sam, me dando um sorrisinho enquanto tirava o pó de uma garrafa de uísque.

– O meu convite também deve ter extraviado.

– Você acha que Lafayette voltou aqui ontem à noite para fofocar mais sobre a festa?

Dei de ombros.

– Talvez ele tenha combinado de encontrar alguém no estacionamento. Afinal, todo mundo sabe onde fica o Merlotte's. Ele já tinha recebido?

Era fim da semana, quando Sam normalmente nos paga.

– Não. Talvez ele tenha vindo para isso, mas eu ia entregar o cheque para ele durante o trabalho, no dia seguinte. Hoje.

– Quem será que convidou Lafayette para a festa?

– Boa pergunta.

– Será que ele seria ingênuo o bastante a ponto de chantagear alguém?

Sam esfregou a madeira artificial do balcão com um pano limpo. O balcão estava brilhando, mas eu já tinha notado que ele gosta de manter as mãos ocupadas.

– Acho que não – respondi, depois de alguma consideração. – Não... Mas eles com certeza convidaram a pessoa errada. Você sabe como Lafayette era indiscreto. Além de contar que foi à tal festa, coisa que aposto que não era para fazer, como deve ter tentado apimentar a história, espalhando coisas que... Deixaram os outros participantes incomodados.

– Tipo, manter contato com outras pessoas que estavam na festa? Dar piscadelas maliciosas para elas em público?

– Algo assim.

– Eu imagino que quando você transa com alguém ou o vê transando, acaba se sentindo íntimo em relação a ele.

Disse isso com receio, tendo experiência limitada nesse assunto, mas Sam assentiu com a cabeça.

– Lafayette queria ser aceito mais que qualquer coisa – disse Sam, e era verdade.

Reabrimos às quatro e meia. A essa altura estávamos morrendo de tédio. Eu estava envergonhada por me sentir assim, afinal, estávamos ali porque um homem que conhecíamos tinha morrido, mas era inegável que depois de arrumar a despensa, limpar o escritório do Sam e ter jogado várias rodadas de *bourre*, o jogo de baralho que mais se joga por aqui (Sam ganhou cinco dólares e algumas moedas), estávamos prontos para ver um rosto novo. Foi uma visão bem-vinda quando Terry Bellefleur, primo do Andy e constante substituto de barman ou cozinheiro no bar do Merlotte's, entrou pela porta dos fundos.

Acho que Terry tem uns cinquenta e tantos anos. Veterano da guerra do Vietnã, foi prisioneiro de guerra durante um ano e meio. Terry tem umas cicatrizes faciais bem aparentes, e minha amiga Arlene disse que as cicatrizes no seu corpo são ainda piores. E ruivo, se bem que parece que ele fica um pouco mais grisalho a cada mês.

Sempre gostei do Terry, que se desdobra para ser gentil comigo, a não ser quando está de mau humor. Todo mundo sabe que o melhor é não irritá-lo quando ele está mal-humorado. Os dias ruins de Terry são invariavelmente precedidos de pesadelos dos piores tipos, segundo os relatos de seus vizinhos. Nas noites de pesadelo eles conseguem ouvir os berros do Terry.

Nunca, jamais li os pensamentos de Terry.

Hoje ele parecia estar bem. Seus ombros estavam relaxados, e seus olhos não ficavam pulando de um lado para o outro.

— Você está bem, chuchu? — perguntou ele, dando um tapinha no meu braço, solidário.

— Obrigada, Terry. Estou bem. Apenas sinto por Lafayette.

— É, ele até que não era má pessoa. — Vindo de Terry, isso era um elogio. — Fazia o trabalho dele, sempre aparecia no horário. Limpava a cozinha direitinho. Nunca falava mal de ninguém.

A maior ambição do Terry é conseguir ser assim.

— E daí ele morre no *Buick* do Andy.

— Acho que o carro do Andy foi uma espécie de... — busquei o termo mais brando.

— É lavável — disse ele. — Terry estava ansioso para encerrar a conversa.

— Ele te contou o que aconteceu com Lafayette?

— Andy disse que, aparentemente, o pescoço estava quebrado. E havia, hãã, evidência de que ele tinha sido... Usado.

Os olhos de Terry começaram a tremeluzir, revelando seu desconforto. Para Terry "ser usado" quer dizer que aconteceu algo violento e sexual.

— Nossa, que horror.

Danielle e Holly surgiram bem atrás de mim, e Sam, com mais um saco de lixo retirado do seu escritório, parou a caminho da lixeira lá no fundo.

— Ele não parecia tão... Quer dizer, o carro não parecia estar tão...

— Emporcalhado?

— Isso.

— Andy acha que ele foi assassinado em algum outro lugar.



– Credo – disse Holly. – Não fiquem aí falando disso. É demais para mim.

Terry olhou por cima do meu ombro para as duas mulheres. Ele não tinha muito apreço por Holly nem Danielle, embora eu não soubesse o motivo, e não me esforcei para descobrir. Eu tentava dar privacidade às pessoas, especialmente agora que tinha um controle melhor da minha habilidade. Ouvi as duas se afastando, depois que Terry manteve seu olhar apontado para elas durante alguns segundos.

– Portia veio buscar o Andy ontem à noite? – perguntou ele.

– Sim, eu liguei para ela. Ele não tinha condições de dirigir. Se bem que agora aposto que ele preferiria que eu o tivesse deixado dirigir.

Nunca que eu ia estar bem na fita com Andy Bellefleur.

– Ela teve alguma dificuldade em levá-lo até o carro?

– Bill ajudou.

– O Vampiro Bill? Seu namorado?

– Ahã.

– Espero que ele não a tenha assustado – disse Terry, como se tivesse esquecido de que eu ainda estava bem ali.

Senti meu rosto se contorcendo.

– Portia Bellefleur não tem motivo para se assustar com Bill – disse, e algo na maneira como o fiz atingiu a neblina de pensamentos particulares de Terry.

– Portia não é tão durona como todo mundo imagina – Terry me disse. – Já você é um docinho por fora e um pitbull por dentro.

– Não sei se fico lisonjeada ou se meto um soco no seu nariz.

– Tá vendo só? Quantas mulheres, ou mesmo homens, diriam algo assim para um maluco feito eu? – E Terry sorriu, como um fantasma teria sorrido. Até então eu não sabia o quanto Terry tinha consciência de sua reputação.

Fiquei nas pontas dos pés para lhe dar um beijo na bochecha das cicatrizes, para lhe mostrar que eu não tinha medo dele. Conforme voltei aos calcanhares, percebi que isso não era bem verdade. Dependendo da circunstância eu não apenas tomaria cuidado com esse homem avariado, mas também teria muito medo, de verdade.

Terry amarrou as alças do avental branco de cozinheiro e começou a abrir a cozinha. Os outros retomaram o trabalho. Eu não ficaria ali muito tempo mais, já que naquele dia sairia às seis para me aprontar e ir até Shreveport com Bill. Não achava certo Sam me pagar pelo tempo que fiquei de bobeira pelo bar, esperando para trabalhar, se bem que limpar a despensa e o escritório do Sam também contava.

Assim que a polícia liberou o estacionamento, as pessoas começaram a pipocar no ritmo mais acelerado possível para uma cidadezinha do tamanho de Bon Temps. Andy e Portia estavam entre os primeiros a chegar, e eu vi Terry olhando para seus primos através da portinhola da cozinha. Os dois acenaram para ele, que ergueu uma espátula para retribuir o cumprimento. Fiquei me perguntando qual seria o real grau de parentesco de Terry e os irmãos Portia e Andy. Não eram primos de primeiro grau, disso eu tinha certeza. Claro que por essas bandas você pode chamar alguém de primo, tia ou tio com pouca ou nenhuma relação consanguínea. Depois que meus pais morreram numa enchente repentina que atirou o carro deles para fora de uma ponte, a melhor amiga da minha mãe passou a aparecer na casa da minha avó toda

semana ou pelo menos a cada quinze dias com um presentinho para mim, e eu a chamei de tia Patty a vida toda.

Respondi as perguntas de todos os clientes, quando dava tempo, e servi hambúrgueres, saladas e porções de peito de frango — e cerveja — até ficar tonta. Quando olhei no relógio, estava na hora de ir. No banheiro feminino encontrei minha substituta, e amiga, Arlene. Os cabelos ruivos brilhantes de Arlene (dois tons mais vermelhos nesse mês) estavam penteados num elaborado aglomerado de cachos atrás da sua cabeça, e suas calças justas mostravam ao mundo que ela havia perdido três quilos. Arlene havia se casado quatro vezes e estava em busca da quinta.

Durante alguns minutos conversamos sobre o assassinato, e eu lhe informei o status das minhas mesas, antes de pegar minha bolsa no escritório do Sam e sair correndo pela porta dos fundos. Ainda não estava completamente escuro quando cheguei em casa, que fica quatrocentos metros floresta adentro, saindo de uma estradinha municipal, raramente utilizada. É uma casa antiga, com algumas partes que têm mais de 140 anos, mas ela já sofreu tantas reformas e ampliações que não é mais considerada um exemplo do estilo antebellum.* Em todo caso, é apenas uma antiga casa de fazenda. Minha avó, Adele Hale Stackhouse, me deixou essa casa e eu lhe dou imenso valor. Bill havia me convidado para morar com ele. A casa dele fica num morro do outro lado do cemitério, que fica na frente de casa, mas eu fiquei insegura de abandonar meu próprio território. Tirei meu uniforme de garçoneiro e abri o armário. Como estávamos indo para Shreveport para tratar de negócios de vampiro, sabia que Bill gostaria que eu me arrumasse um pouquinho melhor. Não sabia muito bem o que usar, uma vez que ele não ia querer ninguém flertando comigo, mas ele sempre queria que eu ficasse especialmente linda quando íamos à Fangtasia, um bar de vampiros frequentado basicamente por turistas.

Homens...

Não consegui decidir, então entrei no banho. Pensar em Fangtasia sempre me deixa tensa. Os vampiros proprietários de lá fazem parte da estrutura de poder vampiresco, e quando eles descobriram meu talento especial, passei a ser uma aquisição desejável para eles. A única coisa que me mantém segura é a adesão de Bill ao sistema de autogestão dos vampiros; por "me manter segura" quero dizer morar onde eu quero e trabalhar no emprego que escolhi. Mas em retribuição a essa segurança sou obrigada a aparecer quando eles me chamam e a colocar minha telepatia a serviço deles. Os vampiros empenhados em integração social estavam precisando de técnicas mais brandas que os procedimentos anteriores (tortura e terror). Imediatamente a água quente fez com que eu me sentisse melhor, e eu relaxei conforme ela massageava minhas costas.

— Posso me juntar a você?

— Merda, Bill! — Meu coração disparou. Eu me apoiei na parede em busca de apoio.

— Desculpe, querida. Você não ouviu a porta do banheiro abrindo?

— Não, que droga. Será que não dá para você gritar 'Querida, cheguei', ou algo assim?

— Desculpe — disse ele novamente, soando pouco sincero. — Precisa de alguma coisa para esfregar as costas?

— Não, obrigada — bufei. — Não estou no clima de esfregação de costas.

* *Antebellum: estilo arquitetônico característico do período pré-guerra, no caso, a Guerra Civil Americana. (N. do T.)*



Bill deu um sorrisinho (para que eu visse que seus caninos estavam retraídos) e fechou a cortina do chuveiro.

Quando saí do banheiro, com a toalha enrolada de um jeito mais ou menos comportado, ele estava estirado na minha cama, seus sapatos perfeitamente alinhados no tapete ao lado do criado-mudo. Bill estava com uma camisa azul-escuro de manga comprida e calças caqui, meias combinando com a camisa e mocassins de couro. Seus cabelos castanhos escuros estavam penteados para trás, e suas longas costeletas compunham um visual retro.

Bem, elas eram retro de fato, no entanto muito mais retro que a maioria das pessoas pode imaginar.

Suas sobrancelhas são arqueadas e seu nariz é aquilino. Sua boca é do tipo que você vê em esculturas gregas, pelo menos nas que eu vi em fotos. Ele morreu alguns anos depois do fim da Guerra Civil (ou da Guerra de Agressão do norte, segundo minha avó).

– Hoje à noite vai ser o quê? Negócios ou prazer? – perguntei.

– Com você ao meu lado é sempre prazer – respondeu Bill.

– Por que estamos indo para Shreveport? – perguntei, pois sei muito bem detectar uma resposta evasiva.

– Fomos chamados.

– Por quem?

– Eric, claro.

Agora que Bill havia se candidatado, e aceito, um cargo de investigador da Área 5, ele tinha de ficar a serviço de Eric, e sob a proteção dele. Bill explicou que isso significa que qualquer pessoa que o ataque terá de lidar com Eric também, e que as propriedades de Bill passam a ser sagradas para Eric, incluindo a minha pessoa. Eu não estava radiante de ser um dos itens entre as propriedades de Bill, mas, considerando as alternativas, essa era a melhor.

Fiz uma careta através do espelho.

– Sookie, você fez um acordo com Eric.

– Sim – admiti. – Fiz.

– Agora você tem de cumprir.

– E o que pretendo fazer.

– Coloque aquela calça jeans justa que amarra no lado – sugeriu ele.

Ela não era exatamente jeans, mas de um tecido colante. Bill adora quando coloco essa calça, que tem cintura bem baixa. Mais de uma vez cheguei a desconfiar de que Bill está tendo fantasias com Britney Spears.

Como eu tenho total noção de que fico bem em jeans, vesti a calça, com uma camisa de manga curta, xadrez, azul-escuro e branco, abotoada na frente, até uns dois centímetros abaixo da linha do sutiã. Só para mostrar um pouco de independência (afinal, era bom ele não se esquecer de que sou dona do meu corpo), amarrei meus cabelos num rabo de cavalo bem alto. Coloquei um laço azul sobre o elástico e passei um pouco de maquiagem. Bill olhou no relógio umas duas vezes, mas eu não me apressei. Se ele queria tanto que eu causasse uma boa impressão aos seus amigos vampiros, então que esperasse.

Uma vez no carro, e a caminho de Shreveport, Bill disse:

– Hoje comecei um novo empreendimento comercial.

Para dizer a verdade, eu andava mesmo me perguntando de onde vinha o dinheiro do Bill. Ele não parecia ter sido rico, também não parecia ter sido pobre. Mas ao mesmo tempo nunca trabalhava, a não ser que o fizesse nas noites em que não ficávamos juntos.

Eu tinha noção de que qualquer vampiro de respeito consegue enriquecer; afinal, quando você é capaz de exercer certo controle sobre cérebros humanos, não é difícil convencê-los a soltar a grana, dar gorjetas ou investir em negócios. Fora que, até os vampiros obterem o direito legal de existir, eles não precisaram pagar impostos. Mesmo o governo americano teve de admitir que não dava para cobrar impostos de mortos. Mas o Congresso percebeu que se lhes dessem direitos, e direito a voto, então, sim, poderia obrigá-los a pagar imposto.

Quando os japoneses aprimoraram o sangue sintético — ao ponto dele conseguir manter um vampiro "vivo" sem ingestão de sangue humano —, passou a ser possível que eles deixassem os caixões. "Viram, é possível nos mantermos vivos sem causarmos nenhum prejuízo à humanidade" — costumavam dizer. "Não somos uma ameaça".

Mas eu sabia que para Bill o maior prazer era quando ele bebia de mim. Podia manter uma dieta firme de LifeFlow (a marca mais popular de sangue sintético), mas morder meu pescoço era infinitamente melhor. Ele podia beber sangue tipo A positivo engarrafado no meio de um bar cheio de gente, mas se estava a fim de uma dose de Sookie Stackhouse, teria de tomar o cuidado de fazê-lo num lugar privado, pois o efeito era diferente. Uma taça de LifeFlow não deixava Bill doido de tesão.

— Que tipo de novo negócio? — perguntei.

— Comprei aquela galeria de lojas que fica perto da estrada, aquela onde fica o LaLaurie's.

— Quem era o dono daquilo?

Originalmente o terreno pertencia aos Bellefleur. Eles arrendaram a Sid Matt Lancaster, que desenvolveu um empreendimento comercial ali.

Sid Matt Lancaster tinha sido advogado da minha mãe. Ele era do tempo do onça e bem mais influente que Portia.

— Será bom para os Bellefleurs. Faz anos que estão tentando vender aquilo. Eles precisam muito do dinheiro. Você comprou o terreno e a galeria? Qual o tamanho do terreno?

— Apenas um acre, mas é bem localizado — disse Bill, num tom de voz de homem de negócios que eu nunca tinha ouvido antes.

— E a mesma galeria que tem o LaLaurie's, um salão de cabeleireiro e aquela loja Tara's Togs?

Fora o clube de campo, LaLaurie's é o único restaurante sofisticado na região de Bon Temps. E o tipo de lugar onde maridos levam as esposas para comemorar 25 anos de casados, ou funcionários interessados numa promoção levam os chefes. É o lugar onde você leva alguém que queira impressionar muito, muito mesmo. Mas eu tinha ouvido dizer que o lugar não dava muito dinheiro.

Não tenho a menor noção de como gerenciar um negócio, ou fazer negócios, pois passei a vida toda apenas um pouco acima da linha da pobreza. Se meus pais não tivessem tido a sorte de encontrar uma pequena reserva de petróleo na terra deles e se não houvessem guardado todo o dinheiro obtido ali antes do petróleo acabar, Jason, vovó e eu não teríamos conseguido nos manter. Pelo menos, umas duas vezes



vovó chegou perto de vender a casa dos nossos pais, apenas para manter a sua casa e pagar impostos, enquanto nos criava.

— Então, como é que funciona? Você é o proprietário do prédio que abriga aqueles três pontos comerciais e eles pagam aluguel para você?

Bill assentiu com a cabeça.

— Agora, quando você quiser fazer alguma coisa no cabelo, vá ao Clip & Curi.

Eu havia ido ao cabeleireiro uma vez na vida. Quando precisava cortar as pontas, normalmente ia ao trailer da Arlene, e ela as cortava.

— Você acha que meu cabelo está precisando de algum cuidado especial? — perguntei, insegura.

— Não, está lindo. — Bill me assegurou. — Mas caso você queira ir, eles têm... É, manicures, uma linha especial de produtos para cabelos.

Disse "uma linha especial de produtos para cabelos" como se fosse numa língua estrangeira. Contive um sorriso.

— E — ele prosseguiu — você pode levar quem quiser no LaLaurie's e não terá de pagar.

Eu me virei no banco para encará-lo.

— E Tara já está sabendo que é para colocar qualquer roupa que você queira na minha conta.

Senti meu humor mudando. Eu estava prestes a perder o controle. Bill, infelizmente, não percebia.

— Ou seja, em outras palavras — disse, satisfeita com a imparcialidade no tom da minha voz — Elas estão avisadas de que é para paparicar a amante do patrão.

Bill se deu conta de que tinha cometido um erro.

— Ai, Sookie! — Ele começou, mas eu não quis saber. Meu orgulho havia se rebelado e me dado um tapa na cara. Não sou muito de perder a cabeça, mas, quando acontece, pego pesado.

— Por que você não me manda flores e pronto, como qualquer namorado? Ou compra bombons. Adoro chocolate. É só comprar um cartão da Hallmark, que tal? Ou um gatinho, ou um lenço!

— Eu queria te dar alguma coisa — disse ele, cautelosamente.

— Você faz com que eu me sinta uma meretriz. E com certeza as pessoas que trabalham naquele lugar ficaram com a impressão de que é isso que eu sou.

Pelo pouco que eu conseguia enxergar, com a luz fraca que vinha do painel de controle, Bill parecia estar tentando entender a diferença. Tínhamos acabado de passar a saída para o lago Mimosa, e dava para ver a mata fechada na lateral da estrada, iluminada pelo farol do carro.

Para a minha surpresa, o carro engasgou e morreu. Interpretei aquilo como um sinal.

Bill teria trancado as portas se soubesse o que eu estava prestes a fazer, pois ficou chocado quando saí correndo do carro e fui em direção à floresta.

— Sookie, volte aqui agora mesmo!

Agora Bill estava furioso, e como. Bem, até que tinha demorado.

Mostrei o dedo para ele ao mesmo tempo em que entrei na floresta.

Eu sabia que se Bill me quisesse no carro, eu o faria, pois ele deve ser umas vinte vezes mais forte e mais rápido que eu. Depois de alguns segundos na escuridão,



estava quase torcendo para que ele me alcançasse. Mas meu orgulho falou mais alto, e eu soube que havia feito a coisa certa. Bill parecia estar um pouco confuso quanto à natureza do nosso relacionamento, e eu queria que ele entendesse isso de uma vez por todas. Ele que fosse para Shreveport com sua cara de tonto e explicasse minha ausência para seu superior, Eric. Isso, sim, seria bom para ele aprender.

— Sookie — gritou Bill, da estrada. — Vou até o próximo posto de gasolina chamar um mecânico.

— Boa sorte — murmurei baixinho. Um posto de gasolina com um mecânico 24 horas, aberto àquela hora da noite? Bill achava que estava nos anos de 1950, ou em alguma outra era.

— Você está se comportando como criança, Sookie — disse Bill. — Eu poderia ir aí te pegar, mas não vou perder meu tempo. Quando você se acalmar, volte, entre no carro e tranque as portas. Estou indo.

Bill também tem lá seu orgulho.

Para meu alívio, misturado com preocupação, ouvi os passos leves pela estrada, o que significava que Bill corria em velocidade de vampiro. Ele tinha ido mesmo.

Provavelmente achou que era *ele* quem estava *me* ensinando uma lição, quando era justamente o contrário. Repeti isso várias vezes. Afinal, em poucos minutos ele estaria de volta. Eu tinha certeza. Bastava que eu não fosse longe demais floresta adentro para não acabar caindo no lago.

Entre os pinheiros era breu absoluto. Apesar de não ser lua cheia, a noite estava limpa, e as sombras entre as árvores eram completa escuridão em comparação com o brilho distante e tranquilo das clareiras.

Voltei para a estrada, depois tomei fôlego e comecei a andar em direção a Bon Temps, no sentido oposto de Bill. Tentei calcular quantos quilômetros teríamos percorrido depois de Bon Temps quando ele recomeçou com aquela conversa. Ainda bem que resolvi colocar tênis, e não salto alto. Eu não tinha levado blusa, e a pele exposta entre minha camisa curta e minha calça de cintura baixa estava arrepiada. Comecei a correr devagar pelo acostamento. Não havia luzes. Se não fosse pelo luar, estaria numa situação complicada.

Assim que me lembrei de que a pessoa que assassinou Lafayette estava solta, ouvi passos na floresta, paralelos à minha trajetória.

Quando parei, a movimentação entre as árvores também parou.

Agora eu queria saber.

— Quem está aí? — gritei. — Se você vai me devorar, vamos começar logo.

Uma mulher saiu da floresta. Estava acompanhada de um javali, um porco selvagem. Suas presas reluziam entre as sombras. Ela segurava uma espécie de bastão ou varinha, com um tufo ou algo assim na ponta.

— Que maravilha — sussurrei para mim mesma. — Muito bom mesmo.

A mulher era tão assustadora quanto o javali selvagem. Tinha certeza de que ela não era vampira, pois consegui pressentir atividade no seu cérebro, mas certamente ela era uma criatura sobrenatural, assim, não enviava um sinal nítido. Em todo caso, consegui captar o teor dos seus pensamentos. Ela se divertia.

Isso não era nada bom.



Torci para que o javali selvagem estivesse num clima amigável. Eles aparecem muito raramente em Bon Temps. Apesar de algum caçador vir de quando em quando, era raro matarem um javali. Quando isso acontecia saía até no jornal. O javali à minha frente fedia, um cheiro abjeto e distinto.

Não sabia a quem eu devia dirigir a palavra. Afinal, talvez o javali não fosse um animal de verdade, mas um mutante. Isso eu aprendi nos meses. Se vampiros, que por tanto tempo foram considerados de não existirem de fato, o mesmo vale para outras criaturas que consideramos igualmente imaginárias. Estava muito nervosa, então sorri.

Ela tinha cabelos longos e desgrehados, de um tom escuro difícil de terminar naquela luz bruxuleante, e estava praticamente nua. Usava **uma** espécie de camisola, mas era curta, esfarrapada e encardida. Estava com os pés descalços. Ela sorriu de volta. Em vez de gritar, sorri mais.

— Não tenho nenhuma intenção de te comer — disse ela.

— Bom saber. E quanto ao seu amigo?

— Ah, a javali — disse, como se tivesse acabado de notar a presença dele. A mulher esticou o braço e coçou as costas do bicho, assim como eu faço com um cachorro amigo. O animal sacudiu seus caninos bestiais para cima e para baixo. — Ela faz o que eu mandar — disse a mulher, com a maior naturalidade.

Não precisei de um tradutor para entender a ameaça. Tentei transmitir o mesmo tom casual enquanto olhava para a clareira onde estava, tentando utilizar uma árvore na qual pudesse subir, caso fosse necessário. Mas troncos ao meu alcance não tinham galhos. Eram do tipo *pinus taeda*, levados aos milhões na nossa fatia da floresta por causa da madeira, galhos começam a quatro metros da altura do chão.

Percebi aquilo que devia ter sacado antes: o carro do Bill não morreu por acaso, e talvez até mesmo nossa briga não tenha sido uma coincidência.

— Você quer conversar comigo sobre alguma coisa? — perguntei, e ia virar em direção a ela quando notei que havia se aproximado vários metros. Dava para enxergar melhor o seu rosto, e isso não me tranquilizou nada. Havia uma mancha ao redor de sua boca, e quando ela a abriu para falar notei os contornos pretos dos seus dentes. A Moçoila Misteriosa estava comendo algum mamífero cru.

— Pelo jeito você já jantou — disse, nervosa, e tive vontade de meter um tapa na minha própria cara.

— Hummm — disse ela. — Você deve ser o bichinho de estimação do Bill, né?

— Sim — respondi. Eu tinha problemas com o termo, mas não estava em condições de discutir. — Ele ficaria extremamente chateado se acontecesse alguma coisa comigo.

— Como se a ira de um vampiro significasse alguma coisa para mim — disse ela, como se não fosse nada demais.

— Perdão, senhora, mas você é o que mesmo? Se não se importa de eu perguntar...

Ela sorriu novamente, e eu estremei.

— De modo algum. Sou uma mênade.

Isso era alguma coisa grega. Não sabia exatamente o que significava, mas achava que era selvagem, fêmea e que vive na natureza, se me lembrava bem.

— Que interessante — disse, sorrindo, não sei bem por quê. — E o motivo de você ter vindo até aqui hoje...?

— Preciso mandar um recado para Eric Northman — disse ela, se aproximando. Dessa vez eu a vi fazê-lo. A javali fungava ao seu lado, como se estivesse amarrada à mulher. O cheiro era indescritível. Eu podia ver o pequeno rabo cerdoso da javali, balançando de um lado para outro de um jeito brusco, impaciente.

— Qual o recado? — olhei para ela, e girei, pronta para sair correndo a toda.

Se eu não tivesse ingerido um pouco de sangue de vampiro no começo do verão, não teria conseguido me virar a tempo e teria recebido o golpe no rosto e no pescoço, em vez de nas costas. A sensação foi como se alguém extremamente forte tivesse metido um rastelo nas minhas costas, as pontas enganchadas à minha pele, penetrando e rasgando.

Não consegui me manter em pé, me joguei para frente e caí de barriga. Ouvi sua risada atrás de mim, e a javali fungando, e então percebi que ela havia sumido. Fiquei ali deitada, chorando, por alguns minutos. Tentava não gritar, e me peguei ofegando feito uma mulher na hora do parto. Tentava controlar minha dor. Minhas costas ardiam como o diabo.

Eu também estava louca da vida, com a pouca energia que ainda restava em mim. Para aquela puta, aquela mênade, seja lá que diabo era aquilo, eu era apenas um mural vivo. Conforme engatinhava sobre galhos, num terreno pedregoso com agulhas de pinheiros e terra, fui ficando cada vez mais brava. Tremendo da cabeças aos pés, por causa da dor e do ódio, fui me arrastando até ter a sensação de que eu era uma coisinha que nem valia a pena matar. Eu estava péssima. Comecei a rastejar de volta para o carro, tentando retornar ao lugar onde Bill me encontraria mais facilmente, mas, quando estava quase lá, reconsiderei a ideia de ficar exposta numa clareira.

Eu vinha achando que a estrada significava socorro, mas obviamente não significava. Minutos antes descobri que nem todo mundo que aparece está no espírito de ajudar. E se eu me deparasse com alguma outra criatura, uma criatura faminta? O cheiro do meu sangue podia atrair predadores naquele exato instante. Dizem que um tubarão consegue detectar até as menores partículas de sangue na água, e com certeza vampiros são o equivalente terrestre de tubarões.

Então fui engatinhando em direção às árvores, em vez de ficar ao lado da estrada, onde estaria exposta. Esse não me parecia ser um lugar muito digno para morrer, nem simbólico. Não era nenhum Álamo ou Termopilas.* Era apenas um lugar na mata numa estrada do norte de Louisiana. Muito provavelmente eu estava deitada em cima de hera venenosa. No entanto, pelo jeito eu não ia viver o bastante para sentir as erupções na minha pele.

A cada segundo eu esperava que a dor amainasse, mas ela só aumentava. Não consegui evitar que lágrimas escorressem pelas minhas bochechas. Consegui não soluçar alto, para não chamar mais atenção, mas era impossível ficar completamente quieta.

Estava tão concentrada em manter silêncio que quase perdi Bill. Ele palmilhava a rua olhando para a floresta, e eu notei, pela maneira como andava, que pressentia o perigo. Bill sabia que algo estava errado.

— Bill... — sussurrei, mas para sua audição de vampiro, foi quase um grito.

Ele parou na hora, seus olhos vasculhando as sombras.



— Estou aqui — disse, e engoli um soluço. — Cuidado. Pensei que, talvez, eu fosse uma armadilha viva.

Graças ao luar pude ver que não havia vestígio algum de emoção no rosto de Bill, mas sabia que ele estava analisando os riscos, assim como eu. Um de nós

** Alamo: forte no Texas onde se deu a batalha entre Estados Unidos e México em 1836. Termopilas: desfiladeiro localizado na Grécia central onde aconteceu a batalha entre persas e espartanos no ano de 480 a.C. (N. do T.)*

precisava se mexer. Se eu avançasse até o brilho da lua, pelo menos Bill poderia enxergar melhor, caso alguma coisa nos atacasse.

Estiquei os braços, agarrei a grama e puxei. Não conseguia nem ficar de joelhos, então essa seria minha velocidade máxima. Empurrei um pouco com os pés, embora o uso dos músculos das costas fosse excruciante. Não quis olhar para Bill enquanto ia em direção a ele, pois não queria amolecer ao perceber sua ira. Dava quase para apalpá-la.

— O que você fez, Sookie? — perguntou gentilmente.

— Me leve para o carro. Por favor, me tire daqui — disse, fazendo de tudo para me controlar. — Se eu fizer barulho, ela pode voltar.

Estremeci com esse pensamento.

— Me leve até Eric — disse, tentando manter a voz equilibrada. — Ela disse que isso era uma mensagem para Eric Northman.

Bill se agachou ao meu lado.

— Vou te levantar — disse.

Ai, não. Comecei falar:

— Deve ter outro jeito — mas eu sabia que não havia.

Bill sabia que não podia vacilar. Antes que eu sentisse toda a dor, ele passou um braço por baixo de mim e colocou a outra mão na minha virilha, e num segundo eu estava pendurada no seu ombro.

Gritei. Tentei não chorar depois disso, para que Bill pudesse detectar um possível ataque, mas não consegui me conter muito. Ele começou a correr pela estrada, de volta para o carro. Já estava ligado, o motor correndo, suavemente. Bill abriu a porta e tentou me colocar com todo o cuidado no banco de trás do *Cadillac*, ao mesmo tempo que agia rapidamente. Era impossível não me causar mais dor ao fazê-lo, mas ele tentou.

— Foi ela — disse, quando consegui falar com coerência. — Foi ela quem fez o carro parar e me fez sair. — Ainda não queria afirmar que havia sido ela que causou a briga, para começo de conversa.

— Daqui a pouco falamos disso — disse ele.

Bill saiu a toda em direção a Shreveport, em velocidade máxima, enquanto eu me agarrava ao estofamento, tentando me controlar.

Tudo que lembro dessa viagem foi que ela durou pelo menos uns dois anos.

Bill, sei lá como, conseguiu me levar até a porta dos fundos do Fangtasia, e a chutou para chamar a atenção de alguém.

— O quê? — gritou Pam, hostil.

Ela é uma vampira loira, bem bonita, que eu havia encontrado umas duas vezes antes, o tipo de pessoa sensata com um discernimento considerável para negócios.

— Nossa, Bill. O que aconteceu? Oh, humm..... Ela está sangrando.



– Chame o Eric – disse Bill.

– Ele está esperando por vocês – começou a dizer, mas Bill passou direto por ela. Ia me sacolejando no ombro como se eu fosse um bicho que ele caçou.

A essa altura eu estava tão passada que não teria me importado se ele me carregasse até a pista de dança do bar, mas, em vez disso, Bill invadiu o escritório do Eric, carregando meu corpo e sua ira.

– Isso é culpa sua – rosnou Bill, e eu gemi quando ele me sacudiu como se estivesse sinalizando que era para Eric reparar em mim.

Não consigo entender como Eric poderia estar olhando para qualquer outro lugar, uma vez que sou uma mulher feita e provavelmente a única sangrando no escritório.

Adoraria ter desmaiado, apagado de vez. Mas não. Eu só sacolejava no ombro de Bill e sentia dor.

– Vá para o inferno – resmunguei.

– O que foi, querida?

– Vá para o *inferno*.

– Precisamos deitá-la de bruços no sofá – disse Eric. – Aqui, deixe que...

Senti um outro par de mãos agarrando minhas pernas. Bill meio que se virou por baixo de mim, e juntos eles me depositaram cuidadosamente no largo sofá que Eric tinha acabado de comprar para seu escritório. Tinha aquele cheiro de novo, e era de couro. Foi um alívio, ao olhá-lo a um centímetro de distância, ver que ele não tinha comprado um sofá de tecido.

– Pam, chame um médico.

Ouvi passos deixando a sala, e Eric se agachou para olhar no meu rosto. Foi uma agachada e tanto, pois Eric, alto e largo, se parece exatamente com o que ele é: um antigo Viking.

– O que aconteceu com você? – perguntou.

Eu o encarei, tão enfurecida que mal consegui falar.

– Sou uma mensagem para você – disse, quase sussurrando. – Uma mulher na floresta fez o carro do Bill parar, e talvez tenha feito a gente discutir, depois ela me abordou com um javali.

– Um *porco*? – Se eu tivesse dito "um canário enfiado no nariz", Eric não teria ficado mais surpreso.

– Oinc, oinc. Javali. Porco selvagem. E ela disse que queria mandar uma mensagem para você, e eu me virei a tempo de desviar o rosto, mas ela acertou minhas costas, e depois partiu.

– Seu rosto. Ela teria acertado o seu rosto – disse Bill. Vi que ele cerrava os punhos ao lado das pernas, e esticava as costas, conforme começou a andar de um lado para o outro no escritório.

– Eric, os cortes não são muito profundos. O que tem de errado com ela?

– Sookie – disse Eric gentilmente – Como era essa mulher?

O rosto do Eric estava bem perto do meu, seus grossos cabelos dourados quase tocando meu rosto.

– Parecia uma louca. Era isso que ela parecia. E ela te chamou de Eric Northman.

– Só uso esse nome para negócios humanos em último caso – disse ele. – Por louca você quer dizer o quê?

– Sua roupa estava toda esfarrapada e havia sangue em volta da sua boca e nos dentes, como se ela tivesse acabado de comer algo cru. Ela segurava um negócio que parecia uma varinha, com alguma coisa na ponta. Seus cabelos eram longos e desgrenhados... Olha, falando em cabelos, meu cabelo está começando a grudar nas minhas costas – suspirei.

– Sim, entendo – Eric tentava desgrudar meu cabelo comprido das minhas feridas, onde o sangue agia como aderente e começava a engrossar.

Nessa hora Pam entrou, com o médico. Se eu tivesse achado que Eric se referia a um médico normal, com estetoscópio e depressor de língua, mais uma vez estaria fadada à frustração. A médica era uma anã que mal teve de se abaixar para olhar nos meus olhos. Bill andava de um lado para o outro, tremendo de tão tenso, enquanto a mulherzinha examinava minhas feridas. Ela usava calças brancas e um avental, exatamente como médicos em hospitais (Bem, exatamente como médicos costumavam usar antes de começarem a usar aquele tom de verde, ou azul, ou sei lá qual estampa maluca surgisse pela frente). Seu nariz ocupava boa parte do rosto e sua pele tinha cor de azeitona. Seu cabelo era castanho-dourado e áspero, incrivelmente grosso e ondulado. Eram bem curtos. Ela me lembrava os *hobbits*. Talvez ela fosse um *hobbit*. Meu senso de realidade havia levado vários petelecos nos últimos meses.

– Você é médica de quê? – perguntei, embora tenha levado um tempo para me recompor.

– Do tipo que cura – respondeu ela com uma voz surpreendentemente grossa.
– Você foi envenenada.

– Deve ser por isso a sensação de que vou morrer – murmurei.

– E vai, logo mais – disse ela.

– Valeu, doutora. E dá para a senhora fazer alguma coisa a respeito?

– Não temos muitas opções. Você foi envenenada. Já ouviu falar em dragões de Komodo? Eles têm a boca infestada de bactérias. Pois bem, feridas infligidas por mênades têm o mesmo nível tóxico. Depois que um dragão morde você, ele fica lhe seguindo durante horas, só esperando até as bactérias lhe matarem. No caso das mênades, a morte lenta deixa a coisa mais divertida. Para dragões de Komodo, vai saber...

Muito agradecida pelo tour à la National Geographic, doutora.

– O que dá para fazer? – perguntei através de dentes cerrados.

– Posso tratar as feridas externas. Mas sua corrente sanguínea está comprometida, e seu sangue precisa ser removido e repostado. Isso é trabalho para os vampiros.

A boa médica parecia bem alegrinha com a possibilidade de todos trabalharem em equipe. Em mim.

Ela se virou para os vampiros reunidos.

– Se vocês elegeram apenas um dos seus para ingerir o sangue envenenado, então esse alguém vai ficar bem mal. Efeito do elemento mágico liberado pela mênade. Já a mordida de dragão de Komodo não seria problema algum para vocês – riu ela, bem-humorada.

Eu a odiava. Lágrimas de dor escorriam pelo meu rosto.



– Portanto – prosseguiu - Quando eu terminar, vai um por vez, removendo só um pouquinho. Depois faremos uma transfusão nela.

– De sangue humano – disse eu, a fim de deixar isso perfeitamente claro.

Uma vez tive de beber o sangue do Bill para sobreviver a ferimentos sérios, e outra para sobreviver a um exame geral, e numa outra ocasião bebi sangue de vampiro sem querer, por mais estranho que isso possa parecer. Depois daquela ingestão de sangue notei mudanças em mim, mudanças que eu não queria ressaltar ao beber mais uma dose. Agora, sangue de vampiro era a droga preferida dos ricos, e eu não tinha nada contra.

– Se Eric conseguir mexer uns pauzinhos para obter sangue humano – disse a anã – Podemos fazer pelo menos metade da transfusão com sangue sintético. Ah, e a propósito, meu nome é dra. Ludwig.

– Eu consigo o sangue, e ficamos lhe devendo um pagamento pela cura – ouvi Eric dizer, para meu alívio. Teria dado muita coisa para conseguir ver o rosto de Bill nessa hora. – Qual é o seu tipo sanguíneo, Sookie? – perguntou Eric.

– O positivo – disse, feliz por ter um sangue tão comum.

– Tranquilo – disse Eric. – Pam, você pode cuidar disso?

Novamente, uma movimentação na sala. Doutora Ludwig se inclinou para frente e começou a lambear minhas costas. Gritei.

– Ela é a médica, Sookie – disse Bill. – E assim que ela vai te curar.

– Mas ela vai se envenenar – disse, tentando pensar numa desculpa que não soasse homofóbica e preconceituosa. Sério, não queria ninguém lambendo minhas costas, mulher anã nem homem vampiro.

– Ela é curandeira – disse Eric, num tom de censura. – Você tem de aceitar o tratamento dela.

– Ai, tá bom – disse, sem nem me importar em deixar transparecer minha braveza. – Por sinal, até agora não ouvi um "sinto muito" da sua parte.

Minha mágoa era maior que meu amor próprio.

– Lamento que a mênade tenha escolhido você.

Eu o encarei.

– Não basta – disse. Estava me esforçando para manter minha convicção.

– Minha angelical Sookie, visão do amor e da beleza, fiquei arruinado ao saber que a mênade maldosa violou esse seu corpinho macio e sensual ao tentar entregar uma mensagem para mim.

– Melhor.

Teria ficado mais satisfeita com as palavras do Eric se nesse exato momento não tivesse levado uma porrada dolorida. (O tratamento da doutora não era exatamente agradável.) Seria melhor se as desculpas fossem muito sofisticadas ou do fundo do coração, mas como Eric não tinha coração (ou vai ver eu é que ainda não tinha percebido), só restava me distrair com suas palavras.

– Imagino que a mensagem seja uma declaração de guerra contra você, é isso? – perguntei, tentando ignorar as atividades da dra. Lu-dwig.

Eu suava pelo corpo inteiro. A dor nas minhas costas era insuportável. Sentia as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. A sala parecia estar sob uma neblina amarela, tudo parecia adoentado.



Eric parecia surpreso.

– Não exatamente – respondeu ele, cauteloso. – Pam?

– Já estou indo – disse ela. – Isso está feio.

– Comece – disse Bill, ansioso. – Ela está mudando de cor.

Fiquei imaginado, quase que em vão, qual seria minha nova cor. Não conseguia mais levantar a cabeça do sofá, como eu vinha tentando fazer antes para parecer um pouco mais alerta. Encostei a bochecha no couro,



e imediatamente meu suor grudou meu rosto. A sensação de queimadura das marcas de garras nas minhas costas corria por todo o meu corpo, agora com maior intensidade, e eu gritei porque já não conseguia me controlar. A anã pulou do sofá e se inclinou para examinar meus olhos. Ela balançou a cabeça.

— Sim, o único jeito... — disse, mas sua voz parecia vir de muito longe. Ela segurava uma seringa. A última coisa que registrei foi o rosto de Eric se aproximando, e tive a impressão de que ele me deu uma piscadinha.



Com muita relutância abri os olhos. Tinha a sensação de ter dormido dentro do meu carro, ou de que adormeci numa cadeira de espaldar alto. Com certeza havia caído no sono em algum lugar inapropriado e desconfortável. Eu me sentia meio grogue e estava toda dolorida. Pam estava sentada no chão, a pouco menos de um metro, seus olhos azuis fixos em mim.

– Funcionou – disse ela. – Dra. Ludwig estava certa.

– Ótimo.

– Sim, teria sido uma pena perdê-la antes mesmo que tivéssemos uma chance de tirar proveito de você – disse ela, com uma praticidade assustadora. – A mênade poderia ter escolhido vários outros humanos associados a nós. Todos eles muito mais descartáveis.

– Obrigada pela acolhida calorosa, Pam – murmurei.

Eu me sentia imunda, como se tivesse mergulhado num tonel de suor e depois rolando pela terra. Até meus dentes pareciam estar podres.

– Foi um prazer – disse ela, e quase sorriu.

Pelo jeito Pam tinha um senso de humor, algo pouco comum entre os vampiros. Nunca se ouviu falar de vampiros comediantes, e ele ficam indiferentes perante piadas. (Algumas piadas que *elas* contam são de dar pesadelos por uma semana.)

– O que aconteceu?

Pam voltou a intercalar os dedos em volta do joelho.

– Fizemos como dra. Ludwig mandou. Um de cada vez: Bill, Eric, Chow e eu, e quando você estava quase seca, começamos a transfusão.

Durante alguns minutos fiquei pensando sobre isso, contente por ter ficado inconsciente antes de poder vivenciar o procedimento. Bill sempre se servia de um pouco do meu sangue quando estávamos transando, então eu associava isso ao ápice do sexo. O ato de "doar" para tanta gente teria sido terrivelmente constrangedor para mim se eu estivesse ali, por assim dizer.

– Quem é Chow? – perguntei.

– Veja se você consegue se sentar – aconselhou Pam. – Chow é nosso novo barman. Ele é bem desenhado.

– Como?

– Tatuagens – disse Pam, parecendo quase humana por um instante. – É alto para um asiático, e tem uma seleção maravilhosa de... Tatuagens.

Tentei fingir que estava interessada. Eu me estiquei, sentindo uma certa sensibilidade que fez com que eu tomasse cuidado. Era como se minhas costas



estivessem cobertas de feridas que acabaram de cicatrizar, feridas que voltariam a abrir se eu não fosse cautelosa. E esse, segundo Pam me informou, era exatamente o caso.

Fora isso, eu estava sem camisa. Sem nada. Da cintura para cima. Abaixo, minhas calças continuavam intactas, embora em péssimo estado.

— Sua camisa estava tão estraçalhada que a gente teve de cortá-la — disse Pam, com um sorriso bem aberto. — A gente se revezou, segurando-a no colo. Você foi muito admirada. Bill ficou furioso.

— Vá para o inferno — foi tudo que consegui dizer.

— Bem, quanto a isso, quem sabe? — Pam deu de ombros. — Só estava querendo lhe elogiar. Você deve ser do tipo recatada.

Ela se levantou e abriu uma porta de armário. Havia camisas penduradas lá dentro, imagino que era um estoque extra para Eric. Pam tirou uma do cabide e a jogou em minha direção. Ergui o braço para pegá-la e tenho de admitir que esse movimento foi relativamente fácil.

— Pam, tem algum chuveiro aqui?

Odiaria ter de vestir a camisa branca limpa estando toda suja.

— Sim, no depósito. Ao lado do banheiro dos funcionários.

Era extremamente básico, mas era um chuveiro, com sabonete e toalha. Você saía direto no depósito, coisa que devia ser tranquila para vampiros, uma vez que eles não têm nenhum pudor. Quando Pam concordou em vigiar a porta, veio também uma oferta de ajuda para tirar minhas calças, sapatos e meias. Ela curtiu a função um pouco demais da conta.

Foi o melhor banho que tomei na vida.

Tive de me mexer devagar e cautelosamente. Percebi que estava trêmula, como se tivesse passado por uma doença grave, como pneumonia ou uma espécie de gripe muito forte. E acho que foi isso mesmo. Pam abriu a porta apenas o suficiente para me entregar uma calcinha, o que foi uma surpresa agradável, quer dizer... Até a hora em que me sequei e tentei vesti-la. Era tão minúscula e rendada que nem dava para chamar aquilo de calcinha. Pelo menos era branca. Soube que já estava melhor quando senti vontade de me olhar no espelho. A calcinha e a camisa branca foram as únicas peças de roupa que consegui vestir. Saí descalça e notei que Pam havia embolado minha calça com todo o resto e os colocou num saco plástico para que eu pudesse levar para casa e lavar. Meu bronzeado parecia absurdamente escuro contra a brancura da camisa. Bem devagarinho, caminhei de volta para o escritório de Eric e procurei uma escova de cabelo na bolsa. Estava começando a desfazer os nós quando Bill entrou e tirou a escova da minha mão.

— Deixe que eu faço isso, querida — disse ele gentilmente. — Como você está se sentindo? Tire a camisa para que eu possa ver suas costas.

Obedeci, torcendo para que não houvesse câmeras no escritório, se bem que, de acordo com o relato da Pam, eu podia relaxar quanto a isso.

— Como está? — perguntei a ele, olhando por cima do ombro. Bill foi seco na resposta:

— Vai ficar uma cicatriz.

— Imaginei.

Melhor nas costas que na frente. E estar com medo era melhor que estar morta.



Voltei a vestir a camisa, e Bill começou a desembaraçar meus cabelos, algo que ele gostava de fazer. Em pouco tempo eu me cansei e tive de sentar na cadeira de Eric enquanto Bill ficou atrás de mim.

– Então, por que a mênade me escolheu?

– Ela devia estar esperando pelo primeiro vampiro que aparecesse. O fato de você estar me acompanhando, e ser tão mais fácil de ferir, foi um bônus.

– Foi ela quem fez a gente brigar?

– Não, acho que isso foi apenas uma coincidência. Ainda não entendo por que você ficou tão brava.

– Estou cansada demais para explicar, Bill. Amanhã a gente fala sobre isso, tá bom?

Eric entrou. Estava acompanhado de um vampiro que só podia ser Chow. De cara percebi que Chow atrairia fregueses. Ele era o primeiro vampiro oriental que eu via e absurdamente lindo. Ele também estava coberto, pelo menos nas partes que eu conseguia enxergar, com o tipo de tatuagem elaborada que ouvi dizer ser a preferida dos membros da Yakuza. Não sei se Chow foi um gangster quando humano, mas agora certamente ele era bem sinistro. Passou um minuto e Pam abriu a porta, dizendo:

– Tudo trancado. Doutora Ludwig também já se foi.

Sinal de que haviam encerrado o expediente no Fangtasia. Devia ser umas duas da madrugada. Bill seguia escovando meu cabelo, e eu estava ali sentada na cadeira do escritório com minhas mãos sobre as coxas, bastante ciente da inadequação dos meus trajes. Se bem que, reparando direito, Eric era tão alto que sua camisa cobria tanto quanto alguns dos meus shorts. Acho que era a lingerie que eu usava por baixo que me deixava tão encabulada. Além de estar sem sutiã. Como Deus foi bem generoso comigo no departamento peitos, não tem como não perceber quando estou sem sutiã.

Mas pouco importava que eu estivesse menos vestida do que gostaria, ou que essas pessoas estavam cansadas de ver meus peitos; tinha de me comportar.

– Obrigada por salvarem minha vida – disse.

Não consegui ser calorosa, mas torci para que eles percebessem que eu estava sendo sincera.

– O prazer foi todo meu, mesmo – disse Chow, com uma malícia inconfundível na voz.

Ele tinha um pouco de sotaque, mas eu não tenho muita experiência nas particularidades das diversas variantes de orientais para dizer de onde ele era, originalmente. Também tinha certeza de que "Chow" não era seu nome completo, mas era assim que todos os outros vampiros lhe chamavam.

– Sem o veneno, teria sido perfeito.

Dava para sentir que Bill estava tenso, parado atrás de mim. Ele apoiou as mãos nos meus ombros, e eu levantei o braço para colocar meus dedos sobre os dele.

Eric disse:

– Valeu a pena ter ingerido o veneno. – Ele levou os dedos à boca e os beijou, como que saboreando meu sangue. Eca.

Pam sorriu.



– Sempre às ordens Sookie.

Ah, que lindo isso.

– Você também, Bill – eu disse, jogando minha cabeça para trás, e apoiando-a contra a sua.

– O prazer foi todo meu – disse ele, esforçando-se para manter a calma.

– Por acaso vocês dois brigaram antes de Sookie encontrar a mênade? – perguntou Eric. – Foi isso que ouvi Sookie dizer?

– Isso é problema nosso – disse, sem pensar, e os três vampiros trocaram sorrisos. Não gostei nada daquilo. – Aliás, por que você quis que viéssemos aqui hoje? – perguntei, tentando escapar dos assuntos particulares entre mim e Bill.

– Sookie, você se lembra da promessa que fez para mim? Que você usaria sua habilidade mental para me ajudar, contanto que eu preservasse a vida dos humanos envolvidos?

– Claro que lembro.

Não sou de esquecer promessas, especialmente uma promessa feita a um vampiro.

– Desde que Bill foi nomeado investigador da Área 5 não tivemos muitos relatos de acontecimentos misteriosos. Mas a Área 6, no Texas, precisa do seus talentos especiais. Então a gente te emprestou para eles.

Eu tinha sido alugada, como uma serra elétrica ou uma escavadeira. Fiquei me perguntando se os vampiros em Dallas tiveram de fazer um depósito de proteção contra danos.

– Sem o Bill eu não vou.

Olhei bem nos olhos de Eric. Senti os dedos de Bill dando um leve apertão nos meus ombros e soube que havia dito a coisa certa.

– Ele estará lá. Foi uma negociação muito vantajosa – disse Eric, com um largo sorriso. O efeito era realmente desconcertante, pois ele estava contente com alguma coisa, e seus caninos estavam para fora. – Temíamos que eles pudessem roubá-la, ou matá-la, então um acompanhante foi parte do acordo desde o começo. E quem melhor que Bill? Se por algum motivo Bill vier a ficar impossibilitado de protegê-la mandaremos outro acompanhante na mesma hora. E os vampiros de Dallas concordaram em providenciar um carro com motorista, hospedagem e refeições, e, claro, pagarão uma bela taxa. Bill receberá uma percentagem.

Sendo que era eu quem ia trabalhar?

– Você pode acertar sua parte direto com Bill – disse Eric, na maior calma. – Tenho certeza de que no mínimo ele vai recompensá-la pelo tempo que ficará afastada do seu emprego.

Será que Ann Landers, aquela conselheira sentimental que há tanto tempo responde cartas no jornal, já escreveu sobre: "Quando seu namorado vira seu empresário"?

– Por que uma mênade? – perguntei, surpreendendo a todos eles. Torci para estar pronunciando a palavra direito. – Náiades vêm da água e dríades dos bosques, certo? Então, por que uma mênade no meio da floresta? As mênades não seriam mulheres condenadas à loucura pelo deus Baco?



– Sookie, você tem um conteúdo que a gente nem desconfia – disse Eric, depois de uma pausa considerável. Não contei a ele que aprendi isso num romance de suspense. Deixe que ele pense que leio os gregos no original. Mal não faz.

Chow disse:

– O deus dominou algumas mulheres de tal modo que elas se tornaram imortais, ou bem perto disso. Baco era o deus do vinho, então, obviamente, bares são ambientes interessantíssimos aos olhos das mênades. Aliás, tão interessante que elas não gostam que outras criaturas da noite se metam nesse meio. Mênades acham que a violência causada pelo consumo de álcool pertence a elas. É disso que elas se alimentam, agora que ninguém mais venera o deus delas, pelo menos formalmente. E o orgulho as atrai.

Com isso eu me dei conta de uma coisa. Estávamos os dois: Bill e eu, com o orgulho ferido nessa noite...

– Tínhamos apenas ouvido boatos de que havia uma mênade na região – disse Eric. – Até Bill te trazer...

– E sobre o que ela estava querendo te alertar? O que ela quer?

– Um tributo – disse Pam. – Acharmos que é isso.

– De que tipo?

Pam deu de ombros. Pelo jeito essa era a única resposta que eu receberia.

– Ou...? – perguntei. Novamente eles ficaram olhando. Suspirei, irritada. – O que ela vai fazer se vocês não pagarem o tributo?

– Espalhar sua loucura – Bill parecia preocupado.

– Para o bar? No Merlotte's? – embora houvesse vários bares na região.

Os vampiros trocaram olhares entre si.

– Ou para dentro de um de nós – disse Chow. – Já aconteceu antes. O massacre de Halloween de 1876, em St. Petersburg.

Todos balançaram as cabeças, solenemente.

– Eu estava lá – disse Eric. – Precisou de vinte de nós para limpar o lugar. E tivemos de esfaquear Gregory. Foi preciso da ajuda de todos para fazê-lo. A mênade, Phryne, recebeu seu tributo depois disso, com certeza.

Para vampiros esfaquearem um dos seus é porque o negócio foi sério. Uma vez Eric esfaqueou um vampiro que lhe roubou, e Bill me contou que depois ele teve de cumprir uma pena severa. A quem, Bill não disse, e eu não perguntei. Eu podia viver perfeitamente bem sem saber certas coisas.

– Então você vai pagar um tributo para essa mênade?

Eles estavam debatendo o assunto, dava para perceber.

– Sim – disse Eric. – E melhor assim.

– Imagino que seja bem difícil matar uma mênade – disse Bill, com um tom de interrogação.

Eric estremeceu.

– Ah, é – disse ele. – É sim.

Durante a viagem de volta para Bon Temps, Bill e eu permanecemos em silêncio. Eu tinha várias perguntas sobre a noite, mas estava caindo de cansaço.



— Eu devia contar essa história para Sam — disse, assim que paramos na frente de casa.

Bill deu a volta para abrir minha porta.

— Por que, Sookie?

Ele pegou minha mão para me conduzir para fora do carro, sabendo que eu mal conseguia andar.

— Porque... — e então eu parei no ato. Bill sabe que Sam é sobrenatural, mas não quis lembrá-lo disso. Sam é dono de um bar, e estávamos mais perto de Bon Temps que de Shreveport quando a mênade surgiu.

— Ele tem um bar, mas deve estar bem — disse Bill, sensato. — Além do que, a mênade disse que o recado era para Eric.

Isso era verdade.

— Você pensa demais em Sam para o meu gosto — disse Bill, e eu me afastei dele.

— Você está com ciúmes?

Bill fica muito circunspecto quando outros vampiros me admiram, mas achei que isso fosse apenas por uma questão de território. Não sabia como reagir diante desse novo sentimento. Nunca na minha vida aconteceu de alguém sentir ciúmes de mim.

Bill não respondeu de um jeito muito irritadiço.

— Hummm — disse, pensativa. — Ah, sei, sei...

Eu sorria sozinha enquanto Bill me ajudava a subir as escadas da velha casa, até meu quarto, o quarto onde minha avó dormiu por tantos anos. Agora as paredes estavam pintadas de amarelo claro, o madeiramento era branco queimado, as cortinas eram branco queimado com flores claras salpicadas. Sob a cama, uma colcha combinando.

Entrei no banheiro para escovar os dentes e tratar de outras coisas, e saí ainda vestindo a camisa do Eric.

— Tire isso — disse Bill.

— Olha, Bill, normalmente eu estaria louca de vontade, mas hoje...

— Não, é que eu odeio vê-la com a camisa dele.

Sei, sei... Até que dava para me acostumar com isso. Por outro lado, se ele levasse a extremos, podia virar uma chateação.

— Ah, tudo bem — disse, suspirando alto, um suspiro que poderia ser ouvido a metros de distância. — Acho que o jeito é arrancar essa camisa velha.

Lentamente fui desabotoando, ciente de que os olhos de Bill acompanhavam minhas mãos conforme elas desciam pelos botões, abrindo a camisa um pouco mais a cada vez. Por fim, eu a tirei e fiquei ali, apenas com a calcinha branca dada por Pam.

— Oh — Bill arfou, e isso foi o suficiente como tributo para mim. Que se danem as mênades, só de ver a expressão no rosto de Bill eu já me sentia como uma deusa.

Talvez eu dê um pulinho no Fox Femme Lingerie em Ruston no meu dia de folga. Ou quem sabe eu encontre lingerie na nova loja de roupas que Bill comprou...

Não foi fácil explicar a Sam que eu precisava ir para Dallas. Ele foi incrível comigo quando perdi minha avó, e eu o considerava um bom amigo, excelente amigo e (muito esporadicamente) uma fantasia sexual. Disse a Sam que estava apenas tirando umas férias. Deus é testemunha de que nunca pedi férias antes. Mas ele já

tinha sacado qual era o lance. Sam não gostou. Seus olhos azuis brilhantes pareciam estar pegando fogo, e seu rosto estava duro, e até seus cabelos ruivos pareciam estalar. Embora ele praticamente tenha se amordaçado para se impedir de dizer qualquer coisa, era óbvio que Sam achava que Bill não devia ter concordado com a minha ida. Mas Sam não conhecia todas as circunstâncias do meu acordo com os vampiros, do mesmo modo que apenas Bill, de todos os vampiros que eu conheço, notou que Sam é um mutante. E tentei não lembrar Bill disso. Não queria ele pensando em Sam mais do que já pensava. Bill podia chegar à conclusão de que Sam é um inimigo, e eu não queria, de jeito nenhum, que Bill pensasse isso. E terrível ter um inimigo como Bill.

Depois de tantos anos lendo pensamentos indesejados nas mentes das pessoas, fiquei boa em guardar segredos e simular uma expressão neutra. Mas confesso que colocar Bill e Sam em compartimentos separados toma uma energia e tanto.

Depois de ter concordado em me dar os dias de folga, Sam reclinou na cadeira, seu físico rijo estava camuflado sob uma camiseta azul esverdeada do Merlotte's. Sua calça jeans era velha, porém limpa, e suas botas de solas pesadas eram antigas. Eu estava sentada na beirada da cadeira de visitante, na frente da mesa do Sam, com a porta do escritório fechada atrás de mim. Sabia que não tinha ninguém parado atrás da porta, ouvindo nossa conversa; afinal, o bar estava barulhento como sempre, com a jukebox choramingando um Zydeco* e berros daqueles que tomaram umas a mais. Mesmo assim, quando se fala sobre uma ménade, usamos a voz baixa, e eu me apoiei na mesa.

Sam automaticamente imitou minha postura, e eu pousei a mão no seu braço. Disse, sussurrando:

– Sam, tem uma ménade na estrada para Shreveport.

O rosto de Sam ficou branco por um longo instante antes de ele rachar de rir.

Sam não se recuperou do ataque por pelo menos três minutos, sendo que durante esse ínterim eu fiquei bem irritada.

– Desculpa – dizia ele e começava a rir novamente – Você tem noção de como isso é irritante quando foi você mesma quem provocou?

Ele deu a volta na mesa, ainda tentando conter o riso. Eu me levantei porque ele se levantou, mas estava possessa. Ele segurou nos meus ombros.

– Desculpa, Sookie – repetiu ele. – Nunca vi uma, mas ouvi dizer que são terríveis. O que você tem a ver com isso? Com a ménade?

– Ela não está feliz, coisa que você saberia se visse as cicatrizes nas minhas costas – disse, furiosa, e então o rosto dele mudou, e como.

– Você foi atacada? Como isso foi acontecer?

Contei para ele, tentando não fazer drama, e amenizando o processo de cura com os vampiros de Shreveport. Mesmo assim ele quis ver as cicatrizes. Eu me virei, e ele levantou minha camiseta, não além da linha do sutiã. Não emitii nenhum som, mas eu senti um toque nas minhas costas, e depois de um segundo percebi que ele beijou minha pele. Estremeci. Ele desceu a camiseta e me virou para ele.



– Sinto muito – disse, com total sinceridade. Agora ele não ria mais, longe disso. Estava parado bem junto de mim. Eu quase sentia o calor da sua pele,

** Zydeco: um tipo de música folk norte-americana caracterizada pelo som do acordeom. (N. do T.)*

eletricidade estalando entre os pelos finos dos seus braços.

Respirei fundo.

– Temo que ela volte sua atenção para você – expliquei. – Sam, o que é que mênades exigem como tributo?

– Minha mãe costumava dizer ao meu pai que elas amam homens orgulhosos – disse ele, e por um instante achei que ele ainda estava tirando uma com a minha cara. Mas olhei nos seus olhos, e ele não estava.

– Não tem nada que mênades amem mais que esraçalhar um homem orgulhoso. Literalmente.

– Eca – disse. – Tem alguma outra coisa capaz de satisfazê-las?

– Carne de caça. Das grandes. Ursos, tigres, essas coisas.

– Vai ser difícil encontrar um tigre em Louisiana. Talvez dê para encontrar um urso, mas como levá-lo até o território da mênade?

Fiquei considerando a questão por um tempo, mas não cheguei a nenhuma resposta.

– Suponho que ela vá preferir que o tributo esteja vivo – disse, num tom de pergunta.

Sam, que parecia estar me observando em vez de ponderando o problema, assentiu com a cabeça. Então ele se inclinou e me beijou. Eu devia ter imaginado.

Ele era tão quente, comparado a Bill. Bill nunca chegava nem perto de ficar quente. Morno, quando muito. Os lábios de Sam eram quentes, e sua língua também. O beijo foi profundo, intenso, inesperado, como a excitação que você sente quando alguém te dá um presente que você não sabia que queria. Seus braços estavam em volta de mim, os meus nele, e estávamos ali para valer, até que eu voltei à realidade.

Afastei-me um pouco, e ele levantou a cabeça lentamente.

– Preciso mesmo sair da cidade por um tempo – disse a ele.

– Perdão, Sookie, mas há anos que eu queria fazer isso.

Havia várias abordagens que eu poderia adotar a partir dessa declaração, mas juntei minha determinação e resolvi fazer a coisa certa.

– Sam, você sabe que eu...

– É apaixonada por Bill – ele já sabia o resto, sem precisar ler meu pensamento.

Eu não sabia com certeza absoluta se era apaixonada por Bill, mas o amava, e havia me comprometido com ele. Então, para simplificar as coisas, assenti.

Eu não consigo ler os pensamentos de Sam muito claramente, pois ele é um ser sobrenatural. Mas eu teria sido uma idiota, uma telepática incompetente se não percebesse as ondas de frustração e desejo que ele emitia.

– O que eu estava tentando dizer – disse, depois de um minuto, durante o qual nos desenroscamos e nos afastamos um do outro – É que essa mênade tem uma predileção por bares, e esse é um bar cujo proprietário não é exatamente um humano típico, assim como o bar do Eric, em Shreveport. Então é melhor você ficar de olho.

Sam parecia estar todo cheio de si por eu ter avisado sobre a mênade, como se esse fosse um sinal para que ele tivesse mais esperança.



– Obrigado por me avisar, Sookie. Da próxima vez que eu me transformar, tomarei cuidado na floresta.

Nem pensei na possibilidade de Sam encontrar a mênade durante suas aventuras mutantes, e de repente tive de me sentar ao imaginar a situação.

– Ah, não... – disse enfaticamente. – É melhor você não se transformar, de jeito nenhum.

– Dentro de quatro dias vai ser lua cheia – disse Sam, depois de uma olhada de relance no calendário. – Tenho de me transformar. Já pedi para Terry cuidar de tudo por aqui para mim nessa noite.

– O que você disse a ele?

– Disse que tinha um encontro. Ele nunca olhou no calendário para perceber que toda vez que o chamo é lua cheia.

– Que coisa. A polícia voltou a perguntar sobre Lafayette?

– Não – Sam balançou a cabeça. – E eu contratei um amigo do Lafayette. Khan.

– Tipo Sher Khan?

– Tipo Chaka Khan.

– Tá, mas ele sabe cozinhar?

– Ele foi despedido do Shrimp Boat.

– Por qual motivo?

– O cara é meio estrela, acho – o tom na voz de Sam era seco.

– É tudo o que a gente não precisa aqui – comentei, minha mão já na maçaneta.

Foi bom ter tido essa conversa com Sam, para aliviar a situação tensa e sem precedentes entre nós. Nunca nos abraçamos no trabalho. Na verdade, só havíamos nos beijado uma vez antes, quando Sam me levou para casa depois da nossa única saída, meses antes. Sam é meu chefe, e se envolver com o chefe é sempre uma má ideia. Começar a ter algo com seu chefe quando seu namorado é um vampiro é outra má ideia, possivelmente uma ideia fatal. Sam precisava arranjar uma mulher. Rápido.

Quando estou nervosa, sorrio. Assim, eu estava radiante quando disse que ia voltar para o trabalho e passei pela porta, fechando-a atrás de mim. Eu tinha sentimentos confusos a respeito do que havia se passado no escritório do Sam, mas coloquei isso de lado e me preparei para servir alguns drinques.

Não havia nada de anormal na clientela daquela noite no Merlotte's. Hoyt Fortenberry, amigo do meu irmão, bebia com seus camaradas. Kevin Prior, que eu estava mais acostumada a ver de uniforme, estava sentado com Hoyt, mas não estava se divertindo. Sua cara era de quem preferia estar no seu carro de patrulha com sua parceira, Kenya. Meu irmão, Jason, entrou com seu acessório cada vez mais frequente: Liz Barrett. Liz sempre fazia cara de estar feliz em me ver, mas ela nunca tentava agradar, coisa que lhe conferia muitos pontos na minha cartilha. Minha avó ficaria feliz de saber que Jason está saindo direto com Liz. Jason esteve no mercado por anos, até que o mercado se cansou de Jason. Afinal, há um limite para o estoque de mulheres em Bon Temps e redondeza, e Jason liquidou esse estoque há anos. Ele precisava reabastecer. Fora que Liz parece estar disposta a ignorar os pequenos esbarrões que Jason teve com a lei.

— Irmãzinha! — disse ele, numa espécie de cumprimento. — Traga dois uísques com soda, por favor.

— Com prazer — disse, sorrindo.

Embalada por uma onda de otimismo, sintonizei em Liz por um instante. Ela estava torcendo para que Jason pedisse sua mão logo. Pensava que quanto antes, melhor, pois tinha quase certeza de estar grávida.

Ainda bem que passei anos escondendo meus pensamentos. Levei um drinque para cada um deles, cuidadosamente me protegendo de outros pensamentos soltos que eu poderia pescar, e tentei pensar no que fazer. Essa é uma das piores coisas de ser telepata. As coisas que as pessoas estão pensando, mas não comentam, são coisas que as outras pessoas (como eu) realmente não querem saber. Ou não gostariam de saber. Já perdi as contas de quantos segredos ouvi e juro: nenhum deles me serviu de nada, de um jeito ou de outro.

Se Liz estava grávida, ela não devia estar bebendo, independentemente de quem fosse o pai da criança.

Prestei bastante atenção nela. Ela tomou um golinho de nada do copo e cobriu-o com as mãos para escondê-lo parcialmente. Durante alguns instantes ela e Jason conversaram, então Hoyt o chamou, e Jason se virou no banco do balcão para encarar seu velho amigo de escola. Liz olhou para o drinque com cara de que queria entorná-lo de uma só vez.

Passei um copo idêntico para ela, só que apenas com refrigerante, e retirei o coquetel. Liz olhou para mim com seus enormes olhos castanhos, completamente espantada.

— Você não pode — sussurrei.

O rosto moreno de Liz ficou branco de tudo.

— Você tem bom senso — disse a ela. Estava me esforçando para explicar o motivo da minha intervenção, quando era contra minha política pessoal intervir naquilo que descobri de modo tão sorrateiro. — Você tem bom senso. Sabe como agir.

Então Jason se virou, e alguém de outra mesa pediu mais uma jarra de cerveja. Conforme saí de trás do bar para anotar os pedidos, notei que Portia Bellefleur estava na porta. Ela olhou pelo bar escuro, procurava alguém. Para minha grande surpresa, esse alguém era eu.

— Sookie, você tem um minuto? — perguntou ela.

Eu podia contar nos dedos de uma mão as conversas pessoais que tive com Portia na vida. Dava para contar em um único dedo. Eu não fazia ideia do que ela tinha em mente.

— Sente-se ali — disse, apontando para uma mesa vazia na minha área. — Vou num instante.

— Ah, tudo bem. Acho melhor eu pedir uma taça de vinho. Merlot.

— Já levo.

Servi o vinho com cuidado e o coloquei na bandeja. Depois de dar uma olhada para ver se todos os meus clientes estavam sossegados, levei a bandeja até a mesa de

Portia e me sentei de frente para ela. Sentei-me na beirada da cadeira, assim qualquer um que estivesse esvaziando o copo poderia ver que eu estava prestes a me levantar.

– Pois não – ergui os braços para conferir se meu rabo de cavalo estava firme. Sorri para Portia.

Ela parecia concentrada em sua taça de vinho. Girou-a com os dedos, tomou um gole e voltou a colocá-la bem no centro do porta-copo.

– Quero lhe pedir um favor – disse.

Ah, jura? Como nunca tive uma conversa descontraída com Portia que tenha passado de duas linhas, era óbvio que ela queria alguma coisa de mim.

– Já sei. Você veio porque seu irmão quer que eu escute a conversa das pessoas enquanto elas estiverem no bar, para que eu possa descobrir alguma coisa sobre a orgia da qual Lafayette disse ter participado.

Como se eu não tivesse previsto isso. Portia parecia constrangida, porém determinada.

– Ele jamais pediria isso a você se não estivesse em apuros, Sookie.

– Ele jamais me pediria porque não vai com a minha cara. Embora eu sempre tenha sido legal com ele, a vida toda! Mas agora acha que tudo bem me pedir ajuda, pois está realmente precisando.

A pele branca de Portia começava a mudar para um tom vermelho bem suspeito. Sabia que não era simpático da minha parte descontar os problemas do seu irmão em cima dela, mas, afinal de contas, ela havia concordado em ser a mensageira. E você sabe o que acontece com mensageiros. Isso fez com que eu pensasse na minha função de mensageira, na noite anterior, e me perguntei se hoje eu não devia estar me sentindo afortunada.

– Eu não concordei com isso – resmungou ela.

Era humilhante para ela ter de pedir um favor a uma garçonete, ainda por cima uma Stackhouse.

Ninguém gostava do fato de eu ter um "dom". Ninguém queria que eu o aplicasse neles. Mas todo mundo queria que eu o usasse em prol de causas pessoais, sem se importar com o que eu sentia quando vasculhava sentimentos (a maioria desagradável e irrelevante) dos frequentadores do bar a fim de obter as tais informações desejáveis.

– Você se esqueceu de que há pouco tempo Andy prendeu meu irmão por suspeita de assassinato?

Claro que Andy teve de soltar Jason logo depois, mas mesmo assim. Se Portia ficasse um pouco mais vermelha, daria para começar uma fogueira.

– Deixa para lá, então – disse ela, recolhendo o resto de dignidade. – Não precisamos da ajuda de uma aberração como você.

Eu tinha acertado seu ponto fraco, pois Portia sempre foi educada, se bem que nunca afetuosa.

– É o seguinte, Portia Bellefleur. Escutarei um pouco. Não por você nem por seu irmão, mas porque eu gostava do Lafayette. Ele era meu amigo e sempre foi muito mais legal comigo que você ou Andy.

– Não vou com a sua cara.



– Não me importo.

– Querida, algum problema? – perguntou uma voz suave vindo de trás de onde eu estava.

Bill. Busquei-o com a minha mente e senti o vazio tão relaxante bem atrás de mim. Outras mentes zumbem como abelhas num jarro, mas a de Bill é como um globo cheio de ar. É maravilhoso. Portia se levantou tão rápido que sua cadeira quase tombou para trás. Ela tem medo até de ficar perto de Bill, como se ele fosse uma cobra peçonhenta ou algo assim.

– Portia só estava me pedindo um favor – disse, lentamente, notando pela primeira vez que nosso pequeno trio estava chamando a atenção do resto da clientela.

– Em retribuição às inúmeras gentilezas dos Bellefleurs? – perguntou Bill.

Portia se irritou. Ela se virou e saiu do bar batendo pé. Bill acompanhou a cena com a mais estranha expressão de satisfação.

– Agora preciso descobrir o que afinal aconteceu naquela noite

– disse e me apoiei nele.

Ele passou os braços em volta de mim e me puxou para mais perto. Era como ser abraçada por uma árvore.

– Os vampiros de Dallas já arrumaram tudo – disse Bill. – Você pode partir amanhã à tardezinha?

– E você?

– Posso ir no meu caixão, se você concordar em conferir que serei entregue no aeroporto. Assim teremos a noite toda para descobrir o que esses vampiros de Dallas querem da gente.

– Quer dizer que vou ter de te levar para o aeroporto num carro funerário?

– Não, querida. Você só tem de ir. Tem um serviço de transporte que cuida de tudo isso.

– Um serviço que transporta vampiros durante o dia?

– Sim, são licenciados e têm seguro.

Tive de pensar sobre isso por um instante.

– Quer uma garrafa? Sam colocou algumas para esquentar.

– Sim, por favor. Um pouco de O positivo.

O meu tipo sanguíneo. Que meigo. Sorri para Bill, não o meu sorrisinho forçado padrão, mas um sorriso verdadeiro, de coração. Tenho tanta sorte de tê-lo, independentemente dos nossos problemas de relacionamento. Não conseguia acreditar que beijei outra pessoa e afastei essa ideia assim que ela passou pela minha cabeça.

Bill sorriu de volta, talvez essa não fosse uma imagem exatamente serena, pois ele estava feliz em me ver.

– A que horas você consegue sair daqui? – perguntou ele, chegando mais perto. Olhei no relógio.

– Meia hora – prometi.

– Fico esperando.

Ele se sentou à mesa que Portia havia deixado, e eu trouxe o sangue, rapidinho!

Kevin se aproximou para conversar com ele e acabou sentando-se à mesa. Apenas duas vezes cheguei perto o bastante para pescar fragmentos da conversa deles; conversavam sobre os tipos de crimes que acontecem na nossa cidadezinha, sobre o preço da gasolina e sobre quem ganharia a próxima eleição para xerife. Era tão normal! Fiquei radiante de orgulho. Quando Bill começou a frequentar o bar, o clima era tenso. Agora as pessoas ficavam na boa, conversavam com Bill ou acenavam com a cabeça, mas sem grande alarde, para o bem ou para o mal. Fora esses problemas sociais, já havia um bom número de problemas legais referente a vampiros.

Naquela noite, quando Bill me levou embora, ele parecia estar num humor ótimo. Não entendi o motivo até perceber que ele estava super feliz com a viagem para Dallas.

— Você está louco para viajar, né? — perguntei, curiosa e não muito satisfeita com essa nova manifestação de tesão por viajar.

— Viajei durante anos. Foi ótimo passar esses meses em Bon Temps — disse ele, conforme esticou o braço para acariciar minha mão — Mas, naturalmente, gosto de visitar outros da minha espécie, e os vampiros de Shreveport têm poder demais sobre mim. Não consigo relaxar quando estou com eles.

— Os vampiros eram tão organizados assim antes de vocês virem a público? — eu evitava ficar perguntando sobre a sociedade vampírica, pois nunca sabia como Bill ia reagir, mas estava realmente curiosa.

— Não desse jeito — disse ele, evasivo.

Sabia que essa era a melhor resposta que conseguiria, mas mesmo assim dei um suspiro. Todo cheio de mistérios... Vampiros ainda tinham limites muito bem definidos. Nenhum médico pode examiná-los e nenhum vampiro pode ser convocado para as forças armadas. Como compensação por essas concessões legais, o povo americano exigiu que vampiros médicos e enfermeiras — e não eram poucos — pendurassem as chuteiras, pois humanos não confiam em profissionais da saúde bebedores de sangue. Se bem que, do ponto de vista dos humanos, vampirismo não passa de uma reação alérgica extrema causada por uma combinação de fatores, incluindo alho e luz do sol.

Embora eu seja humana — uma humana estranha, sei que não é bem assim. Fui muito mais feliz no tempo em que acreditei que Bill sofria de alguma doença conhecida. Agora eu sei que essas criaturas que desconsiderávamos, enxotando as para a categoria de mitos e lendas, têm um hábito medonho de ficar provando que são reais. A mônade, por exemplo. Quem acreditaria que uma antiga personagem da mitologia grega estaria passeando pelas florestas do norte de Louisiana?

Vai ver, existem mesmo "fadas no chão do jardim", frase de uma música que minha avó costumava cantar enquanto pendurava roupas no varal.

— Sookie? — havia um tom persistente e delicado na voz de Bill.

— O quê?

— Você estava concentrada, pensando em alguma coisa.

— Sim, apenas pensando no futuro — disse, distraída. — E no voo. Você precisa me dizer o que ficou combinado e a que horas preciso estar no aeroporto. E que tipo de roupa devo levar.



Bill ia pensando nessas coisas quando chegamos na entrada para carros da minha velha casa, e eu soube que ele levaria meu pedido a sério. Essa era uma das suas qualidades.

— Mas antes de fazer a mala — disse, com seus olhos escuros solenes sob as sobrancelhas arqueadas — tem outra coisa que precisamos discutir.

— O quê? — Eu estava parada no meio do meu quarto, olhando para o armário aberto, quando registrei suas palavras.

— Técnicas de relaxamento.

Eu me virei para encará-lo, mãos no quadril.

— Do que você está falando?

— Disso.

Ele me ergueu do chão no clássico gesto de Rhett Buttler, e apesar de eu estar usando calças, em vez de camisola ou vestido longo, Bill conseguiu fazer com que eu me sentisse tão linda e inesquecível quanto Scarlett O'Hara. Ele tampouco teve de flamar escada acima, a cama estava logo ali. Na maioria das noites Bill ia com calma, com tanta calma que eu achava que ia começar a gritar antes de ele chegar aos finais, por assim dizer. Mas naquele dia, eufórico com a viagem, pela excursão iminente, Bill deu uma acelerada considerável. Chegamos juntos ao fim do túnel, e enquanto ficamos deitados durante os pequenos espasmos decorrentes de um amor bem sucedido, fiquei imaginando o que os vampiros de Dallas pensariam da nossa relação.

Estive em Dallas uma única vez, numa excursão da escola para aquele parque aquático, o Six Flags, e não foi nada divertido. Eu não era boa em proteger minha mente dos pensamentos emitidos constantemente por outras mentes. Fui surpreendida pela ficada inesperada da minha melhor amiga, Marianne, com um colega de classe chamado Dennis Engelbright, e nunca havia estado longe de casa antes.

Dessa vez seria diferente, disse a mim mesma, determinada. Ia a convite dos vampiros de Dallas; isso era muito chique. Eles precisavam de mim por causa das minhas habilidades, que eram exclusivamente minhas. Eu devia me concentrar em não ficar me referindo à minha peculiaridade como deficiência. Havia aprendido a controlar minha telepatia, pelo menos aprendi a ter mais precisão e capacidade de previsão. Tinha meu homem. Ninguém ia me abandonar.

Mesmo assim, confesso que antes de dormir derramei algumas lágrimas pela agonia da minha sina.



Fazia um calor dos infernos em Dallas, especialmente na calçada do aeroporto. Os breves dias de outono deram uma recaída, retornando o clima quente de verão. Rajadas de vento quente contendo todos os sons e odores do aeroporto Dallas-Fort Worth oriundos de pequenos automóveis e aviões, de seus combustíveis e carga pareciam se acumular em torno da rampa de desembarque de cargas do avião que eu esperava. Peguei um voo comercial normal, mas Bill teve de ser despachado.

Eu me abanava com o casaco do meu terno, tentando manter as axilas secas, quando o padre se aproximou.

Inicialmente, por respeito à sua batina, não me opus à abordagem, embora eu não estivesse a fim de papo. Havia acabado de sair de uma experiência completamente nova, e teria vários outros obstáculos pela frente.

— Posso te ajudar? Não pude deixar de notar sua situação — disse o homenzinho.

Ele estava vestido de maneira bastante sóbria, no preto eclesiástico, e transmitia comiseração. Além do mais, ele tinha aquela segurança típica de alguém que está acostumado a abordar estranhos e ser recebido com gentileza. No entanto, achei que seu corte de cabelo era pouco comum para um padre. Seus cabelos castanhos eram longos, embaraçados, e ele também tinha um bigode. Mas reparei nisso apenas por cima.

— Minha situação? — perguntei, sem prestar muita atenção às suas palavras.

Eu tinha acabado de avistar o caixão de madeira lustrosa na ponta do compartimento de carga. Bill era tão conservador... Um caixão de metal teria sido mais prático para uma viagem. Os funcionários desinformados empurravam-no para o começo da rampa, então em algum ponto haviam colocado rodinhas no caixão. Garantiram a Bill que ele chegaria ao seu destino sem um arranhão. E os policiais armados atrás de mim eram uma garantia de que nenhum fanático ia chegar correndo e arrancar a tampa. Esse foi um dos serviços adicionais que a empresa de aviação Anúbis Air* divulgou na sua propaganda. Instruída por Bill, também especifiquei que queria que ele fosse o primeiro a ser retirado do avião. Até então, tudo ia bem.

Dei uma olhada no lusco-fusco. As luzes em torno do campo haviam sido acesas minutos antes. Sob a luz dissonante a cabeça do chagal negro pintada no rabo do avião ganhava um aspecto selvagem que criava sombras profundas onde antes não havia nada. Olhei as horas novamente.

— Sim. Sinto muito.

Olhei de esguelha para meu companheiro indesejado. Perguntei-me se ele teria embarcado em Baton Rouge. Não me lembrava de ter visto seu rosto, mas até aí estive bem nervosa durante todo o voo.

— Perdão — disse. — Sente muito por quê? Algum problema?

Ele parecia abismado, desconcertado.

— Bem — disse, apontando a cabeça em direção ao caixão, que agora descia a rampa pelo sistema de rolamento. — Sua perda. Era algum ente querido?

Ele se aproximou um pouco mais.



– Sim, claro – respondi, entre acanhada e irritada.

O que é que ele estava fazendo ali? Certamente a companhia aérea não
* *Anúbis: Deus egípcio da morte. (N. do T.)*

contratava um padre para cada pessoa que viajava com caixão. Especialmente um caixão da Anúbis Air.

– Por qual outro motivo eu estaria parada aqui?

Comecei a ficar preocupada. Lenta e calmamente baixei minhas guardas mentais e fui examinando o homem ao meu lado. Sei, sei... Uma invasão de privacidade. Mas eu era responsável não apenas pela minha própria segurança, mas também pela de Bill.

O padre, que por sinal era um forte emissor, estava pensando sobre a noite que caía com a mesma intensidade que eu, e com muito mais medo. Ele estava torcendo para que seus amigos estivessem onde deveriam estar.

Tentando não deixar transparecer minha ansiedade, que só aumentava, olhei novamente para cima. Lá no fim do horizonte restava apenas um traço bem fraco de luz no céu do Texas.

– Seu marido, talvez? – Ele apoiou os dedos no meu braço.

O cara era muito sinistro. Olhei para ele. Seus olhos estavam fixos nos funcionários que cuidavam da bagagem, bastante visíveis no bagageiro do avião. Usavam um macacão preto e prateado com o logo da Anúbis no lado esquerdo do peito. Então seu olhar se voltou para o funcionário em solo que se preparava para conduzir o caixão para o carro de bagagens, forrado e estratificado. O padre queria... o que é que ele queria? Ele esperava pelo momento em que os funcionários estivessem olhando para o outro lado, preocupado. Ele não queria que eles vissem. Enquanto ele... o quê?

– Não... é meu namorado – disse, apenas para manter nosso fingimento.

Minha avó havia me criado para ser educada, mas não idiota. Sorrateiramente abri minha bolsa com uma mão e peguei o spray de pimenta que Bill tinha me dado, no caso de uma emergência. Segurei o pequeno cilindro ao lado da perna. Estava me afastando do falso padre e de suas intenções nebulosas, mas sua mão foi apertando meu braço quando a tampa do caixão se abriu.

Os dois funcionários dentro do avião se atiraram no chão. Agora eles faziam uma reverência. O que tinha empurrado o caixão para o carrinho disse: "Caralho!" antes de fazer a reverência (novato, imagino). Esse toque de comportamento subserviente também era um adicional da companhia aérea, mas achei meio demais da conta.

O padre disse: "Jesus me proteja", só que em vez de cair de joelhos pulou para a minha direita, me pegou pelo braço do spray e começou a me sacudir.

Primeiro achei que ele estivesse tentando me afastar do perigo representado pelo caixão que se abriu, empurrando-me para um lugar seguro. E acho que para os funcionários da bagagem, compenetrados na atuação deles como atendentes da Anúbis Air, era isso que parecia estar acontecendo. Portanto eles nem me ajudaram, apesar de eu ter berrado "me solta!" com toda a minha potente voz. O "padre" continuou sacudindo meu braço e tentando correr, e eu segui firmando meu salto e



puxando em sentido contrário. Com a mão que estava livre, bati nele. Não ia deixar alguém me arrastar contra a minha vontade, não sem uma boa briga.

– Bill! – Eu estava realmente assustada.

O padre não era um homem grande, mas era mais alto e mais pesado que eu, e quase que tão determinado quanto. Embora eu estivesse dificultando ao máximo sua luta, pouco a pouco ele me arrastava para dentro do terminal, em direção a uma porta de acesso restrito a funcionários. Um vento surgiu do nada, um vento quente e abafado, e se eu usasse o spray, o gás sopraria em cheio no meu rosto.

O homem dentro do caixão se sentou lentamente, seus grandes olhos castanhos absorvendo a cena à sua volta. Num relance vi que ele passava a mão pelo cabelo escuro e sedoso.

A porta dos funcionários se abriu e percebi que havia alguém lá dentro, a retaguarda do padre.

– Bill!

Senti um golpe cortando a ar atrás de mim, e de repente o padre me soltou e saiu correndo pela porta, como uma lebre fugindo de um lobo. Perdi o equilíbrio e teria caído sentada se Bill não tivesse desacelerado para me pegar.

– Olá, querido – disse, aliviada ao extremo. Arranquei o casaco do meu terninho cinza, feliz por ter retocado o batom quando o avião aterrissou. Olhei na direção por onde o padre escapuliu.

– Isso foi muito estranho – guardei o spray de pimenta.

– Sookie – disse Bill, você está bem?

Ele se inclinou para me beijar, ignorando os cochichos de assombro dos funcionários da bagagem que se encontravam num avião fretado próximo ao portão da Anúbis. Apesar de dois anos antes o mundo ter tomado conhecimento de que vampiros não são criaturas míticas, ou de filmes de terror, mas, de fato, levam vidas seculares entre nós, ainda tem muita gente que nunca viu um vampiro de carne e osso.

Bill os ignorou. Ele é bom em ignorar coisas que julga não serem dignas de sua atenção.

– Sim, estou bem – disse, um pouco tonta. – Não sei por que ele estava tentando me agarrar.

– Será que ele não entendeu nossa relação?

– Acho que não. Acho que ele sabia que eu estava esperando por você e estava tentando me tirar dali antes que você despertasse.

– Vamos ter de pensar sobre isso – disse Bill, o mestre da compreensão. – Fora esse incidente bizarro, como foi sua tarde?

– O voo foi ok – disse, tentando não fazer biquinho.

– Houve algum outro imprevisto? – Achei que Bill estava um pouco frio, pouca coisa. Ele tinha noção de que eu me sentia usada.

– Sei lá o que é normal para viagens de avião, considerando que nunca viajei de avião antes – respondi mal-humorada –, mas até o padre aparecer, eu diria que tudo correu bem.

Bill ergueu uma sobrancelha daquele jeito superior que ele tem, para que eu dissesse mais.



– Não acho que aquele cara era um padre de verdade. Por que ele estava esperando o avião? Por que veio conversar comigo? Ele só estava esperando o momento em que os funcionários do avião não estivessem olhando.

– Falaremos disso num lugar mais reservado – disse meu vampiro, olhando para os homens e mulheres que começavam a se reunir em volta do avião por conta de todo o estardalhaço. Ele se aproximou dos funcionários uniformizados da Anúbis e num tom de voz bem baixo chamou a atenção deles por não terem me socorrido. Quer dizer, pela maneira como ficaram brancos e começaram a gaguejar, imagino que foi esse o tema da conversa. Bill passou o braço na minha cintura e seguimos pelo terminal.

– Envie o caixão para o endereço que está na tampa – disse Bill, por cima do ombro. – *Silent Shore Hotel*.

O *Silent Shore* era o único hotel na região de Dallas que passou por uma reforma massiva para poder acomodar hóspedes vampiros. Era um desses hotéis grandiosos do centro, segundo o folheto, não que eu conhecesse o centro de Dallas ou seus hotéis grandiosos.

Paramos ao pé de uma pequena escada imunda que dava no saguão dos passageiros.

– Agora me diga – ordenou ele.

Eu o encarei enquanto relatei o estranho episódio do começo ao fim. Ele estava bem branco. Devia estar com fome. Suas sobrancelhas pareciam mais pretas contra sua pele pálida, e seus olhos pareciam mais escuros do que realmente são.

Ele segurou a porta para mim e eu adentrei o alvoroço e a confusão de um dos maiores aeroportos do mundo.

– Você não conseguiu ouvi-lo?

Sabia que Bill não se referia a ouvir com ouvidos.

– Eu estava bem blindada por conta do avião – disse. – E quando consegui me concentrar e comecei a tentar lê-lo, você saiu do caixão e ele fugiu. Antes de ele fugir, tive uma sensação engraçada... – hesitei, sabendo que isso seria meio forçado.

Bill apenas esperou. Ele não é de desperdiçar palavras. Espera até eu terminar o que estou falando. Paramos de andar por um segundo e fomos nos encostando na parede.

– Senti que ele estava ali para me sequestrar – disse. – Sei que isso parece loucura. Quem poderia me reconhecer aqui em Dallas? Quem poderia saber, para esperar o avião? Mas foi essa a sensação que eu tive.

Bill pegou minhas mãos, quentes, entre as suas, frias.

Olhei bem nos olhos de Bill. Não sou tão baixinha, e ele não é tão alto, mesmo assim tenho de olhar para cima. E tenho certo orgulho de saber que consigo encará-lo sem ser hipnotizada por ele. Às vezes gostaria que Bill fosse capaz de alterar minhas lembranças. Eu não ia achar ruim esquecer sobre a mênade, por exemplo. Mas ele não consegue.

Bill pensava sobre o que eu tinha acabado de falar, arquivando para referência futura.

– Quer dizer que o voo mesmo foi entediante? – perguntou ele.

— Na verdade, foi bem animado — admiti. — Depois de conferir que o pessoal da Anúbis alojou você no avião deles, e de embarcar no meu, uma aeromoça nos explicou quais providências tomar caso o avião caísse. Eu estava sentada na fileira da saída de emergência. Ela disse que poderíamos mudar se não nos sentíssemos capacitados. Mas acho que eu daria conta, você não acha? Lidar com uma situação de emergência? Ela me trouxe um drinque e uma revista.

Sendo garçonete, raramente alguém me servia, então curti ter alguém me servindo.

— Tenho certeza de que você dá conta de praticamente qualquer coisa, Sookie. Ficou com medo quando o avião decolou?

— Não. Só estava um pouco preocupada com hoje à noite. Fora isso, tudo tranquilo.

— Lamento por não ter estado ao seu lado — sussurrou, sua voz me circundava, suave e líquida. Ele me apertou contra o peito.

— Tudo bem — disse, com o rosto na sua camisa, sendo quase cem por cento sincera. — Foi a primeira vez que voei de avião, sabe como é... Meio estressante. Mas foi tudo bem. Até a gente aterrissar.

Podia estar reclamando e choramingando, mas estava realmente feliz por Bill ter levantado a tempo e me guiado pelo aeroporto. Mais e mais eu me sentia como a prima pobre do interior.

Não voltamos a falar sobre o padre, mas sabia que Bill não tinha esquecido o assunto. Ele me mostrou onde pegar as malas e como solicitar transporte. Podia ter me deixado em algum canto e cuidado disso tudo sozinho, mas, conforme ele me lembrava a toda hora, em algum ponto eu teria de começar a fazer essas coisas sozinha, caso nosso trabalho exigisse que viajássemos durante o dia.

Apesar de o aeroporto me parecer estar extremamente lotado, cheio de gente com cara de quem está sobrecarregada e infeliz, depois de reforçar meus escudos mentais, consegui seguir as indicações, auxiliada por pequenas cutucadas do Bill. Era horrível ser atingida pelo cansaço excruciante dos viajantes, mesmo sem ouvir suas queixas específicas. Empurrei o carrinho com nossas malas (que Bill poderia facilmente carregar num braço) até o ponto de táxi, e quarenta minutos depois da aparição de Bill, estávamos a caminho do hotel. O pessoal da Anúbis jurou de pé junto que seu caixão seria entregue dentro de três horas.

Veríamos. Se eles não cumprissem, ganharíamos uma passagem grátis.

Nesses sete anos desde a minha formatura do colegial acabei me esquecendo de como Dallas é movimentada. As luzes da cidade são incríveis, e o agito então! Fiquei olhando pela janelinha, vendo todos os lugares por onde passávamos, e Bill sorria para mim com uma condescendência irritante.

— Você está linda, Sookie. Sua roupa é perfeita.

— Obrigada — disse, aliviada e satisfeita.

Bill insistiu para que eu parecesse "profissional", e depois que perguntei "profissional de quê?" ele me deu aquele olhar. Assim, eu estava de terno cinza com uma blusa branca por baixo, com brincos de pérola, bolsa preta e sapatos pretos de salto alto. Até arrumei meus cabelos num coque, atrás da cabeça, com um Hairagami, um treco para usar no cabelo que permite fazer vários penteados diferentes, que encomendei num programa de televisão. Minha amiga Arlene me ajudou. Ao meu

ver, eu parecia profissional. Tudo bem... Uma profissional de uma casa funerária, mas Bill aprovou. E coloquei o modelo todo na conta de Tara's Togs, por ser um gasto legítimo de trabalho. Então ele não podia reclamar do preço.

Eu estaria mais à vontade no meu uniforme de garçoneiro. Não penso duas vezes antes de escolher shorts e camiseta em vez de vestidos e meia-calça. Fora que se eu estivesse de uniforme, poderia usar tênis, e não esses malditos saltos. Suspirei.

O táxi chegou ao hotel, e o motorista saiu para tirar nossa bagagem. Trouxemos roupas para três dias. Se os vampiros de Dallas seguirem minhas instruções, dá para acabar logo com isso e retornar para Bon Temps amanhã à noite mesmo, e voltar a viver sem perturbações e sem envolvimento em política de vampiros, pelo menos até Bill receber outro telefonema. Mas era melhor trazer roupas a mais que contar com isso.

Saí depressa do carro para acompanhar Bill, que pagava o motorista. Um carregador desinformado do hotel colocava nossas malas num carrinho. Ele virou seu rosto magrelo para Bill e disse:

— Bem-vindo ao *Silent Shore Hotel*, senhor! Meu nome é Barry, e eu estou...

Então Bill seguiu andando, e a luz do hall do hotel bateu em cheio no seu rosto.

— ... às suas ordens... — Barry terminou de dizer, numa voz fraquinha.

— Obrigada — disse, querendo dar ao menino, que não devia ter mais que dezoito, um segundo para se recompor. Suas mãos tremiam um pouco. Lancei uma teia mental na intenção de averiguar a origem do seu nervosismo.

Para minha grande surpresa, percebi (depois de uma rápida vasculhada na cabeça de Barry) que ele era um telepata, como eu! Mas seu nível de organização e desenvolvimento era o que eu tinha aos doze anos de idade, mais ou menos. Ele era uma confusão só. Não conseguia se controlar de jeito nenhum, e seus escudos eram bem capengas. Ele tinha uma forte negação. Fiquei entre agarrá-lo e abraçá-lo ou meter um cascudo na cabeça dele. Daí, me dei conta de que seu segredo não me pertencia para eu entregá-lo assim. Desviei o olhar e fiquei jogando o peso de uma perna para a outra, com jeito de entediada.

— Seguirei com a bagagem — murmurou Barry, e Bill sorriu para ele, delicadamente.

Barry retribuiu com um sorriso forçado e depois se ocupou levando o carrinho para dentro. Deve ter sido a aparência de Bill que o deixou nervoso, uma vez que ele não era capaz de ler a mente de Bill: o grande apelo dos imortais para pessoas como eu. Barry teria de aprender a relaxar na presença de vampiros, considerando que ele escolheu trabalhar num hotel direcionado a eles.

Algumas pessoas acham que todos os vampiros têm um visual medonho. A meu ver, depende do vampiro. Lembro que quando conheci Bill achei que ele era absurdamente diferente, mas não tive medo.

A vampira que esperava por nós no lobby do *Silent Shore*, bem, essa sim era assustadora. Aposto que o pobre Barry mijava nas calças só de olhar para ela. Ela se aproximou logo depois que fizemos o check-in, enquanto Bill guardava o cartão de crédito na carteira (você não imagina o que é tentar conseguir um cartão de crédito quando se tem 160 anos de idade. A coisa foi enrolada). Cheguei discretamente para

junto de Bill quando ele deu uma gorjeta para Barry, torcendo para que a vampira não me visse.

– Bill Compton? O detetive de Louisiana?

Sua voz era calma e suave como a de Bill, com menos sotaque. Ela estava morta há um bom tempo. Era branca como uma folha de papel e reta feito uma tábua, e seu vestido longo e fino, azul e dourado, não ajudava em nada, só ressaltava ainda mais a brancura e a magreza. Cabelos castanhos claros (trançados e longos o bastante para cobrirem a bunda) e olhos verdes resplandecentes acentuavam sua peculiaridade.

– Sim.

Vampiros não trocam apertos de mão, mas os dois fizeram contato visual e mínimos acenos de cabeça.

– Esta é a mulher?

De certo ela tinha apontado para mim com um desses gestos relâmpago, pois apenas peguei um borrão de canto de olho.

– Esta é minha companheira e colega de trabalho, Sookie Stackhouse – disse Bill.

Depois de um instante ela acenou com a cabeça para indicar que entendeu a deixa.

– Meu nome é Isabel Beaumont – disse. – Depois que vocês arrumarem suas bagagens no quarto e se acomodarem, devem me procurar.

Bill disse:

– Preciso me alimentar.

Isabel virou os olhos para mim, pensativa. Sem dúvida se perguntando por que eu não supria alimentos para meu acompanhante, mas isso não era de sua conta. Ela apenas disse:

– E só chamar o serviço de quarto.

Eu, a pobre mortal, teria de me contentar em pedir alguma coisa do cardápio. Mas quando me dei conta do nosso cronograma, percebi que me sentiria muito melhor se deixasse para comer depois que tivéssemos concluído o trabalho daquela noite.

Depois que nossas malas foram colocadas no quarto (grande o bastante para caber caixão e cama), o silêncio na pequena sala ficou incômodo. Havia uma geladeira bem abastecida com *PureBlood*, mas naquela noite Bill ia querer o de verdade.

– Sookie, vou ter de ligar – disse Bill. Antes da viagem já havíamos discutido isso.

– Claro.

Entrei no quarto e fechei a porta sem nem olhar para ele. Tudo bem ele se alimentar de alguém para que eu pudesse me manter forte para eventos futuros, mas eu não precisava assistir e nem gostar daquilo. Depois de alguns minutos, ouvi uma batida na porta do corredor e Bill deixando alguém entrar, o seu *delivery*. Houve um breve murmurar de vozes e depois um gemido baixo.

Infelizmente, para meus nervos, eu era sensata demais para fazer algo do tipo atirar minha escova de cabelo para longe ou um dos malditos pés do salto alto. Vai ver isso também tinha a ver com querer manter a dignidade; e uma noção bem realista de até que ponto Bill aturaria birrinhas. Então desfiz minha mala e arrumei

minha maquiagem no banheiro, usando-o, embora não estivesse com vontade. Banheiros são itens opcionais no mundo dos vampiros, logo aprendi, e mesmo quando tem um funcionando numa casa ocupada por vampiros, de vez em quando eles esquecem de comprar papel higiênico.

Pouco depois ouvi a porta que dava para o corredor abrindo e fechando de novo, e Bill bateu de leve antes de entrar no quarto. Ele estava rosado e seu rosto mais cheio.

— Está pronta? — perguntou.

De repente me dei conta de que estava indo para meu primeiro trabalho de verdade para vampiros e voltei a sentir medo. Se eu não fosse um sucesso absoluto, minha vida estaria em perigo, e Bill talvez ficasse ainda mais morto-vivo do que ele já é. Acenei com a cabeça, minha garganta seca de pânico.

— Não vá de bolsa.

— Por que não? — olhei para ela, indignada. Quem vai se opor?

— Dá para esconder coisas dentro de bolsas. — Coisas como cobras, pensei. — Apenas guarde a chave do quarto no... Essa saia tem bolso?

— Não.

— Bem, guarde a chave nas coisinhas de baixo.

Ergui a barra para que Bill visse exatamente que tipo de coisinhas de baixo eu estava vestindo para conseguir guardar alguma coisa. Gostei da expressão que vi no seu rosto mais do que gostaria de admitir.

— Isso aí... Seria... Uma tanguinha? — de repente Bill parecia um pouco preocupado.

— Seria. Não achei que teria de ser profissional até na segunda pele.

— E que segunda pele... — sussurrou Bill. — Tão bronzeada, tão... Macia.

— É, achei que não precisava de meia-calça — encaixei o retângulo de plástico, a "chave", sob uma das tiras laterais.

— Ah, não acho que ela vá ficar firme aí — disse ele, seus olhos arregalados e iluminados. — A gente pode se separar, por isso você tem de levá-la com você. Tente outro lugar.

Coloquei-a em outro lugar.

— Ah, Sookie... Aí você nunca vai conseguir pegá-la numa emergência. Temos... ah... Temos de ir.

Bill parecia estar saindo de um transe.

— Tudo bem, se você insiste — disse, alisando a saia do meu terno sobre minhas "coisinhas de baixo".

Ele me olhou com uma cara séria, apalpou os bolsos daquele jeito que homens fazem, para conferir se pegaram tudo. Era um gesto estranhamente humano, e aquilo me tocou de um jeito que nem consegui explicar para mim mesma. Trocamos breves acenos de cabeça e seguimos pelo corredor até o elevador. Isabel Beaumont estaria à nossa espera, e eu tinha um pressentimento de que ela não estava acostumada a isso.

A vampira antiquíssima, que não parecia ter mais que 35 anos, estava parada exatamente onde a deixamos. No *Silent Shore Hotel*, Isabel se sentia à vontade para ser vampira, e isso incluía se entregar ao ócio. Pessoas são inquietas. Estão sempre tentando parecerem envolvidas numa atividade, sendo úteis. Vampiros



simplesmente ocupam espaço sem se sentir na obrigação de justificar suas presenças. Quando saímos do elevador Isabel parecia uma estátua, sem tirar nem pôr. Dava para engancha um chapéu nela, se bem que depois você ia se arrepender.

Algum sistema de avisos disparou quando estávamos a dois metros da vampira. Isabel virou os olhos em nossa direção e mexeu a mão direita, como se alguém tivesse ligado o botão "on".

– Sigam-me – disse ela, e saiu pela porta principal.

Barry mal conseguiu abri-la para a chefe a tempo. Percebi que ele foi treinado para baixar os olhos quando ela passava. Tudo o que você ouviu sobre olhar nos olhos de um vampiro é verdade.

Como era de se esperar, o carro da Isabel era um Lexus preto cheio de opcionais. Vampiros não andam por aí num carrinho qualquer. Isabel esperou que eu afivelasse o cinto antes de partir (ela e Bill não se davam ao trabalho de usá-lo), coisa que me surpreendeu. Na sequência estávamos rodando por Dallas, pela avenida principal. Isabel parecia ser o tipo de mulher silenciosa e austera, mas depois que estávamos no carro havia cerca de cinco minutos foi como se ela tivesse se dado um chacoalhão, como se acabasse de se lembrar das ordens.

Dobramos à esquerda. Avistei uma espécie de área gramada, e a silhueta de um tipo de mercado histórico, talvez. Isabel apontou para a direita com seu dedo longo e ossudo.

– O Texas School Book Deposit, o prédio onde Lee Harvey Oswald estava quando atirou no presidente Kennedy, em 1963 – disse, e eu percebi que ela se sentia na obrigação de me informar.

Isso significa que ela recebeu ordens para fazê-lo, o que era bem interessante. Acompanhei seu dedo avidamente, praticamente engolindo com os olhos o prédio de tijolos. Fiquei intrigada por ele não ser mais chamativo.

– Ali é o grassy knoll, de onde acharam inicialmente que os tiros foram disparados? – Respirei fundo, eufórica e impressionada. Era como se eu tivesse dado de cara com o Zepellin ou algum outro artefato mítico.

Isabel acenou com a cabeça, um movimento quase imperceptível que só notei porque sua trança balançou.

– Há um museu no velho depósito – disse ela.

Nossa, isso era uma coisa que eu adoraria ver durante o dia. Se desse tempo, viria andando ou talvez me informasse de como pegar um táxi enquanto Bill estivesse no caixão.

Bill sorriu para mim por cima do ombro. Ele era capaz de pescar até minhas variações de humor mais sutis, o que era ótimo em oitenta por cento dos casos.

Rodamos por pelo menos vinte minutos, deixamos as áreas comerciais para trás e chegamos nas residenciais. Primeiro a arquitetura era modesta e quadradona, mas gradualmente, embora os quarteirões não fossem tão grandes, as casas começaram a crescer, como se tivessem tomado anabolizantes. Nosso destino final foi uma casa imensa espremida num terreno pequeno. A estreita faixa de terreno engruvinhado em torno da construção cúbica deixava a casa ridícula, mesmo no escuro.

Eu com certeza gostaria de um caminho mais longo e de mais tempo de espera. Estacionamos na rua, em frente à mansão, pois era isso que ela parecia ser. Bill abriu a porta do carro para mim. Fiquei ali parada por um instante, relutante em dar início

ao... Projeto. Sabia que havia vampiros lá dentro, vários deles. Sabia disso da mesma maneira que saberia dizer se fossem humanos que me aguardassem. Mas em vez de ondas positivas de pensamento, do tipo que receberia para indicar pessoas, recebi imagens mentais de... Como posso explicar? Dentro da casa havia buracos no ar. Cada buraco representava um vampiro. Avancei alguns metros pela curta calçada até a porta da frente e finalmente captei um sopro mental de humanos.

A luz acima da porta estava acesa, então pude ver que a casa era de tijolos beges com acabamento branco. A iluminação era para minha comodidade; qualquer vampiro tem visão muito mais aguçada que o melhor dos olhos humanos. Isabel nos guiou até a porta da frente, que era emoldurada com uma sequência de arcos de tijolos. Na porta havia uma grinalda de muito bom gosto, feita de videiras e flores secas. Ela quase escondia o olho mágico. Uma tática inteligente de inserção social. Percebi que não havia nada na aparência dessa casa que indicasse que fosse diferente das outras casas desproporcionais pelas quais passamos, nenhuma indicação externa de que lá dentro viviam vampiros.

Mas eles estavam lá, e em excelente forma. Conforme segui Isabel para dentro da casa, contei quatro deles na sala principal para a qual abria a porta da frente, e havia dois no corredor e pelo menos seis na enorme cozinha, que parecia ter sido projetada para acomodar vinte pessoas de uma só vez. De cara soube que a casa havia sido comprada, e não construída por um vampiro, pois vampiros sempre se programam para cozinhas minúsculas, ou simplesmente a deixam de fora. Tudo o que eles precisam é de uma geladeira, para o sangue sintético, e um micro-ondas, para aquecê-lo. Vão cozinhar o quê?

Na pia, um humano magricela e alto lavava umas poucas louças, então talvez tivessem humanos vivendo ali. Ele meio que virou conforme passamos e acenou para mim. Usava óculos e as mangas da sua camisa estavam enroladas. Não tive chance de falar, pois Isabel nos conduzia para o que parecia ser a sala de jantar.

Bill estava tenso. Não sou capaz de ler sua mente, mas o conheço bem o bastante para interpretar o movimento dos seus ombros. Nenhum vampiro se sente à vontade ao entrar no território de outro vampiro. Vampiros têm tantas regras e normas quanto qualquer outra sociedade; eles apenas tentam mantê-las em segredo. Mas eu estava desvendando as coisas.

Entre todos os vampiros da casa, rapidamente identifiquei o líder. Ele era um dos que estava sentado na ampla sala de jantar. Era totalmente nerd. Essa foi minha primeira impressão. Então descobri que ele estava cautelosamente disfarçado de nerd: era na verdade... Outra coisa. Seus cabelos loiros estavam penteados para trás, seu tipo físico era franzino e insignificante, seus óculos de aros pretos não passavam de camuflagem e sua camisa social listrada estava enfiada para dentro da calça, que era uma mistura de algodão com poliéster. Era pálido, quer dizer... dãã... E tinha sardas, com cílios transparentes e sobrancelhas mínimas.

– Bill Compton – disse o nerd.

– Stan Davis – disse Bill.

– Sim, bem-vindo a Dallas.

Havia um vestígio quase imperceptível de sotaque estrangeiro na voz do nerd. Ele costumava se chamar Stanislaus Davidowitz, pensei, então apaguei tudo da minha mente como faria com uma lousa. Se algum deles percebesse que vira e mexe



eu capto um pensamento solto dentre o silêncio de suas mentes, quando eu chegasse à porta já não haveria uma gota de sangue no meu corpo.

Nem Bill sabe disso.

Quando os olhos azuis claros pousaram em mim e me mediram da cabeça aos pés, empacotei o medo lá no porão da minha mente.

— Ela vem numa embalagem encantadora — disse ele para Bill, e eu entendi que isso devia ser um elogio, um tapinha nas costas do Bill.

Bill inclinou a cabeça.

Vampiros não perdem tempo falando um monte de coisas que humanos, em circunstâncias similares, teriam falado. Um executivo humano teria perguntado a Bill se Eric, seu chefe, está bem; teria feito uma leve ameaça a Bill no caso de eu não funcionar, talvez nos apresentasse para pelo menos as pessoas mais importantes presentes na sala. Mas o vampiro chefe, Stan Davis, não. Ele ergueu o braço e um jovem vampiro latino de cabelos pretos espetados deixou a sala e voltou com uma garota humana a reboque. Ao me ver ela gritou e se contorceu, tentando se soltar da mão do vampiro, que segurava seu braço.

— Me ajuda — gritou ela — Você tem de me ajudar!

De cara soube que ela era burra. Afinal, o que eu podia fazer diante de uma sala cheia de vampiros? Sua súplica era patética. Foi o que disse para mim mesma inúmeras vezes, bem rápido, a fim de conseguir ir em frente com o que eu tinha de fazer.

Olhei nos seus olhos e ergui o dedo para indicar que ela ficasse quieta. Uma vez que olhou para mim, prendendo-se a mim, obedeceu. Não tenho olhos hipnotizantes como os vampiros, mas minha cara não é nem um pouco ameaçadora. Tenho cara dessas garotas que trabalham em empregos mal-remunerados em qualquer cidade do sul. Sou loira, peituda, bronzeada e jovem. De certo, não tenho cara de ser muito inteligente. Mas isso é mais porque as pessoas (e os vampiros) presumem que se você é bonita e loira, e trabalha num emprego mal-remunerado, é porque você é burra.

Virei-me para Stan Davis, muito agradecida por Bill estar parado logo atrás de mim.

— Sr. Davis, espero que o senhor entenda que vou precisar de mais privacidade para questionar essa moça. E preciso saber o que o senhor deseja dela.

A garota começou a chorar. Um choro lento e de partir o coração, e quase que irritante naquela circunstância.

Os olhos claros de Davis se fixaram nos meus. Ele não estava tentando me hipnotizar, nem me conquistar; simplesmente me examinava.

— Achei que seu acompanhante tivesse sido informado dos termos do nosso acordo pelo líder dele — disse Stan Davis.

Tudo bem, entendi o recado. Por ser humana, eu não merecia atenção. O fato de eu ter dirigido a palavra a Stan era o equivalente a um frango falando com um cliente do KFC. Mesmo assim, eu tinha de saber qual era o nosso objetivo.

— Sei que o senhor atendeu as condições da Área 5 — disse, mantendo minha voz o mais firme que consegui — E vou fazer o melhor que posso. Mas sem um objetivo, não consigo começar.

— Precisamos descobrir onde está nosso irmão — disse ele, depois de uma pausa.

Tentei não deixar transparecer minha surpresa.

Como eu disse, alguns vampiros, como Bill, vivem sozinhos. Outros se sentem mais seguros em bando, que chamam de ninho. Depois de estarem no mesmo ninho há um tempo, começavam a chamar uns aos outros de irmãos e irmãs, e alguns ninhos perduraram por décadas (tem um em New Orleans que durou dois séculos). Pelo relatório que Bill me passou antes de deixarmos Louisiana, soube que os vampiros de Dallas vivem em ninhos particularmente grandes.

Não sou nenhum gênio, mas percebi que o fato de um irmão desaparecer do ninho de um vampiro tão poderoso como Stan não é apenas algo raro, mas também humilhante.

Vampiros têm a mesma resistência a humilhação que os humanos.

— Por favor, explique as circunstâncias — disse, na minha voz mais natural.

— Faz cinco noites que meu irmão Farrell não volta para o ninho — disse Stan Davis.

Sabia que eles já teriam procurado nos territórios de caça preferidos de Farrell, já teriam perguntado a todos os vampiros do ninho de Dallas para descobrir se alguém tinha visto Farrell. Mesmo assim, abri minha boca para perguntar, como humanos costumam fazer. Mas Bill encostou no meu ombro, e eu olhei para trás para notar um leve balançar de cabeça. Minha pergunta seria tomada como um insulto grave.

— E a garota? — perguntei então.

Ela continuava quieta, mas estava arrepiada e tremia. A única coisa que parecia mantê-la em pé era o vampiro latino.

— Trabalha no bar onde ele foi visto pela última vez. É uma propriedade nossa, Bat's Wing.

Bares são os empreendimentos favoritos de vampiros, claro, pois a maior parte do movimento se dá à noite. Por algum motivo, lavanderias vampirescas 24 horas não têm o mesmo apelo que um bar de temática vamp.

Nos dois últimos anos bares de vampiros passaram a ser considerados o que uma cidade pode oferecer de melhor em termos de vida noturna. Os pobres humanos que ficaram obcecados por vampiros — os vampirófilos — frequentam esses bares, normalmente a caráter, na esperança de chamar a atenção dos autênticos. Os turistas vão para ver os mortos-vivos e os vampirófilos. Não é o lugar mais seguro do mundo para se trabalhar.

Olhei nos olhos do vampiro latino e indiquei uma cadeira ao meu lado, na longa mesa. Ele acomodou a garota ali. Olhei para ela, me preparando para adentrar seus pensamentos. Sua mente não tinha nenhum tipo de proteção. Fechei os olhos.

Seu nome era Bethany. Tinha 21 anos e se considerava um tipinho rebelde, uma verdadeira bad girl. Até esse momento ela não tinha noção do perigo que podia vir disso. Conseguir um emprego no Bat's Wing havia sido a grande rebeldia da sua vida e podia acabar sendo fatal.

Voltei meus olhos para Stan Davis.

— Você entende que — disse, assumindo um grande risco — Se ela entregar a informação que você está buscando, está livre, sem nenhum dano.

Ele havia dito que tinha entendido as condições, mas eu precisava me certificar.

Bill, parado atrás de mim, suspirou, nada feliz. Por um segundo os olhos de Stan Davis chegaram a brilhar, de tão bravo que ele ficou.



— Sim — disse, mordendo as palavras, metade dos seus caninos para fora — Eu concordei.

Nossos olhos se encontraram durante um segundo. Nós dois tínhamos consciência de que apenas dois anos atrás os vampiros de Dallas teriam sequestrado Bethany e a torturado até obterem cada pedacinho de informação armazenado no seu cérebro, e até alguns que ela inventasse.

O processo de integração social, de vir a público com a própria existência, tinha muitas vantagens — mas também tinha seu preço. Nesse caso, o preço era o meu serviço.

— Como é Farrell?

— Parece um caubói. — Stan disse isso sem uma gota de humor. — Ele usa aquelas gravatas de fita, calça jeans e camisas bordadas com pérolas falsas.

Os vampiros de Dallas pareciam não ser muito ligados em moda. Acho que no fim das contas eu podia ter usado meu uniforme de garçonne mesmo.

— Qual a cor dos olhos e cabelos?

— Cabelos castanhos, ficando grisalhos. Olhos castanhos. Rosto quadrado. Por volta de... Um e setenta de altura.

Stan estava fazendo a conversão de algum outro tipo de sistema.

— Ele teria a aparência de uns 38 anos, para vocês — disse Stan. — Não tem barba nem bigode, e é magro.

— Você gostaria que eu levasse Bethany para outro lugar? Você teria um quarto menor, com menos gente? — tentei ser simpática, pois essa me parecia ser uma boa ideia.

Stan fez um movimento de mão, quase rápido demais para que eu pudesse notar, e num segundo — literalmente — todos os vampiros, exceto Stan e Bill, deixaram a cozinha. Sem olhar, soube que Bill estava encostado contra a parede, pronto para o que fosse. Respirei fundo. Hora de começar o trabalho.

— Bethany, como vai? — perguntei, com uma voz delicada.

— Como você sabe meu nome? — perguntou ela, desabando na cadeira.

Era uma cadeira de rodinhas, e eu a puxei da mesa e a girei para que ficasse de frente para a cadeira na qual eu acabava de me sentar. Stan continuava sentado na cabeceira da mesa, atrás de mim, ligeiramente à minha esquerda.

— Tenho como saber muita coisa a seu respeito — disse, tentando parecer cordial e onisciente. Comecei a captar pensamentos do nada, como se colhesse maçãs de uma árvore carregada. — Você teve um cachorro chamado Woof quando era pequena, e sua mãe faz o melhor bolo de coco do mundo. Em certa ocasião seu pai perdeu muito dinheiro num jogo de cartas, e você teve de penhorar seu aparelho de videocassete para ajudá-lo a pagar, para que sua mãe não descobrisse.

Ela ficou de queixo caído. Até onde era possível, ela se esqueceu de que estava correndo perigo.

— Isso é incrível. Você é tão boa quanto os médiuns da televisão, os da propaganda!

— Bem, Bethany, eu não sou médium — disse, um pouco ríspida demais. — Sou telepata e posso ler seus pensamentos, até alguns que você não sabe que tem. Primeiro vou fazer um relaxamento em você, e então vamos recordar a noite em que



você trabalhou no bar, não hoje, mas cinco noites atrás. — Olhei para Stan, que acenou com a cabeça.

— Mas eu não estava pensando no bolo da minha mãe! — disse Bethany, apegada àquilo que a impressionou.

Tentei conter um suspiro.

— Você não se deu conta, mas pensou. Esse pensamento passou pela sua mente quando você olhou para a vampira mais pálida, Isabel, pois seu rosto é tão branco quanto a cobertura do bolo. E pensou na saudades que sente do seu cachorro ao pensar em como seus pais sentiriam saudades de você.

Percebi que isso foi um erro assim que as palavras saíram da minha boca, dito e feito: ela começou a chorar novamente, agora que se deu conta da situação atual.

— Então, por que você está aqui? — perguntou ela, entre soluços.

— Estou aqui para ajudá-la a lembrar.

— Mas você disse que não é médium.

— E não sou.

Ou será que eu era? Às vezes eu achava que havia outro elemento incorporado ao meu "dom", que era como os vampiros o chamavam. Sempre pensei nisso muito mais como uma maldição, até que conheci Bill.

— Médiuns podem obter informações sobre pessoas se tocarem em seus objetos. Alguns médiuns têm visões de eventos passados ou futuros. Alguns médiuns conseguem se comunicar com os mortos. Sou telepata. Consigo ler os pensamentos de algumas pessoas. Em teoria, também posso enviar pensamentos, mas isso eu nunca tentei.

Agora que eu havia encontrado outro telepata, era tentador experimentar, mas guardei essa ideia para ser explorada depois, no meu tempo livre. Precisava me concentrar no trabalho que tinha em mãos.

Ao me sentar com os joelhos encostando nos de Bethany, eu tomava uma série de decisões. A ideia de usar minha "escuta" em alguém, com um propósito, era nova. Passei a maior parte da vida me esforçando para *não* ouvir. Agora o meu trabalho era ouvir, e a vida de Bethany muito provavelmente dependia disso. Possivelmente a minha também.

— Bethany, preste atenção, vamos fazer o seguinte. Vamos nos lembrar daquela noite, e eu vou guiá-la. Na sua cabeça.

— Vai doer?

— Não, nem um pouco.

— E depois?

— Você se vai.

— Vou embora?

— Claro — com uma alteração de memória que não vai incluir a minha pessoa, nem esta noite. Cortesia dos vampiros.

— Eles não vão me matar?

— De jeito nenhum.

— Você promete?

— Prometo — consegui sorrir para ela.

— Tudo bem — disse ela, hesitante.

Mudei um pouco sua posição para que ela não pudesse ver Stan sobre meus ombros. Não tinha ideia do que ele estava fazendo. Mas era melhor que ela não visse aquela cara branca enquanto eu tentava fazer com que relaxasse.

– Você é bonita – disse ela, de repente.

– Obrigada, você também é.

Numa situação mais favorável ela podia ser bonita, pelo menos. Sua boca era pequena demais para seu rosto, mas alguns homens acham isso atraente, pois parece que ela estava num constante estado de perplexidade. Tinha enormes cabelos castanhos, grossos e volumosos, e um corpo magrinho com seios pequenos. Agora que havia outra mulher olhando para ela, Bethany estava preocupada com sua roupa amassada e maquiagem vencida.

– Você está ótima – disse, baixinho, segurando suas mãos. – Agora vamos apenas ficar de mãos dadas por um instante. Juro que não estou cantando você.

Ela riu, e seus dedos relaxaram um pouco mais. Então comecei a conversar com ela.

Essa era uma coisa nova para mim. Em vez de tentar evitar minha telepatia, eu a desenvolvia, com incentivo do Bill. Os funcionários humanos do Fangtasia serviram de cobaia. Descobri, quase sem querer, que eu era capaz de hipnotizar pessoas num estalar de dedos. Não que elas ficassem sob o meu comando, nada assim, mas a técnica permitia que eu adentrasse suas mentes com uma facilidade assustadora. Se ao ler a mente de uma pessoa você descobre aquilo que a deixa relaxada, fica relativamente fácil colocar essa pessoa num estado que beira o transe.

– Do que você mais gosta, Bethany? – perguntei. – Uma massagem de vez em quando? Ou talvez fazer as unhas?

Olhei, com delicadeza, a mente de Bethany. Selecionei o melhor canal para o meu propósito.

– Você está cuidando dos seus cabelos – disse, mantendo minha voz macia e equilibrada – No seu cabeleireiro preferido... Jerry. Ele penteou bastante, está totalmente desembaraçado. Ele trabalhou por partes, cuidadosamente, pois seu cabelo é muito grosso. Vai levar um tempão para cortá-lo, mas Jerry tem a maior boa vontade, pois seu cabelo é saudável e sedoso. Ele está pegando um cacho, arrumando-o... A tesoura corta um tanto. Um tico de cabelo cai na capa de plástico e rola até o chão. Você sente os dedos dele novamente nos seus cabelos. Várias vezes, os dedos dele se movem pelos seus cabelos, escolhe um cacho, corta a ponta. Às vezes ele volta a penteá-lo, para ver se está alinhado. A sensação é tão agradável, apenas ficar ali sentada, com alguém cuidando dos seus cabelos. Não há mais ninguém... – Não, espera aí. Captei um traço de desconforto. – Tem pouca gente no salão, e elas estão tão ocupadas quanto Jerry. Alguém está com o secador ligado. Você quase não consegue ouvir as vozes da cadeira ao lado. Os dedos de Jerry percorrem, escolhem, cortam, penteiam, várias vezes...

Não sei o que um hipnotizador profissional diria sobre a minha técnica, mas pelo menos dessa vez ela funcionou. A mente da Bethany havia entrado num estado de descanso, inativa, pronta para receber uma tarefa. Na mesma voz uniforme, disse:

– Enquanto ele cuida do seu cabelo, vamos percorrer a noite no seu trabalho. Ele não vai parar de cortar as pontas, ok? Comece no ponto em que você estava se arrumando para ir ao bar. Não se incomode comigo, sou apenas um vento atrás do

seu ombro. Talvez você consiga ouvir minha voz, mas ela vem de outra poltrona do salão de beleza. Você nem vai conseguir ouvir o que estou dizendo a não ser que eu diga seu nome.

Ao mesmo tempo que eu transmitia segurança para Bethany, também deixava Stan informado. Então mergulhei mais fundo na memória da garota.

Bethany olhava para o seu apartamento. Era bem pequeno, relativamente arrumadinho, e ela o dividia com outra funcionária do Bat's Wing, chamada Désirée Dumas. Aos olhos de Bethany, Désirée Dumas era como o próprio nome que ela inventou para si: uma sereia, como ela mesma se chamava, um pouco roliça demais, um pouco loira demais, e convencida do seu erotismo.

Guiar a garçonete através dessa experiência foi como assistir a um filme enfadonho. A memória de Bethany era quase que boa demais. Pulando as partes chatas, como a briga entre Bethany e Désirée sobre a qualidade de duas marcas de rímel, o que Bethany lembrava era isto: ela se arrumou para o trabalho como sempre fazia, e ela e Désirée foram juntas para lá. Désirée trabalhava na lojinha do *Bat's Wing*. De bustiê vermelho e botas pretas, ela ganhava uma grana legal anunciando as lembrancinhas de vampiro. Com presas falsas, ela posava para fotos com turistas e angariava boas gorjetas. Bethany, magrela e tímida, era uma garçonete submissa. Durante um ano ficou esperando uma vaga na lojinha, que tinha muito mais a ver com ela. Ali não ia ganhar grandes gorjetas, mas seu salário seria maior, e também poderia se sentar quando não estivesse ocupada. Bethany ainda não havia chegado lá. Muito rancor contra Désirée, da parte de Bethany: irrelevante, mas me peguei contando isso para Stan como se fosse uma informação crucial.

Nunca havia entrado tão fundo na mente de alguém. Tentava eliminar as tranqueiras conforme avançava, mas não estava conseguindo. No fim, deixei que viesse tudo. Bethany estava totalmente relaxada, ainda cortando o cabelo. Ela tinha excelente memória visual e estava tão concentrada naquela noite de trabalho quanto eu.

Em sua mente, Bethany havia servido sangue sintético para quatro vampiros apenas: uma mulher ruiva; uma latina baixinha e compacta de olhos negros como piche; um adolescente loiro com tatuagens envelhecidas e um homem de cabelos castanhos de queixo saliente e gravata de caubói. Aí! Farrell estava incrustado na memória da Bethany. Tive de conter minha surpresa ao reconhecê-lo e tentei conduzir Bethany com mais autoridade.

— É ele, Bethany — sussurrei. — O que você lembra a respeito dele?

— Ah, ele — disse Bethany, em voz alta, assustando-me de tal maneira que quase pulei da cadeira. Na sua mente, ela se virou para olhar para Farrell, pensando nele. Ele havia tomado dois sangues sintéticos, O positivo, e lhe deixou uma gorjeta.

Surgiu uma ruga entre as sobrancelhas da Bethany conforme ela se concentrou no meu pedido. Agora ela estava se esforçando, vasculhando a memória. Pedacos da noite começaram a se juntar, assim ela conseguiu chegar às partes que continham lembranças do vampiro de cabelos castanhos.

— Ele foi ao banheiro com o loiro — disse ela, e eu vi na sua mente a imagem do vampiro loiro tatuado, o que aparentava ser muito jovem. Se eu fosse artista, dava até para desenhá-lo.



— Vampiro jovem, talvez 16 anos. Loiro, tatuagem — sussurrei para Stan, e ele pareceu surpreso. Por pouco não notei isso, tendo tanto em que me concentrar. Aquilo era como tentar fazer malabarismo, mas acho que foi surpresa a expressão no rosto de Stan. Isso era intrigante.

— Tem certeza de que ele era vampiro? — perguntei a Bethany.

— Ele bebeu sangue — respondeu ela, na lata. — Ele tinha aquela pele pálida. Eu me arrepiava só de ver. Sim, tenho certeza.

E ele entrou no banheiro com Farrell. Fiquei perturbada. O único motivo para um vampiro entrar num banheiro era se houvesse um humano lá dentro com quem ele quisesse transar, ou do qual quisesse beber, ou (a preferência dos vamps) os dois ao mesmo tempo. Mergulhando novamente nas memórias de Bethany, observei-a servindo mais alguns fregueses, ninguém que eu reconhecesse, embora estivesse prestando bastante atenção nos outros frequentadores do bar. A maioria parecia ser turistas inocentes. Um deles, um homem moreno com um bigodão, me pareceu familiar, então tentei reparar nos seus companheiros: um homem alto e magro com cabelos loiros na altura dos ombros e uma mulher atarracada com um dos piores cortes de cabelo que já vi.

Eu tinha algumas perguntas para Stan, mas primeiro queria terminar com Bethany.

— O vampiro-caubói voltou a sair novamente, Bethany?

— Não — disse ela depois de uma pausa considerável. — Não voltei a vê-lo.

Observei-a atentamente para ver se encontrava falhas em sua mente. Eu não era capaz de repor o que havia sido apagado, mas posso saber se uma memória foi alterada. Não encontrei nada. E notei que ela estava tentando se lembrar. Percebi seu esforço para se lembrar de algum outro relance de Farrell. Percebi, pelo jeito como se esforçava, que eu estava perdendo controle dos pensamentos e memórias da Bethany.

— E quanto ao jovem loiro? O das tatuagens?

Bethany pensou sobre isso. Agora ela estava meio que saindo do transe.

— Também não o vi — disse. Um nome passou pela sua cabeça.

— O que foi isso? — perguntei, mantendo minha voz baixa e calma.

— Nada! Nada!

Agora os olhos da Bethany estavam bem abertos. O corte de cabelo havia acabado. Eu a perdi. Meu controle deixava a desejar.

Ela queria proteger alguém; ela não queria que ele passasse pelo mesmo que ela. Mas não conseguiu evitar de pensar no nome, e eu o peguei. Não entendi muito bem por que ela achava que esse homem pudesse saber de mais alguma coisa, mas ela achava. Sabia que não ia adiantar nada se eu dissesse que havia pescado seu segredo, então sorri para ela e disse a Stan, sem me virar para olhar para ele:

— Ela pode ir. Já consegui tudo.

Fiquei apreciando a expressão de alívio no rosto da Bethany antes de me virar e olhar para Stan. Tinha certeza de que ele percebera que eu estava com uma carta na manga e não queria que ele comentasse nada. Impossível saber o que um vampiro está pensando... Mas algo me dizia que Stan me entendeu.

Ele não chegou a dizer nada, mas outra vampira entrou, uma garota que devia ter a idade da Bethany quando passou para o outro lado. Stan havia feito uma bela

escolha. A garota se inclinou para cima da Bethany, pegou sua mão, sorriu com os caninos completamente retraídos e disse:

– Agora vamos levá-la embora, ok?

– Ai, que bom! – O alívio de Bethany estava escrito na sua testa, em neon. – Que bom – ela tornou a dizer, com menos certeza.

– Vocês vão mesmo me levar para casa? Vocês...

Mas a vampira olhou bem nos olhos da Bethany e disse:

– Você não vai se lembrar de nada sobre hoje, e esta noite, a não ser a festa.

– Festa? – a voz de Bethany assumiu um tom moroso. Apenas levemente curiosa.

– Você foi a uma festa – disse a vampira, enquanto deixava a sala com Bethany.

– Foi a uma festa ótima, e conheceu um gatinho lá. Você estava com ele.

Ela ainda sussurrava no ouvido da Bethany quando as duas saíram. Torci para que lhe desse uma lembrança legal.

– E então? – perguntou Stan, assim que fecharam a porta.

– Bethany acha que o segurança do bar pode saber de algo mais. Ela o viu entrar no banheiro masculino, na cola do seu amigo Farrell e do vampiro que você não conhecia.

O que eu não sabia, e não fazia questão de perguntar a Stan, é se vampiros transam entre si. Sexo e comida estão tão associados no modo de vida dos vampiros que eu não conseguia imaginar um vampiro transando com alguém não humano, isto é, com uma criatura da qual não pudesse tirar sangue. Será que vampiros bebem sangue um do outro em circunstâncias normais, fora de uma época de crise? Sei que se a vida de um vampiro está em risco (hahaha) um outro vampiro pode doar sangue para ressuscitar o necessitado, mas nunca ouvi falar de outra situação de troca de sangue. Eu não queria perguntar isso a Stan. Talvez eu abordasse o assunto com Bill, quando deixássemos aquela casa.

– O que você descobriu na mente dela foi que Farrell esteve no bar e que ele foi ao banheiro com outro vampiro, um jovem loiro de cabelos compridos e muitas tatuagens – resumiu Stan. – O segurança entrou no banheiro enquanto os dois estavam lá.

– Correto.

Houve uma pausa considerável enquanto Stan decidia o que fazer em seguida. Esperei, feliz por não poder ouvir uma palavra do seu debate interior. Nenhum flash, nenhum vislumbre.

Ainda bem que esses flashes momentâneos da mente dos vampiros são extremamente raros. E nunca tive um desses com Bill; nem sabia que isso era possível até um bom tempo depois de ser apresentada ao mundo vampírico. Então sua companhia continuava sendo um deleite para mim. Era possível, pela primeira vez na minha vida, ter um relacionamento normal com um homem. Claro que ele não era um homem vivo, mas não dá para ter tudo.

Como se ele soubesse que eu estava pensando nele, senti a mão de Bill no meu ombro. Coloquei a minha sobre a dele, desejando poder me levantar e lhe dar um abraço apertado. Não era uma ideia muito boa, não na frente de Stan. Ele podia ficar com fome.

— Não conhecemos o vampiro que entrou com Farrell — disse Stan, e isso soou mais ou menos como uma resposta, depois de todo esse tempo pensando.

Talvez ele tenha pensado em me dar uma explicação mais completa, mas resolveu que eu não era inteligente o bastante para entender. Mil vezes ser subestimada que superestimada. Além do que, que diferença fazia? Coloquei minha pergunta de lado, arquivada debaixo de fatos que eu precisava descobrir.

— Então, quem é o segurança do Bat's Wing?

— Um homem chamado Re-Bar — disse Stan. Havia um traço de desgosto na maneira como ele disse isso. — E um vampirófilo.

Então Re-Bar havia conseguido o emprego dos seus sonhos. Trabalhando com vampiros, trabalhando para vampiros, na companhia deles todas as noites. Para alguém que ficou fascinado pelos mortos-vivos, Re-Bar tinha tirado a sorte grande.

— O que ele pode fazer caso um vampiro saia da linha? — perguntei, só por curiosidade.

— Ele só estava lá por conta dos bêbados humanos. Descobrimos que seguranças vampiros tendem a exagerar no uso da força.

Não quis pensar muito sobre isso.

— Re-Bar está aqui?

— Logo mais estará - disse Stan, sem consultar ninguém do seu séquito.

Certamente Stan tinha algum tipo de contato mental com eles. Nunca vi isso antes e sabia que Eric não conseguia abordar Bill mentalmente. Devia ser o dom especial de Stan.

Enquanto esperávamos, Bill se sentou na cadeira ao meu lado. Ele pegou na minha mão. Foi tão confortante, e eu amei Bill por ter feito isso. Mantive a mente relaxada, tentando poupar minha energia para o interrogatório que teria pela frente. Mas começava a me preocupar, preocupações bastante sérias a respeito da situação dos vampiros de Dallas. E fiquei aflita com a breve visão que tive dos fregueses do bar, especialmente com homem que achei que conhecia.

— Ai, não — disse, sem pensar, de repente me lembrando de onde o vi.

Os vampiros voltaram à atenção para mim.

— O que foi, Sookie? — perguntou Bill.

Stan parecia uma escultura de gelo. Seus olhos chegavam a brilhar de tão verdes, não era imaginação minha.

Gaguejei, na minha pressa de explicar o que eu estava pensando.

— O padre — disse a Bill. — O homem que fugiu no aeroporto, o que tentou me agarrar. Ele estava no bar.

Fui enganada pelos trajes diferentes e o ambiente quando estava concentrada na memória da Bethany, mas agora tenho certeza.

— Sei — disse Bill, lentamente.

Bill tem uma memória quase perfeita, e eu podia estar certa de que ele teria o semblante do homem impresso na sua lembrança.

— Não achei que ele fosse um padre de verdade e agora sei que ele estava no bar na noite em que Farrell sumiu — disse. — Vestido em trajes normais. Sem ser, é... A gola branca e a batina preta.

Houve uma pausa significativa. Stan disse, com toda delicadeza:



– Mas esse homem, esse padre disfarçado, no bar, mesmo com dois companheiros humanos, não seria capaz de levar Farrell, se Farrell não quisesse ir.

Olhei para minhas mãos e não disse mais nada. Não queria ser a pessoa a ter de dizer isso. Bill, sagaz, também não se pronunciou. No fim, Stan Davis, vampiro-chefe de Dallas, disse:

– Bethany se lembrou de alguém ter ido ao banheiro com Farrell. Um vampiro que eu não conhecia.

Assenti com a cabeça, mantendo o olhar direcionado para qualquer outro lugar.

– Então esse vampiro deve ter ajudado a sequestrar Farrell.

– Farrell é gay? – perguntei, tentando dar a impressão de que a pergunta era casual.

– Ele prefere homens, sim. Você acha que...

– Eu não acho nada.

Balancei a cabeça enfaticamente para que ele percebesse como eu não achava nada de nada. Bill apertou meus dedos. Ai!

Ficou um silêncio tenso, até que a vamp adolescente voltou com um humano truncado, o que eu tinha visto na memória da Bethany. No entanto, ele não se parecia com a imagem que visualizei. Aos olhos dela ele era mais robusto, menos gordo, mais elegante, menos relaxado. Mas eu o reconheci: Re-Bar.

Imediatamente percebi que havia algo de errado com o homem. Ele acompanhava a vampira todo solícito e sorria para todo mundo na sala; mas isso era inapropriado ou não? Qualquer humano que intuisse estar encenado com os vampiros ficaria preocupado, mesmo que tivesse a consciência limpa. Levantei e fui até ele. Ele observou minha abordagem com uma alegre antecipação.

– Olá, amigo – disse, gentil, e apertei sua mão. Larguei-a o mais rápido possível, dentro do tempo mínimo. Dei dois passos para trás. Eu só queria tomar um Advil e me deitar.

– Bem – eu disse para Stan - Ele com certeza tem um buraco na cabeça.

Stan examinou o crânio de Re-Bar com um olhar desconfiado.

– Explique-se – disse.

– Como vai, sr. Stan? – perguntou Re-Bar.

Desconfio que ninguém jamais se dirigiu a Stan Davis dessa maneira, pelo menos não nos últimos quinhentos anos.

– Estou bem, Re-Bar. E você?

Gostei de ver Stan mantendo a coisa calma e sob controle.

– Estou me sentindo ótimo – disse Re-Bar, balançando a cabeça, maravilhado.

– Tenho uma sorte do caralho. Desculpa aí, moça.

– Desculpado. – Tive de empurrar as palavras. Bill perguntou:

– O que aconteceu com ele, Sookie?

– Alguém queimou um buraco na cabeça dele – disse. – Não sei como explicar de outra maneira, na verdade. Não sei como fizeram, pois nunca vi nada assim antes, mas quando olho nos seus pensamentos, nas suas memórias, só vejo um enorme buraco estraçalhado. E como se Re-Bar tivesse um pequeno tumor, e, durante a remoção, o cirurgião arrancasse o baço e talvez até o apêndice junto, só para garantir. Sabe quando você remove a memória de alguém, para substituí-la com uma nova? – mexi o braço para indicar que estava me referindo a todos os vampiros presentes. –



Bem, alguém arrancou um naco da mente do Re-bar e não colocou nada no lugar. Como uma lobotomia – acrescentei, empolgada.

Leio bastante. Por causa da minha deficiência, durante um certo tempo tive dificuldades na escola, mas ler sozinha era um jeito de fugir da minha condição. Suponho que eu seja uma autodidata.

– Ou seja, qualquer coisa que Re-Bar sabia sobre o desaparecimento de Farrell foi perdida – disse Stan.

– Sim, assim como alguns componentes da personalidade de Re-Bar e várias outras lembranças.

– Ele ainda funciona?

– Bem, sim, acho que sim.

Nunca tinha visto nada assim, nunca nem me dei conta de que era possível.

– Mas não sei se ele vai conseguir continuar trabalhando como segurança – disse, tentando ser sincera.

– Ele foi ferido enquanto trabalhava para nós. Vamos cuidar dele. Talvez ele possa limpar o bar depois do fechamento – disse Stan.

Deu para perceber na voz de Stan que ele queria que eu registrasse isso mentalmente: que vampiros podem ter compaixão, ou pelo menos podem ser justos.

– Uau, isso seria ótimo! – Re-Bar deu um sorriso para seu chefe. – Valeu, sr. Stan.

– Leve-o para casa – disse Stan à sua subordinada. Ela partiu na hora, levando o homem lobotomizado.

– Quem poderia ter feito um serviço tão tosco assim nele? – ponderava Stan.

Bill não respondeu, pois ele não estava ali para meter o bedelho, mas para me proteger e investigar também, quando solicitado. Uma vampira alta e ruiva entrou, a que estava no bar na noite em que Farrell desapareceu.

– Você notou alguma coisa na noite em que Farrell sumiu? – perguntei a ela, sem pensar em protocolo. Ela rosnou para mim, seus dentes brancos contrastando com sua língua escura e batom brilhante.

Stan disse:

– Colabore.

Imediatamente seu rosto relaxou, as rugas desapareceram como se alguém tivesse passado a mão sobre as dobras de um lençol.

– Não me lembro – disse ela, por fim. Quer dizer que a habilidade de Bill de lembrar o que viu em mínimos detalhes era um dom pessoal. – Não me lembro de ter visto Farrell por mais de dois ou três minutos.

– Você consegue fazer com Rachel aquilo que fez com a garçonete? – perguntou Stan.

– Não – respondi, na lata, minha voz talvez um pouco enfática demais. – Não consigo ler a mente de vampiros de jeito nenhum. São livros fechados.

Bill perguntou:

– Você se lembra de um loiro, um dos nossos, aparentando uns 16 anos? Tinha tatuagens azuis, antigas, nos braços e no tronco.

– Ah, sim – Rachel, a ruiva, respondeu imediatamente. – As tatuagens eram do tempo dos romanos, acho. Eram rudimentares, mas interessantes. Fiquei intrigada



com ele, pois não me lembro de tê-lo visto aqui na casa solicitando privilégio de caça para Stan.

Então, pelo jeito, vampiros que passam pelo território de outrem têm de se cadastrar no centro de visitantes, por assim dizer. Arqueei essa informação para consultas futuras.

— Ele estava com um humano, ou pelo menos conversou com um — continuou a vampira ruiva.

Ela estava de jeans e com um agasalho verde que me pareceu extremamente quente. Mas vampiros não se preocupam com a temperatura local. Ela olhou para Stan, depois para Bill, que fez um aceno para indicar que estava interessado em quaisquer memórias que ela tivesse.

— O humano tinha cabelos escuros, e bigode, se me lembro bem.

Ela fez um gesto com a mão, um aceno com os dedos abertos que ia dizer: "Eles são todos tão parecidos!".

Depois que Rachel se foi, Bill perguntou se eles tinham computador na casa. Stan respondeu que sim e olhou para Bill com uma curiosidade sincera quando ele perguntou se podia usá-lo um minuto, desculpando-se por não ter trazido seu laptop. Stan assentiu com a cabeça. Bill estava prestes a deixar a sala quando hesitou e se virou para mim:

— Tudo bem com você, Sookie? — perguntou.

— Claro — tentei parecer segura. Stan disse:

— Ela vai ficar bem. Tem mais gente que ela precisa ver.

Assenti com a cabeça, e Bill saiu. Sorri para Stan, que é o que eu faço quando estou tensa. Não é um sorriso feliz, mas é melhor que gritar.

— Você e Bill estão juntos há quanto tempo? — perguntou Stan.

— Há poucos meses — quanto menos Stan soubesse sobre a gente, melhor para mim.

— Você está satisfeita com ele?

— Sim.

— Você o ama? — Stan parecia surpreso.

— Não é da sua conta — disse, com um risinho. — Você comentou que havia umas pessoas que eu ainda precisava ver...

Seguindo o mesmo procedimento que usei cérebros enfadonhos. De longe Bethany tinha sido a pessoa mais observadora do bar. Essas pessoas, outra garçonete, o barman humano e um freguês de carteirinha (um vampirófilo) que na verdade se prontificou para isso, tinham pensamentos sem graça e uma capacidade bem limitada para recordar. Descobri que o barman revendia produtos roubados por fora e, depois que ele saiu, recomendei a Stan que arranjasse outro funcionário para ficar atrás do balcão, ou ele ia acabar envolvido em investigações policiais. Stan pareceu ter ficado mais impressionado com isso do que eu gostaria que ele ficasse. Não queria que ele se encantasse demais com o meu serviço.

Quando Bill voltou, eu já estava terminando o último funcionário do bar, e ele parecia um tiquinho satisfeito, então concluí que deu tudo certo. Ultimamente Bill passava a maior parte das horas em que estava acordado no computador, coisa que eu não curtia nem um pouco.



— O nome do vampiro tatuado — disse Bill, assim que ficamos apenas Stan e eu na sala — é Godoric, embora durante o último século ele tenha usado Godfrey. Ele é um desistente.

Não posso falar por Stan, mas eu fiquei impressionada. Alguns minutos no computador e Bill fez um belo trabalho de investigação. Stan parecia chocado, e imagino que eu parecesse confusa.

— Ele se uniu a humanos radicais. Está planejando se suicidar — Bill me disse numa voz suave, uma vez que Stan estava imerso em pensamentos. — Esse tal de Godfrey tem planos de se expor ao sol. Sua existência começa a pesar.

— Quer dizer que ele vai levar alguém com ele? — Godfrey ia expor Farrell junto?

— Ele traiu a Irmandade — disse Stan.

Traiu é uma palavra bem melodramática, mas nem passou pela minha cabeça dar um sorrisinho jocoso quando Stan a pronunciou. Eu já tinha ouvido falar na Irmandade, embora nunca tivesse conhecido ninguém que dissesse pertencer a ela. A Irmandade do Sol era para vampiros o equivalente ao Klan para negros americanos. Era o culto que mais crescia nos Estados Unidos.

Mais uma vez eu me encontrava em águas profundas demais para mim.

Muitos humanos não gostaram nada de saber que vampiros habitavam o mesmo planeta que eles. Apesar de sempre ter sido assim, ao se darem conta de que vampiros existem de verdade essas pessoas resolveram que é necessário exterminá-los. Eles são tão detalhistas nos seus métodos de assassinato quanto um vampiro velhaco.

Vampiro velhaco é o nome que damos aos mortos-vivos retrógrados; eles não quiseram vir a público assim como humanos não querem saber deles. Os velhacos se recusam a beber o sangue sintético que hoje em dia é o principal ingrediente da dieta da maioria dos vampiros. Eles acham que o único futuro para vampiros é retornar à clandestinidade e à invisibilidade. Agora os velhacos matam humanos só por diversão, pois no fundo eles achariam ótimo se voltassem a ser perseguidos. Os velhacos veem a perseguição como uma maneira de convencer os vampiros civilizados de que a clandestinidade é a melhor coisa para o futuro deles; Além disso, a perseguição é uma forma de controle populacional.

Agora eu ficava sabendo, por Bill, que existem vampiros com graves crises de remorso, ou talvez tédio, após uma longa vida. Esses desistentes têm planos de "ir de encontro ao sol", a expressão vampírica para cometer suicídio por uma técnica que consiste em ficar ao ar livre após o amanhecer.

Mais uma vez minha opção amorosa me levava por caminhos que, sem o envolvimento com Bill, eu jamais trilharia. Eu não precisaria saber de nada disso, nunca teria nem sonhado em namorar alguém eternamente adoentado, se não fosse pelo fato de eu mesma ter nascido com a deficiência da telepatia. Sou como uma intocável para homens humanos. Dá para imaginar como é difícil namorar alguém cuja mente você consegue ler. Quando conheci Bill, foi o começo da época mais feliz da minha vida. Mas sem dúvida me meti em mais encrencas nos meses em que estive com ele que em 25 anos de vida.

— Então você acha que Farrell já está morto? — perguntei, fazendo um esforço para me concentrar na crise atual. Odiava ter de perguntar, mas eu precisava saber.

— Talvez — disse Stan, depois de uma longa pausa.

— Devem estar com ele em algum lugar — disse Bill. — Eles costumam convidar a imprensa para essas... Cerimônias.

Stan ficou um tempão olhando para o nada. Então se levantou.

— Era o mesmo homem no bar e no aeroporto — disse ele, quase para si.

Stan, o vampiro chefe nerd de Dallas, agora andava de um lado para o outro da sala. Aquilo estava me enlouquecendo, mas eu nem sonhava em comentar isso. Aquela era a casa do Stan, e seu "irmão" tinha sumido. Mas eu não suporto silêncios longos e meditabundos. Estava cansada e queria ir dormir.

— Então... — disse, me esforçando ao máximo para parecer alerta — Como eles souberam que eu estava vindo para cá?

Se tem uma coisa pior que um vampiro encarando você são dois vampiros fazendo isso.

— Se conseguiram saber com antecedência sobre a sua vinda... É porque há um traidor — disse Stan.

O ar na sala começou a oscilar e estalar tamanha a tensão que Stan emitia.

Mas eu tive uma ideia menos dramática. Peguei um bloco de papel na mesa e escrevi: "TALVEZ HAJA GRAMPOS". Os dois olharam para mim como se eu tivesse lhes oferecido um Big Mac. Vampiros, que individualmente possuem poderes incríveis e variados, às vezes ignoram o fato de humanos terem desenvolvido alguns poderes próprios. Os dois trocaram olhares desconfiados, mas nenhum deles conseguiu dar uma sugestão.

Bem, deixa para lá. Só vi isso em filmes, mas imaginei que se alguém grampeou aquela sala, o teria feito com pressa e devia estar morto de medo. Assim a escuta estaria perto, e não muito bem escondida. Tirei o casaquinho cinza e arranquei os sapatos. Como eu era humana e, aos olhos de Stan, não tinha dignidade alguma para perder, fui para baixo da mesa e comecei a engatinhar, empurrando as cadeiras de rodinha conforme passava. Pela milésima vez, lamentei estar de saia.

Estava a quase dois metros das pernas de Stan quando vi um negócio esquisito. Havia uma protuberância escura grudada à base da madeira clara da mesa. Olhei para aquilo o mais perto que consegui sem usar lanterna. Não era chiclete velho.

Depois de ter encontrado o pequeno dispositivo mecânico, não soube o que fazer. Saí de baixo da mesa, um tanto empoeirada pela experiência e me encontrei bem aos pés de Stan. Ele esticou a mão e eu a peguei, relutante. Stan me puxou com delicadeza, ou parecia ser delicadeza, mas de repente eu estava em pé, cara a cara com ele. Ele não era muito alto, e olhei nos seus olhos mais do que gostaria. Coloquei o dedo na frente do rosto para me certificar de que ele estava prestando atenção. Apontei para debaixo da mesa.

Bill deixou a sala num estalar de dedos. Stan ficou ainda mais branco, e seus olhos reluziram. Olhei para qualquer canto, menos para ele. Não queria ser a imagem a preencher seu campo de visão quando ele tivesse digerido o fato de que alguém havia grampeado sua sala de reunião. De fato ele foi traído, só que não do jeito que havia imaginado.

Tentei procurar alguma coisa para fazer e que pudesse ajudar. Olhei para Stan. Ergui os braços sem pensar, para arrumar meu rabo de cavalo, e percebi que estava de coque, se bem que àquela altura bem menos arrumado. Tentar ajeitá-lo me deu uma boa desculpa para olhar para baixo.

Foi um alívio quando Bill voltou com Isabel e o homem que antes lavava louças. Ele trazia uma tigela de água.

— Sinto muito, Stan — disse Bill. — Estou achando que Farrell já está morto, se levarmos em consideração o que descobrimos hoje à noite. Amanhã Sookie e eu voltaremos para Louisiana, a não ser que você ainda precise de nós.

Isabel apontou para a mesa, e o homem colocou a tigela no chão.



— Pode voltar — respondeu Stan, numa voz gelada. — Mande seus honorários para mim. Seu mestre, Eric, foi um tanto inflexível quanto a isso. Quero conhecê-lo algum dia.

Seu tom de voz indicava que o encontro não seria agradável para Eric. De repente Isabel disse:

— Seu humano idiota! Você derrubou meu copo!

Bill passou por mim para pegar a escuta debaixo da mesa e jogá-la na água, e Isabel, andando mais devagar para evitar derramar a água, deixou a sala. Seu acompanhante ficou para trás.

Foi simples nos livrarmos daquilo. E era até possível que o espião, quem quer que fosse, tivesse sido ludibriado por aquela breve conversa. Relaxamos, agora que a escuta havia sumido. Até Stan parecia um pouco menos assustador.

— Isabel me disse que você tem motivos para achar que Farrell pode ter sido sequestrado pela Irmandade — disse o homem. — Amanhã eu poderia ir com essa mocinha até o Centro da Irmandade tentar descobrir se eles estão planejando realizar uma cerimônia em breve.

Bill e Stan ficaram olhando para ele, pensativos.

— É uma boa ideia — disse Stan. — Um casal chamaria menos atenção.

— Sookie? — disse Bill.

— É evidente que nenhum de vocês pode ir — disse. — Acho que pelo menos a gente conseguiria ver a cara do lugar. Se você acha mesmo que eles estão mantendo Farrell lá.

Se eu conseguisse descobrir algo mais sobre o Centro da Irmandade, talvez pudesse impedir os vampiros de atacarem. Com certeza eles não riam até a delegacia de polícia dar queixa de uma pessoa desaparecida a fim de convencer a polícia a vistoriar o Centro. Apesar dos vampiros de Dallas estarem dispostos a andar dentro dos limites da lei humana e interessados em desfrutar dos benefícios da integração social, eu sabia que se acontecesse de um vampiro de Dallas ser mantido em cativeiro no Centro, humanos morreriam a torto e à direita, e noutras posições também. Talvez desse para eu impedir que isso acontecesse e localizar Farrell também.

— Se esse vampiro tatuado é um desistente e pretende ir ao encontro do sol e levar Farrell junto, e se tudo isso está sendo arquitetado pela Irmandade, então esse falso padre que tentou lhe agarrar no aeroporto deve trabalhar para eles — apontou Bill. — Você vai ter de botar a sua peruca. — Bill sorriu, satisfeito. A peruca tinha sido ideia dele.

Uma peruca nesse calor. O inferno! Tentei disfarçar. Afinal, melhor uma cabeça coçando que ser identificada como uma associada dos vampiros durante uma visita ao Centro da Irmandade do Sol.

— Seria melhor se tivesse outro humano comigo — admiti, lamentando ter de colocar mais alguém em perigo.

— Esse é o homem atual de Isabel — disse Stan. Ele ficou em silêncio por um instante, e imaginei que estivesse "transmitindo" algo para ela, ou sei lá como ele entrava em contato com seus subordinados.

Dito e feito, Isabel chegou, deslizando. Deve ser uma mão na roda poder chamar pessoas assim. Você pode dispensar provedor e telefone. Qual seria a distância máxima do alcance dele? Fiquei um tanto contente por Bill não conseguir me contatar



sem palavras, pois eu me sentiria sua escrava. Será que Stan conseguia chamar humanos como ele fazia com vampiros? Acho que no fundo eu não queria saber.

O homem reagiu à presença de Isabel como um cão de caça que pressente um pássaro. Ou talvez esteja mais para um homem faminto perante um bife enorme, tendo de primeiro esperar pela oração de agradecimento. Quase dava para ver sua boca salivando. Será que eu fico assim quando Bill está por perto?

— Isabel, seu homem se prontificou a acompanhar Sookie numa visita ao Centro da Irmandade do Sol. Você acha que ele seria convincente como um membro em potencial?

— Sim, acho que seria — disse Isabel, olhando nos olhos do homem.

— Antes de vocês saírem... Algum visitante hoje à noite?

— Sim, um, da Califórnia.

— Onde ele está?

— Na casa.

— Ele esteve nessa sala?

Obviamente, Stan adoraria que a pessoa que instalou o grampo fosse um vampiro ou um humano que ele não conhecesse.

— Sim.

— Traga-o.

Uns bons cinco minutos depois, Isabel voltou acompanhada por um vampiro loiro. Ele devia ter um e noventa de altura, talvez mais. Era musculoso, sem barba, e tinha cabelos cor de trigo. Assim que senti que Bill travou, olhei para meus pés.

Isabel disse:

— Esse é o Leif.

— Leif — disse Stan, com uma voz macia — Bem-vindo ao meu ninho. Estamos com um problema esta noite.

Fiquei encarando meus sapatos, desejando mais que qualquer coisa poder ficar dois minutos a sós com Bill e descobrir que diabos estava acontecendo, pois esse vampiro não era nenhum "Leif" e também não era da Califórnia.

Era Eric.

A mão de Bill adentrou meu campo de visão e enroscou-se na minha. Bem de leve ele apertou meus dedos, e eu retribui o gesto. Bill passou o braço atrás das minhas costas, e eu me encostei nele. Precisava relaxar, e como!

— Como posso ajudar? — perguntou Eric, quer dizer, Leif (por enquanto), muito cordial.

— Aparentemente alguém entrou nessa sala e praticou uma ação de espionagem.

Foi uma boa maneira de colocar a coisa. Stan queria manter segredo quanto ao grampo, até então, e considerando que aparentemente havia um traidor ali, era uma boa ideia.

— Sou um visitante no seu ninho, e não tenho problemas com você nem com nenhum dos seus.



A evasiva calma e sincera de Leif era um tanto quanto impressionante se levarmos em consideração que sua presença ali era embuste para algum propósito vampírico insondável.

– Com licença – disse, no tom de voz mais fraco e humano de que eu era capaz. Stan parecia bem irritado com a interrupção, mas que se dane.

– O... É... Item teria de ter sido colocado aqui muito antes de hoje – disse, tentando dar a entender que eu sabia que Stan já havia pensado nisso, a fim de coletar dados sobre nossa chegada em Dallas.

Stan olhava para mim despidido de qualquer expressão facial. Já que cheguei até esse ponto...

– E, com licença, estou exausta. Será que Bill pode me levar de volta para o hotel?

– Isabel te leva, só você – disse Stan, me dispensando.

– Não, senhor.

Atrás dos óculos falsos, as sobrancelhas pálidas de Stan subiram.

– Não? – Parecia que ele nunca tinha ouvido essa palavra antes.

– De acordo com os termos do contrato, não vou a lugar nenhum sem estar acompanhada de um vampiro da minha área. Esse vampiro é Bill. À noite não vou para canto algum sem ele.

Stan me encarou novamente, uma boa e longa encarada. Ainda bem que encontrei a escuta e provei ser útil, caso contrário não duraria muito no distrito de Stan.

– Vá – disse ele, e Bill e eu não perdemos tempo.

Não seríamos capazes de ajudar Eric se Stan desconfiasse dele, fora que corríamos o risco de entregá-lo. Era muito mais provável que eu mesma o fizesse, com uma palavra ou um gesto, com Stan ali, me observando. Vampiros passaram séculos estudando o comportamento humano, assim como predadores conhecem tudo sobre suas presas.

Isabel saiu com a gente, e entramos no seu carro para voltarmos para o *Silent Shore Hotel*. As ruas de Dallas, embora não estivessem vazias, pelo menos estavam muito mais tranquilas do que quando chegamos ao ninho, horas antes. Pelos meus cálculos faltavam menos de duas horas para o amanhecer.

– Obrigada – disse, educadamente, quando embicamos na entrada do hotel.

– Meu humano vem lhe pegar às três da tarde – disse Isabel.

Contendo a vontade de dizer "sim, senhora" e bater continência, apenas disse um "tudo bem".

– Qual o nome dele? – perguntei.

– Hugo Ayres – disse ela.

– Ok. – Eu já tinha percebido que ele era esperto.

Entrei no lobby e esperei por Bill. Segundos depois ele estava lá, e pegamos o elevador em silêncio.

– Você está com a sua chave? – ele me perguntou, à porta do quarto.

Eu estava dormindo em pé.

– Onde está a sua? – perguntei, num tom de voz não muito educado.

– Eu só queria ver você pegando a sua – disse ele. De repente meu humor melhorou.



– Gostaria de procurá-la? – sugeri.

Um vampiro com uma cabeleira preta que ia até a cintura passou pelo corredor, seu braço em volta de uma menina rechonchuda com cabelos ruivos encaracolados. Quando entraram num quarto, ao fim do corredor, Bill começou a procurar a chave.

Ele a encontrou rapidinho.

Uma vez dentro do quarto, Bill me ergueu e me beijou demoradamente. Tínhamos de conversar, pois muita coisa havia acontecido durante a noite, mas nenhum de nós estava no pique.

O bom de usar saia, descobri, é que dá para puxá-las para cima e pronto, e se por baixo você estiver usando apenas uma tanguinha, ela desaparece num piscar de olhos. O casaquinho cinza já estava no chão; a blusa branca, descartada e meus braços em volta do pescoço de Bill antes que eu tivesse tempo de dizer: "Trepando com vampiros!".

Bill estava apoiado contra a parede da ante sala, tentando desabotoar as calças, comigo ainda enroscada nele quando alguém bateu na porta.

– Saco – sussurrou na minha orelha.

– Caia fora – disse ele, num tom um pouco mais alto.

Eu me torci contra seu corpo e ele prendeu a respiração. Tirou os grampos do meu cabelo, que desceu pelas minhas costas.

– Preciso conversar com vocês – disse uma voz conhecida, um pouco abafada pela porta.

– Não – gemi. – E se não for Eric?

Eric era a única criatura no mundo que éramos obrigados a receber.

– É Eric – disse a voz.

Soltei as pernas da cintura de Bill, e gentilmente ele me colocou no chão. Irritada, entrei no quarto batendo pé e vesti meu roupão de banho, nem a pau eu ia vestir tudo aquilo de roupa de novo.

Quando voltei encontrei Eric dizendo a Bill que ele tinha feito um ' bom trabalho naquela noite.

– E, claro, você foi incrível, Sookie – disse Eric, medindo meu roupão de banho cor de rosa e curto com um olhar compreensivo.

Ergui a cabeça para olhar para ele, ergui mais, e mais, e desejei que ele estivesse no fundo de um rio, podia ser o Red River, com seu sorriso espetacular, seus cabelos dourados e tudo.

– Ah – respondi, maldosa – Muito obrigada por ter vindo nos dizer isso. Não podíamos ter ido dormir sem um tapinha nas costas do senhor.

Pela cara do Eric ele não podia estar mais satisfeito.

– Ah, querida – disse. – Interrompi alguma coisa? Será que esses, bem, esse... é seu, Sookie?

Ele ergueu uma tira preta que havia sido a alça lateral da minha tanguinha.

Bill respondeu:

– Para ser breve, sim. Tem mais alguma coisa que você gostaria de discutir com a gente, Eric?

O próprio gelo ficaria surpreso com a frieza de Bill.



— Hoje à noite não vai dar tempo — disse Eric lamentoso — Já vai amanhecer, e tem algumas coisas que preciso fazer antes de dormir. Mas precisamos nos encontrar amanhã à noite. Depois que você descobrir o que Stan deseja, deixe um recado para mim na recepção, e combinamos.

Bill assentiu com a cabeça.

— Boa noite, então — disse.

— Vocês não querem tomar um drinque antes de dormir?

Será que ele esperava que oferecêssemos uma garrafa de vinho para ele? Os olhos de Eric foram para a geladeira, depois para mim. Fiquei arrependida por estar usando um roupão leve de nylon em vez de alguma roupa volumosa e grossa.

— Quentinha direto da artéria?

Bill permaneceu num silêncio pétreo.

Olhando para mim até o último segundo, Eric saiu do quarto, e Bill trancou a porta.

— Você acha que ele está ouvindo do outro lado? — perguntei para Bill, enquanto ele desamarrava a faixa do meu roupão.

— Não me importo — disse Bill, e colocou a cabeça em outras coisas.

Quando acordei, por volta de uma da tarde, o hotel estava silencioso. Claro, a maioria dos hóspedes estava dormindo. As camareiras não entravam nos quartos durante o dia. Na noite anterior, reparei na segurança — seguranças vampiros. Durante o dia seria diferente, considerando que era pela segurança diurna que os hóspedes pagavam tão caro. Solicitei o serviço de quarto pela primeira vez na vida e pedi o café da manhã. Estava verde de fome, pois na noite anterior não havia comido nada. Eu tinha acabado de tomar banho e estava enrolada numa toalha quando o garçom bateu na porta. Primeiro me certifiquei de que era ele mesmo, então permiti que entrasse.

Depois que tentaram me sequestrar no aeroporto, no dia anterior, eu não facilitava mais. Mantive o spray de pimenta bem à mão enquanto o mocinho servia o café. Se ele desse um passo em direção à porta onde Bill dormia no caixão, eu o acertaria. Mas esse camarada, Arturo, foi bem orientado. Seus olhos não chegaram nem a vagar em direção ao quarto. Ele também não olhou para mim, diretamente. Se bem que, naquele momento, eu sabia que seus pensamentos estavam todos em mim e me arrependi de não ter colocado um sutiã antes de abrir a porta para ele.

Depois que ele se foi, segui as instruções de Bill e acrescentei uma gorjeta ao papel que assinei. Comi tudo que ele trouxe: salsicha e panquecas e uma tigela com rodela de melão. Meu Deus, aquilo era muito bom! O caldo era de maple de verdade, e as frutas estavam no ponto. A salsicha estava maravilhosa. Ainda bem que Bill não estava por perto para ver e me deixar constrangida. Na verdade ele não gosta de me ver comendo e odeia quando como alho.

Escovei os dentes, os cabelos e me maquiei. Estava na hora de me arrumar para a visita ao Centro da Irmandade. Dividi os cabelos, preendi para cima e tirei a peruca da caixa. Era uma peruca de cabelos curtos, castanhos e nada chamativos. Achei que Bill tinha enlouquecido quando sugeriu que eu comprasse uma peruca, e ainda não

entendia por que ele achou que eu fosse precisar de uma, mas estava aliviada por tê-la. Também tinha óculos como os de Stan, que serviam ao mesmo propósito de camuflagem, e os coloquei. Na parte inferior havia um pouquinho de grau, então podia alegar, legitimamente, que eram óculos de leitura.

O que os fanáticos vestem para ir a um centro de fanáticos? Na minha limitada experiência, imaginei que fanáticos se vestem de modo conservador, ou por estarem preocupados demais com outras coisas para pensar nisso, ou por virem algo maligno em se vestir com estilo. Se eu estivesse em casa, teria corrido até o Wal-Mart e tiraria de letra, mas eu estava aqui, nesse caríssimo Silent Shore sem janelas. No entanto, Bill disse que se eu precisasse de qualquer coisa era só ligar para a recepção. Então liguei.

– Recepção – disse um humano tentando imitar a voz suave e fria de um vampiro mais velho. – Como posso ajudar?

Tive vontade de dizer a ele que desistisse. Quem vai querer uma imitação quando se tem o autêntico bem ali, sob o mesmo teto?

– Aqui é Sookie Stackhouse do 314. Preciso de uma saia jeans comprida, número 38, e uma camisa florida em tons pastéis, ou uma blusa de tricô no mesmo tamanho.

– Sim, senhora – disse ele, depois de uma longa pausa. – A que horas devo entregar?

– Logo.

Cara, isso era divertido.

– Aliás, quanto antes, melhor.

Eu estava me empolgando. Amei estar na lista de despesas de outra pessoa.

Assisti ao telejornal enquanto esperava. Era o noticiário típico de uma cidade americana: problemas de trânsito, problemas de zoneamento problemas com homicídio.

"Ontem à noite uma mulher foi encontrada morta na caçamba de lixo de um hotel", disse um âncora, sua voz com um tom grave bem apropriado. Ele torceu a boca para mostrar sua preocupação. "O corpo de Bethany Rogers, de 21 anos, foi encontrado atrás do Silent Shore Hotel, famoso por ser o primeiro hotel de Dallas a hospedar mortos-vivos. Rogers foi morta com um único tiro na cabeça. A polícia classificou o assassinato como 'estilo execução'. A detetive Tawny Kelner informou à nossa equipe de reportagem que a polícia está seguindo várias pistas." A imagem da tela mudou do rosto com sorrisinho falso para um sorriso genuíno. A detetive tinha cerca de 40 anos, imagino. Uma mulher bem baixinha com uma trança comprida que descia pelas costas. A camera se deslocou para incluir o repórter, um homem moreno e baixo com terno de corte impecável. "Detetive Kelner, é verdade que Bethany Rogers trabalhava num bar de vampiros?"

O olhar de reprovação da detetive ficou ainda mais acentuado. "Sim, é verdade", disse ela. "No entanto, trabalhava como garçonete, não como animadora". Animadora? O que é que animadoras faziam no Bat's Wing? "Ela trabalhava lá havia apenas dois meses".

"O lugar onde o corpo foi encontrado não seria um indício do envolvimento de vampiros?" O repórter era mais persistente do que eu teria sido.



"Muito pelo contrário. Creio que escolheram esse lugar para mandar um recado para os vampiros", disse Kelner, irritada, e depois fez cara de quem se arrependeu de ter falado aquilo. "Agora, com licença".

"Pois não, detetive", disse o repórter, um pouco surpreso. "Então, Tom", e se virou para a câmera, como que enxergando o âncora no estúdio, "É uma questão polêmica".

Hã?

O âncora também percebeu que o que o repórter dizia não fazia o menor sentido e rapidamente passou para o assunto seguinte.

A pobre Bethany estava morta, e não havia ninguém com quem eu pudesse conversar sobre isso. Contive as lágrimas. Não me sentia no direito de chorar por ela. Fiquei imaginando o que teria acontecido com Bethany Rogers na noite anterior, depois que ela deixou a sala, no ninho dos vampiros. Se não havia sinal de presas, então certamente não foi morta por um vampiro. Teria de ser um vampiro muito raro para abrir mão do sangue.

Engasgada com as lágrimas, descrente e angustiada, sentei no sofá e vasculhei minha bolsa, procurando um lápis. Finalmente, encontrei uma caneta. Usei-a para coçar sob a peruca. Mesmo no hotel escuro, com ar-condicionado, ela coçava. Depois de meia-hora alguém bateu na porta. De novo, olhei pelo olho mágico. Lá estava Arturo novamente, com as roupas esticadas sobre os braços.

– Devolveremos as que você não quiser – disse ele, me entregando a pilha. Ele tentou não olhar para o meu cabelo.

– Obrigada – disse, e lhe dei uma gorjeta.

Eu não teria a menor dificuldade em me acostumar com essa vida. Já estava quase na hora de encontrar o tal Ayres, o amorzinho da Isabel. Arranquei o roupão e deixei que ele caísse bem onde eu estava parada, depois dei uma olhando no que Arturo havia trazido. A camisa pêssago com florzinhas brancas, inha a ver... E a saia... Bem... Pelo jeito ele não conseguiu encontrar saias jeans, e as duas que trouxe eram de sarja. Achei que também serviam e vesti uma delas. Estava um pouco apertada demais para o intuito, e fiquei feliz por ele ter trazido outra, num outro estilo. Ficou perfeita para o visual.

Calcei sandálias baixas, coloquei brincos delicados e estava pronta. Eu tinha até uma velha bolsa de palha para completar o look. Infelizmente, aquela era a minha bolsa do dia a dia. Mas combinou direitinho. Tirei todos os itens que poderiam entregar minha identidade e me arrependi por não ter pensado nisso antes, em vez de no último minuto. Comecei a me perguntar quais outras medidas de segurança eu podia ter esquecido.

Saí no corredor silencioso. Estava do mesmo jeito que na noite anterior. Nenhum espelho ou janelas, e a sensação de clausura era absoluta. O carpete vermelho escuro e os tons de azul marinho, vermelho e creme do papel de parede não ajudavam em nada. A porta do elevador se abriu assim que apertei o botão, e descí sozinha. Nem música de elevador havia o *Silent Shore* fazia jus ao nome, era silencioso mesmo.

Quando cheguei ao lobby encontrei seguranças armados dos dois lados do elevador. Eles olhavam para a entrada do hotel, que estava fechada, obviamente. Havia uma televisão ao lado da porta, e ela exibia imagens da calçada lá fora. Outra televisão mostrava uma visão panorâmica maior.

Tive a sensação de que um ataque estava prestes a acontecer e travei, meu coração disparado, mas depois de algum segundos de tranquilidade concluí que eles deviam ficar ali o tempo todo. É por isso que vampiros se hospedam nesse e noutros hotéis especiais como esse. É impossível alguém passar por esses guardas e pegar o elevador. Ninguém seria capaz de alcançar os quartos onde vampiros indefesos e adormecidos se encontram. Por isso que a tarifa do hotel é tão exorbitante. Os dois seguranças daquele turno eram enormes e usavam o uniforme preto do hotel (tsc, tsc... Todo mundo acha que vampiros são obcecados por preto). As pistolas dos seguranças me pareceram gigantescas, mas, até aí, não entendo muito de armas. Os homens olharam para mim e depois retomaram o olhar entediado para frente.

Até os recepcionistas estavam armados. Havia rifles pendurados atrás do balcão. Até que ponto eles iriam a fim de defender seus hóspedes? Será que eles realmente atirariam em intrusos humanos? Como seria isso em termos legais?

Um homem de óculos estava sentado numa das cadeiras estofadas espalhadas pelo chão de mármore do lobby. Tinha cerca de 30 anos, alto e magricela, de cabelos claros. Estava de terno, um terno leve de verão, caqui, com uma gravata tradicional e mocassim. O lavador de pratos, sem dúvida.

– Hugo Ayres? – perguntei.

Ele se levantou para apertar minha mão.

– Você deve ser a Sookie? Mas seu cabelo... Ontem à noite você não era loira?

– Ainda sou. Estou de peruca.

– Parece de verdade.

– Ótimo. Você está pronto?

– Meu carro está lá fora.

Ele pousou a mão bem de leve nas minhas costas para indicar a direção certa, como se sem isso eu não fosse capaz de ver as portas. Gostei da atenção, se não fosse pelo subentendido. Estava tentando pescar alguma coisa de Hugo Ayres. Ele não era o tipo emissor.

– Faz tempo que você namora a Isabel? – perguntei, enquanto colocava o cinto de segurança, já no seu carro.

– Hã... éé... Acho que uns onze meses – disse Hugo Ayres.

Suas mãos eram grandes, com sardas. Era espantoso que ele não estivesse morando num bairro residencial, com uma esposa com mechas nos cabelos e dois filhos loirinhos.

– Você é divorciado? – perguntei, levada por um impulso. Quando vi sua expressão de pesar, me arrependi.

– Sim – disse ele. – É recente.

– Que chato.

Comecei a perguntar sobre as crianças, embora eu não tivesse nada a ver com isso. Conseguia lê-lo o suficiente para saber que ele tinha uma menina, mas não deu para descobrir o nome e a idade.

– E verdade que você consegue ler pensamentos? – perguntou ele.

– Sim, é verdade.



— Não é à toa que eles têm tanto interesse em você.

Ei. Se liga, Hugo.

— Isso é parte do motivo — disse, mantendo a voz equilibrada. — Você trabalha com o que durante o dia?

— Sou advogado — disse Hugo.

— Não é à toa que eles têm tanto interesse em você — disse, na voz mais neutra que conseguiu.

Depois de um longo e estranho silêncio, Hugo disse:

— Acho que mereci o troco.

— Vamos deixar isso para lá. Precisamos pensar numa história para a gente.

— E se formos irmãos?

— Pode ser. Já vi irmãos muito mais diferentes um do outro que a gente. Mas acho que se fôssemos namorados teríamos mais margem de erro para tudo o que não sabemos em relação ao outro, caso separem a gente e nos interroguem. Não acho que isso vá acontecer, e ficaria surpresa se acontecesse, mas como irmãos teríamos de saber tudo a respeito um do outro.

— Você tem razão. Que tal dizer que nos conhecemos na igreja? Você acabou de se mudar para Dallas, e eu te conheci no encontro de jovens na Igreja Metodista Glen Craigie. É a minha igreja.

— Tudo bem. E que tal eu ser gerente de um... Restaurante?

Por ter trabalhado no Merlotte's achei que eu seria convincente no papel, no caso de eles irem fundo no interrogatório.

Ele parecia um pouco surpreso.

— É bem diferente. Legal. Não sou bom ator, então acho que serei eu mesmo. Vai dar certo.

— Como você conheceu a Isabel? — claro que eu estava curiosa.

— Representei o Stan na corte. Os vizinhos dele entraram com um processo para proibir vampiros no bairro. Perderam.

Para Hugo, seu relacionamento com uma vampira era algo complicado, e ele também não estava convencido de que devia ter ganhado a causa. Na verdade, os sentimentos de Hugo em relação à Isabel eram profundamente ambivalentes.

Que beleza... Isso deixava a missão muito mais assustadora.

— Isso saiu nos jornais? O fato de você ter representado Stan Davis?

Ele parecia envergonhado.

— Sim, saiu. Droga, e se alguém no Centro reconhecer meu nome? Ou a minha cara, da minha foto no jornal?

— Mas isso pode até ser bom. Você pode dizer a eles que conseguiu enxergar seus erros, depois que conheceu os vampiros.

Hugo ponderou a questão, suas enormes mãos sardentas se mexiam nervosamente na direção.



— Ok — disse, finalmente. — Como eu disse, não sou bom ator, mas acho que essa passa.

Como eu represento o tempo todo, não estava muito preocupada. Pegar o pedido de um cara enquanto você finge que não sabe que ele está especulando se você é loira "nas partes" também pode ser um ótimo treino de interpretação. Na maior parte das vezes não dá para culpar as pessoas por aquilo que passa por suas cabeças. Você tem de aprender a enxergar através disso.

La sugerir ao advogado que segurasse minha mão se as coisas ficassem tensas naquele dia, para me enviar pensamentos nos quais eu pudesse agir, mas sua ambivalência, a ambivalência que exalava dele como um perfume barato, me impediu. Ele podia estar num transe sexual com Isabel. Talvez até a amasse, e amasse o perigo que ela representa, mas não acho que rolasse um comprometimento verdadeiro de coração e mente.

Num momento desagradável de autoanálise, me perguntei se o mesmo podia ser dito sobre Bill e eu. Mas esse não era o lugar nem hora para pensar nisso. Já tinha pescado coisas demais da mente do Hugo para começar a questionar se ele era confiável para a nossa pequena missão. Foi um pulinho para começar a achar que talvez eu não estava segura ao lado dele. Também me perguntava quanto Hugo Ayres saberia a meu respeito. Na noite passada ele não entrou na sala enquanto eu trabalhava. Isabel não me pareceu ser do tipo fofoqueira. Era possível que ele não soubesse muita coisa a meu respeito.

A pista de quatro faixas que cortava a periferia era margeada pelos típicos restaurantes *fast-food* e franquias de todos os tipos. Mas gradualmente o comércio foi dando espaço a residências, e o concreto, para o verde. O trânsito estava impassível. Eu jamais conseguiria morar numa cidade desse tamanho, enfrentar isso diariamente.

Hugo desacelerou e deu sinal de seta assim que chegamos ao cruzamento principal. Estávamos para entrar no estacionamento de uma enorme igreja, quer dizer, havia sido uma igreja antes. Pelos padrões de Bon Temps, a construção era enorme. De onde eu venho só os batistas conseguem tanta frequência, e isso se juntassem todas as suas congregações. O prédio de dois andares era acompanhado de duas asas laterais de um único andar. A construção era toda de tijolos brancos, e todas as janelas estavam pintadas. Um gramado de um verde químico circundava o todo, e havia um estacionamento gigante.

A placa na grama bem cuidada dizia: CENTRO DA IRMANDADE DO SOL — SÓ JESUS SE LEVANTOU DOS MORTOS.

Bufei ao abrir a porta para sair do carro do Hugo.

— Logo ali já temos um equívoco — informei ao meu acompanhante. — Lázaro também se levantou dos mortos. Os panacas não entendem nem de escrituras.

— É melhor você mudar sua atitude — Hugo me alertou, conforme saía e apertava o botão de trancar as portas. — Caso contrário você irá vacilar. Essa gente é perigosa. Eles assumiram a responsabilidade e a publicidade de terem entregado dois vampiros aos drenadores, alegando que a humanidade pode pelo menos se beneficiar com a morte de um vampiro.

— Eles se relacionam com os drenadores?



Senti um enjoo. Drenadores atuam numa linha de trabalho extremamente perigosa. Eles capturam vampiros, ferem-nos com correntes de prata e retiram o sangue deles para revender no mercado negro.

– Essa gente aí dentro entregou os vampiros para os drenadores?

– Foi o que um dos membros disse numa entrevista de jornal. Claro que no dia seguinte o líder estava no noticiário, negando veementemente, mas acho que foi só para abafar o caso. A Irmandade mata vampiros como pode. Açam que eles são profanos e uma aberração da natureza e são capazes de qualquer coisa. Se você tem amizade com um vampiro, eles podem pegar pesado. Lembre-se disse toda vez que abrir a boca lá dentro.

– Você também, senhor Agourento.

Caminhamos lentamente até o prédio, olhando para ele conforme íamos. Havia cerca de dez carros no estacionamento, dos velhos e amassados até os novos e os *top* de linha. Meu preferido era um Lexus branco perolado, tão legal que podia até pertencer a um vampiro.

– Alguém está se dando bem na indústria do ódio – observou Hugo.

– Quem é o comandante desse lugar?

– Um cara chamado Steve Newlin.

– Aposto que esse é o carro dele.

– Isso explicaria o adesivo.

Assenti com a cabeça. Dizia: APAGUE O "I" DOS IMORTAIS. No espelhinho lá dentro estava pendurada uma, bem... Talvez uma réplica, de uma estaca.

O lugar estava movimentado para um sábado à tarde. Havia crianças nos balanços e um trepa-trepa num jardim cercado ao lado do prédio. As crianças estavam acompanhadas de um adolescente entediado que cutucava as unhas. Não estava tão quente quanto no dia anterior – o verão ia perdendo sua maldita primazia, graças a Deus – e a porta do prédio estava aberta para aproveitar o lindo dia e a temperatura moderada.

Hugo pegou na minha mão, o que fez com que eu desse um pulo, até que percebi que ele estava querendo que a gente parecesse namorando. Seu interesse pessoal por mim era nulo; o que, por mim, estava ótimo. Depois de uns segundos de ajustes conseguimos parecer mais ou menos normais. O contato deixou a mente de Hugo bem mais acessível, e deu para ver que ele estava ansioso, mas determinado. Ele não gostou de pegar em mim, e esse era um sentimento um pouco forte demais para que eu conseguisse ficar à vontade mesmo assim. Falta de interesse era ótimo, mas essa rejeição me deixou encabulada. Havia algo por trás desse sentimento, uma atitude básica... mas como havia algumas pessoas à nossa frente, me concentrei no trabalho. Senti meus lábios repuxarem num sorriso.

Bill teve o cuidado de evitar meu pescoço ontem à noite, então eu não tinha de me preocupar em disfarçar marcas de presas. Graças ao meu modelo novo e ao lindo dia foi relativamente fácil parecer despreocupada quando acenamos para o casal de meia-idade que estava de saída.

Entramos na penumbra do prédio, na parte que devia ser a sala do grupo de jovens da igreja. Por todo o corredor havia sinais novos em folha nas portas, sinais que diziam ORÇAMENTOS E FINANÇAS, PUBLICIDADE, e o mais agourento: ASSESSORIA DE IMPRENSA.

Uma mulher de cerca de 40 anos saiu de uma porta no fim do corredor e se virou para nós. Ela parecia simpática, até meiga, com uma pele linda e cabelos castanhos curtos. Seu batom muito rosa combinava com suas unhas, e seu lábio inferior fazia um biquinho sutil, o que lhe conferia uma sensualidade inesperada. Ele ficava ali parado, como uma estranha provocação em meio ao seu corpo roliço e aprazível. Camisa jeans e saia de malha. A camisa colocada cuidadosamente para dentro da saia era um eco da minha própria roupa, e eu me parabeneizei mentalmente.

— Posso ajudá-los? — perguntou ela, com uma cara simpática.

— Queremos nos informar um pouco mais sobre a Irmandade — disse Hugo, e ele parecia tão simpático e sincero quanto nossa nova amiga.

Notei que ela usava um adesivo com o nome escrito, e dizia: S. Newlin.

— E um prazer recebê-los — disse ela. — Sou a esposa do diretor, Steve Newlin. Meu nome é Sarah.

Ela apertou a mão do Hugo, mas a minha não. Algumas mulheres não acham que mulheres devam se cumprimentar com apertos de mão, então não me preocupei com isso.

Trocamos cortesias como "prazer em conhecê-la", e ela fez um aceno, indicando as portas duplas ao final do corredor.

— Venham comigo e eu lhes mostro onde fazemos as coisas. — Ela deu uma risadinha, como se a ideia de alcançar objetivos fosse um tanto quanto engraçada.

Todas as portas do corredor estavam abertas, e dentro delas havia sinais de atividades completamente transparentes. Se a organização dos Newlin mantinha prisioneiros ou realizava operações secretas, era em alguma outra parte do prédio. Reparei nas coisas o máximo que consegui, determinada a me abastecer de informações. Mas até então o interior do prédio da Irmandade do Sol era tão limpo quanto o exterior, e as pessoas não pareciam nem um pouco sinistras ou malignas.

Sarah ia à nossa frente, num andar tranquilo. Ela segurava uma pilha de pastas contra o peito e falava por cima do ombro enquanto andava num ritmo que parecia calmo, mas na verdade era um pouco desafiador. Hugo e eu, já não mais de mãos dadas, tínhamos de acelerar para acompanhá-la.

O prédio na verdade era muito maior do que eu havia calculado. Entramos pela ponta da asa. Agora atravessávamos a nave central da antiga igreja, equipada para reuniões como qualquer grande salão, e chegamos à outra asa. Esta continha um número menor de salas, porém maiores; a mais próxima à nave central era sem dúvida o escritório do antigo pastor. Agora havia uma placa na porta que dizia G. STEVEN NEWLIN, DIRETOR.

Essa foi a única porta fechada que vi no prédio.

Sarah bateu e, depois de um momento de espera, entrou. O homem alto e magro atrás da mesa se levantou e sorriu para nós com uma cara de quem tinha prazer em nos receber. Sua cabeça não parecia grande o suficiente para o tamanho do seu corpo. Seus olhos tinham uma tonalidade de azul esmaecido, seu nariz era adunco, e seus cabelos eram quase do mesmo tom castanho que os da esposa, com alguns fios



brancos. Não sei o que eu esperava encontrar num fanático, mas esse homem não era o que eu imaginava que seria. Ele parecia um pouco deslumbrado com sua própria vida.

Ele estivera conversando com uma mulher alta com cabelos cor de chumbo. Ela vestia calça e blusa, mas tinha cara de quem estaria mais à vontade num terno. Estava super maquiada e nada satisfeita com alguma coisa, talvez com nossa interrupção.

— Como posso ajudá-los? — perguntou Steve Newlin, fazendo um sinal para que Hugo e eu nos sentássemos. Nos acomodamos nas poltronas de couro verde à frente da sua mesa, e Sarah, sem perguntar, sentou-se numa cadeira menor encostada na parede no outro lado da sala.

— Com licença, Steve — disse ela ao marido. — Vocês aceitam um café, um refrigerante?

Hugo e eu trocamos olhares e balançamos a cabeça.

— Querido, esses são... Ai, eu nem perguntei seus nomes.

Ela olhou para nós, encabulada e dengosa.

— Meu nome é Hugo Ayres, e esta é minha namorada, Petúnia.

Petúnia? Ele devia estar doido! Com muito esforço mantive um sorrisinho grudado no rosto. Então vi o vaso de petúnias na mesinha ao lado da Sarah, e pelo menos consegui entender a escolha. Sem dúvida já tínhamos cometido um erro grave; devíamos ter discutido isso no caminho. Diz a lógica que se o grampo foi responsabilidade da Irmandade, eles conheceriam o nome Sookie Stackhouse. Graças a Deus que Hugo se deu conta disso.

— Conhecemos Hugo Ayres, não é, Sarah?

A expressão no rosto de Steve Newlin era de alguém intrigado, sem tirar nem pôr, a testa levemente franzida, sobrancelhas erguidas, questionadoras, cabeça inclinada para o lado.

— Ayres? — disse a mulher de cabelos grisalhos. — Meu nome é Polly Blythe, encarregada das cerimônias da Irmandade.

— Oh, Polly, perdão, estava distraída. — Sarah inclinou a cabeça para trás. Na sua testa também havia rugas. Mas logo sumiram e ela sorriu para o marido. — Não era Ayres o nome do advogado que representou os vampiros no University Park?

— Esse era o nome — disse Steve, recostando-se na cadeira e cruzando suas longas pernas. Ele acenou para alguém que passou pelo corredor e cruzou os dedos em torno do joelho. — Bem, acho interessante que você tenha vindo nos visitar, Hugo. Alguma esperança de você ter enxergado o outro lado da questão vampiros?

O rosto de Steve Newlin exalava satisfação, como o cheiro de um gambá.

— Foi bom você ter colocado a coisa nesses termos — começou Hugo, mas a voz de Steve prosseguiu:

— O lado sanguessuga, o lado negro da existência deles? Você se deu conta de que eles querem nos matar, a todos nós, nos dominar com seu comportamento impuro e promessas vazias?

Eu tinha noção de que meus olhos estavam esbugalhados. Sarah acenava com a cabeça, reflexiva, meiga e insossa como um pudim de baunilha. Polly parecia estar tendo um orgasmo austero. Steve disse, ainda sorrindo:



– Sabe como é, nesse mundo a vida eterna pode parecer interessante, mas você perde sua alma e, mais dia menos dia, quando a gente alcançar, talvez não eu, claro, mas talvez meu filho ou até minha mãe vamos estacá-lo e queimá-lo, e daí você vai ver o inferno de verdade não será nem um pouco melhor pelo fato de ter postergado. Deus tem um cantinho especial para vampiros que usaram humanos como papel higiênico e depois puxaram a descarga...

Ai, que nojo. Isso estava indo ladeira abaixo e rápido. E o que captava de Steve era apenas uma satisfação infinita, regozijante, além de uma pesada dose de astúcia. Nada de informação concreta.

– Desculpe interromper, Steve – disse uma voz grossa. Virei-me na cadeira e vi um homem bonito de cabelos pretos, corte militar, e músculos de halterofilista. Ele sorriu para todos nós com a mesma simpatia demonstrada pelos demais. No começo, fiquei impressionado com essa postura. Depois, comecei a achar aquilo sinistro.

– Nosso hóspede está te chamando.

– Mesmo? Vou num minuto.

– Seria bom se você viesse agora. Tenho certeza de que seus convidados não se importariam de esperar. – O moço de corte militar nos lançou um olhar que era um pedido de compreensão.

Hugo pensava sobre um lugar bem fundo, um flash de pensamento que me pareceu muito peculiar.

– Gabe, irei assim que terminar de atender nossos visitantes – disse Steve, firme.

– Bem, Steve... – Gabe não ia desistir tão fácil, mas ele notou um brilho nos olhos do chefe, e Steve se empertigou e descruzou as pernas. Gabe entendeu o recado. Ele lançou um olhar para Steve que era tudo menos de admiração e partiu.

A troca era promissora. Fiquei imaginando se Farrell estaria atrás de uma das portas fechadas e me vi voltando para o ninho de Dallas, dizendo a Stan exatamente onde seu irmão estava preso. E então...

Ai ai... E então Stan viria e atacaria a Irmandade do Sol, mataria todos os seus membros e libertaria Farrell, e daí...

Ai Deus.

– Só queremos saber se vai ter algum evento do qual podemos participar, alguma coisa que possa nos dar uma ideia do tipo de programação. – A voz de Hugo tinha um tom de interesse moderado, nada mais. – Aproveitando que a senhorita Blythe está aqui, talvez ela possa nos dizer.

Percebi que Polly Blythe deu uma olhada para Steve antes de responder e notei que ele permaneceu de cara fechada. Polly Blythe ficou satisfeita por alguém ter lhe solicitado uma informação e estava feliz por Hugo e eu estarmos ali, na Irmandade.

– Temos alguns eventos programados – disse a mulher grisalha. – Hoje à noite teremos uma vigília especial e, depois disso, no domingo, um ritual de crepúsculo.

– Parece interessante – disse. – É literalmente no crepúsculo?

– Ah, sim, exatamente. Ligamos para o serviço de meteorologia e tudo – disse Sarah, rindo.

Steve disse:



– A cerimônia crepuscular é o tipo de experiência que você nunca mais esquece. É extremamente inspirador.

– Que tipo de... Bem, como é? – perguntou Hugo.

– Você vê a manifestação do poder divino bem na sua frente – disse Steve, sorrindo.

Aquilo parecia muito, muito sinistro.

– Ai, Hugo... – disse. – Não parece legal?

– Com certeza. Que horas começa a vigília?

– Às seis e meia. Queremos que nossos membros estejam aqui antes de eles estarem prontos.

Por um segundo imaginei uma travessa de pãezinhos num lugar bem quente. Então percebi que Steve quis dizer que queria os convidados lá antes de os vampiros levantarem para a noite.

– Mas e quando a sua congregação vai embora? – Não consegui deixar de perguntar.

– Ah, pelo jeito você nunca participou de uma vigília quando era adolescente – disse Sarah. – É super divertido. Todo mundo traz sacos de dormir, comemos e jogamos um pouco, lemos a bíblia, assistimos a uma palestra e passamos a noite na igreja.

Notei que aos olhos de Sarah a Irmandade era uma igreja e tenho quase certeza de que essa era a visão do resto da gerência. Se parecia igreja, e funcionava como igreja, então era uma igreja, independentemente do que estava escrito na sua razão social.

Quando adolescente participei de algumas vigílias, e foi uma experiência insuportável. Um bando de moleques trancados num prédio a noite toda, vigiados de perto, com fornecimento inesgotável de filmes e guloseimas, atividades e refrigerante. Sofri o bombardeio de pensamentos carregados de hormônios de adolescentes, para não falar nos impulsos, na gritaria e nos chilikues.

Isso seria diferente, disse a mim mesma. Lá seriam adultos, e adultos determinados. Provavelmente não haveria milhões de sacos de batatinhas, e talvez as acomodações para dormir fossem descentes. Se eu fosse com Hugo, talvez tivéssemos uma chance de andar pelo prédio e salvar Farrell, pois eu tinha certeza de que era ele quem iria ao encontro do sol, no domingo, independentemente de querer isso ou não.

– Vocês serão muito bem-vindos – disse Polly. – Temos comida e camas de monte.

Hugo e eu trocamos olhares, sem saber o que fazer.

– Que tal a gente fazer uma tour pelo prédio? Assim vocês poderão ver tudo que há para ver. Daí vocês decidem – sugeriu Sarah.

Peguei na mão de Hugo e ouvi uma barulheira de sentimentos dúbios. Mal pude acreditar no estado emocional de Hugo. Ele estava pensando "Vamos embora daqui".

Descartei meu plano prévio. Com Hugo aflito daquele jeito era melhor não ficarmos ali. Melhor deixar as perguntas para depois.

– Vamos voltar para a minha casa para buscar os sacos de dormir e travesseiros – disse, animada. – Que tal, amor?

– É, eu tenho de dar comida para o gato – disse Hugo. – Mas estaremos de volta às... Você disse seis e meia?



— Ei, Steve, não temos uns sacos de dormir sobrando no almoxarifado? Da época que aquele casal veio passar um tempo conosco?

— Adorariíamos que vocês ficassem até todo mundo chegar. — Steve tentava nos convencer, seu sorriso mais radiante que nunca.

Eu sabia que estávamos sendo ameaçados, e sabíamos que tínhamos de sair dali, mas a única coisa que eu visualizava nas mentes dos Newlin era um muro de determinação. Polly Blythe parecia estar quase.... Em êxtase. Eu odiava ter de forçar a barra, agora que sabia que eles suspeitavam de nós. Se ao menos pudéssemos cair fora naquele instante, eu juraria a mim mesma nunca mais voltar. Eu abriria mão de ser espiã de vampiro, simplesmente voltaria à minha vida de garçoneiro e a dormir com Bill.

— A gente precisa ir mesmo — disse, educada e firme. — Estamos tão maravilhados com vocês e queremos voltar para a vigília de hoje à noite, mas ainda tem muito tempo até lá e dá para a gente resolver algumas coisinhas antes. Sabe como é quando a gente trabalha a semana inteira. Várias coisas ficam pendentes.

— Ah, mas amanhã, ao final da vigília, essas coisinhas estarão exatamente no mesmo lugar! — disse Steve. — Vocês precisam ficar, os dois.

Não teria como escapar dali sem entregar o jogo. E eu não seria a primeira a fazê-lo, não enquanto ainda houvesse alguma chance de escaparmos. Tinha muita gente no local. Deixamos o escritório do Steve Newlin e viramos à esquerda. Então, com Steve nos seguindo, Polly à nossa direita e Sarah na nossa frente, seguimos pelo corredor. Toda vez que passávamos por uma porta aberta, alguém chamava: "Steve, posso falar com você um minuto?" ou "Steve, Ed disse que temos de mudar esse texto!". Mas fora uma piscada ou uma tremida mínima no sorriso, não consegui pescar reações de Steve Newlin a essas solicitações.

Fiquei me perguntando por quanto tempo essa gente duraria se Steve fosse removido. Depois fiquei envergonhada por ter pensado isso, pois o que eu queria dizer era: se Steve morresse. Começava a achar que Sarah ou Polly seriam capazes de assumir o seu lugar, se tivessem permissão, pois ambas pareciam feitas de aço.

Todas as salas estavam abertas, demonstrando inocência, se considerando a premissa na qual a organização alegava sua inocência. As pessoas tinham cara de gente normal. Americanos um pouco mais arrumados que o normal, e havia até alguns que não eram brancos.

E um não humano.

No corredor passamos por uma mulher latina, miúda, e, quando seus olhos passaram por nós, captei uma assinatura mental que só havia visto uma única vez antes. Da primeira vez veio de Sam Merlotte. Essa mulher, como Sam, era uma mutante, e seus enormes olhos se arregalaram quando ela sentiu a rajada de "diferença" que vinha de mim. Tentei atrair seu olhar, e por um instante olhamos uma para a outra. Eu tentava lhe mandar uma mensagem, e ela tentava não recebê-la.

— Cheguei a comentar que a primeira igreja que ocupou esse local foi no início dos anos sessenta? — disse Sarah, conforme a mulherzinha seguia pelo corredor com passos rápidos.

Ela olhou para trás por cima dos ombros, e novamente olhei nos seus olhos. Os dela estavam assustados. Os meus diziam: "Socorro".

— Não — disse, surpresa com a inesperada mudança de rumo da conversa.



– Só mais um pouco – disse Sarah, lisonjeira – e teremos conhecido a igreja toda.

Chegamos à última porta ao final do corredor. A correspondente na outra ala era uma saída. De fora da igreja tive a impressão de que as asas eram perfeitamente simétricas. Obviamente minha impressão era equivocada, mesmo assim...

– O lugar é de fato bem grande – disse Hugo, concordando.

Sejam lá quais eram as emoções contraditórias que o atormentavam, elas cessaram. Aliás, ele nem parecia mais preocupado. Somente uma pessoa desprovida de qualquer sensibilidade psíquica conseguiria não ficar preocupada numa situação dessas.

Esse era Hugo. Nenhuma sensibilidade psíquica. Ele só pareceu interessado quando Polly abriu a porta do fim do corredor. Devia ser a saída do prédio.

Mas ela dava no subsolo.

Eu tenho um pouco de claustrofobia – disse, na hora. – Nem sabia que era comum os prédios de Dallas terem porão, mas na verdade não faço muita questão de conferir.

Agarrei-me ao braço do Hugo e tentei dar um sorriso que fosse ao mesmo tempo charmoso e humilde.

O coração do Hugo batia como um tambor, pois ele estava cagando de medo. Juro que ele estava. Cara a cara com aquela escada, mais uma vez sua calma começou a ruir. Não entendi qual era a dele. Apesar do medo que estava sentindo, deu um tapinha brincalhão no meu ombro e um sorriso de desculpas aos nossos companheiros.

– Acho melhor a gente ir embora – sussurrou ele.

– Insisto para que vocês deem uma olhada no que temos aqui em baixo. Temos um abrigo antibomba, de verdade – disse Sarah, quase rindo. – E é totalmente equipado. Não é, Steve?

– Tem de tudo aí embaixo – concordou Steve.

Ele ainda parecia descontraído, genial, no comando, mas eu não conseguia mais enxergar isso como características benignas. Steve deu um passo adiante, e como estava atrás de nós, tive de dar um passo para frente ou correria o risco dele encostar em mim, coisa que percebi que não queria que acontecesse.

– Vamos lá – disse Sarah, eufórica. – Aposto que Gabe está lá embaixo, e Steve pode ir na frente e ver o que ele queria enquanto a gente confere o resto das instalações.

Ela desceu as escadas tão rapidamente quanto antes andava pelo corredor, seu traseiro rechonchudo rebolando de um jeito que eu provavelmente acharia gracioso se não estivesse aterrorizada.

Polly acenou para que descêssemos na sua frente, e lá fomos nós. Eu só fui no embalo porque Hugo parecia certo de que nada de mal aconteceria com ele. Isso eu consegui detectar nitidamente. Seu medo anterior havia sumido. Era como se ele tivesse aderido a algum programa, e seus sentimentos dúbios desapareceram. Na minha vaidade, desejei que ele fosse mais fácil de ler. Voltei meu foco para Steve Newlin, mas tudo que vi foi um muro maciço de satisfação própria.

Continuamos a descer a escada, apesar de meus passos estarem mais lentos, e depois mais lentos ainda. Hugo tinha certeza de que voltaria a subir essa escada: afinal, era uma pessoa civilizada. Ali éramos todos civilizados.

Hugo realmente não conseguia imaginar que algo irremediável pudesse acontecer com ele. Afinal, era um americano branco, classe média, com educação superior, assim como todos que desciam aquela escada conosco.



Eu não tinha a mesma certeza. Eu não era uma pessoa totalmente civilizada.. Essa ideia era nova e interessante, mas como muitas das que tive naquela tarde, tive de arquivá-la para ser considerada no meu tempo livre. Isto é, se é que eu voltaria a ter tempo livre.

Ao final da escada havia outra porta, e Sarah deu uma batida ritmada. Três batidas rápidas, pausa, duas rápidas. Registrado. Ouvi o barulho de cadeados.

Gabe com seu cabelo preto em corte militar abriu a porta.

— E aí, você trouxe visitas para mim — disse, animado. — Maravilha!

Sua camisa polo estava enfiada para dentro da calça social pregueada. Seu tênis Nike era novo em folha. Estava barbeado, com a cara limpa de tudo. Aposto que ele faz cinquenta flexões de braço todas as manhãs. Havia uma excitação sorrateira em todos os seus movimentos e gestos. Gabe estava eufórico com alguma coisa.

Tentei "ler" a área de vida, mas estava agitada demais para conseguir me concentrar.

— Que bom que você veio, Steve — disse Gabe. — Enquanto Sarah mostra o abrigo aos nossos visitantes, talvez você possa dar uma olhada no nosso quarto de hóspedes.

Ele inclinou a cabeça para a porta do lado direito de um corredor de concreto. Havia outra porta no fim e uma porta à esquerda.

Eu estava odiando o lugar. Aleguei ter claustrofobia para escapar disso. Agora que fui coagida a descer as escadas, percebi que essa era uma fraqueza que eu tinha de verdade. O cheiro de mofo, a luz artificial e a sensação de clausura... Abominava tudo aquilo. Não queria ficar ali. Comecei a suar nas palmas das mãos. Meus pés pareciam presos ao chão.

— Hugo — sussurrei — Não quero ir em frente.

Havia pouco fingimento no tom desesperado da minha voz. Preferia não ouvi-lo, mas estava lá.

— Ela realmente precisa voltar lá para cima — disse Hugo, desculpando-se. — Se vocês não se importarem, vamos subir e esperamos vocês lá.

Eu me virei, torcendo para que isso desse certo, mas dei de cara com Steve. Ele não estava mais sorrindo.

— Acho melhor vocês dois esperarem nessa sala aqui, enquanto termino esse assunto. Daí a gente conversa.

Pelo seu tom de voz percebemos que não havia espaço para discussão, e Sarah abriu a porta de um quarto minúsculo e vazio, com apenas duas cadeiras e dois catres.

— Não — disse. — Não vou entrar aí — e empurrei Steve com toda a força.

Sou muito forte, bem forte mesmo, pois bebi sangue de vampiro, então, apesar do seu tamanho, Steve cambaleou. Disparei escada acima o mais rápido que consegui, mas uma mão agarrou meu calcanhar, e eu levei um tombo dolorido. As quinas dos degraus me acertaram em quase tudo quanto é lugar, no osso molar, no peito, nos quadris, no joelho esquerdo. Doeu tanto que quase engasguei.

— Aqui, mocinha — disse Gabe, me levantando.

— O que foi que... Como você se atreve a machucá-la assim? — balbuciava Hugo, genuinamente furioso. — Viemos aqui dispostos a entrar para o grupo, e é assim que você trata a gente?



– Chega de cena – disse Gabe, e ele dobrou meu braço atrás das minhas costas antes que eu tivesse me recomposto do tombo.

Eu arfava por causa da nova dor, e ele me empurrou para dentro do quarto, de última hora pegou a peruca e a arrancou da minha cabeça. Hugo entrou atrás de mim, embora eu tenha gritado "Não" e então eles fecharam a porta.

E ouvimos o trinco. E foi isso.

– Sookie – disse Hugo, tem uma fenda na sua maçã do rosto.

– Não brinca – murmurei, fraca.

– Você se machucou muito?

– O que você acha?

Ele me levou ao pé da letra.

– Acho que você se machucou e talvez tenha uma contusão. Você não quebrou nada, né?

– Um ou dois ossos – disse.

– Se continua cínica é sinal de que não está tão mal assim – disse Hugo.

Se ele pudesse ficar bravo comigo, conseguiria se sentir melhor, isso eu percebi, e me perguntei o motivo. Mas não especulei demais. Eu sabia muito bem.

Eu estava deitada num dos catres, um braço sobre o rosto, tentando ficar na minha e pensar um pouco. Não conseguimos ouvir muita movimentação no corredor lá fora. Uma hora achei que ouvi uma porta abrindo, e ouvimos vozes abafadas, mas foi só. Aquelas paredes foram construídas para resistir a uma explosão nuclear, então supus que silêncio fosse normal.

– Você tem relógio? – perguntei para Hugo.

– Sim. São cinco e meia.

Ainda faltavam umas boas duas horas até os vampiros levantarem.

Continuei quieta. Quando vi que o ilegível Hugo havia voltando aos seus próprios pensamentos, baixei a guarda e ouvi com concentração total.

Não era para ser assim, não estou gostando disso, claro que vai dar tudo certo, e quando a gente tiver de ir ao banheiro? Não posso botar para fora na frente dela, talvez Isabel nunca descubra, depois daquela garota de ontem à noite eu devia ter me tocado, como é que vou conseguir advogar depois disso, se depois de amanhã eu começar a me distanciar dá para sair na moita...

Pressionei o braço contra os olhos com toda a força até doer para poder me segurar. Minha vontade era me levantar, agarrar uma cadeira e dar com tudo em Hugo Ayres até ele desmaiar. No momento ele não entendia muito bem minha telepatia. A Irmandade também não, ou nunca teria me deixado aqui com ele.

Ou talvez Hugo fosse tão descartável para eles como era para mim. Como certamente seria para os vampiros. Mal conseguia esperar para contar para Isabel que seu garoto de estimação era um traidor.

Isso acalmou meu desejo de vingança. Quando me dei conta do que Isabel faria com Hugo, percebi que, se eu presenciasse o ato, não sentiria a menor satisfação. Para ser sincera, ficaria apavorada e enojada.

Mas em parte eu achava que ele merecia, e muito.

A quem esse advogado perturbado era leal?

Havia um jeito de descobrir.



Eu me sentei, dolorida, e encostei as costas na parede. A recuperação seria rápida – de novo, o sangue de vampiro – mas eu ainda era humana e ainda me sentia horrível. Sabia que meu rosto estava machucado, machucado feio, e podia jurar que meu osso molar estava fraturado. O lado esquerdo do meu rosto avolumava-se furiosamente. Mas minhas pernas não estavam quebradas, e eu ainda podia correr, dada uma oportunidade. Esse era o problema principal.

Uma vez empertigada e na posição mais confortável que encontrei, disse:

– Hugo, há quanto tempo você tem sido um traidor?

Ele ficou vermelho, um vermelho inacreditável.

– Traíndo quem? Isabel ou a raça humana?

– Pode escolher.

– Traí a raça humana quando tomei a decisão de representar os vampiros na corte. Se eu tivesse ideia do que são... Peguei o caso sem saber, pois achei que seria um desafio jurídico interessante. Sempre fui advogado de direitos humanos e estava convencido de que vampiros merecem igualdade de direitos. Um conciliador por natureza...

– Claro – disse.

– Eu achava que negar a eles o direito de morar onde bem entendessem era uma postura antiamericana – prosseguiu Hugo. Ele parou amargo e com medo das palavras.

Ele ainda não tinha visto amargura.

– Mas quer saber, Sookie? Vampiros não são americanos. Não nem mesmo negros, orientais ou índios. Não são membros do Rot Club nem protestantes. São apenas vampiros. Essa é a cor deles, religião e nacionalidade.

Bem, isso é o que acontece quando uma minoria permanece no mundo por milhares de anos.....Dã.

– Na época, achei que se Stan Davis queria morar em Green Val Road ou na Hudred-Acre Wood, era um direito que ele tinha como americano. Então eu o defendi contra a associação da vizinhança e ganhei. Fiquei todo orgulhoso. Daí conheci Isabel, e uma noite fomos para a cama. Estava me sentindo ousado, um homem e tanto, o pensador emancipado.

Fiquei olhando para ele, sem piscar nem dizer uma palavra.

– Como você sabe, o sexo é ótimo, o melhor. Fui seu servo, sempre querendo mais. Meu trabalho ficou prejudicado. Comecei a atender clientes apenas na parte da tarde, pois de manhã não conseguia acordar. Não conseguia chegar para as minhas audiências da parte da manhã. Depois que anoitecia, não conseguia deixar Isabel.

A rima isso soava como o relato de um alcoólatra. Hugo estava viciado em sexo com vampiros. Achei aquilo fascinante e asqueroso.

– Comecei a fazer pequenos serviços que ela me passava. No ano passado eu até ia lá para fazer tarefas domésticas, só para ficar perto Isabel. Quando ela pediu que eu levasse a tigela de água para ela, fiquei eufórico. Não por cumprir uma tarefa insignificante, sou advogado pelo amor de Deus! Mas porque a Irmandade havia me chamado e perguntou se eu podia lhes fornecer alguma informação a respeito dos planos dos vampiros de Dallas. Quando eles me procuraram, eu estava puto da vida com Isabel. Brigamos por causa do jeito como ela me trata. Por conta disso eu estava disposto a atender a Irmandade. Eu tinha ouvido Stan e Isabel falarem seu nome,



então repassei essa informação para eles. A Irmandade tem um cara trabalhando na Anúbis Air. Ele descobriu quando o avião de Bill ia chegar, e tentou lhe pegar no aeroporto para descobrir o que os vampiros queriam com você, e o que eles fariam para tê-la de volta. Quando entrei com a travessa de água, ouvi Stan ou Bill chamarem-na pelo nome, e assim eu soube que o plano do aeroporto tinha falhado. Senti que tinha de dizer alguma coisa para a Irmandade, como compensação por ter perdido a escuta que eu havia instalado na sala de conferência.

— Você traiu a Isabel — disse. — E você me traiu, embora eu seja humana, como você.

— Sim — disse Hugo. Ele não olhou nos meus olhos.

— E a Bethany Rogers?

— A garçonete?

Ele estava se esquivando.

— A garçonete morta — disse.

— Eles a levaram — disse ele, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse na verdade dizendo: "Não, eles não podiam ter feito o que fizeram". — Eles a levaram, e eu não sabia o que fariam. Eu sabia que ela era a única que tinha visto Farrell e Godfrey e disse isso a eles. Quando acordei hoje e vi que ela foi encontrada morta, não consegui acreditar.

— Eles a sequestraram depois que você contou para eles que ela foi ao ninho do Stan e que ela era a única testemunha real.

— Sim, eles devem ter feito isso.

— Você ligou para eles ontem à noite.

— Sim, tenho um celular. Saí no quintal e liguei. Estava me arriscando, pois você sabe que vampiros têm uma audição e tanto, mas liguei.

Ele estava tentando se convencer de que isso foi corajoso, uma coisa ousada. Ligar do quartel general dos vampiros para dedurar a pobre, a coitada da Bethany, que acabou com um tiro, num beco.

— Ela foi assassinada depois que você a traiu.

— Sim, eu... Eu ouvi isso no noticiário.

— Adivinha quem fez aquilo, Hugo.

— Eu... Sei lá.

— Claro que sabe, Hugo. Ela era uma testemunha ocular. E era uma lição. Uma lição para os vampiros. "E isso que faremos com as pessoas que trabalham para vocês ou ganham a vida através de vocês, se elas forem contra a Irmandade". O que você acha que eles vão fazer com você, Hugo?

— Eu os ajudo — disse ele, surpreso.

— Quem mais sabe disso?

— Ninguém.

— Então quem deve morrer? O advogado que ajudou Stan Davis a morar onde bem entendesse.

Hugo estava atônito.

— Se você é tão importante para eles, por que está trancado nesse quarto comigo?

— Porque até agora você não sabia o que eu fiz — elucidou. — Até agora era possível que você me desse mais informações que poderíamos usar contra eles.



— Então agora que sei quem você é, eles vão soltá-lo. Certo? Por que você não experimenta para ver? Prefiro muito mais ficar sozinha.

Bem nessa hora alguém abriu um pequeno compartimento da porta. Eu nem sabia que havia aquilo, preocupada como estava quando passei pelo corredor. Um rosto apareceu na abertura, que tinha aproximadamente uns 25x25 centímetros.

Era um rosto conhecido. Gabe, com um sorrisinho.

— Como estão as coisas aí?

— Sookie precisa de um médico — disse Hugo. — Ela não está se queixando, mas acho que quebrou o osso molar.

Seu tom de voz era de reprovação.

— E ela sabe da minha ligação com a Irmandade, então você pode muito bem me soltar.

Não sei o que Hugo estava tentando fazer, mas tentei fazer cara de quem está destruída. Foi bem fácil.

— Tenho uma ideia — disse Gabe. — Estou meio entediado aqui, e não acho que Steve ou Sarah, ou mesmo a velha Polly, vá descer aqui tão cedo. Temos outro prisioneiro aqui, Hugo. Acho que ele vai ficar feliz em ver você. Farrell? Você o conheceu no quartel general dos Seres Malignos?

— Sim — disse Hugo. Ele parecia bem chateado com essa guinada na conversa.

— Você tem noção do quanto Farrell vai gostar de você? E ele é gay, um veado sanguessuga. Estamos tão abaixo da terra que ele tem acordado mais cedo. Então achei que seria uma boa colocar você lá com ele, enquanto eu me divirto com a traidora aqui.

Gabe sorriu para mim de um jeito que fez meu estômago revirar.

O rosto de Hugo era um quadro. Um quadro mesmo. Várias coisas passaram pela minha cabeça, coisas pertinentes para se dizer. Passei por cima do prazer obscuro. Precisava poupar minhas energias.

Um dos ditados favoritos da minha avó me veio à mente sem pedir licença enquanto eu olhava para o belo rosto de Gabe. "Por fora bela viola, por dentro pão bolorento", murmurei e iniciei o doloroso processo de me levantar para me defender. Minhas pernas podiam não estar quebradas, mas meu joelho esquerdo certamente estava ferrado. A cor já era bem feia, e estava inchado.

Achei que talvez Hugo e eu pudéssemos derrubar Gabe quando ele abrisse a porta, mas assim que ela abriu vi que ele segurava uma arma e um objeto preto, de aspecto ameaçador que achei ser um instrumento de choque.

— Farrell! — gritei.

Se estivesse acordado, teria me ouvido. Afinal, era vampiro. Gabe pulou e me olhou desconfiado.

— Sim? — uma voz grossa veio da sala no fim do corredor. Ouvi o barulho de correntes conforme o vampiro se mexeu. Claro, eles o acorrentaram com prata. Caso contrário ele conseguiria arrancar as dobradiças da porta.

— Stan nos enviou! — gritei, e então Gabe me deu um tapa com a mão com que segurava a pistola. Como eu estava apoiada na parede, bati a cabeça. Emiti um som tenebroso, não tanto um grito, mas alto demais para ser um gemido.

— Cale a boca, sua puta! — gritou Gabe. Ele estava apontando uma das armas para Hugo e a arma de choque engatilhada a alguns centímetros de mim. — Agora, doutor, venha aqui no corredor. E fique longe de mim, ouviu?



Hugo, o rosto pingando de suor, passou por Gabe e saiu no corredor. Não era fácil acompanhar o que estava acontecendo, mas percebi que no pequeno espaço que Gabe tinha para se locomover, ele ficou bem perto do Hugo ao abrir a porta da cela do Farrell. Justo quando achei que Gabe estava longe o bastante no corredor para escapar, ele disse a Hugo para fechar a porta da minha cela, e embora eu tenha sacudido a cabeça enfaticamente para Hugo, ele obedeceu à orientação de Gabe.

Acho que Hugo nem me viu. Ele estava totalmente voltado para dentro. Tudo dentro dele ruía, seus pensamentos eram um caos. Fiz o melhor que pude por ele ao gritar para Farrell que éramos enviados do Stan, mas Hugo estava amedrontado demais, desiludido ou envergonhado para mostrar alguma firmeza de caráter. Considerando sua traição pesada, até me surpreendi por estar tão preocupada com ele. Se não tivesse pegado na sua mão e visto a imagem dos seus filhos, não teria ligado.

— Você não vale nada, Hugo — disse.

Seu rosto voltou a aparecer momentaneamente na janelinha. Um rosto pálido com preocupações de todos os tipos, mas então ele sumiu. Ouvi uma porta se abrindo, o barulho de correntes, e uma porta se fechando.

Gabe havia empurrado Hugo para dentro da cela do Farrell. Respirei fundo, tomando fôlego inúmeras vezes, a ponto de achar que ia hiperventilar. Ergui uma das cadeiras, uma de plástico com pernas de metal, o tipo de cadeira na qual você se sentou mil vezes em igrejas, encontros e salas de aula. Eu a segurei no estilo domadora de leão, com as pernas para frente. Foi a única coisa que me ocorreu. Pensei em Bill, mas isso foi muito dolorido. Pensei no meu irmão, Jason, e desejei que ele estivesse ali comigo. Fazia muito tempo que não desejava isso em relação a Jason.

A porta se abriu. Gabe já estava sorrindo quando entrou. Era um sorriso maldoso, deixando toda a feiura esvaír da sua alma através da boca e dos olhos. Esse era o seu conceito de diversão.

— Você acha que vai se proteger com essa cadeirinha? — perguntou.

Eu não estava a fim de conversar e não queria ouvir as serpentes no seu cérebro. Eu me fechei, fiquei firme, prendendo minha mente.

Ele tinha embainhado uma arma, mas ainda segurava a arma de choque. Estava tão seguro que a colocou numa pequena algibeira, no lado esquerdo da cintura. Segurou as pernas da cadeira e começou a sacudi-la de um lado para o outro.

Eu empurrei.

Quase o coloquei porta afora, tão inesperada era a força do meu contra-ataque, mas no último instante ele conseguiu torcer as pernas da cadeira para o lado, de modo que ela não passava pela porta estreita. Ele ficou parado contra a parede, no outro lado do corredor, ofegante, o rosto vermelho.

— Puta — sibilou e avançou novamente para cima de mim. Dessa vez tentou arrancar a cadeira das minhas mãos.

Mas, como eu disse antes, bebi sangue de vampiro e não permiti que ele a pegasse. E não deixei que me pegasse também.

Sem que eu visse, ele pegou a arma de choque e, rápido como uma cobra, avançou por cima da cadeira e enfiou a arma no meu ombro.

Não desmaiei conforme ele esperava, mas caí de joelhos, ainda segurando a cadeira. Enquanto tentava entender o que tinha acontecido comigo, ele arrancou a cadeira das minhas mãos e me golpeou nas costas.

Eu mal conseguia me mexer, mas conseguia gritar e travar as pernas, e foi o que fiz.

— Cala a boca! — gritou ele, e como estava com as mãos em mim, deu para perceber que me queria inconsciente. Ele ia curtir me estuprar enquanto eu estivesse desacordada. Aliás, era assim que ele preferia.

— Você não gosta de mulheres acordadas — eu arfava — Não é?

Ele meteu a mão entre nossos corpos e rasgou minha camisa. Ouvi a voz de Hugo, gritando, como se isso fosse adiantar alguma coisa. Mordi o ombro do Gabe.

De novo ele me chamou de puta, coisa que já estava perdendo a graça. Ele desabotoou a calça e agora tentava puxar minha saia. Fiquei momentaneamente feliz por ter comprado uma saia comprida.

— Você tem medo delas reclamarem se estiverem acordadas? — gritei. — Me solte, saia daqui! Sai, sai, SAI!!!

Finalmente consegui soltar meus braços. Num instante eles estavam recuperados o suficiente do choque elétrico para obedecer aos meus comandos. Fiz duas conchas com as mãos. Enquanto gritava com ele, bati as palmas contra suas orelhas.

Ele urrou e caiu para trás, levando as mãos para a cabeça. Estava tão enfurecido que deixou escapar e esguichou por cima de mim. Parecia um banho de fúria. Soube então que, se conseguisse, ele me mataria, independentemente da retaliação. Tentei me virar de lado, mas ele me mantinha presa com as pernas. Vi quando sua mão direita se fechou num soco, que me pareceu tão grande quanto uma rocha. E intuindo a destruição, vi o arco daquele soco conforme ele descia em direção ao meu rosto, ciente de que esse me apagaria e seria o fim...

Mas não aconteceu.

Gabe estava suspenso no ar, a calça aberta e o pau pendurado para fora, seu soco acertou o ar, seus sapatos chutavam minhas pernas.

Um homem baixo segurava Gabe no ar; não era um homem, notei depois de uma segunda olhada, mas um adolescente. Um adolescente antigo.

Era loiro e estava sem camisa, e seus braços e peito eram cobertos com tatuagens azuis. Gabe gritava e esperneava, mas o menino permaneceu ali, calmo, sem nenhuma expressão no rosto, até Gabe parar. Quando Gabe finalmente ficou quieto, o menino havia transferido a pegada para uma espécie de abraço de urso, segurando Gabe pela cintura, e Gabe ficou pendurado para frente.

O menino olhava para mim sem o menor interesse. Minha camisa rasgada estava aberta, e meu sutiã arrebitado no meio.

— Você está muito machucada? — perguntou, quase hesitando.

Eu tinha um salvador, se bem que não muito empolgado.

Eu me levantei, coisa muito mais difícil de fazer do que pode parecer. Levou um tempo. Tremia violentamente por causa do choque emocional. Uma vez em pé, fiquei cara a cara com o menino. Em idade humana, teria uns 16 anos quando se tornou vampiro. Não dava para saber há quantos anos isso havia acontecido. Ele devia ser mais velho que Stan, mais velho que Isabel. Seu inglês era correto, mas com um forte sotaque. Não tinha ideia de onde era aquele sotaque. Talvez sua língua materna nem estivesse mais em uso. Isso devia causar uma solidão terrível...

— Vou melhorar — disse. — Obrigada.

Tentei abotoar minha camisa. Sobraram alguns botões, mas minhas mãos tremiam demais. Em todo caso, ele não estava interessado no meu corpo. Eu não causava nenhuma reação nele. Seus olhos eram um tanto apáticos.

— Godfrey — disse Gabe. Sua voz estava fraca. — Godfrey, ela estava tentando fugir.

Godfrey o sacudiu, e Gabe calou a boca.

Então Godfrey era o vampiro que vi através dos olhos de Bethany. Os únicos olhos que lembraram tê-lo visto no *Bat's Wing* naquela noite. Os olhos que agora não enxergavam mais nada.

— O que você está pensando em fazer? — perguntei a ele, mantendo a voz baixa e equilibrada.

Os olhos azuis claros de Godfrey tremeluziram. Ele não sabia.

Foi tatuado enquanto ainda era vivo, e as tatuagens eram muito esquisitas. Aposto que eram símbolos cujos significados se perderam há séculos. Algum acadêmico provavelmente daria o braço para dar uma olhada naquelas tatuagens. Sorte minha poder olhar para elas a troco de nada.

— Por favor, me deixe sair — disse, com o máximo de dignidade que consegui angariar. — Eles vão me matar.

— Mas você é associada dos vampiros — disse ele.

Meus olhos iam de um canto para o outro, enquanto eu tentava desvendar mais essa.

— Bem — eu disse, hesitante. — Você é vampiro, não é?

— Amanhã vou expiar meus pecados publicamente — disse Godfrey. — Amanhã vou ao encontro do alvorecer. Pela primeira vez em mil anos, verei o sol. Então verei a face de Deus.

Certo.

— Você escolheu fazer isso — disse.

— Sim.

— Mas eu não. Eu não quero morrer.

Dei uma olhada na cara de Gabe, que começava a ficar azul. Na sua agitação, Godfrey apertava Gabe com muito mais força do que precisava. Será que eu devia comentar alguma coisa?

— Você é associada dos vampiros — disse Godfrey, me acusando. Voltei meu olhar para ele. Sabia que era melhor não deixar minha atenção vagar novamente.

— Estou apaixonada — disse.

— Por um vampiro.

— Sim. Bill Compton.

— Todos os vampiros são criaturas amaldiçoadas, e todos eles devem ir de encontro ao sol. Somos uma aberração, uma mácula na face da Terra.

— E essa gente? — apontei para cima para indicar a Irmandade. — Essa gente é melhor, Godfrey?

O vampiro parecia desconcertado e infeliz. Notei que estava faminto, suas bochechas estavam quase côncavas e brancas como uma folha de papel. Seu cabelo loiro quase flutuava em torno de sua cabeça, de tão elétrico, e seus olhos pareciam mármore azul em contraste à sua palidez.



– Eles, pelo menos, são humanos, parte do plano divino – disse baixinho. – Vampiros são uma aberração.

– No entanto você foi muito mais gentil comigo que esse humano – que por sinal estava morto, notei, ao olhar para seu rosto. Tentei não me desconcentrar e voltei minha atenção para Godfrey, que era bem mais importante para o meu futuro.

– Mas tiramos sangue de pessoas inocentes – os olhos azuis pálidos de Godfrey estavam fixos nos meus.

– Quem é inocente? – perguntei, retoricamente, torcendo para não soar demais como Poncius Pilatos perguntando: "O que é a verdade?", quando ele sabia muito bem a resposta.

– Bem, as crianças – respondeu Godfrey.

– Ah, você... Se alimentou de crianças? – Levei a mão à boca. .

– Eu matava crianças.

Durante um tempão não consegui pensar em nada para dizer. Godfrey estava ali parado, olhando para mim, triste, segurando o corpo de Gabe nos braços, esquecido.

– O que fez você parar? – perguntei.

– Nada vai me fazer parar. A não ser a morte.

– Sinto – disse, inadequadamente.

Ele sofria, e eu realmente sentia por isso. Mas se ele fosse humano eu não teria pensado duas vezes antes de dizer que ele merecia ir para a cadeira elétrica.

– Falta quanto tempo para o anoitecer? – perguntei, sem saber que outra coisa dizer.

Godfrey não tinha relógio, óbvio. Supus que ele só estava em pé porque estávamos abaixo da terra, e porque ele era muito velho. Godfrey respondeu:

– Alguma hora.

– Por favor, deixe-me ir. Se você me ajudar, poderei sair daqui.

– Mas você vai contar aos vampiros. Eles vão atacar. Não poderei ir de encontro ao alvorecer.

– Por que esperar até o alvorecer? – disse, subitamente irritada. – Saia. Vá agora mesmo.

Ele ficou chocado. Largou Gabe, que aterrissou com um baque. Godfrey nem olhou.

– A cerimônia está marcada para o alvorecer, muitos irmãos estarão presentes para testemunhar – explicou ele. – Farrell também será levado para encarar o sol.

– Que papel está reservado para mim em tudo isso? – Ele deu de ombros.

– Sarah queria saber se os vampiros entregariam um dos seus para obter você de volta. Steve tinha outros planos. Sua ideia era amarrá-la a Farrell. Assim, quando ele queimasse, você queimaria junto.

Fiquei passada. Não por Steve Newlin ter tido uma ideia dessas, mas por perceber que isso seria um apelo para sua congregação, era essa a sua intenção. Newlin era muito mais maluco do que eu imaginava.

– E você acha que muita gente gostaria de assistir a isso, uma moça executada sem nenhuma condenação pela justiça? Eles considerariam isso uma cerimônia

religiosa válida? Você acha mesmo que as pessoas que planejaram essa morte terrível para mim são realmente religiosas?

Pela primeira vez, ele parecia esboçar alguma indecisão.

— Mesmo para humanos, isso parece um pouco extremo — admitiu ele. — Mas Steve achou que seria uma manifestação poderosa.

— Bem, claro que seria uma manifestação poderosa. Seria um jeito de dizer "Sou maluco". Sei que o mundo está cheio de gente má e de vampiros cruéis, mas não acredito que a maioria das pessoas desse país, ou nesse caso apenas aqui no Texas, se sentiria edificada pela visão de uma mulher tostado, aos berros, até morrer.

Godfrey parecia indeciso. Percebi que eu estava verbalizando pensamentos que nunca passaram pela sua cabeça. Ele ponderava pensamentos que havia rechaçado.

— Eles já chamaram a mídia — disse.

Era como o protesto de uma noiva prometida a um homem, um homem que de repente lhe parecia suspeito. Mas os convites já foram enviados, mamãe.

— Claro que já. Mas será o fim deles, isso eu posso lhe garantir. Insisto: se você realmente quer fazer uma proclamação desse tipo, um grandioso "Peço perdão", então você só tem de sair dessa igreja agora mesmo e pisar na grama. Deus estará vendo, prometo. É com ele que você tem de se preocupar.

Ele lutava com a questão. Dou-lhe esse crédito.

— Eles fizeram uma roupa branca especial para mim — disse ele. (Mas eu já comprei o vestido e reservei a igreja.)

— Grande porcaria. Se estamos discutindo a roupa é sinal de que no fundo você não quer levar isso a cabo. Aposto que você vai amarelar.

Eu tinha perdido o foco, total. Quando as palavras saíram da minha boca, logo me arrependi.

— Você vai ver — disse ele, firme.

— Se nessa hora eu estiver amarrada a Farrell, não quero ver. Não sou má e não quero morrer.

— Quando foi a última vez que você foi à igreja? — Ele estava me desafiando.

— Mais ou menos há uma semana. E eu comunguei ainda por cima.

Nunca fiquei tão feliz por frequentar a igreja, pois eu não conseguiria mentir sobre isso.

— Ah. — Godfrey parecia confuso.

— Viu só?

Senti que com esse argumento estava roubando-o de todo o seu orgulho ferido, mas que se dane, não queria morrer queimada. Queria Bill, queria-o com tamanho desejo que poderia fazer a tampa do seu caixão abrir sozinha. Se pelo menos tivesse um jeito de eu lhe dizer o que estava acontecendo...

— Vamos lá — disse Godfrey, me oferecendo a mão.

Não quis lhe dar uma chance de reconsiderar sua posição, não depois de todo esse blá-blá-blá, então peguei sua mão, passei por cima do corpo encurvado de Gabe e alcancei o corredor. A ausência de sons de conversa entre Farrell e Hugo era sinistra, e para dizer a verdade, estava amedrontada demais para descobrir o que estaria acontecendo com eles. Se eu conseguisse escapar, então conseguiria salvar os dois.

Godfrey cheirou o sangue no meu corpo, e seu rosto foi tomado por desejo. Eu conhecia aquele olhar. Mas era desprovido de tesão. Ele não tinha interesse nenhum no meu corpo. A ligação entre sangue e sexo é muito forte para os vampiros, então me considerei uma felizarda por ter uma forma definitivamente adulta. Por educação, inclinei meu rosto em sua direção. Depois de muita hesitação, ele lambeu os pingos de sangue da minha bochecha. Fechou os olhos por um segundo, apreciando o gosto, e então seguimos para a escada.

Com uma boa ajuda de Godfrey, subi os degraus íngremes. Ele usou o braço que estava livre para bater a combinação ritmada na porta, e ela se abriu.

— Eu estava aqui, no quarto do fundo — explicou, sua voz era pouco mais que uma alteração no ar.

O corredor estava vazio, mas a qualquer instante alguém podia sair de uma das salas. Godfrey não parecia se preocupar com isso, mas eu sim, e era a minha liberdade que estava em risco. Não ouvi vozes, aparentemente, a equipe tinha voltado para casa para se arrumar para a vigília, e os convidados ainda não tinham começado a chegar. Algumas portas de escritórios estavam fechadas, e as janelas nos escritórios eram a única fonte de luz no corredor. Logo imaginei que estava escuro o suficiente para Godfrey ficar à vontade, pois ele não chegou nem a estremecer. Uma luz artificial vinha da porta do escritório principal.

Aceleramos, ou pelo menos tentamos, mas minhas pernas não ajudavam muito. Não sabia para qual porta Godfrey estava indo, talvez as portas duplas que vi anteriormente, atrás da capela. Se eu conseguisse sair em segurança por elas, não teria de atravessar para a outra asa. Não sabia o que eu faria quando chegasse lá fora. Mas sem dúvida sair seria melhor que ficar ali dentro. Assim que alcançamos a porta aberta para o penúltimo corredor à esquerda, de onde surgiu a mulher latina, a porta do escritório de Steve se abriu. Travamos. O braço de Godfrey em volta de mim parecia feito de ferro. Polly saiu, ainda olhando para dentro do escritório. Estávamos a poucos metros.

— ... Fogueira — dizia ela.

— Ah, acho que temos o suficiente — disse Sarah, com sua voz adocicada. — Se todo mundo devolvesse seus cartões de presença, saberíamos com precisão. Não me conformo de as pessoas não darem retorno. É uma falta de respeito, considerando o tanto que a gente facilita para eles informarem se vêm ou não!

Uma discussão sobre regras de etiqueta. Vixe, bem que eu queria que uma especialista em etiqueta estivesse aqui para me aconselhar numa situação como essa. *Eu era persona non grata numa pequena congregação e fui embora sem me despedir. Devo deixar um bilhete de agradecimento ou posso simplesmente mandar flores depois?*

Polly começou a virar a cabeça, e eu soube que a qualquer instante ela nos veria. Enquanto esse pensamento ia se formando, Godfrey me empurrou para o escritório escuro e vazio.

— Godfrey! O que você está fazendo aqui em cima? — Polly não parecia amedrontada, mas também não parecia feliz.

Era como se ela tivesse dado de cara com o caseiro na sala de estar, todo à vontade.



– Vim ver se tem mais alguma coisa que eu possa fazer.
– Não é cedo demais para você estar acordado?
– Sou muito velho – disse ele, educadamente. – Os velhos não precisam dormir tanto quanto os jovens.

Polly riu.

– Sarah – disse ela, animada, Godfrey já se levantou!
Tive a impressão de que a voz de Sarah estava mais próxima quando ela falou:
– Bem, olá, Godfrey! – disse ela, num tom igualmente feliz. – Está animado? Aposto que sim!

Elas falavam com um vampiro de mil anos como se ele fosse uma criança na véspera do aniversário.

– Sua roupa está pronta – disse Sarah. – Tudo pronto!

– E se eu mudar de ideia? – perguntou Godfrey.

Houve um longo silêncio. Tentei respirar bem devagar e silenciosamente. Quanto mais perto de anoitecer, maiores seriam minhas chances de escapar.

Se ao menos eu pudesse telefonar... Olhei para a mesa no escritório. Havia um telefone. Mas as luzinhas e tons das teclas chamariam a atenção quando eu apertasse o botão para chamar linha. Naquele momento, seria barulho demais.

– Você mudou de ideia? Será possível? – perguntou Polly. Ela estava obviamente aflita. – Foi você quem veio até nós, lembra? Você nos contou sobre sua vida pecaminosa e a vergonha que sentia quando matava crianças e... Fazia outras coisas. Algo mudou quanto a isso?

– Não – disse Godfrey, num tom mais pensativo que qualquer coisa. – Nada disso mudou. Mas não vejo necessidade de incluir humanos no meu sacrifício. Aliás, acho que Farrell deveria fazer as pazes com Deus por iniciativa própria. Não devemos forçá-lo ao sacrifício.

– Temos de chamar o Steve – disse Polly para Sarah num sussurro. Depois disso, apenas ouvi Polly. Imagino que Sarah tenha voltado ao escritório para ligar para Steve.

Uma das luzes do telefone acendeu. Sim, era isso o que ela estava fazendo. Ela perceberia se eu tentasse usar uma linha. Talvez na mesma hora.

Polly tentava dobrar Godfrey. Ele não falava muito, e eu não fazia ideia do que ele estava pensando. Fiquei ali parada, impotente, encostada na parede, torcendo para que ninguém entrasse no escritório, para que ninguém descesse e avisasse todo mundo do perigo e, principalmente, para que Godfrey não vacilasse de novo.

Socorro, disse mentalmente. Se ao menos eu pudesse pedir socorro assim, usando meu outro sentido!

Uma ideia passou voando pela minha cabeça. Fiz um esforço para parar quieta, embora minhas pernas ainda tremessem por causa do choque e meus joelhos e rosto doessem como o diabo. Talvez eu conseguisse chamar alguém: Barry, o carregador de malas do hotel. Ele era um telepata como eu. Poderia me ouvir. Não que eu já tivesse tentado algo assim antes, bem, eu nunca tinha conhecido outro telepata, né? Tentei desesperadamente me localizar em relação a Barry, supondo que ele estivesse trabalhando. Esse era mais ou menos o mesmo horário que cheguei de Shreveport, então talvez ele estivesse lá. Visualizei minha localização no mapa, que por sorte consultei com Hugo, embora naquela ocasião eu soubesse que ele fingiu não saber

onde era o Centro da Irmandade, e calculei que estávamos a sudoeste do *Silent Shore Hotel*.

Eu estava num novo território mental. Juntei toda minha energia e tentei fazer uma bola com ela, na minha mente. Durante um segundo me senti completamente ridícula, mas quando pensei em sair desse lugar e me livrar dessa gente, havia bem pouco a ganhar ao não passar pelo ridículo. Pensei em Barry. É difícil explicar exatamente como o fiz, mas eu projetei. Saber seu nome ajudou, assim como saber sua localização.

Resolvi começar de leve. *Barry, Barry, Barry, Barry...*

O que você quer?

Ele estava apavorado. Isso nunca tinha acontecido com ele antes.

Eu também nunca fiz isso antes. Com isso eu esperava tranquilizá-lo.

Preciso de ajuda. Estou num enrosco tremendo.

Quem é você?

Bem, isso ajudaria. Como sou burra!

Sou Sookie, a loira que chegou ontem à noite com o vampiro de cabelos castanhos. A suíte do terceiro andar. Sei, qual o problema?

Bem, tudo isso soa muito nítido e organizado, mas não era com palavras. Era como se estivéssemos mandando SMS e fotos um para o outro. Tentei pensar em como explicar meu apuro.

Procure meu vampiro assim que ele acordar.

E depois?

Diga a ele que estou correndo perigo. Perigo perigo perigo...

Ok, entendi, onde?

Igreja.

Imaginei que essa seria a abreviação para "Centro da Irmandade". Não sabia como transmitir isso para Barry.

Ele sabe onde é?

Ele sabe onde é. Diga a ele: desça as escadas.

Você existe de verdade? Não sabia que tinha mais alguém que...

Existo de verdade. Por favor, me ajude.

Senti um turbilhão de emoções complicadas correndo pela mente de Barry. Ele estava com medo de conversar com um vampiro, estava com medo que seu chefe descobrisse que ele tinha um "lance estranho no cérebro", estava eufórico por descobrir que havia mais alguém como ele. Mas acima de tudo estava com medo desse seu lado que o intrigou e amedrontou durante tanto tempo.

Conheço todos esses sentimentos.

Tudo bem, eu entendo. Não teria pedido se não estivesse correndo perigo de morte.

O medo bateu, medo da sua própria responsabilidade nisso tudo. Eu não devia ter acrescentado aquilo.

Então, sei lá como, ele ergueu uma barreira frágil entre a gente, e não consegui saber ao certo o que Barry ia fazer.

Enquanto estive concentrada em Barry, coisas aconteciam no corredor. Quando voltei a ouvir, Steve já estava de volta. Ele, também, estava se esforçando para ser justo e positivo com Godfrey.

— Bem, Godfrey — dizia ele — Se você não estava a fim de ir adiante com isso, era só falar. Você assumiu um compromisso, todos nós assumimos e seguimos em frente convictos de que você cumpriria sua palavra. Várias pessoas vão ficar muito decepcionadas se você quebrar seu compromisso com a cerimônia.

— O que você vai fazer com Farrell? Com o homem, Hugo, e a loira?

— Farrell é vampiro — disse Steve, ainda num tom de voz doce e sensato. — Hugo e a mulher são criaturas de vampiros. Eles também devem ir ao encontro do sol, amarrados a vampiros. Foi essa a sina que escolheram em vida, e deve ser a sina deles na morte.

— Sou um pecador e tenho consciência disso, então quando eu morrer minha alma irá para Deus — disse Godfrey. — Mas Farrell não sabe disso. Quando ele morrer, não terá essa oportunidade. O homem e a mulher também. Eles não tiveram a chance de se arrepender pelos seus atos. E justo matá-los e condená-los ao inferno?

— Vamos ao meu escritório — disse Steve, resolutivo.

E eu percebi, enfim, que era isso que Godfrey estava querendo esse tempo todo. Houve uma boa quantidade de passos, e ouvi Godfrey murmurar: "Depois de você", todo polido.

Ele queria entrar por último para poder fechar a porta ao passar.

Finalmente meu cabelo secou, livre da peruca que o encharcou de suor. Estava solto, caindo sobre meus ombros em cachos, pois durante a conversa, silenciosamente, eu soltava os grampos. Parecia uma coisa natural de se fazer, enquanto ouvia o que seria decidido a respeito do meu destino. Eu precisava me manter ocupada. Agora eu guardava os grampos no bolso com cuidado, passei os dedos pelo embaraçado e me preparei para escapulir da igreja.

Espiei com a maior cautela por uma fresta na porta. Sim, a porta do escritório do Steve estava fechada. Nas pontas dos pés saí do escritório escuro, virei à esquerda e segui até a porta que dava na ala central. Virei a maçaneta bem devagar e abri a porta de leve. Entrei na ala central, que estava bem escura. A luz que entrava pelas enormes janelas de vitral era o suficiente para me auxiliar a atravessar a nave sem tombar nos bancos.

Então ouvi vozes, aumentando, vinham da asa mais afastada. As luzes da asa central se acenderam. Me joguei numa fileira e rolei para baixo de um banco. Uma família entrou, todos falando alto, a menininha reclamando que ia perder seu programa preferido na tevê por causa dessa vigília velha e fedorenta.

Isso lhe rendeu um tapa na bunda, soou como isso, e seu pai lhe disse que ela tinha sorte de poder testemunhar algo tão especial quanto a maravilhosa evidência do poder divino. Ela ia ver a salvação ao vivo.

Mesmo sob as circunstâncias em que me encontrava, questionei isso. Fiquei me perguntando se esse pai tinha noção de que o líder da sua congregação havia preparado uma programação onde dois vampiros queimariam até a morte, com pelo menos um deles preso a um humano que também morreria queimado. Como ficaria a saúde mental da menininha depois dessa "maravilhosa evidência do poder divino"?

Para a minha tristeza, eles foram colocar os sacos de dormir junto à parede num canto da igreja, ainda conversando. Pelo menos essa era uma família comunicativa.

Além da menininha resmunguenta havia dois filhos maiores, um menino e uma menina, e como todo casal de irmãos, brigavam feito gato e rato.

Um par de sapatinhos vermelhos sem salto passou correndo na ponta do meu banco e desapareceu pela porta em direção à asa onde Steve se encontrava. Fiquei imaginando se o pessoal no seu escritório continuava discutindo.

Depois de alguns segundos os pezinhos passaram novamente, dessa vez muito rápido. Fiquei intrigada com isso também.

Esperei por mais uns cinco minutos, mas nada aconteceu.

Daquele momento em diante haveria mais gente chegando. Era agora ou nunca. Saí de debaixo do banco e me levantei. Por sorte, estavam todos ocupados com suas coisas quando me levantei e comecei a caminhar rapidamente até as portas duplas no fundo da igreja. Pelo silêncio repentino, soube que me viram.

– Oi! – gritou a mãe. Ela se levantou, em pé ao lado do seu saco de dormir azul claro. – Você deve ser nova na Irmandade. Meu nome é Francie Polk.

– Sim – gritei, tentando um tom de voz jovial. – Tenho de ir! Até mais!

Ela se aproximou.

– Você se feriu? – perguntou. – Você, perdão, você está com uma aparência horrível. E sangue isso?

Olhei para a minha camisa. Havia algumas pequenas manchas no meu peito.

– Eu caí – disse, tentando soar magoada. – Preciso ir para casa e fazer curativos, trocar de roupa, essas coisas. Depois eu volto!

Notei a suspeita no rosto de Francie Polk.

– Tem um kit de primeiros socorros no escritório. Posso ir até lá buscar para você.

Ah, mas não mesmo!

– Sabe como é, eu também preciso buscar uma camisa limpa em casa – disse. Torci o nariz para mostrar meu incômodo em ter de circular a noite toda com uma camisa imunda.

Uma outra mulher entrou pela porta por onde eu pretendia sair e ficou ali parada, ouvindo a conversa, seus olhos castanhos iam de uma para outra, de mim para a resoluta Francie.

– Olá, menina! – disse ela num tom de voz com um leve sotaque, e a mulherzinha latina, a mutante, me abraçou.

De onde eu venho todos se abraçam, e foi automático abraçá-la de volta. Ela me deu um beliscão significativo enquanto estávamos atracadas.

– Como você está? – perguntei, toda alegre. – Há quanto tempo.

– Ah, nada de novo – disse ela. A mulherzinha sorria para mim, mas havia cautela nos seus olhos.

Seus cabelos eram castanhos bem escuros, em vez de pretos, e eram grossos e abundantes. Sua pele tinha cor de caramelo, com sardas escuras. Sua boca de lábios carnudos estava pintada com um roxo chamativo. Seus dentes eram grandes e brancos, brilhavam para mim quando ela sorria. Olhei para seus pés. Sapatos vermelhos sem salto.

– Ei, venha aqui fora comigo enquanto fumo um cigarro – disse ela.

Francie Polk estava com uma cara mais satisfeita.



- Luna, você não percebeu que sua amiga precisa de um médico?
- disse ela, virtuosa.
- Realmente, você está cheia de marcas de batidas e machucados – disse Luna, me examinando. – Você caiu de novo, menina?
- Mamãe vive dizendo: "Petúnia, você é tão destrambelhada quanto um elefante".
- Essa sua mãe – disse Luna, balançando a cabeça, num sinal de reprovação. – Como se isso te ajudasse a ser menos destrambelhada!
- O que eu posso fazer? – disse, dando de ombros. – Você nos dá licença, Francie?
- Sim, claro – disse ela. – Vejo vocês mais tarde, então?
- Com certeza – disse Luna. – Não perco isso por nada.
- E junto de Luna, saí andando da sala de convivência da Irmandade do Sol. Eu me concentrava violentamente em pisar reto, para que Francie não me visse mancando e ficasse ainda mais desconfiada.
- Graças a Deus – desabafei, quando estávamos lá fora.
- Você sabe o que eu sou – disse ela rapidamente. – Como você soube?
- Tenho um amigo que é mutante.
- Quem é?
- Ele não é daqui. E não digo sem a aprovação dele.
- Ela olhou bem para mim, todo o fingimento de amizade sumiu nesse instante.
- Tudo bem. Respeito isso – disse ela. – Por que você está aqui?
- Que diferença faz para você?
- Acabei de salvar a sua pele.
- Ela tinha razão, com certeza.
- Tudo bem. Sou telepata e fui contratada pelo líder dos vampiros da sua área para descobrir o que aconteceu com um vampiro desaparecido.
- Bem melhor. Mas ele não é líder da *minha* área. Sou sobre, mas não sou vampira. Com qual vampiro você tratou?
- Não sou obrigada a dizer.
- Ela ergueu as sobrancelhas.
- Não sou.
- Ela abriu a boca como que para gritar.
- Pode gritar. Algumas coisas eu simplesmente não digo. O que é uma sobre?
- Uma criatura sobrenatural. Agora, escute o que eu tenho a dizer – disse Luna.
- Andávamos pelo estacionamento. Os carros começavam a chegar da rua com certa frequência. Ela distribuiu vários sorrisos e acenos, e eu tentei pelo menos fazer uma cara descente. Mas não dava mais para disfarçar que eu mancava, e meu rosto inchava pra cacete, como Arlene teria dito.
- Aff, de repente bateu uma saudade. Mas eu afastei esse pensamento para prestar atenção em Luna, que obviamente tinha coisas a me dizer.
- Diga aos vampiros que *nós* estamos vigiando esse lugar.
- Nós quem?
- Nós, os mutantes da área metropolitana de Dallas.
- Vocês estão organizados? Ei, que ótimo! Vou ter de dizer isso aos... Meus amigos!



Ela virou os olhos, evidentemente nada impressionada com a minha sagacidade.

— Ouça bem, mocinha, diga aos vampiros que assim que a Irmandade nos descobrir, eles estarão atrás da gente também. E com a gente não vai ter integração social. Somos do submundo até o fim. Vampiros idiotas... É por isso que estamos de olho na Irmandade.

— Se vocês estão tomando conta tão bem, então por que não ligaram para os vampiros e avisaram que Farrell está preso no porão? E quanto a Godfrey?

— Ei, Godfrey quer se matar, não temos nada a ver com isso. Ele que procurou a Irmandade; eles não foram atrás dele. Eles quase mijaram nas calças. Ficaram tão felizes por tê-lo, depois que se recuperaram do susto de estar na mesma sala que um dos malditos.

— E o Farrell?

— Não sabia quem estava lá embaixo — admitiu Luna. — Sabia que eles tinham capturado alguém, mas ainda não estou exatamente entre os cabeças, e não consegui descobrir quem era. Até tentei puxar o saco daquele imbecil do Gabe, mas não deu em nada.

— Você vai gostar de saber que ele está morto.

— Ei! — Pela primeira vez ela deu um sorriso sincero. — Isso, sim, é uma boa notícia.

— E tem mais. Assim que eu entrar em contato com os vampiros, eles virão até aqui pegar Farrell. Então, se eu fosse você, não voltaria à Irmandade hoje à noite.

Ela mordeu o lábio inferior por um instante. Estávamos no fim do estacionamento.

— Aliás — disse — Seria perfeito se você me desse uma carona até o hotel.

— Bem, eu não estou aqui para deixar a sua vida perfeita — rosnou, lembrando-se da sua personalidade casca grossa. — Tenho de voltar para a igreja antes de a merda estourar e distribuir alguns folhetos. Pense nisso, menina. Você acha que eles vão permitir que ele viva? Ele é um pedófilo e *serial killer*, tão serial que nem dá para contar. Ele não consegue parar, e sabe disso.

Então havia um lado bom da igreja... Oferecer a vampiros como Godfrey um ambiente onde pudessem se suicidar com plateia?

— Eles podiam colocar no *pay-per-view* — disse.

— Colocariam, se pudessem — Luna estava falando sério. — Aqueles vampiros tentando se integrar à sociedade... Eles são bem duros com aqueles que atrapalham seus planos. Godfrey não é nenhum garoto propaganda.

— Não consigo resolver todos os problemas, Luna. Aliás, meu nome de verdade é Sookie. Sookie Stackhouse. Em todo caso, fiz tudo que estava ao meu alcance. Fiz o trabalho que fui contratada para fazer, e agora tenho de voltar e fazer meu relatório. Sei lá se Godfrey vai viver ou morrer. Acho que Godfrey vai morrer.

— Talvez eu nem volte para o Centro da Irmandade. Não é uma boa ideia — disse Luna, da janela de um *Subaru Outback*.

Dei um jeito de subir no banco do passageiro, e partimos a toda em direção à saída mais próxima para a avenida de quatro pistas. Imediatamente coloquei o cinto de segurança.

Apesar de termos sido ágeis, os outros foram mais ágeis ainda. Vários carros de família bloqueavam as saídas do estacionamento.

— Bosta — disse Luna.



Permanecemos ali sentadas e à toa por um minuto enquanto ela pensava.

– Eles não vão deixar a gente sair, mesmo se dermos um jeito de esconder você. Não posso levá-la de volta para a igreja. Vascular o estacionamento vai ser fácil para eles – Luna mordeu os lábios um pouco mais.

– Ah, foda-se esse trabalho também – disse ela e engatou a marcha. Primeiro ela foi conservadora na direção, tentando não chamar atenção. – Essa gente não saberia o que é religião nem que ela mordesse suas bundas – disse.

Perto da igreja Luna subiu no meio fio que separava o estacionamento da grama. Então estávamos dirigindo sobre a grama, beirando a cerca do parque, e percebi que eu estava com um sorriso na cara, de orelha a orelha, embora isso doesse.

– Eita! – gritei quando acertamos a cabeça de um dispositivo do sistema de irrigação da grama.

Voamos pelo jardim da frente da igreja e, por estarem chocados, ninguém nos seguiu. Se bem que num instante já se organizaram, os duros na queda. Aqueles que não concordavam com as medidas mais radicais da Irmandade levariam uma belo chacoalhão naquela noite.

Dito e feito, Luna olhou pelo espelho retrovisor e informou:

– Eles liberaram as saídas, e alguém está vindo atrás da gente.

Nos enfiamos no meio do trânsito da rua que passava em frente à igreja, outra grande avenida de quatro pistas, e buzinas foram acionadas por todos os lados devido à nossa entrada abrupta no fluxo do trânsito.

– Puta que o pariu! – gritou Luna. Ela desacelerou até uma velocidade razoável e continuou olhando pelo espelho retrovisor. – Agora está escuro demais, não dá para saber qual farol é o deles.

Será que Barry tinha alertado Bill?

– Você tem um celular? – perguntei.

– Está na minha bolsa, com a minha carteira de motorista, que ficou no meu escritório, na igreja. Foi assim que fiquei sabendo que você escapou. Entrei no meu escritório, senti seu cheiro. Soube que você estava ferida. Então saí procurando, e quando não consegui te achar, voltei. Demos sorte de a chave do carro ter ficado no meu bolso.

Deus abençoe os mutantes. Fiquei chateada por causa do celular, mas não tinha o que fazer. De repente me perguntei onde estaria minha bolsa. Provavelmente no escritório do Centro da Irmandade. Pelo menos tirei todos meus documentos.

– E se a gente parar num orelhão, ou na delegacia de polícia?

– Se você ligar para a polícia, o que eles vão fazer? – perguntou Luna, naquele tom de voz de alguém que conduz uma criancinha por um processo lógico.

– Eles vão para a igreja?

– E daí o que vai acontecer, garota?

– Bem, eles vão perguntar a Steve por que ele estava mantendo um humano prisioneiro?

– Sim. E o que ele vai responder?

– Não sei.

– Ele vai dizer: "Nós nunca a aprisionamos. Ela se meteu numa discussão com nosso funcionário, Gabe, e ele acabou assassinado. Prendam-na!"

– Ah, é isso o que você acha?

– Sim, é o que eu acho.

– E quanto ao Farrell?



– Se a polícia entrar ali, aposto que já têm alguém pronto para descer até o porão e estaqueá-lo. Quando os policiais chegarem até ele, nem sinal de Farrell. Eles podem fazer o mesmo com Godfrey, se ele não os apoiar. Ele provavelmente ficaria bem parado. Ele quer morrer, aquele Godfrey.

– Bem, e quanto ao Hugo?

– Você acha que o Hugo vai explicar por que ele está ali preso num porão? Não sei o que aquele imbecil diria, mas não será a verdade. Há meses que ele vive uma vida dupla e já não consegue coordenar os próprios pensamentos.

– Quer dizer que não podemos ligar para a polícia. Vamos ligar para quem?

– Tenho de levá-la até sua turma. Você não precisa conhecer a minha. Eles não querem exposição, entende?

– Claro.

– Você também faz um lance esquisito, né? Para identificar a gente.

– Sim.

– Então você é o quê? Não é vampira, isso com certeza. Também não é dos nossos.

– Sou telepata.

– Sério! Caralho! Bem, buuu, buuuuu – disse Luna, tirando sarro com aquele típico som de fantasma.

– Tão “buuu buuu” quanto você – disse, sentindo que seria desculpada por ser um pouco petulante.

– Desculpa aí – disse ela, nada sincera. – Muito bem, eis o plano.

Mas não cheguei a ouvir o plano, pois bem nesta hora alguém bateu na gente por trás.

Quando eu vi, estava pendurada de cabeça para baixo, enroscada no meu cinto de segurança. Uma mão esticada tentava me puxar para fora. Reconheci as unhas: Sarah. Mordi-a.

Com um gemido, a mão se retraiu.

– Obviamente ela está fora de si – ouvi Sarah tagarelando com alguém, com sua voz melada. Notei que era alguém não relacionado à igreja e soube exatamente como agir.

– Não acredite nela. Foi o carro dela que bateu na gente – gritei. – Não deixem que ela encoste em mim.

Olhei para Luna, cujo cabelo agora encostava no teto. Estava desperta, mas não falava. Ela se contorcia, e percebi que tentava se desvencilhar do cinto de segurança.

Havia muita conversa do lado de fora da janela, a maior parte era bate-boca.

– Estou dizendo, ela é minha irmã, e só está bêbada – dizia Polly a alguém.

– Não sou, não. Exijo um teste de bafômetro agora mesmo – disse, no tom de voz mais digno que consegui, considerando que estava aterrorizada e pendurada de cabeça para baixo.

– Por favor, chamem a polícia imediatamente e uma ambulância.

Embora Sarah tenha começado a gaguejar, afobada, uma voz masculina, grossa, disse:

– Minha senhora, pelo jeito ela não quer você por perto. Parece que ela tem razão.

O rosto de um homem surgiu na janela. Ele tinha ajoelhado e virado de lado para poder enxergar lá dentro.



– Já liguei para a polícia – disse a voz grossa.

Ele tinha um visual mulambento e a barba por fazer, e eu o achei bonito.

– Por favor, fique aqui até a polícia chegar – implorei.

– Ficarei – ele prometeu, e seu rosto sumiu.

Agora havia mais vozes. Sarah e Polly começaram a choramingar. Elas tinham batido no nosso carro. Várias pessoas viram. O fato de elas alegarem serem irmãs ou sei lá o que não pegou nada bem com a turma ali presente. Também, pelo que entendi, elas estavam acompanhadas de dois homens da Irmandade que não estavam sendo nada simpáticos.

– Então a gente vai embora – disse Polly, louca da vida.

– Não vai não – disse meu maravilhoso macho beligerante. – De qualquer jeito você tem de ver a questão do seguro com elas.

– Ele está certo – disse uma voz masculina muito mais jovem. – Vocês não estão querendo pagar o conserto do carro delas. E se elas estiverem feridas? Vocês vão ter de pagar o hospital também.

Luna conseguiu tirar o cinto e se contorceu quando caiu no teto, que agora era o chão do carro. Com uma flexibilidade invejável ela botou a cabeça para fora da janela, e então começou a fixar os pés contra qualquer apoio que encontrava. Gradualmente, começou a se espremer para fora da janela. Um dos apoios era meu ombro, mas eu nem olhei. Uma de nós tinha de escapar.

Houve exclamações quando Luna fez sua aparição, e então a ouvi dizer:

– Ok, qual de vocês estava dirigindo?

Várias vozes começaram a balbuciar, algumas dizendo que era uma, outras dizendo que era a outra, mas todas sabiam que Sarah e Polly e seus dois subordinados eram os culpados, e Luna, a vítima. Havia tanta gente em volta que quando chegou mais um carro com homens da Irmandade, não houve como eles simplesmente arrastarem a gente dali. Deus abençoe o espectador americano, pensei. Eu estava sentimental.

O paramédico que acabou me extraindo do carro era o cara mais gato que já vi na vida. Seu nome era Salazar, de acordo com o seu distintivo, e eu disse: "Salazar", apenas para me certificar de que conseguia falar. Tive de pronunciar cautelosamente.

– Sim, sou eu – disse, enquanto levantava minha pálpebra para examinar meu olho. – Você está meio estropiada, moça.

Comecei a explicar que alguns ferimentos foram obtidos antes do acidente de carro, mas então ouvi Luna dizer:

– Meu calendário voou do painel e a acertou bem no rosto.

– Seria bem mais seguro se a senhora evitasse colocar coisas no painel de controle – disse uma voz anasalada.

– Sim, senhor, seu guarda.

Guarda? Tentei virar a cabeça, mas fui repreendida por Salazar.

---- Você precisa ficar bem quietinha enquanto acabo de examiná-la – disse ele, severo.

– Ok. – Depois de um segundo, perguntei: – A polícia já chegou?

– Sim, senhora. Isso dói?

Ele me fez uma série de perguntas. Fui capaz de responder a maior parte.

– Acho que a senhora vai ficar boa, mas precisamos levar você e sua amiga até o hospital para alguns exames.



Salazar e sua parceira, uma mulher branca e pesadona, eram inflexíveis quanto à necessidade disso.

– Ah – disse ansiosa – Não precisamos ir para o hospital, não é Luna?

– Claro que precisamos – disse ela, espantada de tudo. – Você precisa fazer um raio-X, fofinha. Tipo, essa sua bochecha está bem feia.

– Ah – fiquei um pouco surpresa com essa guinada. – Bem, se você acha...

– Acho, sim.

Então Luna foi até a ambulância, e eu fui despachada numa maca. Com a sirene ligada, partimos. A última coisa que vi antes de Salazar fechar as portas foi Polly e Sarah conversando com um policial muito alto. As duas pareciam bravas. Bom sinal.

O hospital era como qualquer outro. Luna grudou em mim feito chiclete, e quando estávamos na mesma baia e uma enfermeira entrou para obter ainda mais detalhes dos muitos que ela já tinha, Luna disse:

– Diga ao dr. Josephus que Luna Garza e sua irmã estão aqui.

A enfermeira, uma jovem americana negra, lançou um olhar questionador para Luna, mas disse "ok" e saiu imediatamente.

– Como você consegue fazer isso? – perguntei.

– Conseguir que uma enfermeira pare de preencher relatórios? Pedi que nos trouxessem a esse hospital de propósito. Temos uma pessoa em cada hospital da cidade, mas aqui é onde conheço melhor nosso representante.

– Nosso?

– Nós. Os de Natureza Dupla.

– Ah. – Os mutantes. Eu mal podia esperar para contar isso para Sam.

– Sou o doutor Josephus – disse alguém, com uma voz suave. Ergui a cabeça para ver que um homem magro e grisalho havia entrado na nossa baia, cercada por cortinas. Era quase calvo e tinha um nariz pontudo que sustentava seus óculos com armação de metal. Os óculos ampliavam seus intensos olhos azuis.

– Meu nome é Luna Garza e esta é minha amiga, ããã, Petúnia.

Luna disse isso como se ela fosse outra pessoa. Aliás, cheguei a olhar para conferir se era a mesma Luna.

– Tivemos um encontro desafortunado enquanto trabalhávamos, hoje à noite.

O médico olhou para mim, um tanto desconfiado.

– Ela é valiosa – disse Luna com grande solenidade.

Não quis estragar o clima com uma risada, mas tive de morder o interior da minha boca.

– Precisamos de um raio-X – disse o médico depois de olhar no meu rosto e examinar meu joelho inchado, que estava grotesco. Eu estava cheia de esfoladuras e machucados, mas esses eram os únicos danos, na verdade.

– Nesse caso vamos precisar disso bem rápido, e daí temos de sair daqui com segurança – disse Luna num tom que não deixava espaço para argumentação.

Nunca vi um hospital agir com tamanha rapidez. A única explicação seria se dr. Josephus fizesse parte da diretoria. Ou vai ver ele era chefe da equipe. A máquina portátil de raio-X foi trazida, as chapas tiradas e, em poucos minutos, dr. Josephus me informou que eu tinha uma fratura muito fina no osso molar, mas que meu próprio organismo corrigiria sozinho. Ou eu podia procurar um cirurgião plástico quando desinchasse. Ele me passou uma receita de analgésico, deu vários conselhos, um saco de gelo para o meu rosto, outro para o joelho, que ele disse estar "luxado".



Dez minutos depois, estávamos saindo do hospital. Luna empurrava minha cadeira de rodas, e dr. Josephus nos guiava através de uma espécie de túnel de serviço. Passamos por alguns funcionários que estavam chegando ao trabalho. Pareciam ser pessoas pobres, o tipo que faz serviços mal remunerados como faxineiro de hospital e assistentes de cozinha. Não conseguia acreditar que dr. Josephus, todo presunçoso, havia passado por esse túnel antes, mas ele parecia conhecer bem o lugar, e a equipe não estava surpresa de vê-lo ali. No fim do túnel ele abriu uma pesada porta de metal.

Luna Garza fez um cumprimento de cabeça cerimonioso para ele.

– Muitíssimo obrigada – disse ela e me empurrou noite adentro. Havia um carro grande e antigo estacionado logo ali. Era vermelho escuro ou marrom escuro. Olhando à minha volta com mais atenção, percebi que estávamos num beco. Havia grandes lixeiras encostadas no muro. Vi um gato caçando alguma coisa – não quis saber o que – entre duas lixeiras. Depois que a porta se fechou atrás de nós, com seu dispositivo pneumático, fez-se silêncio no beco. Novamente comecei a ficar com medo.

Não aguentava mais sentir medo.

Luna foi até o carro, abriu a porta de trás e disse alguma coisa para quem quer que fosse que estava lá dentro. Seja lá qual foi a resposta que obtive, ficou furiosa. Ela xingava num outro idioma.

Houve mais discussão.

Luna voltou para mim pisando duro.

– Vou ter de vender você – disse, certa de que eu ficaria muito ofendida.

– Tudo bem – disse, com um movimento de mão para indicar que isso era bobagem.

– Você não se importa?

– Não. Eu entendo, Luna. As pessoas gostam de privacidade.

– Ok, então.

Ela foi correndo para o carro e voltou com um lenço de seda verde e azul turquesa. Dobrou-o como se fôssemos brincar de cabra-cega e o amarrou bem firme na minha cabeça.

– Olha só – disse ela ao meu ouvido – Esses dois são difíceis. Fique atenta.

Que ótimo. Eu queria mesmo ficar com mais medo ainda.

Ela me levou até o carro e me ajudou a entrar. Imagino que tenha levado a cadeira de rodas de volta até a porta para que alguém a pegasse. Depois de um instante ela entrou pelo outro lado do carro.

Sentia duas presenças no banco da frente. Sentia-os mentalmente, muito suavemente, e descobri que os dois eram mutantes, quer dizer: havia um clima mutante em suas mentes, um embaraçado confuso, meio opaco, que eu detectava em Sam e Luna. Sam normalmente se transforma num collie. Qual seria a preferência de Luna? Havia algo diferente nesses dois, um tipo de peso pulsante. O contorno de suas cabeças parecia ligeiramente diferente, não exatamente humano.

Durante alguns minutos ficamos em silêncio, enquanto o carro saía do beco, passando por buracos, dirigindo-se pela noite.

– *Silent Shore Hotel*, certo? – disse a motorista. Parecia que ela resmungava. Então me dei conta de que era quase lua cheia. Ai, saco. Eles se transformam na lua



cheia. Vai ver foi por isso que Luna se excedeu **tão** facilmente na Irmandade, naquela noite, depois que escureceu. A iminência da lua a deixa transtornada.

– Sim, por favor – disse, educada.

– Comida falante – disse o passageiro. Sua voz mais parecia um rosnado.

Não gostei nem um pouco disso, mas não sabia como responder. Eu tinha tanto que aprender sobre mutantes como sobre vampiros, pelo jeito.

– Quietos, vocês dois – disse Luna. – Ela é minha convidada.

– Luna deu para andar com Puppy Chow* – disse o passageiro.

Eu começava a pegar um bode desse sujeito.

– A mim me cheira mais como hambúrguer – disse a motorista. – Ela está com uns arranhões, não é, Luna?

– Que bela imagem vocês dois estão passando para ela, mostrando como somos civilizados... – disse Luna. – Controlem-se. Ela já teve uma noite horrível. Fora que ela está com um osso quebrado. E eu ainda tinha mais da metade da noite pela frente. Afastei o saco de gelo que eu apertava contra o rosto. Tem um limite para o quanto de gelo se aguenta na cavidade nasal.

– Não entendo por que Josephus foi chamar justamente os lobisomens – sussurrou Luna ao meu ouvido.

Mas eu sabia que eles tinham ouvido. Sam ouvia tudo, e ele nem tinha o mesmo poder que um lobisomem de verdade. Bem, era o que eu achava. Para dizer a verdade, até esse momento eu tinha dúvidas se lobisomens existiam de verdade.

– Imagino – disse cheia de dedos e em alto e bom som – que ele supôs que os lobisomens seriam capazes de nos defender melhor, no caso de sermos atacadas de novo.

Percebi que as criaturas no banco da frente aguçaram os ouvidos. Talvez literalmente.

– Estávamos nos virando perfeitamente bem – disse Luna, zangada. Ela não parava quieta sentada ao meu lado no banco, como se tivesse bebido umas dezesseis xícaras de café.

– Luna, bateram na gente e tivemos perda total no carro. Fomos parar no pronto socorro. Como assim "nos virando perfeitamente bem"?

Então tive de responder minha própria pergunta.

– Ei, Luna, desculpe. Você me tirou de lá quando estavam prestes a me matar. Não é sua a culpa por elas terem batido na gente.

– Vocês duas estão apavorando hoje à noite, não é não? – perguntou o passageiro, agora mais amigável.

Ele estava doido por uma briga. Não saberia dizer se todos os lobisomens são tão irritantes quanto esse cara ou se era coisa da sua própria natureza.

– Sim, com a porra da Irmandade – respondeu Luna, com um óbvio orgulho no seu tom de voz. – Eles prenderam essa guria aqui numa cela. Numa masmorra.



– Sério! – disse a motorista. Ela tinha a mesma vibração hiperativa. Bem, eu poderia chamar de aura, na falta de palavra melhor.

* *Puppy Chow: marca de ração para cachorro. (N. do T.)*

– É sério – disse, enfática. – Na minha cidade eu trabalho para um mutante – acrescentei, para puxar papo.

– Você está brincando! Que tipo de trabalho?

– Num bar. Ele é o dono.

– Então agora você está longe de casa?

– Longe demais – disse.

– Verdade que a morceguinha salvou sua vida hoje?

– Verdade – estava sendo totalmente sincera quanto a isso. – Luna salvou minha vida.

Será que eles estavam sendo literais? Luna se transformava em... Aí, Deus.

– Mandou bem, Luna. – Havia um pouco mais de respeito na voz rosnada.

Luna se deliciou com os elogios, como deveria, e deu um tapinha na minha mão. Num silêncio mais tranquilo, rodamos por mais uns cinco minutos, então a motorista disse:

– *Silent Shore*, logo ali.

Dei um longo suspiro de alívio.

– Tem um vampiro esperando na entrada.

Por pouco não arranquei a venda, antes de perceber que isso seria uma grosseria da minha parte.

– Como ele é?

– Bem alto, loiro. Cabeludo. Amigo ou inimigo?

Tive de pensar antes de responder.

– Amigo – disse, tentando não deixar transparecer meu vacilo.

– Ui – disse a motorista. – Ele namora outras espécies?

– Não sei. Quer que eu pergunte?

Luna e o passageiro deram risadas.

– Você não pode namorar um morto! – protestou Luna. – Se liga, Deb... Credo, garota!

– Ah, ok – disse a motorista. – Alguns são interessantes. Estou encostando no meio fio, pequena Milk-Bone.*

– Ela está falando de você – disse Luna ao meu ouvido.

Paramos o carro, e Luna se curvou por cima de mim para abrir a porta. Quando saí, guiada e empurrada por ela, ouvi uma exclamação da calçada. Rápida como um raio, Luna bateu a porta atrás de mim. O carro com os mutantes se afastou do meio-fio com um cantar de pneus. Um uivo pairou no pesado ar noturno.

– Sookie? – disse uma voz conhecida.

– Eric?

Eu me atrapalhei com a venda, mas Eric simplesmente pegou-a por trás e a arrancou. Ganhei um lindo lenço, apesar de sujo. A frente do hotel, com suas pesadas portas transparentes, estava iluminada com toda a pompa na noite escura. A palidez



de Eric era notável. E ainda por cima ele usava um terno azul-escuro listrado, absolutamente tradicional.

Na verdade eu estava feliz em vê-lo. Ele pegou meu braço para que eu parasse de tremer e me olhou com uma expressão indecifrável. Vampiros são bons nisso.

– O que aconteceu com você? – perguntou.

– Eu... Bem, é difícil explicar rápido assim. Onde está Bill?

– Primeiro ele foi à Irmandade do Sol, tirar você de lá. Mas no caminho fomos informados, por um dos nossos que é policial, que você sofreu um acidente de carro e foi para um hospital. Então ele foi para o hospital. Lá ele descobriu que você saiu do hospital utilizando os meios apropriados. Ninguém queria contar nada para ele, e ele não pode os ameaçar direito.

Eric parecia extremamente frustrado. Viver de acordo com as leis dos humanos era uma irritação constante para ele, embora gostasse demais dos benefícios.

– E daí não tínhamos mais sinal de você. O carregador só recebeu notícias suas uma única vez, mentalmente.

– Pobre Barry. Ele está bem?

– Mais rico em algumas centenas de dólares, e bem contente com isso – disse Eric num tom seco. – Agora só precisamos do Bill. Que trabalhadeira que você nos deu, Sookie. Ele tirou um celular e discou um número. Depois do que me pareceu ser um tempão, alguém respondeu.

– Bill, ela está aqui. Uns mutantes a trouxeram. – Ele olhou bem para mim. – Machucada, mas andando.

Ele ouviu um pouco mais.

– Sookie, você está com a sua chave? – perguntou.

Apalpei o bolso da minha saia onde havia enfiado o retângulo plástico havia milhões de anos.

– Sim – disse simplesmente. Não conseguia acreditar que pelo menos alguma coisa deu certo. – Ah, espera! Eles pegaram o Farrell?

Eric ergueu a mão para indicar que ele responderia minha pergunta num instante.

– Bill, vou levá-la lá para cima e começarei a medicar – Eric estreitou as costas.

– Bill – disse ele, e sua voz ficou ameaçadora. – Tudo bem então. Tchau.

Ele se virou para mim como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

– Sim, Farrell está salvo. Eles invadiram a Irmandade.

– Teve... Teve muitos feridos?

– A maioria ficou apavorada demais para conseguir se aproximar. Dispersaram e foram embora. Farrell estava na cela subterrânea com Hugo.

– Ah, sim, Hugo. O que aconteceu com Hugo?

Devo ter passado a impressão de estar curiosa demais da conta, pois Eric me olhou de canto de olho enquanto íamos em direção ao elevador. Ele acompanhava meu passo, e eu mancava feio.

– Posso carregar você? – perguntou ele.

– Ah, não precisa. Já vim até aqui mesmo...

Se fosse Bill, teria aceitado a oferta na hora. Barry, no balcão dos carregadores, acenou um oizinho. Ele teria corrido até mim se eu não estivesse com Eric. Lancei um



olhar que espero que tenha sido significativo, queria lhe dizer que falaria com ele mais tarde, então a porta do elevador se abriu com um tinido e nós entramos. Eric apertou o botão do andar e se apoiou na parede espelhada à minha frente. Ao olhar para ele, vislumbrei minha própria imagem.

– Ai, não – disse, completamente horrorizada. – Não...

Meus cabelos estavam amassados por conta da peruca, e depois eu os penteei com os dedos, então era um desastre só. Minhas mãos foram até eles, em vão e com dor, e minha boca tremia pelas lágrimas reprimidas. No entanto, o meu cabelo era o de menos. Na maior parte do meu corpo havia machucados visíveis que iam do moderado ao grave, e nisso só nas partes que dava para ver. Meu rosto estava inchado e manchado num lado. Havia um corte no meio do machucado sobre meu osso molar. Metade dos botões da minha blusa tinham sumido, e minha saia estava rasgada e imunda. Meu braço direito estava duro e cheio de caroços.

Comecei a chorar. Eu estava tão horrível que aquilo acabou com o que restava do meu humor.

Para seu próprio bem, Eric não riu, embora talvez tenha tido vontade.

– Sookie, depois de um bom banho e roupas limpas você vai se sentir melhor – disse isso como se falasse com uma criança.

Para dizer a verdade, eu não me sentia muito mais que uma criança naquele momento.

– A lobisomem fêmea achou você bonitinho – disse, e segui chorando. Saímos do elevador.

– Lobisomem? Sookie, essa noite foi uma aventura, hein?

Ele me levantou como se eu fosse uma pilha de roupas e me segurou junto dele. Molhei o lindo terno. Sujei-o de remela, e sua camisa branca impecável perdeu seu *look* imaculado.

– Ai, desculpa! – afastei-me e dei uma olhada geral para ele. Esfreguei com o lenço.

– Não chore de novo – disse ele, num impulso. – É só você não começar a chorar de novo que não vou me importar de mandar isso para a lavanderia. Nem me importo de ter de comprar um terno novo.

Achei bem impressionante que Eric, o vampiro mestre em amedrontar, ter medo de mulheres chorando. Entre o choro que restava, ri baixinho.

– Qual a graça? – perguntou ele.

Balancei a cabeça. Enfié a chave na porta e entramos.

– Posso ajudá-la a entrar na banheira se você quiser, Sookie – ofereceu Eric.

– Ah, acho que não precisa.

Um banho era o que eu mais queria na vida, isso e nunca mais ter de vestir roupas, mas nem ferrando que eu ia tomar banho com Eric ali.

– Aposto que nua você é uma ameaça – disse Eric, só para levantar meu ânimo.

– Total. Sou tão gostosa quanto uma bomba de chocolate – disse, e com cuidado me sentei numa cadeira. – Se bem que agora estou me sentindo mais como um boudin.

Boudin é um salsichão apimentado feito de inúmeras coisas, nenhuma delas elegante. Eric puxou uma cadeira reta e ergueu minha perna para esticar meu joelho. Pousei o saco de gelo e fechei os olhos. Ele ligou para a recepção e pediu algumas



pinças, uma tigela, alguns ungentos antissépticos e uma cadeira de rodas. Os itens foram entregues dentro de dez minutos. A equipe era boa.

Havia uma mesinha junto à parede. Eric a trouxe para o lado direito da minha cadeira, ergueu meu braço e o colocou em cima da mesa. Ligou o abajur. Depois de esfregar meu braço com uma toalha molhada, ele começou a remover os caroços. Eram pequenos pedaços de vidro da janela do carro da Luna.

– Se você fosse uma garota qualquer eu podia te hipnotizar e você não sentiria nada – comentou ele. – Seja corajosa.

Doía para caralho, e lágrimas corriam pelo meu rosto o tempo todo enquanto ele mexia. Eu me esforcei para permanecer em silêncio.

Finalmente ouvi outra chave na porta. Abri os olhos. Bill deu uma olhada no meu rosto, estremeceu, e depois foi ver o que Eric estava fazendo. Fez um aceno de cabeça para Eric, um sinal de aprovação.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntou, tocando meu rosto com a maior delicadeza.

Bill puxou a cadeira que restava para perto de mim e se sentou. Eric prosseguiu com os curativos.

Comecei a explicar. Estava tão cansada que minha voz falhava de tanto em tanto. Quando cheguei na parte do Gabe, não tive a sagacidade de suavizar o episódio e percebi que Bill estava fazendo um esforço férreo para se controlar. Ele levantou minha camisa com cuidado para ver o sutiã rasgado e os machucados no meu peito, mesmo com Eric ali. (Ele olhou, claro.)

– O que aconteceu com esse Gabe? – perguntou Bill, muito comedido.

– Bem, está morto – disse. – Godfrey o matou.

– Você viu Godfrey? – Eric se curvou para frente.

Até então ele não havia dito uma palavra. Estava terminando de cuidar do meu braço. Passou antibiótico por todo ele como se protegesse um bebê contra assaduras.

– Você tinha razão, Bill. Foi ele quem sequestrou Farrell, se bem que não consegui detalhes. E Godfrey impediu Gabe de me estuprar. Quer dizer, na verdade eu mesma lhe dei umas belas porradas.

– Não venha contar vantagem – disse Bill, com um sorrisinho. – Então o homem está morto.

Mas ele não parecia satisfeito.

– Godfrey foi ótimo. Ele impediu Gabe e me ajudou a escapar, sendo que ele só queria se concentrar em ir de encontro ao alvorecer. Onde ele está?

– Durante nosso ataque à Irmandade ele saiu correndo noite adentro – explicou Bill. – Nenhum de nós conseguiu pegá-lo.

– O que aconteceu na Irmandade?

– Vou lhe contar, Sookie. Mas vamos dizer boa noite a Eric, e eu conto enquanto lhe dou um banho.

– Ok – concordei. – Boa noite, Eric. Obrigada pelos primeiros socorros.

– Acho que esses são os pontos principais – disse Bill para Eric.

– Se tiver mais alguma coisa, vou ao seu quarto mais tarde.

– Ótimo. – Eric olhou para mim, seus olhos semi cerrados.

Ele deu algumas lambidas no meu braço enquanto me tratava, e pelo jeito o gosto o deixou inebriado.

– Descanse bem, Sookie.



– Ai, não! – disse, meus olhos de repente se abriram completamente. – É que estamos em dívida com os mutantes.

Os dois vampiros me encararam.

– Quer dizer, talvez não vocês, mas eu estou.

– Ah, eles vão cobrar – calculou Eric. – Esses mutantes nunca fazem nenhum serviço de graça. Boa noite, Sookie. Estou feliz por você não ter sido estuprada e assassinada.

Do nada ele deu um sorriso radiante e voltou a parecer ele mesmo.

– Puxa, muito obrigada – disse, meus olhos fechando novamente.

– Boa noite.

Quando a porta se fechou atrás de Eric, Bill me ergueu da cadeira e me levou para o banheiro. Era pequeno como todo banheiro de hotel, mas a banheira era de bom tamanho. Bill a encheu com água quente e com muito cuidado tirou minhas roupas.

– Rasgue-as de vez, Bill – disse.

– Talvez eu rasgue. – Ele estava encarando os machucados novamente, seus lábios colados numa linha reta.

– Alguns são do tombo na escada, e alguns do acidente de carro – expliquei.

– Se Gabe não estivesse morto eu o encontraria e o mataria – disse Bill, para si basicamente. – E não teria pressa.

Ele me levantou com tamanha facilidade que era como se levantasse um bebê, me colocou na banheira e começou a me lavar com um pano e um sabonete.

– Meu cabelo está tão horrível.

– Sim, está, mas talvez a gente tenha de deixá-lo para amanhã. Você precisa dormir.

Começando pelo meu rosto, Bill me esfregou delicadamente até os pés. A água ficou suja de terra e sangue. Ele examinou meu braço com atenção, para ver se Eric tinha retirado todo o vidro. Depois esvaziou a banheira e a encheu novamente, enquanto eu tremia. Dessa vez fiquei limpa. Depois que reclamei pela segunda vez do meu cabelo, ele cedeu. Molhou minha cabeça e passou xampu, enxaguando bem. Não tem nada mais maravilhoso que se sentir limpa da cabeça aos pés depois de ter ficado imunda e saber que tem uma cama confortável com lençóis limpos esperando por você e que poderá dormir sem perigo.

– Me diga o que aconteceu na Irmandade – pedi, enquanto ele me carregava para a cama. – Faça companhia para mim.

Bill me colocou sob os lençóis e entrou pelo outro lado. Passou o braço por baixo da minha cabeça e se aproximou. Encostei, com todo o cuidado, minha testa no seu ombro e a esfreguei ali.

– Quando chegamos lá era como um formigueiro pisoteado – disse ele. – O estacionamento estava cheio de carros e gente, e mais gente chegava para a... Festinha do pijama?

– Vigília – murmurei, cuidadosamente virando para meu lado direito para me encaixar nele.

– Estava um tumulto e tanto quando chegamos. Quase todos se enfiaram nos carros e zarparam o mais rápido que o trânsito permitia. O líder deles, Newlin, tentou bloquear nossa entrada no salão da Irmandade. Sem dúvida no passado



aquilo foi uma igreja. Ele alegou que entraríamos em combustão se adentrássemos, pois éramos amaldiçoados. — Bill bufou. — Stan o ergueu e o colocou de lado. Entramos na igreja, Newlin e sua mulher na nossa cola. Nenhum de nós entrou em combustão, e pelo jeito isso deixou as pessoas seriamente abaladas.

— Não duvido — murmurei, colada ao seu peito.

— Barry disse que, quando se comunicou com você, teve a impressão de que você estava "abaixo", abaixo da terra. Ele disse que teve a impressão de captar a palavra "escadas" de você. Éramos seis: Stan, Joseph Velasquez, Isabel e outros... e acho que levou talvez uns seis minutos para eliminarmos todas as possibilidades e encontrarmos as escadas.

— Como vocês fizeram com as portas? — Lembrei que a porta tinha uma trava em resistente.

— Arrancamos pelas dobradiças.

— Ah.

Bem, isso lhes daria acesso rápido, sem dúvida.

— Achei que você ainda estaria lá embaixo, óbvio. Quando encontrei o quarto com o homem morto, com as calças arriadas... — ele fez uma longa pausa. — Tive certeza que você havia estado lá. Ainda dava para sentir seu cheiro no ar. Havia uma mancha de sangue nele, sangue seu, e também encontrei outros rastros de sangue por ali. Fiquei muito preocupado.

Fiz um carinho nele. Estava cansada e fraca demais para fazer um carinho mais caloroso, mas era o único consolo que eu tinha para oferecer naquele momento.

— Sookie — disse ele cautelosamente — Tem mais alguma coisa que você queira me contar?

Eu estava com tanto sono que não ia conseguir desvendar essa.

— Não — respondi e bocejei. — Acho que já contei todas as minhas aventuras.

— Achei que talvez, como Eric estava no quarto, você não ia querer contar tudo.

Eu já esperava por isso. Beije seu peito, sobre seu coração.

— Godfrey chegou a tempo, mesmo.

Houve um longo silêncio. Olhei para o rosto de Bill. Estava tão rígido que ele parecia uma estátua. A nitidez com que seus cílios negros contrastavam com sua palidez era impressionante. Seus olhos escuros pareciam não ter fundo.

— Conte o resto — disse a ele.

— Então seguimos adiante no abrigo antibomba e encontramos o quarto maior, além de uma área ampla cheia de suprimentos: comida e armas. Era evidente que um outro vampiro esteve aprisionado ali.

Eu não tinha visto essa parte do abrigo antibomba, e certamente não tinha planos de revisitá-lo para descobrir o que perdi.

— Na segunda cela encontramos Farrell e Hugo.

— Hugo estava vivo?

— Mais ou menos. — Bill beijou minha testa. — Para a sorte dele, Farrell prefere homens mais jovens.

— Vai ver foi por isso que Godfrey escolheu sequestrar Farrell, quando decidiu pegar outro pecador para servir de exemplo.

Bill assentiu com a cabeça.



– Foi o que Farrell disse. Mas ele estava sem sexo e sangue há um bom tempo, e estava faminto em todos os sentidos. Se não fosse pelas algemas de prata, Hugo teria... Teria se dado mal. Mesmo com prata nos punhos e tornozelos, Farrell conseguiu se alimentar de Hugo.

– Você sabia que Hugo era o traidor?

– Farrell ouviu sua conversa com ele.

– Como... Ah, certo, audição de vampiro. Que burra que eu sou.

– Farrell também gostaria de saber o que foi que você fez com Gabe para ele gritar daquele jeito.

– Dei tapas nas suas orelhas – fiz uma conchinha com uma mão para mostrar.

– Farrell ficou impressionado. Esse Gabe era desse tipo de cara que gosta de ter poder sobre os outros. Ele sujeitou Farrell a várias humilhações.

– Farrell tem sorte de não ser mulher – disse. – Onde está Hugo agora?

– Em algum lugar seguro.

– Seguro para quem?

– Seguro para vampiros. Longe da mídia. Eles iam babar na história do Hugo.

– O que vão fazer com ele?

– Essa decisão cabe a Stan.

– Lembra do acordo que a gente tinha com Stan? Se os humanos forem considerados culpados por alguma evidência que eu levantei, eles não morreriam.

Era óbvio que Bill não queria discutir isso comigo naquele momento. Ele fechou o rosto.

– Sookie, agora você precisa dormir. Conversaremos quando você acordar.

– Mas até lá ele pode morrer.

– Por que você se importa?

– Porque esse era o acordo! Sei que Hugo é um merda, e eu também o odeio, mas sinto pena dele. Não vou conseguir ficar com a consciência limpa sendo que o fato de ele morrer ou viver tem a ver comigo.

– Sookie, ele ainda estará vivo quando você acordar. Conversaremos sobre isso então.

Senti o sono me puxando como o recuo das ondas. Era difícil acreditar que eram apenas duas horas da manhã.

– Obrigada por ter ido atrás de mim.

Depois de uma pausa, Bill disse:

– Primeiro você não estava na Irmandade, apenas rastros do seu sangue e o estuprador morto. Quando descobri que você não estava no hospital, e sei lá como você evaporou dali....

– Hummmm?

– Fiquei com muito, muito medo. Ninguém tinha ideia de onde você tinha ido parar. Aliás, enquanto estive ali conversando com a enfermeira que cadastrou você, seu nome desapareceu da tela do computador.

Fiquei impressionada. A capacidade de organização desses mutantes é um negócio assustador.

– Acho que vou mandar flores para Luna – disse, mal conseguindo pronunciar as palavras.

Bill me beijou, um beijo delicioso, e essa é a última coisa de que lembro.

Com muito esforço me virei de lado e olhei as horas no relógio luminoso no criado-mudo. Não era dia ainda, mas em breve seria. Bill já estava no caixão: a tampa fechada. Por que acordei? Fiquei pensando nisso.

Tinha alguma coisa que eu precisava fazer. Precisava muito. Parte de mim estava abismada com minha própria estupidez, enquanto a outra parte vestiu shorts, camiseta e calçou chinelos. No espelho eu estava pior ainda, apenas olhei de esguelha. Fiquei de costas para ele ao escovar os cabelos. Para meu espanto e felicidade, minha bolsa estava em cima da mesa da ante-sala. Alguém a pegou no quartel general da Irmandade na noite anterior. Coloquei minha chave de plástico dentro e com dor segui pelos corredores silenciosos.

Barry não estava mais trabalhando, e seu substituto era bem treinado demais para me perguntar que diabos eu estava fazendo andando por ali com cara de bagagem que acabou de cair do trem. Ele pediu um táxi para mim e eu disse ao motorista onde queria ir. O motorista olhou para mim pelo espelhinho retrovisor.

— Você não prefere ir para um hospital? — sugeri, sem jeito.

— Não, já fui.

Isso não o tranquilizou nem um pouco.

— Se esses vampiros lhe tratam tão mal, por que você, anda com eles?

— Foram pessoas que fizeram isso comigo — disse. — Não foram os vampiros.

Partimos. O trânsito estava bom, era quase manhã de domingo. Levou apenas quinze minutos para chegar ao mesmo lugar em que estive na noite anterior, o estacionamento da Irmandade.

— Você pode esperar? — perguntei ao motorista.

Era um homem de cerca de 60 anos de idade, grisalho e sem o dente da frente. Usava uma camisa xadrez com botões de pressão.

— Acho que sim — disse.

Ele puxou um romance faroeste do Louis L'Amour de debaixo do banco e ligou a luz do teto para ler.

Sob o brilho das luzes amarelas o estacionamento ficava destituído de qualquer traço visível dos acontecimentos da noite anterior. Apenas uns dois carros permaneciam ali, e imaginei que tinham sido abandonados. Provavelmente um desses carros era do Gabe. Ele teria família? Tomara que não. Primeiro, porque ele era tão sádico que teria transformado a vida da família num inferno, e segundo porque passariam a vida imaginando como e por que ele morreu. O que fariam Sarah e Steve Newlin naquele instante? Será que ainda restaram membros na Irmandade para conseguirem seguir em frente? Era de se esperar que as armas e os suprimentos ainda estivessem na igreja. Vai ver estavam fazendo um estoque para o apocalipse.



Das sombras escuras próximas à igreja surgiu um vulto. Godfrey. Ainda sem camisa, e ainda com jeito de um adolescente de dezesseis anos de cara lavada. Apenas a tipografia desconhecida das tatuagens e seus olhos entregava a farsa que era seu corpo.

— Vim assistir — disse a ele, quando se aproximou, se bem que talvez "testemunhar" fosse mais apropriado.

— Por quê?

— Devo isso a você.

— Sou uma criatura maligna.

— Sim, você é — não havia como fingir o contrário. — Mas você fez uma coisa boa, me salvou do Gabe.

— Matando mais um homem? Minha consciência mal sabe dizer a diferença. Foram tantos. Pelo menos lhe poupei de uma humilhação.

Sua voz apoderou-se do meu coração. A claridade crescente no horizonte ainda era tão fraca que as luzes de segurança do estacionamento continuavam acesas, e através desse brilho observei o rosto tão, tão jovem.

De repente comecei a chorar. Um choro absurdo.

— Isso é bacana — disse Godfrey. Sua voz já estava distante. — Alguém para chorar por mim no fim. Não esperava por isso.

Ele deu alguns passos para trás, para uma distância segura. E então o sol nasceu.

Quando voltei ao táxi, o motorista guardou o livro.

— Tem uma fogueira ali? — perguntou. — Tive a impressão de ter visto fumaça. Quase fui ver o que estava acontecendo.

— Agora já apagou — disse.

Durante o percurso de volta ao hotel, fiquei enxugando as lágrimas, então olhei pela janela e vi trechos da cidade emergindo da noite.

De volta ao hotel, fui para o nosso quarto. Tirei os shorts, deitei na cama e estava me preparando para um longo período de insônia, quando caí no sono.

Bill me acordou depois do pôr do sol, do seu jeito favorito. Minha camiseta estava levantada, e seus cabelos negros roçavam contra meu peito. Foi como acordar no meio do caminho, por assim dizer. Sua boca chupava gentilmente o que ele diz serem os seios mais belos deste mundo. Ele tomava cuidado com os caninos, que estavam salientes. Esse era apenas um dos sinais da sua excitação.

— Você está a fim? Acha que vai curtir se eu for bem, bem cuidadoso? — sussurrou ele ao meu ouvido.

— Se você me tratar como se eu fosse feita de vidro — murmurei, sabendo que ele seria capaz.

— Mas isso não parece vidro — disse ele, sua mão se movendo gentilmente. — É quente. É molhada.

Perdi o ar.

— Assim? Estou machucando você?

Sua mão se mexia com mais determinação.

— Bill — foi tudo que eu consegui dizer. Colei meus lábios nos seus, e sua língua engrenou num ritmo conhecido.



– Deite de lado – sussurrou. – Eu cuido de tudo.
E assim fez.

– Por que você estava semivestida? – perguntou, mais tarde.

Ele se levantou para pegar uma garrafa de sangue na geladeira do quarto e a esquentou no micro-ondas. Não havia bebido do meu sangue em consideração ao meu estado debilitado.

– Fui ver Godfrey morrer.

Seus olhos reluziram.

– O quê?

– Godfrey foi ao encontro do alvorecer.

A frase que antes eu considerava constrangedora de tão melodramática saiu da minha boca com a maior naturalidade do mundo. Houve um longo silêncio.

– Como você sabia que ele iria em frente? Como você soube o lugar?

Dei de ombros, considerando que eu estava deitada na cama.

– Achei que ele seguiria o plano original. Ele parecia bem determinado. E ele salvou a minha vida. Era o mínimo que eu podia fazer.

– Ele se mostrou corajoso?

Olhei bem para os olhos de Bill.

– Ele morreu com valentia. Estava ávido para ir.

Não fazia ideia do que Bill estava pensando.

– Temos de visitar Stan – disse. – Diremos a ele.

– Por que temos de encontrar com Stan de novo?

Se eu não fosse tão madura, teria feito um biquinho. Até então Bill só tinha me dado um dos seus olhares.

– Você tem de contar sua parte a Stan, para que ele perceba que fizemos nosso trabalho. Também tem a questão do Hugo.

Foi o suficiente para me deixar mal. Estava tão dolorida que a ideia de qualquer roupa além da estritamente necessária tocando minha pele me deixava agoniada, então coloquei um vestido cinza amarronzado longo, sem manga, feito de malha bem macia e calcei chinelos, e esse era meu modelo. Bill escovou meus cabelos e colocou os brincos para mim, pois erguer os braços era muito desconfortável, e ele resolveu que eu precisava de uma corrente de ouro. Parecia que eu estava indo a uma festa para pacientes da ala das mulheres violentadas. Bill ligou e solicitou um carro alugado. Quando o carro chegou na garagem subterrânea, não entendi. Nem sabia quem o havia solicitado. Bill dirigiu. Eu não olhava mais para fora da janela. Estava de saco cheio de Dallas.

Quando chegamos à casa na Green Valley Road, ela parecia tão tranquila quanto duas noites atrás. Mas depois que entramos, descobri que estava um alvoroço só, cheia de vampiros. Chegamos no meio de uma festa de boas-vindas para Farrell, que estava parado no meio da sala com o braço em volta de um moço lindo que devia ter no máximo dezoito anos. Farrell segurava uma garrafa de TrueBlood O negativo numa mão e seu par tomava uma Coca-Cola. O vampiro estava quase tão corado quanto o garoto.



Farrell nunca me viu de fato, então ficou encantado de me conhecer. Estava vestido da cabeça aos pés com acessórios de caubói, e quando se dobrou sobre a minha mão, achei que eu fosse ouvir esporas estalando.

– Você é tão encantadora – disse, de modo extravagante, balançando a garrafa de Sangue sintético – Que se eu dormisse com mulheres, você receberia minha atenção exclusiva por uma semana. Sei que está incomodada com seus machucados, mas eles acentuam a sua beleza.

Não consegui conter o riso. Como se não bastasse eu estar caminhando como se tivesse 80 anos de idade, o lado esquerdo do meu rosto estava azul e preto.

– Bill Compton, você é um vampiro de sorte – disse Farrell.

– Sei disso – disse Bill, sorrindo, embora mantendo seu jeito frio.

– Ela é corajosa e bonita!

– Obrigada, Farrell. Onde está Stan?

Resolvi pôr um fim nessa avalanche de elogios. Não só porque Bill ficava irritado, mas o jovem companheiro de Farrell começava a ficar curioso demais. Eu tinha intenção de contar essa história mais uma única vez, uma só.

– Ele está na sala de jantar – disse um jovem vampiro, o que trouxe a pobre Bethany para a sala de jantar quando estivemos naquele lugar antes.

Devia ser Joseph Velasquez. Tinha aproximadamente 1,70 de altura e sua descendência latina lhe presenteou com tez morena e os olhos escuros de um nobre, enquanto a condição de vampiro lhe conferia um olhar vidrado e a propensão instantânea para causar estrago. Ele estava atento ao salão, pronto para qualquer confusão. Entendi que ele era uma espécie de chefe de segurança do ninho.

– Ele ficará feliz em receber vocês dois.

Olhei à minha volta, procurando entre todos os vampiros e o punhado de humanos na enorme sala da casa. Não vi Eric. Será que ele tinha voltado para Shreveport?

– Onde está Isabel? – perguntei a Bill, falando baixo.

– Isabel está sendo castigada – disse Bill, quase baixo demais para ser possível ouvir. Ele não queria falar sobre esse assunto num tom mais alto, e se Bill achava que era melhor assim, eu entendi e calei a boca. – Ela trouxe um traidor para o ninho e tem de pagar o preço.

– Mas...

– Shhh.

Quando entramos na sala de jantar vimos que estava tão cheia quanto a sala de estar. Stan se encontrava na mesma cadeira, vestindo praticamente a mesma roupa que usava da última vez que o vi. Ele se levantou quando entramos, e pela maneira como o fez, entendi que era para sinalizar que tínhamos um status importante.

– Senhorita Stackhouse – disse ele, cheio de cerimônia, apertando minha mão com todo o cuidado. – Bill.

Stan me examinou com os olhos, o azul aguado não deixou escapar nenhum detalhe dos meus machucados. Seus óculos tinham sido remendados com durex. Stan levava a sério seu disfarce. Pensei em lhe mandar um protetor solar de presente de Natal.

– Por favor, conte-me o que aconteceu com você ontem. Não poupe os detalhes – disse Stan.



Foi quase como estar diante de um padre, daqueles que ficam ansiosos para ouvir confissões diferentes das que ouvem no cotidiano, como "xinguei meu pai" ou "roubei chocolates no supermercado".

– Bill vai ficar entediado – disse, tentando escapar da sabatina.

– Bill não vai se importar de ficar entediado por alguns instantes.

Não havia como escapar. Suspirei e comecei com a parte em que Hugo me pegou no *Silent Shore Hotel*. Tentei excluir o nome de Barry da narrativa, pois não sabia se ele queria ficar conhecido entre os vampiros de Dallas. Apenas me referi a ele como "um carregador do hotel". Se eles quisessem, claro que descobririam quem era.

Quando cheguei no momento em que Gabe enviou Hugo para a cela de Farrell e tentou me estuprar, meus lábios repuxaram num sorriso apertado. Meu rosto estava tão teso que achei que fosse rachar.

– Por que ela faz isso? – Stan perguntou para Bill, como se eu não estivesse ali.

– Quando ela fica tensa... – disse Bill.

– Ah.

Stan olhou para mim ainda mais pensativo. Ergui os braços e comecei a arrumar meus cabelos num rabo de cavalo. Bill me entregou um elástico que tirou do bolso e, com um incômodo considerável, segurei o cabelo num maço apertado para conseguir virar o elástico três vezes.

Quando contei a Stan sobre a ajuda dos mutantes, ele se curvou para frente. Queria saber mais do que eu contava, mas eu não ia dar nomes. Ele ficou pensativo quando lhe disse que me deram uma carona até o hotel. Fiquei em dúvida se devia incluir Eric ou não; deixei-o de fora, completamente. Supostamente ele era da Califórnia. Refiz minha narrativa dizendo que subi para nosso quarto para esperar por Bill.

Então contei a ele sobre Godfrey.

Para minha surpresa, Stan parecia não conseguir entender a morte de Godfrey. Pediu que eu repetisse a história. Ele se virou na cadeira para olhar para o outro lado enquanto eu falava. Enquanto ele estava de costas Bill me fez um carinho tranquilizante. Quando Stan se voltou para nós, estava enxugando as lágrimas com um lenço manchado de vermelho. Então é verdade que vampiros choram. E é verdade que choram sangue.

Chorei junto. Por ter molestado e matado crianças durante séculos, Godfrey merecia morrer. Fiquei pensando em quantos humanos foram presos por crimes cometidos por Godfrey. Mas Godfrey me ajudou, e nunca conheci ninguém que carregasse uma carga de culpa e tristeza como a dele.

– Que determinação e coragem – disse Stan, admirado. Ele não estava nada triste, e sim tomado de admiração. – Isso me fez chorar.

Ele disse isso de um jeito que entendi que só podia ser uma grande homenagem.

– Ontem à noite, depois que Bill identificou Godfrey, andei sondando e descobri que ele fez parte de um ninho de San Francisco. Seus companheiros de ninho ficarão sentidos ao saber. E por ele ter traído Farrell. Mas sua coragem em manter a palavra, em levar o plano a cabo!

Aquilo causou grande impacto em Stan.

Eu estava toda dolorida. Remexi na minha bolsa atrás de um analgésico e despejei dois na palma da mão. Stan gesticulou e um jovem vampiro me trouxe um copo de água. Agradei, e essa atitude tão comum lhe espantou.



— Obrigado pelo seu empenho — disse Stan, abruptamente, como se de repente tivesse se lembrado das boas maneiras. — Você fez o trabalho para o qual lhe contratamos, e foi além. Graças a você encontramos e salvamos Farrell a tempo, e lamento que você tenha sofrido tantos danos durante o processo.

Isso soou como uma dispensa.

— Com licença — disse a ele, deslizando para frente na cadeira. Bill fez um movimento repentino atrás de mim, mas eu o ignorei. Stan ergueu as sobrancelhas claras diante da minha audácia.

— Pois não. Seu cheque será enviado para o seu representante em Shreveport, conforme ficou combinado. Por favor, fique conosco essa noite para celebrarmos o retorno de Farrell.

— Nosso acordo era de que se o que eu descobrisse resultasse na denúncia de um humano, esse humano não seria castigado pelos vampiros, mas entregue à polícia, para que o caso fosse resolvido pela justiça. Onde está Hugo?

Os olhos de Stan foram do meu rosto para o de Bill, parado atrás de mim. Ele parecia perguntar em silêncio a Bill por que ele não conseguia controlar melhor essa humana.

— Hugo e Isabel estão juntos — respondeu Stan, sigiloso.

Eu não fazia a menor questão de descobrir o que ele queria dizer com isso. Mas era uma questão de honra levar o assunto até o fim.

— Então você não vai cumprir sua palavra? — disse a ele, sabendo que aos olhos de Stan essa era uma ameaça séria.

Devia existir a expressão: "orgulhoso como um vampiro". Todos eles o são, e eu acertei Stan bem no seu ponto fraco. A insinuação de desonra deixou o vampiro enfurecido. Eu quase dei para trás. Seu rosto dava medo. Depois de alguns segundos, de fato não tinha mais nada de humano dentro dele. Seus lábios repuxaram, os caninos vieram à tona, seu corpo encurvou e ele todo parecia ter se alongado.

Depois de um momento ele se levantou, e com um ríspido movimento de mão fez um sinal para que eu o seguisse. Bill me ajudou a levantar, e seguimos Stan enquanto ele ia para o fundo da casa. Devia ter uns seis quartos na mansão, e todas as portas estavam fechadas. De trás de uma das portas ouvi barulhos inconfundíveis de sexo. Para meu alívio, passamos batido por essa porta. Subimos as escadas, o que foi difícil para mim. Stan nunca olhava para trás e nem diminuía o passo. Ele subia as escadas exatamente no mesmo ritmo que andava. Parou numa porta que parecia com todas as outras. Destrancou-a. Deu um passo para o lado, indicando que era para eu entrar.

Eu não queria, não mesmo. Mas não tinha jeito. Dei um passo para frente e espiei lá dentro.

Exceto o azul escuro que se estendia por todos os lados, o quarto estava vazio. Isabel estava acorrentada à parede num canto da sala, com correntes de prata, claro. Hugo estava no outro. Ele também acorrentado. Os dois estavam acordados, e ambos olharam para a porta, evidentemente.

Isabel fez um aceno de cabeça, como se tivéssemos nos encontrado no shopping, apesar de ela estar nua. Percebi que seus pulsos e tornozelos estavam protegidos para impedir que a prata a queimasse, se bem que as correntes a enfraqueceriam mesmo assim.

Hugo também estava nu. Ele não conseguia tirar os olhos de Isabel. Ele mal olhou para mim, para ver de quem se tratava, e voltou a olhar para ela. Tentei não



ficar encabulada, pois isso me pareceu uma tremenda bobagem, mas acho que, fora Bill, essa foi a primeira vez na vida que vi uma pessoa adulta nua.

Stan disse:

— Ela não pode se alimentar dele, embora esteja faminta. Ele não pode transar com ela, embora esteja viciado nisso. Esse é o castigo deles, durante meses. O que teria acontecido com Hugo num tribunal humano?

Considerarei a pergunta. O que foi que Hugo fez de tão condenável?

Ele enganou os vampiros dizendo que estava no ninho deles por motivos que não eram verdadeiros. Isto é, ele realmente amava Isabel, mas traiu seus companheiros. É... A lei não diz nada quanto a isso.

— Ele grampeou a sala de estar — respondi. — Isso é ilegal. Quer dizer, acho que é.

— Ele pegaria quanto tempo de cadeia por isso? — perguntou Stan.

Boa pergunta. Não muito, era o que eu achava. Um júri humano podia achar que grampear o ambiente de vampiros é até justificável. Suspirei, uma resposta satisfatória para Stan.

— Por qual outro motivo ele seria preso? — perguntou ele.

— Ele me ludibriou quando me levou à Irmandade... Não é ilegal. Ele... Bem, ele...

— Exatamente.

O olhar entediado de Hugo não desgrudava da Isabel.

Hugo cometeu e incitou atos de maldade, assim como Godfrey.

— Você vai mantê-los aqui por quanto tempo? — perguntei. Stan deu de ombros.

— Três, quatro meses. Alimentaremos Hugo, óbvio. Isabel, não.

— E depois?

— Soltamos ele primeiro. Ele terá um dia de vantagem.

Senti a mão de Bill apertando meu pulso. Ele não queria que eu fizesse mais perguntas.

Isabel olhou para mim e acenou com a cabeça. A seu ver, isso era justo, é o que ela parecia estar dizendo.

— Tudo bem — disse, mostrando as palmas das minhas mãos para indicar "pare". — Tudo bem.

Então me virei e, lenta e cuidadosamente, fui descendo as escadas.

Eu havia perdido um pouco da minha integridade, mas por mais que eu tentasse, não conseguia me imaginar agindo de outra maneira. Quanto mais eu pensava a respeito, mais confusa ficava. Não estou acostumada a analisar questões éticas. As coisas ou são ruins ou não são.

Bem, agora sei que existe um território cinzento. É aí que algumas coisas se encaixam, como dormir com Bill apesar de não sermos casados ou dizer a Arlene que ela ficou bem num certo vestido, quando na verdade ficou horrenda. Na verdade, não posso me casar com Bill. Não é permitido por lei. Mas até aí, ele não pediu.

Meus pensamentos vagavam num círculo confuso, circundando o casal sofredor no quarto lá em cima. Para minha surpresa, tive muito mais pena de Isabel que de Hugo. Ele, afinal, era culpado de maldade ativa. Isabel só foi negligente.

Tive muito tempo para ficar remoendo outras questões sem saída, pois Bill se esbaldava na festa. Apenas uma ou duas vezes antes fui a festas mistas — vampiros e

humanos, e era uma combinação que ainda causava algum incômodo, mesmo depois do reconhecimento legal do vampirismo. Beber abertamente, isto é, chupar sangue de humanos, é totalmente ilegal, e posso afirmar que na sede dos vampiros de Dallas essa lei é respeitada. De tanto em tanto eu via um casal desaparecer durante algum tempo lá em cima, mas todos os humanos pareciam voltar em bom estado. Sei por que fiquei contando e observando.

Bill está integrado à sociedade há tantos meses que pelo jeito encontrar-se com vampiros é um verdadeiro deleite para ele. Assim, ele estava numa conversa animada com vampiros, lembrando de Chicago na década de vinte, ou das oportunidades de investimento em várias bolsas de vampiros espalhadas pelo mundo. Eu estava tão fraca fisicamente que me contentei em ficar sentada num sofá, observando e dando golinhos no meu drinque de vodka com suco de laranja. O garçom era um jovem simpático, e durante um tempinho ficamos conversamos sobre bares. Eu devia estar curtindo minhas férias do Merlotte's, mas eu teria gostado de vestir meu uniforme e anotar pedidos. Não estava acostumada a grandes mudanças na minha rotina.

Então uma mulher talvez um pouco mais nova que eu se estatelou no sofá ao meu lado. Fiquei sabendo que ela namorava um vampiro que era chefe de segurança, Joseph Velasquez, que havia ido ao Centro da Irmandade na noite anterior. Seu nome era Trudi Pfeiffer. Os cabelos de Trudi eram vermelhos e espetados, piercings no nariz e na língua, e uma maquiagem macabra, com direito a batom preto. Ela encheu a boca para dizer que o nome da cor era Putrefação. A cintura da sua calça jeans era tão baixa que não sei como ela conseguia se abaixar e levantar. Vai ver ela gostava do corte extremamente baixo para mostrar o piercing no umbigo. Seu top de malha era bem curto. O modelo que usei na noite em que a mênade me pegou virava um nada na comparação. Enfim, havia muito o que ver em Trudi.

Quando você conversava com ela, percebi que ela não era tão bizarra quanto seu visual sugeria. Trudi era estudante universitária. Descobri, através de escuta cem por cento legítima, que ela achava que estava cutucando a onça com vara curta ao namorar Joseph. Por "onça" ela se referia a seus pais, foi o que entendi.

– Eles chegam a preferir que eu namore um negro – ela me disse, orgulhosa.

Tentei fazer uma cara convincente de comoção.

– Pelo jeito eles realmente detestam o lance dos mortos-vivos.

– E como! – Ela fez vários acenos de cabeça, e outros de mão, com as unhas pintadas de preto. Ela bebia cerveja *Dos Equis*. – Minha mãe sempre diz: "Não dá para namorar alguém que esteja vivo?".

Rimos juntas.

– E você e Bill, como é? – Ela ergueu e baixou as sobrancelhas para indicar o sentido da pergunta.

– Você diz quanto a...?

– Como ele é na cama? Joseph é uma foda incrível.

Não posso dizer que tenha ficado surpresa, mas fiquei desconcertada. Durante alguns instantes fiquei procurando alguma coisa para dizer.

– Fico feliz por você – disse, finalmente.



Se ela fosse minha amiga íntima, Arlene, talvez tivesse piscado e sorrido, mas eu não ia discutir minha vida sexual com uma estranha, e não tinha interesse nenhum em saber dela e Joseph.

Trudi se levantou para pegar outra cerveja e ficou conversando com o garçom. Fechei os olhos, aliviada e ao mesmo tempo preocupada, e senti o sofá afundar ao meu lado. Dei uma olhada de canto de olho para a direita para ver quem era meu novo companheiro. Eric. Que maravilha.

– Como você está? – perguntou.

– Melhor do que parece – isso não era verdade.

– Você viu o Hugo e a Isabel?

– Sim. – Olhei para minhas mãos, no meu colo.

– Bem apropriado, não achou?

Achei que Eric estava tentando me provocar.

– De certa maneira, sim – disse. – Contanto que Stan mantenha sua palavra.

– Espero que você não tenha dito isso a ele.

Mas Eric parecia estar apenas de gozação.

– Não, não falei. Não nessas palavras. Vocês são tão orgulhosos.

Ele parecia surpreso.

– Sim, acho que somos.

– Você veio até aqui só para ver como eu estava me saindo?

– Para Dallas?

Assenti com a cabeça.

– Sim.

Ele deu de ombros. Estava vestindo uma camisa de malha com uma estampa bonita, cor de palha e azul. O movimento fez seus ombros parecerem enormes.

– Essa foi a primeira vez que alugamos você. Queria me certificar de que tudo correria bem sem ter de estar aqui numa visita oficial.

– Você acha que Stan sabe quem você é?

Ele pareceu intrigado com a ideia.

– A suposição não é absurda – disse, por fim. – No meu lugar, ele, provavelmente, teria feito a mesma coisa.

– De agora em diante seria possível você permitir que eu fique em casa, e nos deixar em paz, Bill e eu? – perguntei.

– Não. Você é útil demais – disse ele. – Além do que, tenho esperança de que quanto mais eu me aproximar de você, mais você vai se apegar a mim.

– Como um carrapato?

Ele riu, mas seus olhos estavam grudados em mim de um jeito que não era de gozação. Ai, que inferno.

– Você está especialmente gostosa nesse vestido de malha sem nada por baixo – disse Eric. – Se você deixasse Bill e viesse até mim por livre e espontânea vontade, ele aceitaria isso.

– Mas eu não vou fazer nada assim – disse, e então algo estalou na minha consciência.

Eric começou a falar alguma outra coisa para mim, mas coloquei minha mão na sua boca. Mexi minha cabeça de um lado para o outro, tentando ouvir melhor.

– Ajude-me a levantar – disse.



Sem uma palavra, Eric se levantou e gentilmente me colocou em pé. Senti minhas sobrancelhas franzindo.

Eles estavam à nossa volta. Haviam cercado a casa.

Suas mentes estavam a ponto de bala. Se Trudi não tivesse tagarelado tanto antes, talvez tivesse os ouvido quando se aproximaram sorrateiramente da casa.

— Eric — disse, tentando captar o máximo de pensamentos possível. Eu ouvia uma contagem regressiva. Ai, Deus!

— Todos para o chão! — gritei com toda a minha força. Todos os vampiros obedeceram.

Portanto, quando a Irmandade disparou, foram os humanos que morreram.

A um metro de distância, Trudi foi atingida por um tiro. O vermelho escuro da tintura do seu cabelo absorveu outra tonalidade de vermelho, e seus olhos ficaram vidrados em mim para sempre. Chuck, o barman, só estava ferido, pois a estrutura do bar o protegeu, sei lá como.

Eric estava deitado em cima de mim. Dada a minha condição, isso foi muito dolorido. Comecei a empurrá-lo. Então me dei conta de que se ele fosse atingido com balas, provavelmente sobreviveria. Mas eu não. Assim, aceitei seu escudo de bom grado durante os tenebrosos minutos da primeira onda do ataque, quando rifles, espingardas e pistolas dispararam inúmeras vezes contra a mansão de subúrbio.

Fechei os olhos instintivamente enquanto duraram os disparos. Vidros estilhaçados, vampiros rugindo, humanos gritando. O barulho martelava na minha cabeça ao mesmo tempo que uma maré composta de inúmeras mentes aceleradas me afogava. Quando a coisa foi diminuindo, olhei nos olhos de Eric. Por incrível que pareça, ele estava excitado. Sorriu para mim.

– Eu sabia que montaria em você, de algum jeito – disse.

– Você está tentando me irritar para que eu me esqueça do medo?

– Não, sou só um oportunista.

Eu me contorci, tentando sair de debaixo dele, e ele disse:

– Ah, faça isso de novo. Foi bom.

– Eric, aquela garota com quem eu estava conversando agora há pouco está a alguns centímetros de nós, e parte da sua cabeça desapareceu.

– Sookie – disse ele, sério. – Estou morto há séculos. Já me acostumei. Mas ela não foi de vez. Ainda tem uma centelha ali. Quer que eu a traga de volta?

Fiquei chocada, atônita. Como é que eu podia decidir? E enquanto eu pensava sobre isso, ele disse:

– Ela se foi.

Enquanto eu olhava para ele, o silêncio tornou-se absoluto. O único barulho na casa vinha do choro de Farrell pelo seu acompanhante ferido, que pressionava as mãos contra as suas coxas, manchadas de vermelho. Lá de fora vieram sons remotos de carros saindo acelerados para cima e para baixo da tranquila rua de subúrbio. Fim do ataque. Eu tinha dificuldade para respirar e para decidir o que fazer em seguida. Devia ter alguma coisa, alguma providência que eu pudesse tomar.

Aquilo foi a situação mais próxima da guerra que já passei.

A sala ululava com gritos de sobreviventes e urros raivosos de vampiros. Nacos do estofamento do sofá e das poltronas pairavam pelo ar como flocos de neve. Havia vidro quebrado em toda parte, e o calor da noite invadiu a sala. Vários vampiros já estavam em pé e foram à caça, Joseph Velasquez entre eles.



— Sem desculpa para ficar aqui enrolando — disse Eric com um sorriso sarcástico e saiu de cima de mim. Ele olhou para si. — Sempre sujo minhas camisas quando estou com você.

— Ai não, Eric! — Com uma pressa desajeitada consegui ficar de joelhos. — Está sangrando. Você foi atingido. Bill! Bill!

Meu cabelo serpenteava pelos meus ombros conforme eu me virava de um lado para o outro, procurando pela sala. Da última vez que o vi, ele conversava com uma vampira de cabelos pretos, e sua franja fazia um bico na testa. Ela me lembrava um pouco a Branca de Neve. Agora, semiagachada e vasculhando pelo chão, encontrei-a esparramada perto de uma janela. Havia uma protuberância no seu peito. Um tiro acertou a janela e estilhaços voaram para dentro da sala. Um deles furou seu peito, matando-a. Bill não estava em nenhum lugar visível, entre vivos ou mortos.

Eric tirou sua camisa ensopada e olhou para o ombro.

— A bala está dentro da ferida, Sookie — disse Eric, entre dentes cerrados. — Chupa aqui.

— Como? — abri e fechei a boca.

— Se você não sugá-la de mim, minha pele vai cicatrizar com ela ali. Se você é tão fresca, pegue uma faca e corte.

— Não vou conseguir.

Na minha minúscula bolsa de festa havia um canivete, mas não tinha ideia de onde a coloquei e não conseguia me concentrar para sair procurando.

Ele me mostrou os dentes.

— Eu fui baleado para proteger você. Consegue tirá-la, sim. Você não é nenhuma covarde.

Tratei de me acalmar. Usei sua camisa como algodão. O sangramento diminuía, e ao olhar para a pele rasgada, vi a bala. Se eu tivesse unhas compridas, como Trudi, poderia arrancá-la, mas meus dedos são atarracados e minhas unhas curtas. Suspirei, desanimada.

A expressão "tomar bala" ganhou um novo significado conforme me debrucei sobre o ombro do Eric.

Eric deu um longo gemido enquanto eu chupei, e senti a bala pular para dentro da minha boca. Ele estava certo. Não tinha como o tapete ficar mais sujo e danificado do que já estava, então, embora me sentisse como uma verdadeira bárbara, cuspi a bala no chão com a maior parte do sangue que estava na minha boca. Mas uma certa quantidade eu engoli. Foi inevitável. O ombro de Eric já estava cicatrizando.

— Essa sala está fedendo a sangue — sussurrou ele.

— Pronto — disse, olhando para cima. — Essa foi a coisa mais nojenta...

— Sua boca está suja de sangue.

Ele pegou meu rosto com as duas mãos e me beijou.

É difícil não corresponder quando um mestre da arte de beijar está me lascando um. E talvez eu teria curtido, bem... Curtido mais, se não estivesse tão preocupada com Bill, pois, na boa, raspões com a morte têm esse efeito nas pessoas. Você tem vontade de reafirmar a constatação de que está vivo. Apesar de, tecnicamente falando, vampiros não estarem vivos, parece que não são menos imunes a essa síndrome, e a libido de Eric subiu por causa do sangue no ambiente.



Mas eu estava preocupada com Bill e chocada pela violência, portanto, depois de um longo momento ardente de sublimação ao horror à minha volta, me afastei. Agora os lábios de Eric estavam sujos de sangue.

– Vá procurar por Bill – disse ele, numa voz grossa.

Olhei novamente para seu ombro e vi que o buraco começava a fechar. Peguei a bala no carpete. Apesar de estar lambuzada de sangue, embrulhei-a num pedaço da camisa do Eric. Na hora me pareceu uma boa lembrança para se guardar. Na verdade não sei o que eu estava pensando. Ainda havia gente ferida e morta no chão da sala, mas a maioria sobrevivente recebia ajuda de outros humanos ou de dois vampiros que não tinham se juntado à caça.

De longe se ouvia as sirenes.

A bela porta da frente estava estilhaçada e esburacada. Afastei-me para o lado para abri-la, no caso de haver um último atirador no jardim da frente, mas nada aconteceu. Olhei em volta do batente.

– Bill? – gritei – Tudo bem com você?

Então ele veio todo serelepe pelo jardim, bem disposto e rosado.

– Bill – disse, me sentindo velha e rabugenta.

Um horror melancólico, que no fundo era apenas decepção, tomou conta de mim.

Ele tinha perdido o controle.

– Eles atiraram na gente e mataram alguns de nós – disse ele. Seus caninos brilhavam e ele estava radiante de tanta euforia.

– Você acabou de matar alguém.

– Para nos defender.

– Por vingança.

Na minha cabeça, e naquele momento, havia uma clara diferença entre as duas coisas. Ele parecia confuso.

– Você nem esperou para ver se eu estava bem – disse.

Uma vez vampiro, sempre vampiro. Um tigre não muda suas listras. Cachorro velho não aprende truques novos. Ouvi todos os conselhos que recebi na vida, naquele modo arrastado de falar típico da minha terra.

Dei meia volta e retornei para a casa, caminhando distraída entre as manchas de sangue, caos e bagunça como se visse essas coisas diariamente. Algumas das coisas que vi nem registrei, só na semana seguinte, quando meu cérebro de repente escolhia uma cena para eu assistir: talvez um close-up de um crânio rachado, ou uma artéria esguichando. Na hora minha única preocupação era encontrar minha bolsa. Encontrei-a no segundo lugar onde procurei. Enquanto Bill tratava dos feridos, para não ter de falar comigo, saí da casa e entrei no carro alugado e, apesar da ansiedade que estava sentindo, dirigi. Ficar naquela casa era pior que o medo do trânsito da cidade grande. Afastei-me da casa instantes antes da polícia chegar.

Depois de dirigir alguns quarteirões, estacionei na frente de uma biblioteca e peguei o mapa no porta luvas. Levei o dobro de tempo, pois minha mente estava tão abalada que praticamente não funcionava, mas descobri como chegar ao aeroporto.

E foi para lá que eu fui. Segui as indicações de ALUGUEL DE CARROS e estacionei, deixei as chaves e saí andando. Consegui uma passagem no próximo voo para Shreveport, que sairia dentro de uma hora. Dei graças a Deus por ter meu próprio cartão de crédito.



Como nunca tinha feito isso antes, levou alguns minutos para descobrir como usar um orelhão. Tive sorte de encontrar Jason, que disse que me encontraria no aeroporto.

De manhãzinha eu já estava na minha cama.

Não comecei a chorar até o dia seguinte.

Bill e eu já havíamos brigado antes. Eu já havia ficado de saco cheio outra vez, quando me senti cansada das coisas de vampiro que eu precisava aprender a aceitar e temi me aprofundar demais nessas coisas. Às vezes minha vontade era simplesmente passar um tempo entre humanos.

Então, por mais de três semanas, foi isso que fiz. Não liguei para Bill. Ele não me ligou. Sabia que ele havia voltado de Dallas porque deixou minha mala na varanda de casa. Quando abri, encontrei um estojo de jóias de veludo preto enfiado no bolso lateral. Se ao menos eu tivesse tido a determinação para não abri-lo, mas não tive. Dentro havia um par de brincos de topázio e um bilhete que dizia: "Para combinar com seu vestido marrom". Era uma referência ao negócio de malha marrom acizentado que usei na festinha do quartel general dos vampiros. Mostrei a língua para a caixa e dirigi até sua casa naquela mesma tarde para deixá-la na caixa de correio. Ele finalmente tinha comprado um presente para mim, e lá estava eu, devolvendo.

Nem tentei "pensar melhor". Imaginei que em breve minha mente estaria mais desanuviada, e então eu saberia o que fazer.

Li os jornais. Os vampiros de Dallas e seus amigos humanos agora eram mártires, o que devia estar mais que bom para Stan. O Massacre da Meia Noite em Dallas era anunciado em todas as revistas como o exemplo perfeito de crime por ódio. Os legisladores estavam sendo pressionados para aprovar todo tipo de lei que não tinha a menor chance de passar, mas as pessoas se sentiam melhor achando que talvez passassem; leis que dariam proteção federal para imóveis de vampiros, leis que permitissem que vampiros ocupassem alguns cargos públicos (embora até então ninguém tivesse sugerido que um vampiro pudesse concorrer ao senado ou ocupar cargo de deputado). Havia até uma proposta no Texas para nomear um vampiro como executor legal do Estado. Afinal, um tal de senador Garza disse: "Supostamente a morte por mordida de vampiro é indolor, e o vampiro, por sua vez, é nutrido".

Eu tinha algo a dizer para o senador Garza. Mordidas de vampiro só são agradáveis se o vampiro assim quiser. Se o vampiro não hipnotizar a pessoa antes, uma mordida de vampiro para valer (ao contrário das mordidas de amor) dói como o diabo.

Achei que senador Garza talvez fosse parente de Luna, mas Sam disse que "Garza" é tão comum entre americanos de descendência mexicana quanto "Smith" é entre americanos de família inglesa.

Sam não quis saber o motivo de eu estar perguntando isso, o que me fez sentir um pouco desprezada, pois sempre achei que eu era importante para Sam. Mas nesses dias ele andava preocupado, no trabalho e fora. Arlene disse que achava que

ele estava namorando, o que seria uma coisa inédita, até onde sabíamos. Quem quer que fosse, ninguém a viu, o que já era esquisito. Tentei lhe contar sobre os mutantes de Dallas, mas ele apenas sorriu e encontrou uma desculpa para fazer outra coisa.

Meu irmão, Jason, passou lá em casa para almoçar num desses dias. Não foi a mesma coisa de quando minha avó estava viva. Vovó teria feito uma bela refeição para o almoço, e depois, à noite, só comeríamos sanduíche. Nessa época Jason aparecia com uma certa frequência, vovó era excelente cozinheira. Acabei servindo sanduíches de carne e salada de batata (se bem que não falei que comprei tudo pronto), e tinha um chá de pêssego já pronto, por sorte.

— O que aconteceu com você e o Bill? — perguntou ele, sem rodeio, quando terminou de comer. Foi gentil de não ter perguntado no caminho de volta do aeroporto.

— Estou brava com ele — disse.

— Por quê?

— Ele quebrou uma promessa que fez para mim.

Jason estava se esforçando para agir como um irmão mais velho, e eu devia tentar aceitar seu interesse em vez de ficar irritada. Cheguei a pensar, não pela primeira vez, que eu era um pouco esquentada. Em certas circunstâncias. Tranquei meu sexto sentido com toda a força, a fim de ouvir apenas o que Jason estava falando de fato.

— Ele foi visto em Monroe.

— Respirei fundo.

— Com alguém?

— Sim.

— Quem?

— Você não vai acreditar nisso. Portia Bellefleur.

Se Jason tivesse falado que Bill estava namorando a Hillary Clinton minha surpresa não teria sido maior (se bem que Bill é democrata). Olhei para meu irmão como se de repente ele tivesse anunciado que na verdade ele é o demônio. Outras coisas que Portia Bellefleur e eu tínhamos em comum era: local de nascimento, órgãos femininos e cabelos compridos.

— Bem — disse, sem emoção, não sei se devo ficar puta ou rir. — O que você pensa a respeito?

Pois se tem alguém que entende de assuntos homem mulher, é Jason. Quer dizer, ele sabe pelo ponto de vista masculino.

— Ela é o seu oposto — disse ele, sem pensar. — Em todos os aspectos que consigo imaginar. Ela é culta, vem de uma... Acho que dá para chamarmos de família aristocrática e é advogada. Fora que o irmão dela é policial. E eles frequentam concertos e coisa do tipo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu teria ido a um concerto com Bill, se ele tivesse me convidado.

— Por outro lado, você é inteligente, bonita e está disposta a aturar as manias dele.

Não sei muito bem o que Jason quis dizer com isso e achei melhor não perguntar.



– Mas a gente com certeza não é aristocrata. Você trabalha num bar, e seu irmão trabalha em manutenção de estradas. – Jason me deu um sorriso torto.

– Estamos aqui há tanto tempo quanto os Bellefleurs – disse, tentando disfarçar meu ma- humor.

– Eu sei disso e você sabe também. E Bill certamente, pois ele estava vivo nessa época.

Isso era verdade.

– E as acusações contra Andy? O que está acontecendo em relação àquilo? – perguntei.

– Ainda não apresentaram nenhuma acusação formal contra ele, mas na cidade está o maior bafafá sobre o lance do clube de sexo. Lafayette ficou tão feliz de ter sido convidado que comentou com várias pessoas. Dizem que como a primeira regra do clube era bico calado, Lafayette se ferrou por conta da sua empolgação.

– E o que você acha?

– Acho que se alguém estivesse organizando um clube de sexo em Bon Temps ou região, teria me chamado – disse ele, sério.

– Você tem razão – disse, impressionada pelo bom senso do meu irmão. – Você seria o primeiro da lista.

Por que não pensei nisso antes? Jason não apenas tinha uma reputação de ter frequentado várias camas como também era bonito e solteiro.

– A única possibilidade em que consigo pensar... – disse a ele, lentamente – Lafayette era gay, como você bem sabe.

– E?

– E talvez esse clube, se é que existe, apenas aceite pessoas que não tenham problema com isso.

– Pode ser – disse Jason.

– Sim, Mister Homofóbico.

Jason sorriu e deu de ombros.

– Ninguém é perfeito – disse. – Além do mais, como você sabe, estou namorando firme com a Liz. Acho que qualquer um é capaz de perceber que Liz não é capaz de dividir um guardanapo, quanto menos o namorado.

Ele tinha razão. A família de Liz era da linha "Não acredite nem nos que pedem emprestado, nem nos que emprestam".

– Você também, hein... – disse, pensando mais nos seus defeitos que nos da família da Liz. – Tem tantas coisas piores que ser gay.

– Como?

– Ladrão, traidor, assassino, estuprador...

– Ok, ok... Já entendi.

– Espero que sim – disse.

Nossas diferenças me deixavam agoniada. Mas eu gostava de Jason mesmo assim, ele era tudo que eu tinha no mundo.

Naquela mesma noite vi Bill com Portia. Os vi de relance no carro do Bill, passando pela Claiborne Street. Portia estava com a cabeça virada para Bill, falando. Ele olhava para frente, sem nenhuma expressão no rosto, até onde pude notar. Eles não me viram. Eu estava saindo do caixa eletrônico no banco, a caminho do trabalho.

Ouvir falar a respeito e ver com seus próprios olhos são duas coisas completamente diferentes. Senti o ódio tomando conta de mim e entendi como Bill se sentiu quando viu seus amigos morrendo. Quis matar alguém. Só não sabia quem eu queria matar.

Andy foi ao bar naquela noite, sentou-se na seção da Arlene. Achei bom, pois ele estava com uma cara péssima. Não tinha feito a barba, e suas roupas estavam amarrotadas. Quando ele estava indo embora, veio até mim, e eu pude sentir o cheiro da bebida.

– Pegue-o de volta – disse ele.

Sua voz estava carregada de ódio.

– Pegue o maldito vampiro de volta para que ele deixe minha irmã em paz.

Não soube o que dizer para Andy Bellefleur. Apenas fiquei olhando até ele sair cambaleante do bar. Passou pela minha cabeça que, se agora aparecesse um corpo no seu carro, as pessoas não ficariam tão surpresas como ficaram há algumas semanas.

A noite seguinte era a minha folga, e a temperatura caiu. Era sexta-feira e de repente fiquei cansada de estar sozinha. Decidi ir ao jogo de futebol do colégio. Esse é o passatempo de todo mundo em Bon Temps, e na segunda-feira os jogos são discutidos a fundo por toda parte. O jogo é exibido duas vezes num canal de tevê local, e os garotos que demonstram talento com a bola viram pequenas realezas, o que é o pior.

Ninguém vai mal arrumado a esses jogos.

Puxei a parte da frente do meu cabelo para trás, amarrei com um elástico e passei baby lis no resto, de modo que grossos cachos pendiam em volta dos meus ombros. Meus machucados já tinham sumido. Fiz uma maquiagem completa, incluindo lápis de boca. Vesti uma calça de malha preta e uma agasalho preto e vermelho. Calcei minhas botas pretas de couro, usei meus brincos de argola dourados e coloquei um laço preto e dourado para esconder o elástico do meu cabelo. (Adivinhe quais são as cores do time.)

– Muito bom – disse, vendo o resultado no espelho. – Muito bom mesmo.

Peguei minha jaqueta preta e a bolsa e dirigi até a cidade.

As arquibancadas estavam cheias. Várias vozes chamaram por mim, várias pessoas disseram que eu estava linda, e o problema era que... Eu me sentia horrível. Assim que me dei conta disso, grudei um sorriso na cara e fui procurar alguém com quem sentar.

– Sookie! Sookie! – Tara Thornton, uma das minhas poucas boas amigas do colegial, estava me chamando lá de cima nas arquibancadas.

Ela acenava feito louca. Sorri e comecei a subir, conversando com mais gente pelo caminho. Mike Spencer, o diretor da casa funerária, estava ali, com seus acessórios de caubói; e a amiga da minha avó, Maxine Fortenberry, e seu neto, Matt Lancaster, o advogado antiquado, agarrado com sua esposa.

Tara estava sentada com seu noivo, Benedict Tallie, que inevitável e lamentavelmente era chamado de "Eggs", por causa daquele sanduíche de ovos que todo mundo adora comer no café da manhã, o "Eggs Benedict". JB du Rone, melhor amigo de Benedict, estava com eles. Quando avistei JB meu ânimo melhorou, assim como minha libido reprimida. O cara podia ser capa daqueles romances femininos meio eróticos, de tão lindo que é. Infelizmente, é um descelebrado, conforme



descobri nas poucas vezes que saímos. Eu mal precisava de um escudo mental quando estava com JB, pois ele não tem nenhum pensamento que eu possa ler.

– Ei, como vocês estão?

– Estamos ótimos! – disse Tara, com sua cara de baladeira. – E você? Faz séculos que não lhe vejo!

Seus cabelos castanhos são bem curtos, estilo Joãozinho, e seu batom era tão quente que dava para acender uma fogueira. Ela estava usando um modelo cor de gelo e preto com um lenço vermelho para mostrar seu espírito esportivo, e ela e Eggs dividiam uma bebida servida nesses copos de papelão vendidos em estádio. Era forte à beça. De onde eu estava parada dava para sentir o cheiro do uísque.

– Chega para lá, JB, e deixe-me sentar do seu lado – disse com um sorriso em resposta.

– Claro, Sookie – disse ele, parecendo estar muito feliz em me ver.

Esse era um dos charmes de JB. Os outros eram: dentes brancos perfeitos, um nariz perfeitamente reto, um rosto tão másculo e ao mesmo tempo tão lindo que dava vontade de acariciar suas bochechas, ombros largos e cintura bem definida. Talvez não tão bem definida quanto já foi um dia, mas até aí... JB era humano, e isso era bom. Sentei entre Eggs e JB, e Eggs se virou para mim com um sorriso babaca.

– Quer beber alguma coisa, Sookie?

Eu meio que dispenso bebida, pois vejo seus efeitos colaterais diariamente.

– Não, obrigada – disse. – Como você tem passado, Eggs?

– Bem – disse ele, depois de pensar um pouco.

Ele tinha bebido mais que Tara. Tinha bebido demais.

Ficamos conversando sobre amigos em comum e conhecidos até a partida começar, depois disso o jogo foi o único tema da conversa. O jogo, em termos gerais, pois todos os campeonatos dos últimos cinquenta anos estavam registrados na memória coletiva de Bon Temps, e essa partida foi comparada a todos os outros jogos, esses jogadores a todos os outros. Deu até para curtir um pouco a ocasião, pois meu escudo mental estava bastante desenvolvido. Conseguia fingir que as pessoas eram aquilo que diziam ser. Eu não ficava mais ouvindo dentro delas.

JB foi chegando cada vez mais perto, depois de uma avalanche de elogios sobre meu cabelo e meu corpo. A mãe de JB lhe ensinou bem cedo que uma mulher que se sente valorizada é uma mulher feliz, e era graças a essa filosofia básica que JB se deu bem durante um tempo.

– Você se lembra da médica daquele hospital, Sookie? – ele me perguntou de repente, durante a segunda parte do jogo.

– Sim. Dra. Sonntag. Viúva.

Era nova para ser viúva, e mais nova ainda para ser médica. Eu a apresentei a JB.

– Tivemos um breve namoro. Eu e a doutora – disse ele, sonhador.

– Olha, que ótimo! – Eu já imaginava.

Tive a impressão de que Dra. Sonntag poderia se beneficiar do que JB tinha a oferecer, e JB precisava de... Bem, ele precisava de alguém para cuidar dele.

– Mas daí ela teve de voltar para Baton Rouge – disse ele. Parecia um pouco chateado. – Acho que sinto falta dela.



O pequeno hospital da nossa cidade foi comprado por uma empresa de plano de saúde, e trouxeram médicos de pronto-socorro para atuar ali durante quatro meses. JB apertou meus ombros com o braço.

- Mas é muito bom voltar a encontrar você — ele me assegurou. Sai fora.
- JB, você podia ir visitá-la em Baton Rouge — sugeri. — Por que não vai?
- Ela é médica. Não tem muito tempo livre.
- Para você ela arranjará tempo.
- Você acha?
- A não ser que ela seja uma idiota completa — disse a ele.

– Talvez eu faça isso. Outro dia conversei com ela por telefone. Ela chegou mesmo a comentar que gostaria que eu estivesse lá.

- Essa foi uma indireta e tanto, JB.
- Você acha?
- Com certeza.

Ele parecia mais animado.

– Então amanhã vou pegar o carro e ir até Baton Rouge — disse ele novamente. Beijou minha bochecha. — Você me faz sentir bem, Sookie.

- Bem, JB, você também.

Dei um selinho nele, bem rapidinho.

Então vi Bill me secando.

Ele e Portia estavam sentados numa seção antes da nossa, quase lá embaixo. Ele tinha se virado e estava me encarando.

Nem que eu tivesse planejado teria dado mais certo. Foi um lindo momento 'foda-se ele'.

E foi um fiasco.

Ele era tudo que eu queria.

Desviei o olhar e sorri para JB, sendo que durante todo o tempo tudo que eu mais queria era me encontrar com Bill debaixo das arquibancadas e transar com ele, ali, naquele momento. Queria que ele baixasse minhas calças e viesse por trás. Queria que me fizesse gemer.

Estava tão chocada comigo mesma que não soube o que fazer. Podia sentir meu rosto enrubescendo. Não conseguia nem fingir que sorria.

Depois de um minuto, me dei conta de que isso era quase engraçado. Fui criada do modo mais tradicional possível, dada minha deficiência incomum. Evidentemente aprendi as coisas da vida bem cedo, por poder ler mentes (e, quando criança, não tinha o menor controle sobre aquilo que eu absorvia). Sempre achei o conceito de sexo bem interessante, apesar de, em teoria, a mesma deficiência que me permitiu saber tanto sobre o assunto me impediu de colocar a coisa em prática. Afinal, é difícil envolver-se plenamente no ato quando você sabe que seu parceiro desejaria que você fosse a Tara Thornton (por exemplo), ou quando ele está torcendo para que você tenha se lembrado de trazer camisinha, ou quando está avaliando partes do seu corpo. Para um sexo bom você tem de se concentrar no que o seu parceiro está *fazendo*, para não se distrair com o que ele está *pensando*.

Com Bill eu não ouvia nadinha de nada. E ele tinha tanta experiência, era tão suave, tão dedicado em fazer direito. Parecia que eu era tão viciada quanto Hugo.

Fiquei ali sentada, até o fim do jogo, sorrindo e acenando quando parecia ser o momento adequado, tentando não olhar para baixo, e para a esquerda, e só depois que acabou o show do intervalo fui perceber que não prestei atenção numa única música que a banda tocou. Também não reparei no solo hipnotizante do primo da Tara. Conforme a multidão descêu lentamente até o estacionamento depois que os Falcões de Bon Temps ganharam por 28x18, concordei em dar uma carona para JB. A problemas, mas foi um alívio ver que Tara pegou o volante.

JB morava perto do centro, num semiduplex. Ele me convidou, muito carinhoso, para entrar, mas eu disse a ele que tinha de ir para casa. Dei-lhe um forte abraço e falei para ele ligar para a Dra. Sonntag. Eu ainda não sabia o primeiro nome dela.

Ele disse que ligaria, mas quando se trata de JB, não dá para confiar muito.

Depois tive de parar no único posto de gasolina 24 horas da cidade, para abastecer. Ali tive uma longa conversa com o primo de Arlene, Derrick (que era corajoso o bastante para pegar o turno da noite), então cheguei em casa um pouco mais tarde do que havia planejado.

Estava abrindo a porta quando Bill surgiu da escuridão. Sem uma única palavra, pegou no meu braço, me virou para ele e me beijou. Num minuto estávamos apoiados na porta com seu corpo se mexendo ritmado contra o meu. Coloquei um braço para trás para mexer na fechadura, finalmente consegui girar a chave. Entramos tropeçando, e ele me virou de cara para o sofá. Agarrei-o com as mãos e, tal qual eu havia imaginado, ele arrancou minhas calças, daí já estava dentro de mim.

Emiti um gemido áspero que nunca antes ouvi sair da minha garganta. Bill fazia barulhos igualmente primitivos. Achei que não seria capaz de articular uma palavra. Suas mãos estavam debaixo do meu agasalho e arrebetaram meu sutiã no meio. Ele estava insaciável. Quase desmaiei da primeira vez que gozei.

— Não — rosnou quando comecei a desvanecer e continuou a meter.

Então ele diminuiu o ritmo até o ponto em que eu estava quase chorando. Rasgou meu agasalho e seus dentes encontraram meu ombro. Ele emitiu um som profundo, tenebroso, e daí, depois de alguns segundos, acabou.

Eu arfava como se tivesse corrido uma milha, e ele tremia também. Sem se preocupar em abotoar as calças, ele me virou para que eu olhasse para ele e inclinou a cabeça na direção do meu ombro, para lamber o pequeno ferimento. Quando parou de sangrar e começou a cicatrizar, tirou toda a minha roupa, muito devagar.

— Você cheira a ele — foi a única coisa que falou.

Ele começou a apagar o cheiro e substituí-lo com o seu próprio.

Então fomos para o quarto. Tive apenas um instante para ficar feliz por ter trocado a roupa de cama naquela manhã, e logo ele grudou sua boca na minha novamente.

Se até esse ponto eu tinha dúvidas, já não tinha mais. Ele não estava dormindo com Portia Bellefleur. Não sei qual era a deles, mas ele não estava tendo um relacionamento de verdade com ela. Ele passou os braços por baixo de mim e me segurou bem junto ao seu corpo; fungou no meu pescoço, beijou atrás dos meus joelhos. Ele mergulhou em mim.

— Abra as pernas para mim, Sookie — sussurrou, na sua voz fria e nebulosa, e assim eu fiz.

Ele estava novamente pronto, e foi voraz, como se tentasse provar alguma coisa.



– Seja gentil – disse, da primeira vez que falei.

– Não consigo. Faz tempo demais, da próxima vez serei gentil, prometo – disse ele, passando a língua pelo contorno do meu maxilar.

Seus caninos arranharam meu pescoço. Caninos, língua, boca, dedos, membro; foi como fazer amor com o Demônio da Tasmânia. Ele estava por toda parte, e com pressa por todos os lugares.

Quando ele desabou em cima de mim, eu estava exausta. Ele se virou para ficar deitado ao meu lado, uma perna dobrada sobre a minha, um braço sobre o meu peito. Ele poderia muito bem ter pegado um ferro de marcar gado para fazer o serviço, se bem que não teria sido tão prazeroso para mim.

– Você está bem? – murmurou ele.

– Tirando o fato de ter batido em cheio num muro algumas vezes – disse, não pronunciando muito bem as palavras.

Nós dois caímos no sono durante um tempinho. Bill acordou primeiro, como ele sempre acorda, à noite.

– Sookie – disse, baixinho. – Querida, acorde.

– Hum... – disse, lentamente despertando. Pela primeira vez em semanas, acordei com a certeza, meio nebulosa, de que estava tudo tranquilo. Com algum desalento, percebi que as coisas, porém, estavam longe de estar resolvidas. Abri os olhos. Os de Bill estavam logo acima de mim.

– Precisamos conversar – disse ele, afastando os cabelos do meu rosto.

– Fale – agora eu estava acordada.

Não lamentava pelo sexo, mas por ter de discutir a relação.

– Eu me exaltei em Dallas – disse ele, de cara. – Vampiros ficam assim quando uma oportunidade de caça surge daquele jeito, tão óbvia. Fomos atacados. Temos o direito de caçar aqueles que tentam nos matar.

– Isso é voltar aos dias de selvageria – disse.

– Mas vampiros caçam, Sookie. É da nossa natureza – disse ele, muito sério. – Como leopardos, como lobos. Não somos humanos. Conseguimos fingir que somos, mas quando tentamos viver com pessoas... Na sua sociedade. Às vezes conseguimos nos lembrar do que era estar entre vocês, ser um dos seus. Mas não somos da mesma raça. Não somos mais feitos do mesmo barro.

Fiquei pensando sobre isso. Ele já havia me dito isso inúmeras vezes, com outras palavras, desde que a gente começou a se ver direto.

Ou vai ver ele tem me visto, mas eu não o via: nitidamente, de verdade. Apesar de eu achar que havia resolvido a questão das nossas diferenças, notei que eu ainda esperava que ele se comportasse como se fosse JB du Rone, ou Jason, ou o pastor da minha igreja.

– Acho que finalmente estou entendendo – disse. – Mas você precisa saber que às vezes não vou gostar dessa diferença. Às vezes vou querer me afastar e esfriar a cabeça. Vou tentar para valer. Eu realmente te amo.

Depois de lhe prometer que faria concessões, me lembrei da minha própria dor. Passei a mão nos seus cabelos e o puxei para perto, de modo que agora eu olhava para ele por cima. Olhei bem nos seus olhos.

– Agora me diga o que você estava fazendo com Portia.

As enormes mãos de Bill pousaram no meu quadril enquanto ele explicava.

— Ela me procurou depois que voltei de Dallas, na primeira noite. Leu sobre o que aconteceu e estava curiosa para saber se eu conhecia alguém que havia estado lá naquele dia. Quando falei que eu mesmo estive lá — não falei de você, Portia disse ter informação de que algumas das armas usadas no ataque foram adquiridas numa loja de Bon Temps, a Loja de Artigos Esportivos Sheridan. Perguntei a ela como soube disso. Ela respondeu que, por ser advogada, não podia dizer. Perguntei a ela por que estava tão interessada no assunto, já que não havia nada mais que ela podia me dizer a respeito. Ela disse que é uma boa cidadã e não gosta de ver outros cidadãos sendo perseguidos. Perguntei a ela por que me procurou. Ela respondeu que sou o único vampiro que ela conhece.

Acreditei nisso da mesma maneira que acredito que Portia é uma dançarina do ventre disfarçada.

Espremi os olhos enquanto processava tudo isso.

— Portia não dá a mínima para os direitos dos vampiros — disse. — Ela pode estar a fim de dar pra você, mas ela não liga para as questões legais dos vampiros.

— Dar pra mim? Que jeito de falar.

— Ah, você já ouviu a expressão antes — disse, um pouco encabulada.

Ele balançou a cabeça, uma expressão de deleite no seu rosto.

— Dar pra mim... — repetiu, pronunciando as palavras lentamente, enquanto acariciava o meu quadril.

— Pare com isso — disse. — Estou tentando pensar.

Suas mãos apertavam meu quadril, depois soltavam, movendo-me para frente e para trás em cima dele. Concatenar pensamentos começava a ficar difícil.

— Pare, Bill — disse. — Olha só, estou achando que Portia quer ser vista com você para que ela seja convidada para aquele suposto clube de sexo de Bon Temps.

— Clube de sexo? — disse Bill, interessado, mas sem parar.

— Sim, eu não te contei? Ai, Bill, não... Bill, ainda estou me recuperando da última... Ai. Ai, Deus.

Suas mãos me agarraram com sua força descomunal e me puxaram de propósito, bem para as "partes interessadas". Ele começou a me embalar de novo, para frente e para trás.

— Ai... — disse, entregue.

Comecei a ver cores flutuando perante meus olhos, em seguida estava sendo embalada tão rápido que não consegui controlar minhas emoções. Gozamos ao mesmo tempo, e ficamos atracados um ao outro, ofegantes, por vários minutos.

— A gente não devia se separar nunca mais — disse Bill.

— Sei lá, só por isso aqui já quase valeu a pena.

Um pequeno tremor percorreu seu corpo.

— Não — disse ele. — É maravilhoso, mas nesse caso eu prefiro deixar a cidade por alguns dias em vez de brigar com você de novo.

Ele abriu bem os olhos.

— É verdade que você chupou o ombro do Eric para arrancar uma bala?

— Sim, ele disse que eu precisava tirá-la antes que a pele cicatrizasse por cima.

— Ele não te disse que tinha um canivete no bolso?

Fiquei passada.

— Não. Ele tinha? Por que ele fez isso?



Bill ergueu as sobrancelhas, dando a entender que o que eu acabava de perguntar era ridículo.

– Adivinha – disse ele.

– Para que eu chupasse o ombro dele? Você está brincando.

Bill apenas manteve o olhar desconfiado.

– Ai, Bill. Caí na dele. Mas espera aí... Ele levou um tiro! Aquela bala podia ter me acertado, mas foi ele quem se feriu. Ele estava me protegendo.

– Como?

– Bem, deitando em cima de mim.

– Não digo mais nada.

Não havia nada de antiquado em Bill nessa hora. Por outro lado, havia uma expressão bem antiga no seu rosto.

– Mas, Bill... Você acha que ele é perverso a esse ponto?

Mais uma vez um levantar de sobrancelhas.

– Deitar em cima de mim não é tão espetacular assim, – protestei – a ponto de levar um tiro por isso. Credo. Isso é loucura!

– Ele conseguiu colocar sangue dele dentro de você.

– Apenas uma ou duas gotas. Cuspi o resto – disse.

– Na idade do Eric uma gota ou duas é o suficiente.

– Suficiente para quê?

– Agora ele vai saber algumas coisas a seu respeito.

– Como o quê? Minha numeração de roupa?

Bill sorriu, o que nem sempre é um alívio.

– Não. Vai saber como você está se sentindo. Brava, excitada, amorosa.

Dei de ombros.

– Isso não vai lhe servir de nada.

– Provavelmente não é muito importante, mas tome cuidado de agora em diante

– Bill me alertou. Ele parecia estar falando sério.

– Ainda não consigo acreditar que alguém se colocaria na trajetória de uma bala na esperança de que eu bebesse uma gota do seu sangue. Isso é ridículo. Quer saber, estou achando que você levantou esse assunto só para eu parar de lhe amolar sobre a Portia, mas não vou. Acho que Portia acredita que se ela namorar você, alguém vai convidá-la para ir ao clube do sexo, pois se ela topa transar com um vampiro, topa qualquer coisa. É o que eles pensam – disse rapidamente, depois de olhar para a cara de Bill. – Assim, Portia acha que se ela for, vai descobrir coisas, vai descobrir quem matou Lafayette e livrará a barra do Andy.

– E uma trama complicada.

– Você refuta?

Fiquei orgulhosa de usar "refuta", que estava no meu calendário de "Palavra do Dia".

– Para dizer a verdade, não consigo refutar.

Ele ficou imóvel. Seus olhos estavam vidrados, sem piscar, e suas mãos relaxaram. Como Bill não respira, estava absolutamente parado. Finalmente ele piscou.

– Ela devia ter me contado a verdade logo de cara.



— Não me diga que você transou com ela — disse, finalmente admitindo que só de pensar nessa possibilidade fiquei cega de ciúmes.

— Estava mesmo querendo saber quando é que você ia me perguntar isso — disse ele, calmo. — Como se eu fosse dormir com uma Bellefleur algum dia... Não, ela não tem o menor desejo de transar comigo. Ela mal consegue fingir que gostaria, algum dia. Portia não é boa atriz. Na maior parte do tempo em que estivemos juntos ela me enfiou em corridas malucas atrás dessa provisão de armas que a Irmandade escondeu aqui, dizendo que todos os simpatizantes da Irmandade têm armas escondidas.

— Então por que você embarcou nessa?

— Ela tem certa honradez. E eu queria ver se você ia ficar com ciúmes.

— Ah, certo. E o que você acha?

— Acho que... — disse ele. — Espero nunca mais te ver perto daquele bonitão idiota de novo.

— Do JB? Sou tipo uma irmãzinha dele — disse.

— Você se esquece que bebeu o meu sangue, e eu sei o que você sente — disse Bill. — Não acho que você tenha sentimentos fraternais em relação a ele.

— E isso explica por que estou aqui na cama com você, certo?

— Você me ama.

Ri, bem perto do pescoço dele.

— Já vai amanhecer — disse ele. — Tenho de ir.

— Ok, querido — sorri para ele enquanto recolhia suas roupas. — Ei, você está me devendo um agasalho e um sutiã. Dois sutiãs. Gabe rasgou um, que entra na cota de acidente de trabalho. E você rasgou outro ontem à noite, mais o agasalho.

— Foi por isso que comprei uma loja de roupas femininas — disse ele, baixinho. — Para que eu possa rasgar quando eu quiser.

Ri e voltei a me deitar. Podia dormir por mais duas horas. Ainda sorria quando ele saiu de casa, e acordei no meio da manhã com uma leveza no coração, uma leveza que não sentia havia muito tempo. (Bem, a sensação era de muito tempo.) Caminhei toda animada para o banheiro para tomar um banho na banheira de água quente. Quando comecei a me lavar, senti alguma coisa na orelha. Fiquei em pé e olhei no espelho sobre a pia. Ele havia colocado os brincos de topázio enquanto eu dormia. Ele e sua mania de ter a última palavra.

Como nosso reencontro foi secreto, fui eu a primeira a ser convidada para o clube. Nunca passou pela minha cabeça que isso pudesse acontecer, mas depois que aconteceu me toquei que se Portia achava que tinha chance de ser convidada depois de ter saído com um vampiro, então, sob essa ótica eu era muito mais carne de primeira do que ela.

Para minha surpresa e repulsa, o assunto foi levantado por Mike Spencer. Mike é o diretor da casa funerária e médico-legista de Bon Temps, e nosso relacionamento nem sempre foi cordial. No entanto, eu o conheço desde sempre e estou acostumada a respeitá-lo, um hábito difícil de quebrar. Mike estava nos seus trajes de casa funerária quando foi ao Merlotte's naquela noite, pois ele vinha de uma visita à senhora Cassidy. Com terno escuro, camisa branca, uma discreta gravata de listras e sapatos sociais lustrosos, Mike Spencer virava outra pessoa. O que ele queria mesmo era sua gravata texana de fita e botas de caubói de bico fino.



Como Mike é pelo menos uns vinte anos mais velho que eu, sempre o tratei como um senhor e fiquei chocada quando ele me abordou. Estava sentado sozinho, coisa tão rara que chamou minha atenção. Servi um hambúrguer e uma cerveja para ele. Enquanto me pagava disse, como quem não quer nada:

– Sookie, amanhã à noite nós vamos fazer uma reunião na cabana da Jan Fowler e queremos saber se você gostaria de ir.

Tenho sorte de ter um rosto bem treinado. A sensação foi de um buraco se abrindo sob meus pés, e na verdade fiquei um pouco enojada. Entendi na hora, mas não conseguia acreditar naquilo. Abri minha mente para ele, enquanto minha boca dizia:

– Você disse "nós"? Quem seriam essas pessoas, sr. Spencer?

– Sookie, você pode me chamar de Mike.

Assenti com a cabeça, enxergando dentro da sua mente o tempo todo. Ai meu pai do céu! Credo.

– Bem, alguns amigos seus estarão lá. Eggs, Portia e Tara. E o casal Hardaway.

Tara e Eggs... Isso realmente me chocou.

– Então, como são essas festinhas? E um lance tipo beber e dançar?

Não era uma pergunta sem noção. Embora muitos saibam que sou capaz de ler pensamentos, eles quase nunca acreditam, apesar de terem testemunhado inúmeras situações que mostraram o contrário. Mike simplesmente não conseguia acreditar que posso captar as imagens e conceitos que flutuam pela sua mente.

– Bem, a gente dá uma pirada. Como você terminou o namoro, achamos que talvez estivesse a fim de se soltar um pouco.

– Talvez eu vá – disse, sem entusiasmo. Era melhor não demonstrar nenhuma euforia.

– Quando?

– Ah, umas dez da noite. Obrigada pelo convite – disse, lembrando das boas maneiras, e então saí saracoteando com minha gorjeta.

Fiquei pensando, irritada, durante os estranhos momentos que fiquei até o fim do meu expediente.

Do que adiantava eu ir? Será que eu descobriria alguma coisa que desvendaria o mistério da morte do Lafayette? Eu nem vou muito com a cara do Andy Bellefleur, e agora gostava menos ainda da Portia Bellefleur, mas não era justo que Andy fosse para o tribunal, sua reputação arruinada, por algo de que não teve culpa. Por outro lado, não dava para achar que ninguém presente na festa da cabana do lago fosse dividir segredos nefastos comigo até que eu me tornasse uma figurinha carimbada por lá, e para isso eu não tinha estômago. Não sabia nem se daria conta de participar daquela primeira reunião. A última coisa no mundo que eu queria ver era meus amigos e vizinhos "se soltando".

– Algum problema, Sookie? – perguntou Sam, tão perto de mim que quase dei um pulo.

Olhei para ele, quis poder perguntar o que ele achava. Sam era forte e atlético, e inteligente também. A contabilidade, os pedidos, a manutenção e o planejamento, ele nunca parecia ficar sobrecarregado com nada disso. Sam era um homem autossuficiente, e eu gostava e confiava nele.

– Estou aqui com um pequeno dilema – disse. – E você, Sam, como vai?



– Ontem à noite recebi um telefonema interessante, Sookie.
– De quem?
– Uma mulher com voz estridente, ligando de Dallas.
– Sério? – me peguei sorrindo, mesmo, não o sorrisinho que uso para disfarçar meu nervosismo. – De descendência mexicana?
– Creio que sim. Ela falou de você.
– Ela é irritante – disse.
– Ela tem muitos amigos.
– O tipo de amigo que você gostaria de ter?
– Tenho bons amigos – disse Sam, apertando minha mão muito rapidamente.
– Mas é sempre bom conhecer pessoas que têm os mesmos interesses que a gente.
– Então você vai para Dallas?
– Talvez eu vá. Enquanto isso ela me colocou em contato com umas pessoas em Ruston que também...

Mudam de aparência na lua cheia, completei mentalmente.

– Como ela te rastreou? Não falei seu nome para ela de propósito, pois não sabia se você ia querer.

– Ela rastreou você – disse Sam. – E descobriu quem era seu chefe através de... Pessoas daqui.

– Por que você nunca entrou em contato com eles por conta própria?

– Até você me contar sobre a mênade – disse Sam – Não havia me dado conta de que existem tantas outras coisas que ainda preciso descobrir.

– Sam, você não tem andado com ela, tem?

– Passei algumas noites com ela na floresta, sim. Como Sam e na minha outra pele.

– Mas ela é tão má – falei, sem pensar.

Sam estreitou as costas.

– Ela é uma criatura sobrenatural como eu – disse ele, sereno. – Não é boa nem má, apenas é.

– Ah, tá bom então! – não acreditei que estava ouvindo aquilo de Sam. – Se ela está jogando essa conversa em você, é porque está a fim de alguma coisa.

Lembrei de como a mênade é bonita, contanto que você não se incomode com manchas de sangue. E Sam, como mutante, não se incomodaria.

– Ah... – disse, depois que caiu a ficha.

Não que eu conseguisse ler a mente do Sam com clareza, pois ele é uma criatura sobrenatural, mas eu conseguia sacar seu estado emocional, que era: encabulado, sexualmente excitado, arrependido e sexualmente excitado.

– Ah tá... – disse novamente, meio sem jeito. – Me desculpe, Sam. Não quis falar mal de alguém que você... Você, é...

Não podia dizer "Está comendo", embora o termo fosse bastante apropriado.

– ... alguém com quem você tem convivido – completei, toda atrapalhada. – Tenho certeza de que ela deve ser uma simpatia, depois que você a conhece direito. Claro que o fato de ela ter fatiado as minhas costas contribui para as minhas ressalvas contra ela. Vou tentar ser mais mente aberta.

E saí para pegar um pedido, deixando Sam boquiaberto atrás de mim.

Deixei um recado na secretária eletrônica de Bill. Não sabia o que ele pretendia fazer em relação a Portia e achei que talvez houvesse mais alguém com ele quando ouvisse a mensagem, então disse: "Bill, fui convidada para aquela festa amanhã à noite. Quero saber se você acha que devo ir". Não me identifiquei, pois ele reconheceria minha voz. Talvez Portia tivesse deixado uma mensagem idêntica, a ideia me deixou furiosa.

Naquela noite, quando voltei de carro para casa, meio que torci para que Bill estivesse me esperando e novamente me fizesse uma surpresa erótica, mas tudo era silêncio na casa e no jardim. Fiquei mais animada quando vi que a luz da minha secretária eletrônica piscava.

— Sookie — disse a voz de Bill, suave — Fique longe da floresta. A mênade não está satisfeita com nosso tributo. Eric virá para Bon Temps amanhã à noite para negociar com ela, e talvez ele ligue para você. As... Outras pessoas... De Dallas, as que lhe ajudaram, estão pedindo uma recompensa exorbitante dos vampiros de lá, então estou indo para Dallas de *Anúbis* para me encontrar com eles, com Stan. Você sabe onde estarei hospedado.

E agora? Bill não estaria em Bon Temps para me ajudar e estava fora de alcance. Ou não? Era uma hora da manhã. Liguei para o número que anotei na minha caderneta de endereços, do *Silent Shore*. Bill ainda não havia chegado, apesar de seu caixão (que o recepcionista chamou de sua "bagagem") já ter sido colocado no seu quarto. Deixei um recado, que tive de formular com tamanha cautela que talvez tenha ficado incompreensível.

Estava realmente cansada, pois não tinha dormido muito na noite anterior, mas não tinha a menor intenção de ir sozinha à festa do dia seguinte. Respirei fundo e liguei para o Fangtasia, o bar de vampiros de Shreveport.

"Você ligou para Fangtasia, onde os mortos-vivos voltam à vida", disse uma gravação com a voz de Pam. "Para horário de funcionamento, digite um. Para reservas para festas, digite dois. Para falar com uma pessoa viva ou um vampiro morto, digite três. Ou, se você tinha intenção de deixar um trote na nossa secretária eletrônica, se liga: nós o encontraremos."

Digitei três.

— Fangtasia — disse Pam, com a voz mais entediada que já ouvi na vida.

— Oi — disse, num tom bem animado a fim de contrabalancear o tédio. — Pam, aqui quem fala é Sookie. O Eric está por aí?

— Ele está enfeitando a gentinha — disse Pam.

Entendi que Eric estaria esparramado numa poltrona no salão principal do bar, belo e perigoso. Bill havia me falado que alguns vampiros têm contrato de prestação de serviço com Fangtasia para fazer uma ou duas aparições por semana com duração pré-determinada, a fim de atrair turistas. Eric, sendo proprietário, estava lá quase toda noite. Havia outro bar onde vampiros iam por conta própria, um bar onde turistas jamais entrariam. Nunca estive lá, pois, na boa, já basta trabalhar num bar.

— Poderia, por favor, levar o telefone até ele, querida?

— Tá bom, tá bom... — disse ela, resmungando. — Ouvi dizer que você se esbaldou em Dallas — disse ela enquanto caminhava. Não que desse para ouvir seus passos, mas o barulho no fundo ia e vinha.

— Foi inesquecível.



- O que você achou de Stan Davis? Hummm.
- Ele é uma figura.
- Eu gosto daquele visual nerd.

Fiquei feliz de não estar lá para ela não poder ver o olhar de espanto que dei para o telefone. Nunca achei que Pam gostasse de homens, também.

- Ele não parecia estar namorando – disse, espero que naturalmente.
- Ah... Talvez em breve eu vá tirar umas férias em Dallas.

Também era novidade para mim que vampiros pudessem se interessar uns pelos outros. Nunca vi dois vampiros juntos.

- Estou aqui – disse Eric.

– E eu aqui – fiquei um pouco intrigada com a maneira como Eric atende telefonemas.

- Sookie, minha pequena chupadora de balas – disse ele, num tom carinhoso.

- Eric, meu engraçadinho.

- Deseja alguma coisa, minha querida?

– Para começo de conversa não sou sua querida, e você sabe disso. No mais, Bill disse que você vem aqui amanhã à noite.

– Sim, para passear pela floresta à caça da mênade. Ela considerou inadequado nosso vinho e um jovem touro.

– Você deu um touro vivo para ela? – por um momento me distraí com a imagem de Eric empurrando uma vaca para dentro de uma caçamba, dirigindo até o acostamento de uma estrada e enxotando-a entre as árvores.

- Sim, de fato nós demos. Pam, Indira e eu.

- Você se divertiu?

– Sim – disse Eric, levemente surpreso. – Há muitos séculos que eu não lidava com criação de animais. Pam é uma urbanoide. Indira estava admirada demais com o touro para poder ajudar. Mas se você quiser, da próxima vez que eu tiver de transportar animais, eu te ligo, e você pode vir junto.

– Obrigada, será um prazer – disse, certa de que esse era um telefonema que eu jamais receberia. – Estou te ligando porque preciso que você vá a uma festa comigo amanhã à noite.

Longo silêncio.

– Bill não é mais seu parceiro? As diferenças que vocês desenvolveram em Dallas são permanentes?

– O que eu devia ter falado é: "Preciso de um segurança para amanhã à noite. Bill está em Dallas". – Estava dando tapas na testa com os punhos. – A explicação é longa, mas o problema é que tenho de ir a uma festa amanhã à noite que na verdade é... Bem, é tipo... Tipo um lance de orgia. Preciso de alguém para ir comigo no caso de... Só no caso.

– Isso é fascinante – disse Eric, parecendo realmente fascinado. – E já que estarei na redondeza, você achou que eu daria um bom acompanhante. Para uma orgia?

- Você consegue parecer quase humano – disse.

- Uma orgia humana? Uma orgia sem vampiros?

- É uma orgia humana que não sabe que um vampiro vai aparecer por lá.

- Quer dizer que quanto mais humano eu parecer, menos assustador?



– Sim. Preciso ler os pensamentos deles. Cutucar seus cérebros. E se eu conseguir fazer com que pensem sobre uma certa coisa, e cutucar os pensamentos deles, então poderemos cair fora.

Eu acabava de ter uma ideia brilhante para fazer com que eles pensassem em Lafayette. O problema era contá-la a Eric.

– Então você quer que eu vá a uma orgia de humanos, onde não serei bem-vindo, e também que a gente caia fora antes que eu comece a me divertir?

– Sim – disse, quase gritando de ansiedade. Agora eu ia até o fim. – E... Dá para você fingir que é gay?



Houve um longo silêncio.

- A que horas passo aí? – disse Eric, sussurrado.
- Hã... Nove e meia? Para eu lhe passar as informações.
- Nove e meia na sua casa.
- Vou levar o telefone de volta – Pam me informou. – O que você disse para Eric? Ele está de olhos fechados, balançando a cabeça para frente e para trás.
- Por acaso ele está rindo, mesmo que seja só um pouco?
- Não que dê para eu perceber – disse Pam.

Naquela noite Bill não voltou a telefonar, e no dia seguinte saí para trabalhar antes de anoitecer. Quando voltei para me arrumar para a "festa", encontrei uma mensagem dele na secretária eletrônica.

"Sookie, tive de quebrar a cabeça para entender o que você estava querendo dizer na mensagem enigmática que me deixou", disse ele. Sua voz, normalmente serena, soava triste. Zangado. "Se você vai mesmo à essa festa, não vá sozinha, não importa o que aconteça. Não vale a pena. Chame seu irmão ou Sam para ir com você."

Bem, consegui alguém ainda mais forte para ir comigo, então eu deveria estar me sentindo íntegra. No entanto, não achava que a presença de Eric fosse deixar Bill mais tranquilo. "Stan Davis e Joseph Velasquez mandam lembranças, e Barry, o carregador."

Sorri. Estava sentada de pernas cruzadas na minha cama, vestindo apenas um velho roupão de banho, escovando os cabelos enquanto ouvia a mensagem.

"Não me esqueci de sexta-feira à noite", disse Bill, com aquela voz que sempre me fazia estremecer. "Jamais esquecerei".

— O que foi que aconteceu sexta à noite? — perguntou Eric.

Dei um berro. Quando achei que meu coração tinha voltado, e ficaria no lugar, desci da cama e fui até ele com os punhos fechados.

— Você é grande o suficiente para saber que não se entra na casa de alguém sem bater na porta e esperar que a atendam. Além do mais, quando foi que convidei você para entrar?

Eu tinha de ter feito o convite, ou então Eric não poderia ter passado a soleira.

— Quando passei aqui no mês passado para visitar Bill. Eu bati — disse Eric, se esforçando para parecer ofendido. — Você não respondeu, e achei que tivesse ouvido vozes, então entrei. Até gritei seu nome.

— Só se você sussurrou meu nome — eu ainda estava furiosa. — Mas você agiu mal, e sabe disso.

— O que você vai vestir para a festa? — perguntou Eric, mudando de assunto com eficiência. — Se é para ser uma orgia, o que é que uma boa moça como você vai vestir?

— Não tenho ideia — respondi, desanimada ao lembrar desse detalhe. — O certo seria algo que desse a entender que estou acostumada a frequentar orgias, mas nunca estive numa e não sei por onde começar, se bem que tenho uma boa noção de como a coisa vai acabar.

— Já fui a orgias — disse Eric, tentando ajudar.

— Por que será que isso não me surpreende? O que as pessoas vestem?



– Da última vez usei uma pele de animal, mas dessa vez resolvi ir assim.

Eric estava com um sobretudo comprido. Agora ele o arrancou com um gesto performático, e tudo que consegui fazer foi ficar olhando, sem parar. Eric é o tipo de cara que normalmente veste calça jeans e camiseta. Naquele dia ele estava com uma camiseta regata cor de rosa e legging de lycra. Não sei onde ele conseguiu aquilo. Não sabia de nenhum fabricante que fizesse *legging* de *lycra* para o tamanho dele. Era rosa e azul turquesa, como o azul das ondas na lateral da caminhonete do Jason.

– Uau – foi tudo que consegui pensar em dizer. – Uau. É um modelo e tanto.

Quando um homem grande como ele coloca uma roupa de *lycra*, não sobra muito espaço para a imaginação. Contive a tentação de pedir que Eric desse uma voltinha.

– Não achei que eu seria convincente como bicha, – disse Eric – Mas essa roupa passa mensagens tão ambíguas que praticamente qualquer coisa é possível.

Ele deu piscadas para mim. Sem dúvida, Eric estava curtindo tudo aquilo.

– Ah, sim – disse, tentando olhar para outro lugar.

– Quer que eu remexa nas suas gavetas para ver se encontro alguma coisa para você vestir? – sugeriu Eric.

Ele chegou a abrir a gaveta de cima da minha cômoda antes que eu dissesse "Não, não! Eu vou encontrar alguma coisa!".

Mas não consegui encontrar nada mais sensual e informal que shorts e camiseta. No entanto, o shorts era do meu tempo de colégio e vestia "como uma taturana que contém uma borboleta", disse Eric, poético.

– Está mais para *Daisy Dukes* – resmunguei, me perguntando se a marca da renda da minha calcinha ficaria estampada na minha pele para o resto da vida. Vesti um sutiã combinando, azul metálico, com uma camiseta regata decotada que mostrava uma boa parte dos adornos. Esse era um dos sutiãs de reposição, e Bill ainda nem tinha chegado a vê-lo, então era bom que nada acontecesse com ele. Eu ainda estava bronzeada, e deixei os cabelos soltos.

– Ei, nosso cabelo é da mesma cor – disse, olhando para nós lado a lado no espelho.

– Total, amiga – Eric deu um sorrisinho para mim. – Mas você é loira lá embaixo também?

– Aposto que você adoraria saber.

– Sim – disse ele, simplesmente.

– Bem, fica por conta da sua imaginação.

– Já estou imaginando – disse ele. – Loira em todas as partes.

– Dá para dizer o mesmo dos pelos no seu peito.

Ele ergueu meu braço para olhar minha axila.

– Mulheres tolas, raspando os pelos – disse ele, largando meu braço.

Abri a boca para dizer alguma coisa quanto a isso, mas de repente percebi que isso ia acarretar num desastre, e em vez disso falei: – Temos de ir.

– Você não vai passar um perfume? – Ele estava cheirando todos os vidros em cima da penteadeira. – Ah, passe esse.

Jogou um vidro em minha direção e eu o peguei sem pensar. Ele ergueu as sobrancelhas.



– Você tem mais sangue de vampiro do que eu imaginava, Sookie.

– *Obsession* – disse, olhando para o vidro. – Ah, ok.

Tomei o cuidado de não responder à sua observação. Esfreguei um pouquinho de perfume entre os seios e atrás dos joelhos. Achei que assim estaria coberta da cabeça aos pés.

– Qual o plano, Sookie? – perguntou Eric, observando meu procedimento com grande interesse.

– Vamos a essa tal de festa sexual idiota e entraremos o menos possível no jogo deles. Enquanto isso coletei informações das mentes das pessoas ali presentes.

– Em relação a?

– Em relação ao assassinato de Lafayette Reynold, o cozinheiro do Merlotte's.

– E por que estamos fazendo isso?

– Porque eu gostava do Lafayette. E para livrar Andy Bellefleur, que é suspeito do assassinato de Lafayette.

– Bill sabe que você está tentando salvar um Bellefleur?

– Por que você está perguntando isso?

– Você sabe que Bill odeia os Bellefleurs – disse Eric, como se isso fosse fato mais que notório para qualquer pessoa em Louisiana.

– Não – disse. – Não sabia disso.

Sentei-me na cadeira, ao lado da minha cama, meus olhos fixos no rosto de Eric.

– Por quê?

– Você vai ter de perguntar isso para o Bill, Sookie. Será que esse é mesmo o único motivo por que estamos indo? Você não estaria usando isso como uma desculpa espertinha para transar comigo?

– Não sou tão espertinha assim, Eric.

– Acho que você se engana, Sookie.

Eric disse isso com um sorriso radiante.

Lembrei que agora ele conseguia pressentir meus humores, de acordo com Bill. O que será que Eric sabia sobre mim que eu mesma não sabia?

– Olha só, Eric – comecei, enquanto saímos pela porta e atravessamos a varanda. Então tive de parar e encontrar um jeito de dizer o que eu queria dizer.

Ele esperou. A noite estava nublada, e a floresta parecia estar mais próxima da casa. Sabia que a noite só parecia tão opressiva porque eu estava indo a um evento que pessoalmente considerava de mau gosto. Ia descobrir coisas sobre pessoas que eu não conhecia e não tinha interesse em conhecer. Parecia burrice buscar o tipo de informação que passei a vida tentando bloquear. Mas eu sentia uma espécie de obrigação civil em relação a Andy Bellefleur. Sentia que tinha de descobrir a verdade. Fora que eu também tinha um estranho respeito por Portia, por sua disposição em se sujeitar a algo tão desagradável só para salvar a pele do irmão. O fato de Portia sentir uma repulsa genuína em relação a Bill era simplesmente incompreensível para mim, mas se Bill disse que ela tinha medo dele, então devia ser verdade. Naquela noite, a ideia de ver a verdadeira face de pessoas que conheci a vida toda era igualmente apavorante para mim.

– Não deixe que aconteça nada comigo, ok? – disse a Eric, na lata. – Não tenho a menor intenção de contatos íntimos com ninguém ali. Acho que tenho medo de que aconteça alguma coisa, de que alguém vá longe demais. Mesmo em nome da vingança do assassinato de Lafayette, no que depender de mim, não vou transar com nenhuma daquelas pessoas.

Na verdade era isso o que eu temia, coisa que não tinha admitido a mim mesma até aquele momento: que algo desse errado, alguma defesa falhasse e eu me tornasse a vítima. Quando criança, algo aconteceu comigo, algo que eu não consegui evitar nem controlar, algo absurdamente nefasto. Preferia morrer a mais uma vez ser submetida a um abuso como aquele. Foi por isso que lutei com tanta força contra Gabe e fiquei tão aliviada quando Godfrey o matou.

– Você confia em mim? – Eric parecia surpreso.

– Sim.

– Isso é... Louco, Sookie.

– Não acho.

Não sei de onde veio àquela segurança, mas estava lá. Peguei um agasalho pesado que chegava a cobrir minhas coxas.

Eric balançou a cabeleira loira, vestiu o sobretudo e abriu a porta do seu *Corvette* vermelho. Eu chegaria à orgia em grande estilo.

Expliquei a Eric o caminho para o Lago Mimosa, e enquanto dirigíamos (voando) pela estrada estreita de duas pistas, o coloquei por dentro das informações de bastidores sobre esse tipo de evento. Eric dirigia com vontade, e a negligência de alguém que não morre facilmente.

– Eu sou mortal, esqueceu? – disse, depois de termos feito uma curva numa velocidade que me fez desejar ter unhas compridas só para poder mordê-las.

– Sempre penso nisso – disse Eric, seus olhos fixos na estrada.

Não sei o que ele quis dizer com isso, então deixei meu pensamento vagar para assuntos relaxantes. A banheira do Bill. A grana que eu receberia de Eric quando o cheque dos vampiros de Dallas fosse compensado. O fato de Jason estar namorando a mesma mulher há meses, o que poderia ser um sinal de que eles estavam firmes ou de que ele tivesse esgotado a cota de mulheres disponíveis (e algumas que não deviam estar) no município. Que a noite estava bonita, fresca e que eu estava num carro incrível.

– Você está feliz – disse Eric.

– Sim. Estou.

– Você estará segura.

– Obrigada. Sei que estarei.

Apontei para a pequena placa que dizia FOWLER e indicava uma entrada para carros, quase escondida por um pé de murta e espinheiro. Descemos por um caminho beirado por árvores. Era de cascalho e havia sulcos de pneus. A descida era bem íngreme. Eric franziu as sobrancelhas quando o *Corvette* derrapou nos sulcos fundos. Quando desembocamos na clareira onde ficava a cabana, a ladeira, de tão íngreme, chegava a esconder o telhado, ficando um pouco abaixo do nível da estrada que circundava o lago. Havia quatro carros estacionados na terra batida em frente da cabana. As janelas estavam abertas para deixar entrar o gelado ar noturno, mas as cortinas estavam fechadas. Dava para ouvir vozes, embora não desse para entender o que diziam. De repente fiquei muito relutante em entrar na cabine de Jan Fowler.

– Posso ser bissexual? – perguntou Eric.

Isso parecia não incomodá-lo. Ele parecia estar se divertindo. Ficamos parados ao lado do carro do Eric, um de frente para o outro, minhas mãos nos bolsos do meu agasalho.

– Ok – dei de ombros.



E daí? Era tudo de mentira mesmo. De canto de olho percebi uma movimentação. Alguém nos observava pela fresta de uma cortina.

– Tem alguém olhando.

– Então serei bonzinho.

A essa altura já estávamos fora do carro. Eric se inclinou, e sem me puxar para ele, grudou a boca na minha. Ele não me agarrou, então até fiquei à vontade. Sabia que, no mínimo, eu teria de beijar outras pessoas. Então me concentrei nisso.

Vai ver eu tinha um talento natural, que foi cultivado por um excelente professor. Bill afirmou que eu beijava bem, e eu queria que ele ficasse orgulhoso de mim.

Pelo estado da calça de *lycra* do Eric, mandei bem.

– Podemos entrar? – perguntei, me esforçando para não olhar para baixo da linha do seu peito.

– Na verdade não – disse Eric. – Mas acho que é melhor entrar. Pelo menos vai parecer que estou no clima.

Apesar de ser assustador pensar que essa foi a segunda vez que beijei Eric e que gostei mais do que deveria, sentia um sorriso repuxando os cantos da minha boca enquanto atravessamos o terreno esburacado da clareira. Subimos os degraus de uma grande varanda de madeira, ocupado pelas velhas cadeiras dobráveis de alumínio de sempre e uma grande churrasqueira a gás. A porta de tela rangeu quando Eric a abriu, e eu bati de leve na porta interna.

– Quem é? – perguntou Jan.

– Sookie e um amigo – respondi.

– Ai, que bom! Entrem – ela gritou de volta.

Quando abri a porta todos os rostos na sala se voltaram para nós. Os sorrisos de boas-vindas se transformaram em olhares de espanto quando Eric entrou, logo atrás de mim.

Eric veio para o meu lado, o casaco dobrado no braço, e eu quase vibrei com a variedade de expressões. Depois do choque de terem percebido que Eric é vampiro, coisa que todo mundo ali presente percebeu depois de um minuto ou menos, olhos percorreram a vastidão do corpo de Eric, apreciando o panorama.

– Ei, Sookie, quem é o seu amigo? – Jan Fowler, uma mulher de trinta anos e divorciada inúmeras vezes, estava de camisola de renda, pelo menos era isso o que parecia ser. Ela tinha mechas nos cabelos e o penteado era um desgrehado profissional, sua maquiagem seria adequada se ela estivesse no palco. Para uma cabana no lago Mimosa o efeito era um pouco exagerado. Mas, como anfitriã, ela devia estar se achando no direito de usar o que bem entendesse para sua própria orgia. Tirei o agasalho e aguentei o constrangimento de passar pelo mesmo escrutínio pelo qual Eric tinha acabado de passar.

– Esse é o Eric – disse. – Espero que vocês não se importem de eu ter trazido um amigo.

– Ah, quanto mais gente, melhor – disse ela com uma sinceridade incontestável.

Seus olhos nunca chegaram até o rosto de Eric.

– Eric, o que você gostaria de beber?

– Sangue? – disse Eric, esperançoso.



— Claro, acho que tenho um tipo O aqui — disse ela, incapaz de desgrudar os olhos da calça de lycra. — Às vezes a gente... Finge.

Ela fez um movimento com as sobrancelhas e meio que olhou de esguelha para Eric.

— Agora não precisa mais fingir — disse ele, retribuindo cada olhar.

No caminho até a geladeira Eric deu um jeito de acariciar o ombro de Eggs, e o rosto de Eggs se iluminou.

Ãã... Bem, eu sabia que ia descobrir algumas coisas. Tara, sentada ao lado dele, estava mal-humorada, as sobrancelhas escuras enrugadas sobre olhos escuros. Tara, de sutiã e calcinha de um vermelho vivo, estava bem bonita. As unhas das mãos e dos pés estavam pintadas da mesma cor, assim como os lábios. Ela veio preparada. Nossos olhos se encontraram, e ela olhou para o outro lado. Não é preciso ser nenhuma telepata para perceber o constrangimento de uma pessoa.

Mike Spencer e Cleo Hardaway estavam sentados num sofá detonado encostado na parede da esquerda. A cabana toda, composta basicamente de um único ambiente amplo com uma pia e um fogão na parede da direita, e um banheiro fechado num canto, era mobiliada com móveis usados, pois em Bon Temps as pessoas reaproveitam móveis antigos. No entanto, a maioria das cabanas do lago não tem um tapete tão felpudo e macio, nem tantos almofadões espalhados, e nem cortinas tão grossas nas janelas. Além do mais, os brinquedinhos espalhados naquele tapete felpudo eram simplesmente sórdidos. Alguns eu nem consegui entender do que se tratava.

Mesmo assim grudei um sorriso alegre no rosto e abracei Cleo Hardaway, como sempre fazia quando a encontrava. Claro que ela sempre estava bem mais vestida quando trabalhava na cafeteria da escola. Mas comparada a Mike, ela, de calcinha, estava mais vestida. Ele não usava nada de nada.

Bem, eu sabia que ia ser horrível, mas acho que para algumas visões você simplesmente não consegue se preparar. Os enormes peitos de cor de chocolate da Cleo reluziam, lambuzados com algum tipo de óleo, e as partes íntimas de Mike estavam igualmente brilhantes. Não queria nem pensar nisso.

Mike tentou pegar na minha mão, de certo para me ajudar com o óleo, mas eu desviei e fui para o lado de Eggs e Tara.

— Nunca achei que você viesse — disse Tara.

Ela também sorria, mas não estava muito feliz. Na verdade, ela estava com uma cara péssima. Vai ver o fato de Tom Hardaway estar ajoelhado na frente dela, acariciando a parte interna das suas coxas tivesse algo a ver com isso. Ou talvez fosse o interesse evidente que Eggs demonstrou por Eric. Tentei olhar nos olhos de Tara, mas me senti mal.

Eu estava ali havia apenas cinco minutos, mas juro que foram os cinco minutos mais longos da minha vida.

— Você vem sempre aqui? — perguntei a Tara, por mais absurdo que isso possa parecer.

Eggs, secando a bunda de Eric enquanto ele estava parado perto da geladeira com Jan, começou a mexer nos botões do meu short. Eggs havia bebido, de novo. Dava para sentir o cheiro da bebida. Seus olhos estavam vidrados e seu queixo pendia.

– Seu amigo é bem grande – disse ele com água na boca, talvez estivesse mesmo, literalmente.

– Bem maior que Lafayette – sussurrei, e houve um espasmo no seu olhar, que encontrou o meu. – Achei que ele seria bem-vindo.

– Ah, sim... – disse Eggs, decidido a não contestar minha afirmação. – Sim, Eric... É muito grande. É legal um pouco de diversidade.

– Bon Temps não vai ficar muito mais colorida que isso – disse, tentando não parecer petulante.

Aguentei firme enquanto Eggs brigava com o botão. Esse foi um grande erro. Eggs só estava pensando na bunda do Eric. E em outras coisas do Eric.

Falando no diabo, ele se aconchegou atrás de mim, passou os braços em volta do meu corpo, puxando-me para ele e me tirando dos dedos desajeitados de Eggs. Eu me apoiei para trás, em Eric, feliz por ele estar ali. Percebi que me senti assim porque no fundo esperava que Eric fosse se comportar mal. Mas ao vir pessoas que conheci a vida toda se comportando daquele jeito, bem, era realmente nojento. Achava que não seria capaz de camuflar minha repulsa, então me esfreguei em Eric, e quando ele deu um gemido de satisfação me virei nos seus braços para encará-lo. Enrosquei meus braços no seu pescoço e ergui o rosto. Ele acatou à minha sugestão silenciosa com a maior boa vontade. Com o rosto escondido, minha mente estava livre para vagar. Eu me abri mentalmente justo quando Eric separou meus lábios com sua língua, então fiquei totalmente vulnerável. Havia fortes "emissores" naquela sala, e eu não me sentia mais como eu mesma, mas como uma válvula de escape para os desejos reprimidos de outras pessoas.

Pude saborear os pensamentos de Eggs. Ele estava se lembrando de Lafayette, corpo magro e moreno, dedos hábeis e olhos carregados de maquiagem. Recordava as sugestões que Lafayette lhe sussurrou. Depois ele abafou essas lembranças felizes com outras menos agradáveis, Lafayette se queixando, violento, estridente...

– Sookie – disse Eric, ao meu ouvido, tão baixinho que acho que mais ninguém na sala conseguiu ouvi-lo. – Sookie, relaxe. Estou aqui.

Levei minha mão ao seu pescoço e lhe fiz um carinho. Percebi que havia alguém atrás do Eric, meio que transando com ele por trás.

Jan passou a mão em volta do Eric e começou a esfregar minhas costas. Como ela estava me tocando, seus pensamentos ficaram cristalinos. Ela era uma emissora excepcional. Folheei seu cérebro como teria feito com as páginas de um livro, e não encontrei nada de interessante. Ela só pensava no corpo do Eric, e estava preocupada com sua própria obsessão pelos peitos da Cleo. Nada ali que pudesse me interessar.

Fui em outra direção, infiltrei-me na cabeça de Mike Spencer, encontrei o nó nefasto pelo qual eu já esperava. Descobri que enquanto ele esfregava os peitos de Cleo entre as mãos, recordava-se de outra pele morena, flácida e sem vida. Sua própria pele corou conforme lembrou disso. Através de suas lembranças vi Jan adormecida no sofá detonado, Lafayette protestando que se eles não parassem de machucá-lo ele contaria para todo mundo o que tinha rolado e quem estava no meio, e então os punhos de Mike descendo, Tom Hardaway ajoelhado sobre seu peito magro e moreno...

Eu precisava sair dali. Não aguentava, mesmo sem ter descoberto o que eu precisava descobrir. Também não sei como Portia teria aguentado, ainda mais porque ela teria de ficar até o fim para descobrir alguma coisa, não tendo o meu "dom".

Senti a mão da Jan acariciando minha bunda. Foi o pretexto para sexo mais sem graça que já vi na vida: sexo destituído de mente e espírito, de amor e carinho. Mesmo de uma mera afinidade.

Segundo minha amiga Arlene, que já foi casada quatro vezes, homens não veem problema nisso. Obviamente algumas mulheres também não.

– Tenho de sair – sussurrei na boca de Eric. Sabia que ele conseguia me ouvir.

– Venha comigo – respondeu ele, e foi quase como se eu o ouvisse dentro da minha cabeça.

Ele me ergueu e me jogou por cima do ombro. Meus cabelos rolaram até quase o meio das suas pernas.

– Vamos ali fora um minuto – disse ele para Jan, e ouvi um barulho estalado bem alto. Ele tinha lhe lascarado um beijo.

– Posso ir também? – perguntou ela, fazendo um tipo Marlene Dietrich resfolegante. Ainda bem que meu rosto estava escondido.

– Espere um minuto. Sookie ainda está um pouco tímida – disse Eric, com uma voz tão cheia de promessas quanto um pote contendo um novo sabor de sorvete.

– Esquente ela para a gente – disse Mike Spencer, com uma voz abafada. – Queremos nossa Sookie no ponto.

– Ela vai ficar quentinha – prometeu Eric.

– Quente para caralho – disse Tom Hardaway, entre as pernas da Tara.

Então, graças a Eric, saímos pela porta e ele me deitou no capô do *Corvette*. Daí ele deitou em cima de mim, mas a maior parte do seu peso estava apoiada nas mãos, pressionadas no capô, dos dois lados dos meus ombros.

Ele me encarava, seu rosto hermético como o convés de um navio durante a tempestade. Seus caninos estavam estendidos, os olhos bem abertos. Como o branco dos seus olhos era tão imaculadamente branco, pude vê-los. Estava escuro demais para ver o azul, mesmo que eu quisesse.

Eu não queria.

– Aquilo foi... – comecei e tive de parar. Respirei fundo. – Você pode me chamar de Poliana se quiser, e eu nem posso reclamar, afinal foi ideia minha. Mas quer saber o que eu acho? Acho tudo aquilo asqueroso. Os homens realmente gostam daquilo? Nesse caso, e as mulheres? Será que é mesmo divertido transar com alguém que você nem gosta?

– Você gosta de mim, Sookie? – perguntou Eric.

Ele jogou mais peso em cima de mim e se esfregou um pouco. Ai ai...

– Eric, você esqueceu o motivo por que estamos aqui?

– Eles estão olhando.

– Mesmo que estejam, você lembra?

– Sim, lembro.

– Então temos de cair fora.

– Você conseguiu provas? Descobriu o que queria?



— Nada mais do que eu tinha antes de hoje à noite, nenhuma prova que eu possa apresentar em corte. — Me forcei para colocar os braços nas suas costelas. — Mas sei quem foi. Foi Mike, Tom, e talvez Cleo.

— Isso é interessante — disse Eric, sem a menor sinceridade. Sua língua revirava na minha orelha. Eu gostava disso e percebi minha respiração acelerando. Pelo jeito eu não era tão imune a sexo casual. Mas até aí, eu gostava do Eric, quando não estava com medo dele.

— Não, eu odeio isso — disse, chegando a alguma conclusão interna. — Não gosto nada disso.

Empurrei Eric com toda a força, embora isso não tenha feito a menor diferença.

— Eric, ouça o que estou dizendo. Já fiz tudo que eu podia fazer por Lafayette e Andy Bellefleur, embora tenha sido pouco. Andy vai ter de seguir a partir daqui com base no pouco que captei. Ele é policial. Ele é capaz de encontrar provas para a polícia. Não sou tão desprendida assim a ponto de conseguir ir mais fundo nessa história.

— Sookie — disse Eric. Achei que ele não tivesse ouvido uma palavra do que eu falei. — Se Entregue a mim.

Nossa, isso é que é ser direto.

— Não — disse, da maneira mais definitiva que consegui. — Não.

— Eu te protejo do Bill.

— É você quem precisa de proteção!

— Depois de ponderar a frase, fiquei encabulada.

— Você acha que Bill é mais forte que eu?

— Não vou discutir essa questão — mas então prossegui — Eric, obrigada por ter me ajudado, e agradeço por você ter vindo a um lugar tão horrível quanto esse.

— Sério, Sookie, essa pequena reunião *trash* não é nada demais, nada perto de alguns lugares onde estive.

Disso eu não tinha a menor dúvida.

— Ok, mas para mim é horrível. Bem, eu devia ter me dado conta de que isso ia, ãã... Aumentar suas expectativas, mas você sabe que não vim aqui para transar com ninguém. Bill é meu namorado.

As palavras *namorado* e *Bill* ficam engraçadas na mesma frase, mas pelo menos no meu mundo a função do Bill é de *namorado*.

— Fico feliz por saber disso — disse uma voz suave e familiar. — Caso contrário essa cena me deixaria em dúvida.

Ai que ótimo.

Eric saiu de cima de mim, desci do capo do carro e, cambaleando, fui em direção de onde vinha a voz de Bill.

— Sookie — disse ele quando me aproximei — Estamos chegando num ponto em que não posso mais deixar você sair sozinha.

Pelo o que eu podia ver, na parca luz, ele não parecia muito feliz em me ver. Mas eu não podia culpá-lo por isso.

— Fiz uma bela besteira, sem dúvida — disse, do fundo do coração. Abracei-o.

— Você está com o cheiro do Eric — disse ele, em meio aos meus cabelos.



Ai, que inferno, para Bill eu sempre estava com o cheiro de outros homens. Fiquei tomada de agonia e vergonha e percebi que algo estava prestes a acontecer.

Mas o que aconteceu não foi o que eu esperava.

Andy Bellefleur saiu do meio do mato com uma arma na mão. Suas roupas pareciam estar rasgadas e sujas, e a arma parecia ser enorme.

– Sookie, afaste-se do vampiro – disse ele.

– Não.

Eu me enrosquei em Bill. Não sei se era eu quem o protegia ou se estava sendo protegida por ele. Mas se Andy nos queria separados, eu queria ficar junto.

De repente veio uma onda de vozes da varanda da cabana. Obviamente alguém estava olhando pela janela. Fiquei um pouco em dúvida se aquilo era obra de Eric, pois embora não houvesse um aumento de vozes, nosso show na clareira atraiu a atenção dos farristas lá dentro. Enquanto Eric e eu estávamos no jardim, a orgia continuou. Tom Hardaway estava nu, e Jan também. Eggs Tallie parecia estar mais bêbado.

– Você está com o cheiro do Eric – repetiu Bill, numa voz sussurrada.

Eu me afastei dele, esquecendo completamente de Andy e da arma. E perdi a calma.

Isso é raro, mas não tão raro quanto costumava ser. Era meio que divertido.

– Sei, sei bem, e nem posso lhe dizer o cheiro que sinto em você! Até onde eu sei, você esteve com seis mulheres! Não é nada justo, né!?

Bill ficou de boca aberto, incrédulo. Atrás de mim, Eric começou a rir. A galera na varanda prestava atenção, em silêncio. Andy não achava que devíamos estar ignorando um homem armado.

– Formem um grupo, todo mundo grudado – berrou ele.

Andy tinha bebido bastante. Eric deu de ombros.

– Você já lidou com vampiros alguma vez, Bellefleur? – perguntou ele.

– Não – respondeu Andy – Mas posso atirar até você morrer. Tenho balas de prata.

– Isso... – comecei a dizer, mas Bill tapou minha boca.

Balas de prata só são fatais para lobisomens, embora vampiros também tivessem uma reação terrível à prata, e um vampiro atingido num ponto vital certamente sofreria.

Eric ergueu uma sobancelha e saiu rebolando em direção aos farristas na varanda. Bill pegou na minha mão, e nos juntamos a eles. Pela primeira vez tive vontade de saber o que se passava pela cabeça de Bill.

– Quem foi de vocês, ou foram todos? – berrou Andy.

Ficamos todos em silêncio. Eu estava parada ao lado da Tara, quiet remia, na sua lingerie vermelha. Ela estava com medo, até aí, nenhuma novidade. Achei que escrutinar os pensamentos de Andy pudesse ajudar em alguma coisa e comecei a focar nele. Bêbados não dão boas leituras, isso eu bem sei. Eles só pensam em coisas idiotas, e não dá para confiar nas suas ideias. As lembranças também são frágeis. Naquele momento Andy não tinha muitos pensamentos. Ele não gostava de ninguém que estava ali na clareira, nem de si, e estava determinado a arrancar a verdade de alguém.

– Sookie, vem cá – ele gritou.



- Não – disse Bill, sem deixar nenhuma brecha.
- A quero do meu lado em trinta segundos ou atiro... Nela! – disse Andy, apontando sua arma bem para mim.
- Se fizer isso você não sobrevive nem trinta segundos a mais – disse Bill. Acreditei nele. Obviamente, Andy também.
- Não me importo – disse Andy. – Ela não será nenhuma grande perda para o mundo.

Bem, isso me deixou muito furiosa de novo. Meus nervos tinham começado a acalmar, mas isso fez com que eu voltasse a ferver feio.

Soltei-me da mão do Bill e, pisando duro, desci até o jardim. Não estava tão cega de ódio a ponto de ignorar a arma, se bem que eu estava tentada a agarrar Andy pelo saco e espremer. Ele ainda atiraria em mim, mas também sentiria dor. No entanto isso era tão ilusório quanto beber. Será que esse momento de prazer valeria a pena?

- Agora, Sookie, leia as mentes dessas pessoas e me diga qual delas é a culpada – ordenou Andy.

Com suas mãos ele agarrou no meu pescoço por trás como se eu fosse um cachorrinho rebelde, e me virou para que eu encarasse a varanda.

- Que diabos você acha que eu estava fazendo aqui, seu bosta? Você acha que eu curto esse tipo de lugar, cheio de babacas como esses aí?

Andy me sacudi pelo pescoço. Sou muito forte e tinha boas chances de escapar dele e agarrar a arma, mas ela não estava perto o bastante para eu me sentir totalmente segura. Resolvi esperar um minuto. Bill tentava me dizer alguma coisa através de movimentos faciais, mas não entendi muito bem o quê. Eric tentava passar a mão em Tara. Ou Eggs. Não dava para saber.

Um cachorro ganiu na beira da floresta. Virei os olhos naquela direção, incapaz de virar a cabeça. Bem, que bom. Maravilha.

- É o meu cachorro – disse a Andy. – Dean, lembra dele?

Uma ajuda em forma humana cairia bem, mas como Sam chegou à cena na sua persona canina, ele teria de continuar assim ou corria o risco de se expor.

- Lembro. O que o seu cachorro está fazendo aqui?
- Não sei. Não atire nele, ok?
- Eu jamais atiraria num cachorro – disse ele, com um jeito realmente indignado.
- Ah, mas atirar em mim tudo bem... – disse, ressentida.

O *collie* palmilhou até onde estávamos. O que será que se passava pela cabeça do Sam? Será que ele retinha sua mentalidade humana enquanto estava na sua forma favorita? Voltei os olhos para a arma, e os olhos de Sam/Dean seguiram os meus, mas até que ponto ele compreendia, eu não soube dizer.

O *collie* começou a rosnar. Seus dentes estavam cerrados e ele olhava fixo para a arma.

- Sai para lá, cachorro – disse Andy, incomodado.

Se pelo menos eu conseguisse manter Andy quieto por um minuto, os vampiros poderiam pegá-lo. Tentei calcular os movimentos. Com ambas as mãos eu teria de agarrar a mão com que Andy segurava a arma e erguê-la. Mas com Andy me mantendo afastada dele daquele jeito, isso não seria fácil.

- Não, querida – disse Bill.



Olhei para ele. Fiquei com medo. Os olhos de Bill iam do meu rosto para algo atrás de Andy. Entendi o recado.

– Oh... Veja quem foi capturada feito um filhote... – disse uma voz atrás de Andy.

Ai, que beleza.

– A minha mensageira!

A mênade, toda faceira, deu a volta ao redor de Andy e parou à sua direita, a poucos metros dele. Não ficou entre Andy e o grupo na varanda. Nessa noite ela estava limpa, e não vestia nada de nada. Pelo jeito ela e Sam estavam na floresta fazendo festinha antes de ouvirem a galera. Seus cabelos negros engruvinhados iam até o quadril. Ela não parecia sentir frio. Nós (exceto os vampiros) certamente sentia o frio. Estávamos vestidos para uma orgia, não para uma festa ao ar livre.

– Olá, mensageira – disse a mênade para mim. – Da última vez eu esqueci de me apresentar. Meu amigo cão acaba de me lembrar disso. Sou Callisto.

– Miss Callisto – disse, pois não fazia ideia de como deveria chamá-la. Teria feito um aceno de cabeça, mas Andy segurava meu pescoço. Começava a doer.

– Quem é esse fortão que está te segurando? – Callisto se aproximou um pouco mais.

Sei lá como estaria a cara do Andy, mas todo mundo na varanda estava fissurado e em pânico, tirando Eric e Bill. Eles iam se afastando dos humanos. Isso não era nada bom.

– Esse é Andy Bellefleur – disse, quase engasgando. – Ele está com um problema.

Notei, pelo arrepio que correu pelo meu corpo, que a mênade se aproximou um pouco mais.

– Você nunca viu nada como eu, não é? – ela perguntou a Andy.

– Não – admitiu Andy. Ele parecia zozinho.

– Você me acha bela?

– Sim – respondeu ele, sem hesitar.

– Mereço um tributo?

– Sim – disse ele.

– Amo bebedeira e você está bem bêbado – disse Callisto, animada. – Amo os prazeres da carne, e essas pessoas estão ardendo de tesão. É o meu tipo de lugar.

– Ah, que bom – disse Andy, sem muita certeza. – Mas um desses aí cometeu um assassinato, e preciso descobrir quem foi.

– Não apenas um – murmurei.

Lembrando-se de que eu me encontrava na ponta do seu braço, Andy me sacudiu novamente. Eu começava a ficar de saco cheio daquilo.

Agora a mênade estava perto o bastante para encostar em mim. Ela fez um carinho no meu rosto, e senti o cheiro de terra e vinho nos seus dedos.

– Você não está bêbada – observou ela.

– Não, senhora.

– E não desfrutou dos prazeres da carne nessa noite.

– Ah, é só uma questão de tempo – disse a ela.

Ela riu. Uma gargalhada alta e esganiçada que engrenou e foi longe...



O apertão de Andy foi afrouxando conforme ele ficava cada vez mais desconcertado com a proximidade da mênade. Não sei o que as pessoas lá no fundo acharam que viram. Mas Andy sabia que estava diante de uma criatura da noite. Ele me soltou, de repente.

– Ei, guria, venha até aqui – gritou Mike Spencer. – Queremos dar uma olhada em você.

Caí sobre um pequeno montinho no chão, ao lado de Dean, que lambeu meu rosto, eufórico. De onde me encontrava pude ver o braço da mênade dar a volta na cintura do Andy. Ele passou a arma para a mão esquerda para poder retribuir.

– O que é mesmo que você deseja saber? – perguntou para Andy.

Sua voz estava calma e equilibrada. Num gesto trivial ela riscou o ar com a varinha de condão, que tinha umas folhas na ponta. Era um tirso: consultei "mênade" na enciclopédia. Se eu morresse, morreria informada.

– Uma dessas pessoas matou um homem chamado Lafayette, e quero que você diga quem foi – disse Andy, com a agressividade dos bêbados.

– Claro que você quer saber, meu amor – a mênade cantarolou. – Você quer que eu descubra?

– Por favor – implorou ele.

– Tudo bem.

Ela observou as pessoas e apontou o dedo para Eggs. Tara pegou no braço dele tentando mantê-lo ao seu lado, mas ele desceu os degraus e foi em direção à mênade, o tempo todo com um sorriso bobo no rosto.

– Você é menina? – perguntou Eggs.

– Nem com muito esforço – respondeu Callisto – Você bebeu demais.

Ela o tocou com o tirso.

– Ah... Isso... – assentiu ele.

Ele já não sorria mais. Olhou nos olhos de Callisto, arrepiou e estremeceu. Os olhos dela brilhavam. Olhei para Bill e notei que ele olhava para o chão. Eric olhava para o capô do seu carro. Ignorada por todos, comecei a engatinhar em direção a Bill.

A coisa ia pegar.

O cão andava ao meu lado, pressionando o nariz contra mim de um jeito nervoso. Entendi que ele queria que eu andasse mais rápido. Alcancei as pernas do Bill e as agarrei. Senti sua mão no meu cabelo. Estava amedrontada demais para conseguir ficar em pé.

Callisto passou seus braços finos ao redor de Eggs e começou a sussurrar algo para ele. Ele acenou com a cabeça e suspirou de volta. Ela o beijou, e ele travou. Quando ela o deixou e foi para a varanda, ele permaneceu na mesma posição, olhando para a floresta.

Ela parou ao lado de Eric, que estava mais perto da varanda que a gente. Secou-o da cabeça aos pés e deu aquele sorriso apavorante outra vez. Eric olhava para seu peito, cauteloso para que seus olhos não se encontrassem.

– Lindo – disse ela – Muito lindo. Mas não para mim, seu belo pedaço de carne morta.

Em seguida ela estava entre as pessoas da varanda. Respirou fundo, inalando os cheiros de bebida e sexo. Farejou como se seguisse uma trilha, e daí ela se virou para



encarar Mike Spencer. Seu corpo de meia-idade não reagia muito bem ao ar gelado, mas Callisto parecia encantada com ele.

– Ah! – disse, feliz da vida, como se tivesse acabado de ganhar um presente. – Você é tão orgulhoso! Você é algum rei? Um bravo soldado?

– Não – disse Mike. – Sou dono de uma casa funerária.

Ele não parecia muito seguro de si.

– Você é o que, moça?

– Você já viu algo assim antes?

– Não – disse ele, e todos os outros balançaram a cabeça.

– Você não se lembra da minha primeira visita?

– Não, senhora.

– Mas você me fez uma oferenda antes.

– Fiz? Uma oferenda?

– Ah, sim, quando você matou o homenzinho negro. O bonitinho. Ele era um dos meus filhotes, e um tributo adequado para mim. Obrigada por deixá-lo do lado de fora daquela casa de bebidas. Bares são meu deleite particular. Você por acaso não conseguiu me encontrar na floresta?

– Moça, não foi uma oferenda – disse Tom Hardaway, sua pele morena toda enrugada e o pênis encolhido.

– Eu vi vocês – disse ela.

Então tudo ficou em silêncio. A floresta em torno do lago, sempre cheia de sons e movimentos sutis, aquietou-se. Com todo o cuidado fui me levantando ao lado de Bill.

– Amo a violência sexual. Amo o cheiro da bebida – disse ela, sonhadora. – Sou capaz de correr milhas para estar presente no encerramento.

O medo que transbordava da cabeça deles começou a encher a minha também, a ponto de exaustão. Cobri o rosto com as mãos. Ergui o escudo mais potente que consegui, e mesmo assim mal deu para conter o pânico. Minhas costas arquearam, mordi a língua para evitar emitir algum som. Pude sentir o movimento quando Bill se virou para mim, e então Eric estava ao seu lado e os dois me espremeram entre eles. Não tem nada de erótico em ficar espremida entre dois vampiros nessas circunstâncias. A maneira urgente como me pediam silêncio só fez aumentar meu medo, pois o que poderia amedrontar vampiros? O cachorro pressionava contra nossas pernas como que nos protegendo.

– Você o espancou durante o sexo – a mênade disse para Tom. – Você bateu nele, por ser orgulhoso, e a subserviência dele o enojava e excitava.

Ela esticou sua mão ossuda para acariciar o rosto moreno de Tom. Deu para ver o branco dos seus olhos.

– E você – com a outra mão ela deu um tapinha em Mike – Você também bateu nele, pois estava tomado pela loucura. Daí ele ameaçou contar.

Sua mão largou Tom e acariciou a mulher dele, Cleo. Ela havia vestido um agasalho antes de sair para a varanda, mas não estava abotoado.

Tara tinha conseguido não chamar atenção e estava se deslocando para trás. Ela foi a única que não ficou paralisada pelo medo. Percebi que ela ainda tinha uma pequena fagulha de esperança, o desejo de sobreviver. Tara se agachou sob uma mesa de metal na varanda, enrodilhou-se e fechou os olhos. Fazia várias promessas a

Deus em relação ao seu comportamento futuro, se ele permitisse que ela escapasse daquela. Isso também invadiu minha mente. O cheiro do medo dos outros chegou ao ápice, meu corpo tremia. A emissão deles era tão pesada que atravessou minhas barreiras. Não sobrou nada de mim. Eu era puro medo. Eric e Bill se deram os braços a fim de me manter reta e imóvel entre eles.

Jan, na sua nudez, foi completamente ignorada pela mênade. Imagino que não houvesse nada em Jan que interessasse à criatura. Jan não era orgulhosa. Ela era patética, e não havia bebido naquela noite. Buscava sexo por outras necessidades que não a de sair de si, necessidades que não tinham nada a ver com deixar a própria mente e o corpo durante um momento de loucura espetacular. Tentando, como sempre, ser o centro do grupo, Jan avançou com o que seria um sorriso sedutor e pegou na mão da mênade. De repente ela entrou em convulsão, e os sons que saíram da sua garganta eram tenebrosos. Começou a espumar, e seus olhos viraram. Ela desmaiou no chão da varanda, e pude ouvir seus calcanhares martelando contra a madeira.

O silêncio voltou. Mas algo estava acontecendo entre o pequeno grupo na varanda, a poucos metros de mim: alguma coisa terrível e delicada, algo puro e horrível. O medo deles diminuía, e meu corpo relaxava novamente. A pressão agonizante dissipou na minha cabeça. Mas conforme ela baixava, uma nova força começou a surgir, e ela era indescritivelmente bela e absolutamente maligna.

Era loucura pura, loucura desvairada. Da mênade vinha a ira frenética, o desejo de atacar, a insolência do orgulho. Eu me oprimia quando as pessoas na varanda se oprimiam, eu me sobressaltava e destruía quando a insanidade deixou Callisto e penetrou nas suas mentes, e apenas a mão de Eric na minha boca me impediu de gritar como eles gritavam. Eu o mordi e provei seu sangue, e o ouvi gemendo de dor.

Aquilo foi longe, a gritaria, e depois vieram sons arrepiantes de molhado. O cachorro, encostado nas nossas pernas, chorava.

De repente, acabou.

Eu me senti como uma marionete cujos fios de repente foram cortados. Estava bamba. Bill me deitou de novo sobre o capo do carro do Eric. Abri os olhos. A mênade olhou para mim. Ela tinha voltado a sorrir e estava coberta de sangue. Era como se alguém tivesse despejado um balde de tinta vermelha sobre a sua cabeça. Seu cabelo estava encharcado, assim como todo o seu corpo, e ela exalava um cheiro de cobre, um cheiro de enlouquecer.

– Você chegou perto – disse-me, sua voz doce e aguda como uma flauta.

Ela se movia um pouco mais vagarosa, como se tivesse acabado de comer algo pesado.

– Você chegou muito perto. Talvez o mais perto que vá chegar, talvez não. Nunca vi ninguém ficar ensandecida pela loucura dos outros. Acho curioso.

– Para você pode ser curioso – disse, ofegante.

O cachorro mordeu minha perna para que eu me controlasse. Ela olhou para ele.

– Querido Sam – murmurou ela – Meu amado, devo deixá-lo.

O cão olhou para ela com olhos astutos.

– Passamos umas noites bem divertidas, correndo pela floresta – disse ela e passou a mão na cabeça do cão. – Caçando coelhinhos, pequenos guaxinins.

O cachorro abanou o rabo.

– Fazendo outras coisas.



O cão arreganhou os dentes e ofegou.

– Mas está na hora de eu partir, querido. O mundo está cheio de florestas e de pessoas que precisam aprender algumas lições. É necessário que me paguem tributos. Eles não podem se esquecer de mim. Elas me devem – disse ela, com uma voz de satisfação – Devem a loucura e a morte.

A mênade começou a vagar para a borda da floresta.

– Afinal – disse ela, sobre o ombro – A temporada de caça não dura para sempre.

Mesmo que eu quisesse, não teria conseguido andar até a varanda para ver o que havia ali. Bill e Eric pareciam arrasados, e quando vampiros estão arrasados, é uma deixa de que é melhor não investigar o motivo.

– Vamos ter de queimar a cabana – disse Eric, a alguns metros de distância. – Callisto devia ter limpado sua sujeira.

– Ela nunca limpa – disse Bill, isso eu já sabia. É a demência. Os loucos de verdade não se importam de serem descobertos.

– Não sei, não – disse Eric, num tom despreocupado. Parecia que ele estava erguendo alguma coisa. Ouvi um baque seco. – Já conheci pessoas muito mais loucas, mas eram habilidosas.

– É verdade – disse Bill. – Vamos largar alguns na varanda?

– Como dá para saber?

– Você tem razão. E uma noite rara essa, estou concordando com você em tantas coisas.

– Ela me ligou e pediu minha ajuda.

Eric respondia ao implícito ao invés do que era dito.

– Então, tudo bem. Mas você não se esqueceu do nosso acordo.

– Como poderia?

– Você sabe que Sookie consegue nos ouvir.

– Por mim não tem problema – disse Eric, e riu.

Eu olhei para a noite e fiquei a imaginar, não muito curiosa, de que diabos eles estavam falando. Até parece que eu era a Rússia para ser dividida em partes e entregue ao ditador mais poderoso. Sam descansava ao meu lado, de volta à sua forma humana, nu em pelo. Àquela altura, eu não dava a mínima para isso. Sendo um mutante, o frio não o incomodava.

– Opa, aqui tem um vivo – gritou Eric.

– Tara – gritou Sam.

Cambaleante, Tara desceu os degraus da varanda e veio em nossa direção. Ela jogou os braços em volta de mim e começou a chorar. Lutando contra a exaustão, eu a segurei e deixei que chorasse. Eu ainda estava vestida a la *Daisy Duke*, e ela de lingerie vermelho fogo. Éramos como duas vitórias-régias brancas num lago gelado, nós duas. Eu me empertiguei e segurei Tara.

– Será que tem um cobertor na cabana? – perguntei para Sam.

Ele correu até os degraus e notei que o efeito disso era interessante, visto por trás. Depois de um minuto, correu de volta nossa, visto de frente era mais interessante ainda e nos envolveu com o cobertor.



– Acho que vou sobreviver – murmurei.

– Por que você diz isso? – Sam estava curioso.

Ele não parecia nem um pouco surpreso pelos acontecimentos da noite.

Não tive coragem de dizer que eu adorarei vê-lo daquele jeito, correndo de um lado para o outro, então perguntei:

– Como estão Eggs e Andy?

– Parece que estamos num programa de rádio – disse Tara, de repente, e riu.

Não gostei daquilo.

– Ainda estão parados onde ela os deixou – reportou Sam. – Continuam olhando.

– *I'm ... still... staring* – cantarolou Tara, no lugar da música *I'm still standing*, do Elton John.*

Eric riu. Ele e Bill estavam prestes a começar a fogueira. Vieram até nós para dar uma última conferida.

– Você veio em qual carro? – Bill perguntou para Tara.

– Ui, um vampiro – disse ela. – Você é o amorzinho da Sookie, não é? Por que naquela noite você foi ao jogo acompanhado de uma cachorro feito a Portia Bellefleur?

– Ela é educada também – disse Eric. Ele olhou para Tara com um sorriso caridoso e decepcionado, Como um criador de cães de raça que observa um filhote bonitinho, mas inferior.

– Em que carro você veio? – Bill perguntou de novo. – Se existe algum bom senso em você, gostaria que o mostrasse agora.

– Vim no *Camaro* branco – disse ela, sóbria. – Posso dirigi-lo até em casa. Ou talvez seja melhor não. Sam?

– Claro. Eu levo você. Bill, você vai precisar da minha ajuda aqui?

– Acho que Eric e eu damos conta. Você pode levar o magrelo?

– Eggs? Vou ver.

Tara me deu um beijo na bochecha e começou a andar até o carro tomando o cuidado para ver onde pisava.

– Deixei a chave na ignição – gritou ela.

– E a sua bolsa?

A polícia certamente desconfiaria se encontrassem a bolsa da Tara na cabana em meio a vários corpos.

– Ah... Está lá dentro.

Olhei para Bill sem dizer nada, e ele entrou para pegar a bolsa. Voltou com uma enorme bolsa a tiracolo, grande o bastante para maquiagem e itens do dia a dia, mas também para uma muda de roupas.

– É sua?

– Sim, obrigada – disse Tara, pegando a bolsa dele como que com medo que seus dedos encostassem nos dela.



No começo da noite ela não estava tão cheia de não-me-toques, pensei.

Eric levava Eggs para o carro.

* *"I'm still standing", de Elton John: Continuo firme continuo em pé. No trocadilho, "I'm still staring" – Continuo olhando. (N. do T.)*

– Ele não vai se lembrar de nada disso – disse Eric para Tara enquanto Sam abria a porta de trás do *Camaro* para que Eric pudesse depositar Eggs lá dentro.

– Gostaria de poder dizer o mesmo.

A pele do seu rosto parecia pender dos ossos, talvez pelo peso de saber o que havia acontecido naquela noite.

– Queria nunca ter visto aquela criatura, seja lá o que foi aquilo. Queria nunca ter vindo aqui, para começo de conversa. Odiei participar disso. Achei que valeria pelo Eggs. – Ela deu uma olhada na forma inerte no banco de trás do seu carro. – Não vale. Não valeria por ninguém.

– Posso remover a lembrança da sua mente também – Eric se ofereceu, sem pensar.

– Não – disse ela. – Vai ser bom me lembrar de algumas partes, e compensa carregar o peso do restante.

Tara parecia vinte anos mais velha. Às vezes a gente cresce de uma hora para a outra. Aconteceu comigo quando eu tinha uns sete anos de idade e meus pais morreram. Com Tara aconteceu naquela noite.

– Mas estão todos mortos, todos menos Eggs, Andy e eu. Vocês não temem que a gente fale? Vocês virão atrás da gente?

Eric e Bill trocaram olhares. Eric se aproximou um pouco mais de Tara.

– Veja bem, Tara – começou ele, numa voz bastante moderada, e ela cometeu o erro de olhar para cima.

Então, uma vez que seu olhar se fixou, Eric começou a apagar a memória daquela noite. Eu estava cansada demais para protestar, como se isso fosse adiantar de alguma coisa. Se Tara chegou a questionar, era sinal de que ela não conseguia lidar com aquele conhecimento. Torci para que ela não viesse a repetir o erro, agora que deixaria de saber o que isso lhe custou, mas ela não podia sair por aí falando.

Tara e Eggs, com Sam na direção (que pegou as calças de Eggs emprestadas), estavam a caminho da cidade quando Bill começou um incêndio com aparência de causa natural para consumir a cabana. Pelo jeito Eric estava contando ossos na varanda, certificando-se de que os corpos ali estavam completos a fim de tranquilizar os investigadores. Ele atravessou o jardim para dar uma olhada no Andy.

– Por que Bill odeia tanto os Bellefleurs? – perguntei de novo para ele.

– Ah, é uma história antiga – disse Eric. – De antes de Bill se transformar. Ele parecia satisfeito com o estado do Andy e voltou a trabalhar. Ouvi um carro se aproximando, e Bill e Eric apareceram imediatamente no jardim. Ouvi um estalar fraquinho vindo do fundo da cabana.

– Não podemos começar o fogo de mais de um lugar, ou eles perceberão que não foi natural – disse Bill para Eric. – Detesto esses avanços da polícia científica.

– Se a gente não tivesse dado as caras, eles teriam de botar a culpa em um deles – disse Eric. – Mas do jeito que está, somos bodes expiatórios de primeira... É irritante se você levar em consideração que somos muito mais fortes que eles.



— Ei, vocês, eu não sou uma marciana, sou humana, e posso ouvi-los perfeitamente bem — disse.

Eu os encarei, e eles ficaram, talvez, um pouquinho envergonhados quando Portia Bellefleur saiu do seu carro e correu até o irmão.

— O que vocês fizeram com o Andy? — perguntou ela, com uma voz ríspida e falha. — Malditos vampiros.

Ela puxou o colarinho da camisa de Andy para um lado e para o outro, procurando sinais de perfuração.

— Eles salvaram a vida dele — informei.

Eric olhou para Portia durante um tempão, analisando-a, então começou a vasculhar os carros dos baladeiros mortos. Ele tinha recolhido as chaves dos carros, mas eu preferi não pensar nisso.

Bill foi até Andy e disse:

— Acorde — num tom baixo, tão baixo que mal dava para se ouvir de alguns passos dali.

Andy piscou. Ele olhou para mim, confuso por eu não estar mais sob seu controle, imagino. Quando viu Bill, tão próximo, recuou, esperando uma retaliação. Ele percebeu que Portia estava parada do seu lado. Então olhou além de Bill, para a cabana.

— Está pegando fogo — observou ele, lentamente.

— Sim — disse Bill. — Estão todos mortos, exceto os dois que voltaram para a cidade. Eles não sabiam de nada.

— Então... Aquelas pessoas mataram mesmo o Lafayette?

— Sim — disse. — Mike, o casal Hardaway, e acho que Jan também sabia.

— Mas eu não tenho nenhuma prova.

— Ah, acho que tem — gritou Eric.

Ele estava revistando o porta-malas do carro de Mike Spencer.

Fomos todos até o carro para ver. Graças à visão superior de Bill e Eric, eles não tiveram dificuldade para afirmar que havia sangue no porta-malas: sangue, roupas sujas e uma carteira. Eric se inclinou e, cuidadosamente, abriu a carteira.

— Você consegue ler de quem é? — perguntou Andy.

— Lafayette Reynold — disse Eric.

— Então se a gente simplesmente deixar os carros assim, e formos embora, a polícia vai encontrar o que está no porta-malas e pronto. Tudo certo.

— Ai, graças a Deus! — disse Portia, e deu uma espécie de suspiro. O luar que se infiltrava pelas árvores atingiu seu rosto simplório e seus vastos cabelos castanhos.

— Ai, Andy, vamos embora.

— Portia — disse Bill, olhe para mim.

Ela deu uma olhada para ele e depois desviou.

— Desculpe por ter lhe enrolado daquele jeito — disse ela, rapidamente.

Dava para perceber que estava envergonhada por ter de pedir desculpas a um vampiro.

— Eu só queria fazer com que um dos frequentadores daqui me convidasse, assim eu conseguiria descobrir o que estava acontecendo.

— Sookie fez isso por você — disse Bill, plácido.

Portia olhou para mim.



– Espero que não tenha sido horrível demais, Sookie – disse ela, para meu espanto.

– Foi horrível – disse. Portia se encolheu. – Mas acabou.

– Obrigada por ajudar Andy – disse Portia, com coragem.

– Eu não estava ajudando Andy. Estava ajudando Lafayette – respondi, irritada.

Ela respirou fundo.

– Claro – disse ela, com alguma dignidade. – Ele era seu colega de trabalho.

– Ele era meu amigo – corrigi.

Ela empertigou as costas.

– Seu amigo – disse ela.

Agora o fogo já tinha alcançado a cabana. A polícia e os bombeiros chegariam em breve. Estava mais que na hora de partir.

Percebi que nem Eric nem Bill se ofereceram para remover memórias de Andy.

– É melhor você sair daqui – disse a ele. – Volte para casa com Portia e peça à sua avó que jure que você esteve lá à noite toda.

Sem dizer uma palavra os dois irmãos entraram no Audi da Portia e partiram. Eric se contorceu para dentro do *Corvette* e voltou para Shreveport. Bill e eu caminhamos pela floresta até chegarmos ao carro dele, escondido entre as árvores, do outro lado da estrada. Ele me carregou, como gostava de fazer. Tenho de admitir, eu também gostava, de vez em quando. Essa, sem dúvida, era uma dessas ocasiões.

Faltava pouco para o amanhecer. Uma das noites mais longas da minha vida estava para acabar. Eu me deitei no banco do carro, morta de cansaço.

– Para onde a Callisto foi? – perguntei a Bill.

– Não tenho ideia. Ela está sempre mudando. São poucas as mênades que sobreviveram à morte do deus, e as que conseguiram se refugiam em florestas e ficam perambulando por elas. As mênades deixam o local antes de serem descobertas. São habilidosas nisso. Elas amam a guerra e toda a demência que vem com ela. Você nunca as encontrará longe de um campo de batalha. Acho que elas iriam todas para o Oriente Médio se houvesse mais florestas por lá.

– Por que ela estava aqui?

– Estava de passagem. Ela ficou durante uns dois meses, talvez. Agora vai se virar por aí... Quem sabe? Vai para o parque Everglades, ou talvez suba o rio até a cordilheira Ozarks.

– Não entendo o Sam, ãã... Todo *amigão* dela.

– É esse o nome que você dá? É isso o que somos: amigões?

Inclinei-me e dei um safanão no braço de Bill, que foi como bater em madeira.

– Você... – disse.

– Vai ver ele estava a fim de um lance mais selvagem – disse Bill. – Não deve ser fácil para Sam encontrar alguém que consiga aceitar sua verdadeira natureza.

Bill fez uma pausa intencional.

– Bem, isso pode ser uma coisa bem difícil – disse. Lembrei de Bill voltando da mansão em Dallas, todo corado, e engoli seco. – Mas pessoas apaixonadas dificilmente se separam.



Pensei em como me senti quando descobri que ele estava saindo com Portia, e pensei na minha reação quando o vi no jogo de futebol. Coloquei a mão na sua perna e apertei de leve.

Com os olhos na estrada, ele sorriu. Seus caninos estavam ligeiramente estendidos.

– Conseguiu acertar tudo com os mutantes de Dallas? – perguntei, depois de um instante.

– Acertei tudo em menos de uma hora, melhor dizendo: Stan acertou. Ele lhes ofereceu seu rancho para as noites de lua cheia, durante os próximos quatro meses.

– Ah, isso foi simpático da parte dele.

– Bem, para ele não custa nada. E como ele não caça, estava mesmo querendo encontrar um jeito de conter a população de veados, como ele mesmo disse.

– Ah – disse, concordando, e depois de um segundo – Nossa...

– Eles caçam.

– Certo. Entendi.

Quando voltamos à minha casa, faltava pouco para o amanhecer. Eric chegaria em Shreveport em cima da hora. Enquanto Bill tomava banho, comi um sanduíche de pasta de amendoim e geleia, não sei quantas horas havia que eu estava sem comer. Depois subi e escovei os dentes.

Pelo menos ele não tinha de sair correndo. Durante o mês anterior Bill havia passado várias noites construindo um canto para si aqui em casa. Ele arrancou o fundo do armário do meu antigo quarto, o que ocupei durante anos antes de a minha avó morrer, e transformou todo o chão num alçapão, para que pudesse abri-lo, entrar, e depois fechar, e eu seria a única a saber disso. Se acontecia de eu ainda estar acordada quando ele ia para debaixo da terra, eu colocava uma velha mala no armário e alguns sapatos para dar uma aparência mais natural. Bill colocou uma cabine dentro do compartimento. Era ali que ele dormia, pois o lugar em si era bem desagradável. Não era sempre que ele ficava ali, mas houve ocasiões em que foi útil.

– Sookie – chamou Bill, do meu banheiro. – Venha aqui, dá um tempo de te esfregar.

– Mas se você me esfregar, não vou conseguir dormir.

– Por quê?

– Porque ficarei frustrada.

– Frustrada?

– Pois ficarei limpa, mas... Sem amor.

– Está quase amanhecendo – constatou Bill, com a cabeça espiando pela cortina do chuveiro. – Mas amanhã à noite teremos tempo.

– Se Eric não nos obrigar a ir para algum outro lugar – resmunguei quando sua cabeça estava longe, debaixo da ducha. Como sempre ele estava usufruindo de quase toda a minha água quente. Me contornaria para sair do shortinho maldito e resolvi que o jogaria fora no dia seguinte tirei a camiseta e me estirei na minha cama para esperar por Bill. Pelo menos meu sutiã novo estava intacto. Virei de lado e fechei os olhos para evitar a luz que vinha da porta semi aberta do banheiro.

– Querida?

– Você já saiu do banho? – perguntei, sonolenta.

– Sim, há doze horas.

– O quê?

Arregalei os olhos. Olhei para as janelas. Não era noite fechada, mas estava bem escuro.

— Você adormeceu.

Tinha um cobertor em cima de mim, e eu ainda estava com o conjunto de sutiã e calcinha azul metálico. Eu me sentia como um pedaço de papelão embolorado. Olhei para Bill. Ele estava nu.

— Segura firme aí — disse e fui ao banheiro.

Quando voltei, Bill esperava por mim na cama, apoiado no cotovelo.

— Reparou no modelo que você comprou para mim? — dei uma voltinha para que ele pudesse apreciar as vantagens da sua generosidade.

— É lindo, mas acho que você está um pouco vestida demais para a ocasião.

— E qual é a ocasião?

— O melhor sexo da sua vida.

Senti uma onda de tesão bem ali. Mas mantive o rosto sereno.

— Você tem como garantir de que vai ser o melhor?

— Ah, tenho... — disse ele, sua voz ficando tão macia e suave quanto água corrente sobre pedras. — Tenho certeza, e você pode ter também.

— Prove — disse, com um leve sorriso.

Seus olhos estavam na sombra, mas pude ver a curva dos seus lábios conforme ele sorria de volta.

— Com prazer — disse.

Algun tempo depois, eu tentava recuperar minhas forças, e ele estava enroscado em mim, um braço sobre a minha barriga, uma perna sobre a minha. Minha boca estava tão cansada que mal consegui mexê-la para beijar seu ombro. Bill lambia gentilmente as minúsculas marcas de furos nos meu ombro.

— Sabe o que a gente tem de fazer? — perguntei, preguiçosa demais para me mexer.

— Hmm?

— Pegar o jornal.

Depois de uma longa pausa, lentamente Bill se soltou de mim e foi até a porta da frente. A entregadora de jornal vem até a entrada de carros da minha casa e o atira na direção da varanda, pois eu lhe pago boas gorjetas para isso.

— Veja — disse Bill, e eu abri os olhos.

Ele segurava uma travessa embrulhada com papel alumínio. Trazia o jornal debaixo do braço.

Saí da cama e fomos direto para a cozinha. Vesti meu roupão cor de rosa conforme seguia Bill. Ele estava como veio ao mundo, e eu admirava o efeito disso.

— Tem um recado na secretária eletrônica — disse a ele, enquanto fazia café.

Feito o mais importante, tirei o papel alumínio e dei de cara com um bolo de duas camadas com cobertura de chocolate, uma decoração de estrela no topo, feita com nozes.

— E o bolo de chocolate da senhora Bellefleur — disse, espantada.

— Você sabe quem fez só de olhar?

— Ah, esse bolo é famoso. É lendário. Não tem nada melhor que o bolo da senhora Bellefleur. Quando ela participa das competições, não tem para ninguém. E quanto tem velório ela sempre leva um. Jason costuma dizer que vale à pena alguém morrer só para a gente pegar um pedaço do bolo da senhora Bellefleur.



– Que cheiro delicioso – disse Bill, para minha surpresa.

Ele se inclinou e cheirou. Bill não respira, então não entendo direito como consegue cheirar, mas ele cheira.

– Se você usasse esse perfume, eu te comeria inteira.

– Já comeu.

– Comeria de novo.

– Acho que eu não ia aguentar. – Eu me servi de uma xícara de café. Olhei para o bolo, intrigada. – Nem sabia que ela sabe onde eu moro.

Bill apertou o botão de mensagens da secretária eletrônica. "Senhorita Stackhouse", disse a voz de uma aristocrática bastante velha e bastante sulista. "Bati à sua porta, mas você devia estar ocupada. Deixei um bolo de chocolate para você, pois não sabia o que mais poderia fazer para agradecer pelo o que, segundo Portia me contou, você fez pelo meu neto, Andrew. Algumas pessoas têm sido gentis em dizer que o bolo é gostoso. Espero que você goste. Se algum dia precisar de alguma coisa, é só ligar para mim".

– Ela não disse o nome.

– Caroline Holliday Bellefleur acha que todo mundo sabe quem ela é.

– Quem?

Olhei para Bill, que estava parado do lado da janela. Eu estava sentada na mesa da cozinha, bebendo café numa das xícaras floridas da minha avó.

– Caroline Holliday Bellefleur.

Não dava para Bill ficar mais pálido do que já era, mas era evidente que estava atordoado. Ele desabou na cadeira à minha frente.

– Sookie, preciso de um favor seu.

– Claro, amor. O que é?

– Dê um pulo na minha casa e pegue a bíblia que está na prateleira do armário de vidro no corredor.

Ele parecia tão chateado que peguei as chaves do carro e fui de roupão mesmo, torcendo para não encontrar ninguém no caminho. Pouca gente mora na nossa estrada intermunicipal, e nenhuma delas fica na rua até tão tarde.

Entrei na casa do Bill e encontrei a bíblia exatamente onde ele falou. Tirei-a da estante com todo o cuidado. Dava para ver que era muito antiga. Estava tão nervosa enquanto subia os degraus da minha casa com ela nos braços que quase tropecei. Bill estava sentado no mesmo lugar. Quando coloquei a bíblia na sua frente, ele ficou olhando para ela durante um tempão. Comecei a me perguntar se ele podia tocá-la. Mas ele não pediu ajuda, então eu esperei. Esticou a mão e seus dedos pálidos acariciaram a capa de couro puída. O livro era enorme, e na capa havia letras douradas rebuscadas.

Bill abriu o livro com dedos sutis e virou a folha. Ele olhava para uma página de família, com registros em tinta já desbotada, feitos em diferentes caligrafias.

– Fiz estes – disse ele, num sussurro. – Estes aqui.

Ele apontou para algumas linhas escritas à mão.

Meu coração estava na boca quando dei a volta na mesa para olhar por cima do seu ombro. Pousei a mão no ombro dele, para conectá-lo com o aqui e agora.

Mal consegui decifrar a escrita.

William Thomas Compton, sua mãe havia escrito, ou talvez seu pai. *Nascido em 9 de abril, 1840. Outra mão escreveu: Morto em 25 de novembro, 1868.*



– Você tem uma data de aniversário – disse, entre todas as coisas imbecis que eu poderia dizer.

Nunca pensei em Bill fazendo aniversários.

– Fui o segundo filho – disse Bill. – O que sobreviveu.

Lembrei que Robert, irmão mais velho de Bill, morreu quando ele tinha uns doze anos, e dois outros bebês morreram também. Ali estavam registrados todos esses nascimentos e mortes, na página sob o dedo de Bill.

– Minha irmã Sarah morreu sem ter filhos – lembrou disso. – Seu jovem marido morreu na guerra. Todos os jovens morreram na guerra. Mas eu sobrevivi, só para morrer depois. Essa é a data da minha morte, para a minha família, pelo menos. Está na caligrafia da Sarah.

Mantive os lábios apertados, tentando não emitir nenhum ruído. Havia algo na voz de Bill, e na maneira como ele pegava na bíblia, que era quase insuportável. Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

– Aqui está o nome da minha esposa – disse ele, falando cada vez mais baixo.

Inclinei-me novamente para ler, *Caroline Isabelle Holliday*. Durante um segundo, o quarto girou, até que me dei conta de que não poderia ser.

– Tivemos filhos – disse ele. – Tivemos três.

Seus nomes também estavam ali. *Thomas Charles Compton*, n. 1859. Ela engravidou logo depois que casaram. Eu nunca teria um filho com Bill.

Sarah Isabelle Compton, n. 1861. O nome era em homenagem à tia (irmã do Bill) e sua mãe. Ela nasceu quando Bill partiu para a guerra. *Lee Davis Compton*, n. 1866. Um bebê de tempos de paz. *Morto em 1867*, acrescentado numa caligrafia diferente.

– Bebês morriam como moscas naquele tempo – sussurrou Bill. – Depois da guerra ficamos muito pobres, e não havia remédio.

Estava prestes a sair da sala, aos prantos, mas achei que se Bill conseguia aguentar aquilo, eu também deveria.

– E os outros dois? – perguntei.

– Eles viveram – disse ele, a tensão no seu rosto dissipando um pouco. – Eu os deixei, obviamente. Tom tinha apenas nove anos quando eu morri; e Sarah, sete. Ela tinha cabelos loiros claros como a mãe.

Bill deu um breve sorriso, um sorriso que nunca antes vi no seu rosto. Ele parecia bem humano. Era como se eu visse outro ser sentado ali na minha cozinha, não a mesma pessoa com quem fiz amor tão intensamente um pouco antes. Peguei um caixinha de lenço de papel da prateleira do fogão e limpei o rosto. Bill também chorava, e dei um para ele. Ele olhou surpreso para aquilo, como se esperasse ver algo diferente, talvez um lenço de pano com um monograma. Limpou o próprio rosto. O lenço ficou cor de rosa.

– Meu antepassado, Jessie Compton, de quem recebi a casa, foi o último da minha descendência direta – Bill me disse. – A família da minha mãe também foi diminuindo, até que os Loudermilks que sobraram tinham apenas parentesco longínquo comigo. Mas Jessie era descendente do meu filho, Tom; e minha filha, Sarah, aparentemente se casou em 1881. Ela teve um filho em... Sarah teve um filho! Ela teve quatro! Mas um deles não sobreviveu.



Eu nem conseguia olhar para Bill. Em vez disso, olhei para a janela. Havia começado a chover. Minha avó adorava o telhado de lata, então, quando precisou de conserto, colocamos de lata mesmo, e normalmente a batucada da chuva era o barulho mais relaxante que eu conhecia. Mas não nessa noite.

– Veja, Sookie – disse Bill, apontando. – Veja! A filha da Sarah, que recebeu o nome de Caroline em homenagem à avó, se casou com um primo, Matthew Phillips Holliday. E sua segunda filha recebeu o nome de Caroline Holliday.

Seu rosto brilhava.

– Então a senhora Bellefleur é sua bisneta.

– Sim – disse ele, sem acreditar.

– Então Andy – continuei, antes de pensar duas vezes – é seu, ãã... Tataraneto. E Portia...

– Sim – disse ele, feliz.

Não sabia o que dizer, então, dessa vez, fiquei quieta. Depois de um minuto, tive a sensação de que seria melhor eu me afastar. Tentei passar por ele para sair da pequena cozinha.

– Do que eles estão precisando? – ele me perguntou, pegando no meu pulso.

Certo.

– Precisam de dinheiro – respondi automaticamente. – Você não pode ajudá-los com seus problemas de personalidade, mas eles estão endividados, uma dívida pesada. A velha senhora Bellefleur não abre mão daquela casa, e isso está consumindo toda a grana deles.

– Ela é orgulhosa?

– Acho que pelo recado na secretária eletrônica dá para você perceber. Se eu não soubesse que seu sobrenome é Holliday, eu teria achado que é Orgulho. – Olhei para Bill. – Acho que é inerente nela.

De alguma maneira, agora que Bill sabia que podia fazer algo por seus descendentes, ele parecia se sentir bem melhor. Sei que ele ficaria falando sobre o passado durante alguns dias, mas eu não ficaria mal-humorada por causa disso. Mas se ele resolvesse assumir Portia e Andy como causas permanentes, bem... Isso podia vir a ser um problema.

– Antes disso você não gostava dos Bellefleur – disse, surpresa comigo mesma. – Por quê?

– Lembra quando fui falar no clube da sua avó, os Descendentes dos Mortos Gloriosos?

– Sim, claro.

– E eu contei a história, a história do soldado ferido no campo, o que ficava gritando por ajuda? E que meu amigo Tolliver Humphries tentou salvá-lo?

Acenei com a cabeça.

– Tolliver morreu nessa tentativa de ajudar – disse Bill, desolado. – E o soldado ferido continuou a gritar por ajuda depois que ele morreu. Conseguimos pegá-lo durante a noite. Seu nome era Jebediah Bellefleur. Ele tinha dezessete anos.

– Ai, meu Deus. Então isso era tudo que você sabia a respeito dos Bellefleurs até hoje.

Bill assentiu com a cabeça.

Tentei pensar em alguma coisa pertinente para dizer. Algo sobre os planos astrais. Algo sobre dar o outro lado da face. Aqui se faz aqui se paga?

De novo, tentei sair dali. Mas Bill pegou o meu braço, me puxou para ele.

– Obrigada, Sookie.

Essa era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

– Por quê?

– Você me fez fazer a coisa certa sem ter ideia de que eventualmente seria recompensado por isso.

– Bill, eu não consigo fazer com que você faça coisa alguma.

– Você fez com que eu pensasse como um humano, como se eu ainda estivesse vivo.

– O bem que você faz está em você, não em mim.

– Sou um vampiro, Sookie. Passei muito mais tempo como vampiro que como humano. Eu a desapontei muitas vezes. Para dizer a verdade, às vezes não entendo por que você faz as coisas que faz, pois muito tempo se passou desde que fui uma pessoa. Nem sempre é confortável recordar o que é ser um homem. Às vezes não quero ser lembrado disso.

Para mim, aquele era um terreno movediço.

– Não sei se estou certa ou errada, mas não sei agir diferente – disse.

– Eu seria infeliz se não fosse por você.

– Se acontecer qualquer coisa comigo, – disse Bill – você deve procurar o Eric.

– Você já disse isso antes – disse a ele. – Se acontecer alguma coisa com você, não preciso procurar ninguém. Sou dona de mim mesma. Posso resolver sozinha o que quero fazer. Você só tem que cuidar para que nada aconteça com você.

– Nos próximos anos teremos mais problemas com a Irmandade – disse Bill.

– Teremos de planejar ações que para você, como humana, podem ser repugnantes. E tem os riscos da profissão.

Ele não estava falando da profissão de garçonne.

– Falaremos sobre isso quando for o caso.

Ficar sentada no colo do Bill era uma delícia, ainda mais porque ele ainda estava nu. Minha vida não foi exatamente repleta de delícias até que conheci Bill. Agora a cada dia eu desfrutava de uma ou duas delícias. Na cozinha à meia luz, com o cheiro tão bom do café (à sua maneira, tão bom quanto o cheiro do bolo de chocolate) e a chuva martelando no telhado, eu vivia um momento lindo com o meu vampiro, algo que você poderia chamar de um momento romântico e humano.

Mas talvez eu não deva usar essas palavras, pensei, enquanto roçava meu rosto no de Bill. Naquela noite, Bill e eu parecíamos bem humanos. E eu... Bem, notei que enquanto fazíamos amor na escuridão, entre nossos lençóis limpinhos, a pele de Bill brilhava com aquele maravilhoso toque sobrenatural.

E a minha também.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**